



# VIDAS DOS SANTOS

Padre Rohrbacher



## AVISO AO LEITOR:

Os nomes de Santos acompanhados do sinal (\*) indicam biografias compiladas por Jannart Moutinho Ribeiro, as quais constituem acrescentamento necessário à obra do padre Rohrbacher.



PADRE ROHRBACHER

---

VIDAS  
DOS  
SANTOS

EDIÇÃO ATUALIZADA POR  
JANNART MOUTINHO RIBEIRO

SOB A SUPERVISÃO DO  
PROF. A. DELLA NINA  
(BACHAREL EM FILOSOFIA)

VOLUME XX

EDITORA DAS AMÉRICAS

Rua Visconde de Taunay, 866 — Telefone: 51-0988

SÃO PAULO  
Caixa Postal 4468

**NIHIL OBSTAT**

Padre Antônio Charbel. S. D. B.

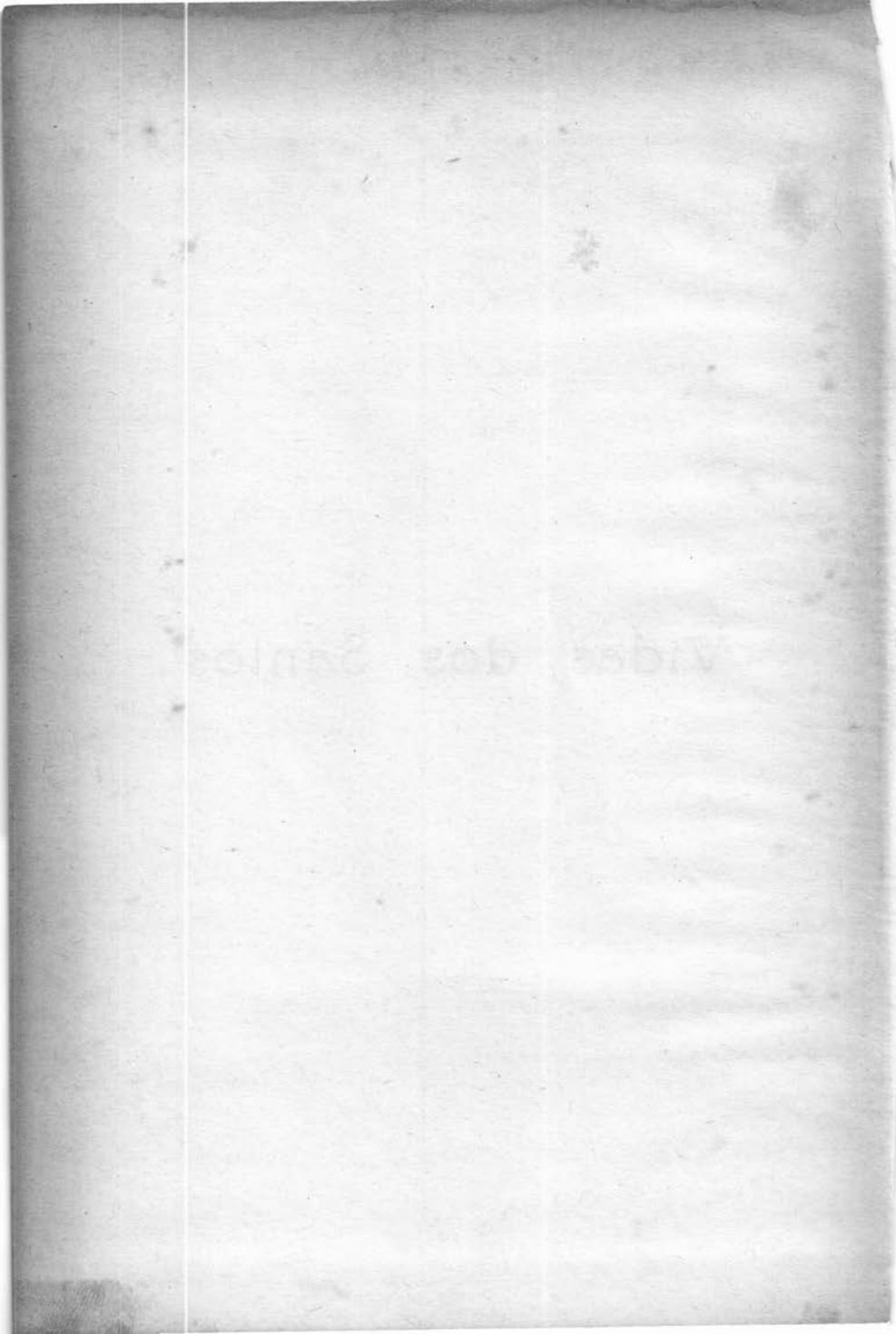
**IMPRIMATUR**

São Paulo, 10 de Julho de 1959

† **PAULO ROLIM LOUREIRO**

Bispo Auxiliar e Vigário Geral

Vidas dos Santos



Novembro

November



## 14.º DIA DE NOVEMBRO

### SÃO LOURENÇO

#### *Arcebispo de Dublin*

Era Lourenço o mais jovem filho de Maurício, príncipe rico e poderoso da província de Leinster. Maurício aproveitou-se do nascimento do filho para terminar as querelas que tinha com Donald, conde de Kildare. Para tanto, ao conde convidou como padrinho, indo a Kildare, onde Lourenço recebeu o batismo.

Quando o menino completou dez anos, deu-o o pai a Dermith, rei de Meath, como refém. Em companhia deste príncipe, sofreu Lourenço terrivelmente, sendo tratado com a maior desumanidade. A saúde foi-lhe, em breve, reduzida ao estado mais precário. Maurício, ao saber o que se passava, forçou Dermith a devolver-lhe o filho, que foi entregue ao bispo de Glendenoc, o qual teve o cuidado de elevá-lo na piedade, entregando-o ao pai, em seguida.

Maurício foi agradacer ao prelado, e pensava que seria melhor deixar-lhe o filho, então com doze anc. Disse ao bispo que tinha quatro filhos, sentindo grande desejo de, pelo menos um, ser consagrado ao serviço de Deus. Estava tentado a lançar à sorte,

para ver a quem caberia dedicar-se ao Todo-poderoso.

Lourenço, que ouvia a conversa do pai, sentiu-se muito satisfeito, uma vez que estava, havia tempo, à espera de tal oportunidade para revelar os sentimentos que lhe iam pela alma. Apressadamente, adiantou-se:

— Não há necessidade de lançar mão da sorte, meu pai. Não desejo, e já de longa data, senão dedicar-me a Deus, ao serviço da Igreja.

Maurício, satisfeito, tomou-o pela mão, para oferecê-lo ao Senhor. E, cheio de júbilo, disse ao jovem:

— Fica sob a proteção de São Coemgin, filho, o bom protetor e patrono da diocese.

Esse santo Coemgin fôra um santo abade muito humilde, que vivera no século VI, naquele mesmo lugar, e que é honrado no dia 3 de junho.

Entregue ao bispo, ficou Lourenço debaixo dos cuidados do bom prelado, que via o protegido avançar, de dia para dia, sempre e sempre, na prática de tôdas as virtudes.

Lourenço não completara ainda vinte e cinco anos, quando a morte veio em busca do bispo de Glendenoc, que, ao mesmo tempo, era abade do mosteiro daquela cidade. Foi, então, o jovem eleito bispo, mas não quis aceitar o episcopado, já que as disposições canônicas exigiam que o eleito tivesse trinta anos.

São Lourenço, contudo, passou a governar a comunidade, que era muito numerosa, com piedade e sabedoria incomparáveis. Durante a assclação de uma fome terrível, que durou pouco mais de quatro meses, foi o jovem, como outro José, o salvador do

país, pelas imensas caridades. Deus queria, entretanto, que sua virtude fôsse temperada e sublimada pelas provas. Falsos irmãos, que nêle, invejosos, não vislumbravam nenhuma irregularidade na conduta, cheios de rancor pelo zêlo que o santo moço empregava em tudo, espicaçados pelo demônio, principiaram a caluniá-lo, para manchar-lhe a reputação. Lourenço repelia-os com o silêncio, a serenidade e a paciência. Os inimigos viram-se confundidos, e a virtude venceu: era a justiça que o Santo merecia.

Entrementes Gregório, arcebispo de Dublin, falecia. Lourenço sucedeu-lhe, não mais podendo alegar a pouca idade, porque já completara os trinta. Assim, Gelásio, arcebispo de Armagh, ordenou-o.

São Lourenço impôs-se um dever: desincumbir-se das obrigações com infatigável aplicação, e velar pela própria fé e pela daqueles que iria governar. Tinha sempre presente a preocupação de, um dia, ir prestar contas ao soberano Pastor das almas confiadas ao seu cuidado, e não desejava negligenciar, que Deus o livrasse, absolutamente. As exortações, cheias de fôrça, que lançava, produziam grandes frutos por tôda a parte. Nunca, mercê de Deus, ruborizou-se ao falar desta ou daquela virtude, porque as praticava tôdas, e era o exemplo em pessoa.

Sua catedral, chamada da Santa Trindade, fôra levantada por cónegos regulares. Lourenço induziu-os, lá por 1163, a receber a regra dos cónegos seculares da abadia de Arrouaise, fundada, depois de oitenta anos, na diocese de Arras, e que gozava de grande reputação de santidade, vindo a ser a cabeça duma numerosa congregação. Lourenço tomou o hábito de cónego regular. Almoçava e jantava no refectório, guardava o silêncio nas horas prescritas e assis-

tia às matinas, que se diziam à meia-noite. Ordinariamente, ficava na igreja até o amanhecer, depois do que ia ao cemitério orar pelos mortos. Lourenço jamais comeu carne. Jejuava tôdas as sextas-feiras, passando a pão e água, não se alimentando, naqueles dias, com mais nada. Estava sempre de posse dum cilício, e freqüentemente se disciplinava.

Independentemente dos infelizes a quem assistia com esmolas, levava ao palácio, todos os dias, para almoçar, trinta pobres; às vêzes, até mais. Tinha o mesmo zêlo pelas necessidades espirituais do rebanho que lhe coubera governar. Pregava, com freqüência, a palavra de Deus. Para reanimar o fervor, de quando em quando se retirava para a solidão, o que fazia, quase sempre, no mosteiro de Glendenoc, onde um dos sobrinhos era abade. Gostava, porém, e para lá ia, duma gruta situada a pouca distância do mosteiro, na qual outrora vivera São Coemgin.

Quando saía do retiro, como outro Moisés que vinha de falar com Deus, parecia cheio dum fogo celeste e duma luz tôda divina. Tal era São Lourenço de Dublin.

Em 1179, no concílio ecumênico de Latrão, o papa Alexandre III nomeou-o legado na Irlanda. Anteriormente, já estivera em Cantuária, e quase fôra morto, de maneira assaz estranha. Fôra procurar o rei Henrique da Inglaterra por assuntos da diocese. Os monges da igreja metropolitana, que o veneravam como a um santo, suplicaram-lhe cantasse a missa scilene do dia seguinte. Aquiescendo, São Lourenço passou a noite em oração diante das relíquias de Santo Tomás.

No dia seguinte, quando se dirigia ao altar, um homem, saído da multidão, armado de um grosso

cajado longo, aproximou-se do Santo e, sem que ninguém pudesse impedi-lo, desferiu-lhe forte golpe na cabeça, prostrando-o por terra.

O agressor era louco. E, como explicou, em lágrimas, a tôda a gente, tinha Lourenço como santo, daí querer matá-lo para que fôsse mártir, outro Santo Tomás: aquilo que o pobre fizera, fizera-o julgando um ato meritório.

Os monges e os demais assistentes, haviam corrido ao pé do arcebispo caído, que tinha o rosto todo banhado em sangue. Julgaram-no morto. E choravam desesperadamente. Lourenço, pouco depois, voltava a si. Pediu um pouco d'água benta. Deram-lha, e com ela lavou a ferida, estancando-se o sangue na mesma hora. Como se nada tivesse acontecido, tranqüilo e saudável, dirigiu-se ao altar e principiou a missa.

O autor que nos conta êste milagre, do qual foi testemunha ocular, narra também que, à morte do Santo, descobriram-lhe no crânio uma fratura, e que a pancada recebida pelo arcebispo causaria facilmente a morte.

O rei quis executar o demente, mas Lourenço intercedeu por êle e conseguiu-lhe a graça real.

Chegado a Roma, para o concílio geral de Latrão, expôs ao Papa o estado da Igreja da Irlanda, rogando-lhe remediasse os abusos que lá reinavam. Alexandre, conhecedor da santidade, da coragem e da prudência de Lourenço, não só lhe deu regulamentos convenientes, como o nomeou legado para os executar.

De volta da Irlanda, com a autoridade de legado apostólico, trabalhou eficazmente, sobretudo aplicando-se com zêlo no que dizia respeito à incontinência



dos clérigos. Embora a todos absolvesse, mandou-os a Roma, ao Papa, para que bem sentissem a falta que cometiam.

Entretanto, uma grande fome afligia a Irlanda. E, pelos três anos de vicissitudes, a caridade do bom pastor foi ainda maior que a fome mesma. Todos os dias, alimentava quinhentos pobres de fora, sem contar trezentos da diocese, aos quais até vestia. Muitas mães, que não podiam alimentar os filhos, expunham-nos à porta do palácio do arcebispo, ou nos lugares onde devia passar. É que sabiam que uma ternura tôda maternal caracterizava o Santo e, pois, não lhes faltaria. E Lourenço, lembrando-se das palavras do Senhor: *Deixai vir a mim as crianças*, a elas se dedicava. Duzentas já colocara em casas de pais de famílias, sem contar as que alimentava e vestia na cidade e no próprio palácio.

À fome veio somar-se outro flagelo: a multidão de ladrões, de salteadores. Como o santo arcebispo, certa vez, ia de Dublin a Waterford, um cavaleiro, um escrivão com a espôsa, e o filho, juntaram-se a êle, persuadidos de que nada teriam a temer se, por acaso, caíssem nas mãos de malfeitores.

Com efeito, ao atravessar uma floresta, um bando de ladrões apareceu.

— Que desejais? perguntou-lhes São Lourenço.

— Contigo nada, nem deves temer de nós coisa alguma, respondeu um dêles, com jeito de chefe, mas do cavaleiro e dêsse escrivão, queremos algo. Consentes?

— Jamais! exclamou o Santo enèrgicamente.

O chefe do bando soltou uma grande risada, e os subordinados acompanharam-no. E avançaram para o cavaleiro, roubando-lhe o que levava. Quando



chegou a vez do escrivão, êste resistiu, e foi, impiedosamente, morto.

São Lourenço excomungou a todos, mas, da excomunhão, êles se riram.

Em menos dum ano, porém, todo o bando desapareceu, morto: uns de frio, no inverno, embora trouxessem sôbre o corpo três, mesmo quatro pesados casacões; outros por envenenamento, com águas contaminadas; e assim sucessivamente, sendo o chefe o último dêles.

Quanto à mulher do escrivão e o filho, o santo arcebispo forneceu à viúva os meios de subsistência, e adotou a criança.

Uma grande pendência surgiu entre Henrique II, rei da Inglaterra, e Deronog, o mais poderoso rei da Irlanda. Lourenço fêz uma viagem à Inglaterra, na esperança de conseguir a reconciliação, mas Henrique, irreductível, não quis deixar que o Santo voltasse a Irlanda. Lourenço, então, retirou-se ao mosteiro de Abingdon, onde passou três semanas. Afinal, com a ida de Henrique para a Normandia, deixou o mosteiro e partiu para a França, desejoso de procurar a paz para ambas as partes.

Henrique persistia sempre na recusa. Afinal, cedeu, consentindo em tudo o que o santo arcebispo desejava.

Em meio a essas caridosas negociações para a paz pública, o santo arcebispo adoeceu, e a febre deteve-lhe o trabalho. Para o restabelecimento, alojou-se no mosteiro dos cônegos regulares, na cidade de Eu, à entrada da Normandia. Um pressentimento o levou a dizer, assim que ali chegou:

— É aqui o lugar do meu último repouso no século.

Poucos dias depois, confessava-se com o abade, que lhe administrou a extrema-unção e o santo viático.

Alguém lhe perguntou:

— Não desejais fazer o vosso testamento?

São Lourenço sorriu:

— De que? Não possuo um só vintém na terra, o que agradeço ao bom Deus!

São Lourenço faleceu no dia 14 de novembro de 1181, e foi enterrado na igreja da abadia. Thibaud, arcebispo de Ruão, e outros três comissários, fizeram, por ordem do papa Honório III, uma informação jurídica sobre muitos milagres operados pela intercessão do santo arcebispo de Dublin.

Honório canonizou o servidor de Deus em 1226; na bula, fala-se de sete mortos que São Lourenço ressuscitou. A vida do Santo foi muito bem escrita por um religioso do mosteiro de Eu, sobre as memórias de testemunhas oculares e sobre o que ele mesmo havia visto.

## SÃO JOSAFÁ (\*)

### *Arcebispo e Mártir*

Josafá, que no século se chamou João Kuncevicz, foi arcebispo de Polozk, tendo vivido numa época de grande agitação, quando três Igrejas dividiam a Rutênia polonesa: a católica latina, a cismática grega e a católica grega.

Nascido em Volinia, na vizinhança de Ostrog, filho de modesto casal, João foi enviado pelo pai a Vilna para estudar comércio. Piedoso, vivo, inteligente, logo principiou a deplorar a divisão, a separação de almas. Vilna era grande centro intelectual e religioso, de modo que, ao par da situação, entrou a pensar sèriamente na união das três Igrejas.

Os jesuítas, que procurou, acoroçoaram-no, e João, depois de madura meditação, resolveu pedir a admissão no convento da Santa Trindade, dos basilianos de Vilna. Pouco tempo depois, apercebeu-se de quão grande era o desejo que tinha da solidão. Contudo, vencendo tal desejo, sobrepondo-lhe o de salvar almas, embora inquieto, prosseguiu no convento.

A fama de santidade logo chamou a atenção de todos. Ordenado, uniu-se a um jovem nobre, Rutski, que procurara os basilianos, e entrou a pregar, orien-

tar e dirigir um grupo de ferventes partidários da união. A atividade de Josafá era assombrosa: a tudo resolvia, criticava e reformava.

Em 1614, Rutski era feito metropolita e Josafá arcebispo. Data daquele ano o fecundo período de controvérsias com os cismáticos, calorosos debates em torno de questões religiosas, mesmo políticas. E Josafá, incansável, pregava, argumentava, confessava, e, a pouco e pouco, ia multiplicando o número das conversões individuais.

Arcebispo de Polozk aos 12 de novembro de 1617, duplicou a atividade que vinha desenvolvendo. Como não podia deixar de ser, o futuro mártir foi criando, principalmente entre os cismáticos fanáticos, grande número de inimigos. Sem temor, falava do fim, que lhe estava próximo.

Um dia, em Vitebsk, 12 de novembro de 1623, um bando de cismáticos procurou invadir-lhe a casa. Levantou-se, deixando o que estava a fazer, e foi ao encontro dos turbulentos. Disse-lhes, da porta:

— Deus seja convosco, meus filhos.

E deparando com um grupo que lhe espancava alguns servidores, perguntou:

— Por que maltratá-los? Se tendes alguma coisa contra mim, eis-me aqui.

Houve um pequeno instante de hesitação. Aos gritos, dois dos mais exaltados, avançando para o arcebispo, golpearam-lhe a cabeça. O sangue correu da ferida. Foi o suficiente: como que alucinados, os demais aos trancos, precipitaram-se sobre a vítima indefesa. Arrastado para a rua, um tiro de mosquete pôs-lhe termo à vida. Então, ruidosos, os fanáticos atiraram-lhe o corpo ao rio.

O sacrifício de São Josafá não foi inútil. Lutara pela unidade, pela verdade. Agora, morto, grande era o número dos que se convertiam. E a Polônia, diante do bárbaro desenlace, entrou a reprimir os cismáticos.

O papa Urbano VIII beatificou o santo arcebispo em 1643. Pio IX, em 1867, canonizou-o.

---

No mesmo dia, São Montano, ermitão.

No País de Gales, São Dubric, bispo.

Na diocese de Ruão, São Sifônio, abade, falecido depois de 684.

Em Aurillac, Santa Adaltrudes, mãe de São Geraldo (século IX). Também chamada Adaltrudes, é honrada na abadia de Aurillac. Pouco se sabe sobre ela. Santo Odon de Cluny, que escreveu a vida de São Geraldo, fala-lhe dos pais, que souberam, por prodígios, da santidade do filho que lhes ia nascer.

Na Escócia, São Mathan, bispo de Saintes.

São João de Tufara, fundador do mosteiro beneditino de Gualdo de Mazocca, falecido em 1170.

Em Caccamo, na Sicília, o bem-aventurado João Licci, dominicano. Falecido em 1511, atribuíram-lhe inúmeros milagres, tendo-lhe acompanhado o corpo uma multidão, composta de pessoas vindas dos mais longínquos lugares vizinhos a Coccamo.

Em Binh-Dinh, Anan, o bem-aventurado Estêvão Teodoro Guenet, bispo e mártir (1861). Beatificado em 1909.

Na Trácia, a festa dos santos Clementino, Teódoto e Filomeno.

Em Alexandria, São Serapião, mártir: os perseguidores atormentaram-no com tal crueldade, sob o imperador Décio, que lhe deslocaram todos os membros, depois do que o atiraram da mais alta casa da cidade.

Em Troyes, São Venerando, martirizado quando do imperador Aureliano.

Na França, Santa Veneranda, que, sob Asclepiades e o imperador Antonino, recebeu a coroa dos mártires.

Em Grangres, na Paflagônia, Santo Hipácio, bispo, martirizado por heréticos fanáticos.

Em Argel, na África, o bem-aventurado Serapião, morto pela causa da redenção cristã dos escravos.

Em Emessa, o martírio de muitas santas mulheres, às quais o crudelíssimo Nady, chefe árabe, fêz passar por tormentos terríveis.

Na Bolonha, São Jocundo, bispo e confessor.



## 15.º DIA DE NOVEMBRO

### SANTA GERTRUDES

#### *Abadêssa na Saxônia*

Santa Gertrudes, irmã de Santa Mechtilde ou Matilde, nasceu em Islebe, na alta Saxônia. Eram elas condêssas de Hackborn, parentes próximas do imperador Frederico II. Levadas às beneditinas de Rodersdorf, na diocese de Halberstadt, ali tomaram o hábito.

Gertrudes foi feita abadêssa do mosteiro, em 1294. No ano seguinte, encarregou-se do govêrno do mosteiro de Heldelfs, onde se retirara com as religiosas. Tendo aprendido latim na juventude, como então se fazia naquele tempo, escrevia muito bem nessa língua; daí a facilidade que encontrou para interpretar as Sagradas Escrituras, das quais tinha conhecimento pouco comum, e progredir nas ciências que tinham a religião como objeto.

Da oração e da contemplação, todavia, fazia Gertrudes o principal exercício, e a elas dedicava grande parte do tempo. A santa gostava sobretudo de meditar sôbre a Paixão e sôbre a Eucaristia. As lágrimas que a inundavam, não as podia reter. Quando falava de Jesus Cristo e dos mistérios de sua

vida adorável, fazia-o com tal unção e tão vivos transportes de amor, que arrebatava a quem a ouvisse. Era habitualmente favorecida com dons extraordinários, quando orava. Os arrebatamentos, os êxtases eram-lhe, por assim dizer, familiares.

Um dia, cantando na igreja: *Eu vi o Senhor face a face*, viu um como rosto de beleza indescritível, todo luminoso, cujos raios, abrasando-lhe o coração, lhe transmitiram delícias que nenhuma língua jamais poderia exprimir. (1)

O amor divino que a queimava e consumia parecia ser o único princípio de suas afeições e de suas ações. Daí o inteiro afastamento do mundo e das vaidades tôdas do mundo. Domou a carne e destruiu tudo aquilo que porventura pudesse opor-se ao reino perfeito de Jesus Cristo, pela prática da obediência e pela renúncia da própria vontade, pelas vigílias, pelos jejuns e abstinências. Era, tudo isso, o fundamento das virtudes admiráveis, virtudes que o Senhor se dignou dar-lhe.

Em si mesma, só procurava o que era imperfeição, para aperfeiçoar-se, transmudando-se. Desejava ser desprezada pelos outros, tanto desprezava a si mesma. Costumava dizer que um dos maiores milagres da bondade divina era o de respirar ainda sôbre a terra, tão imperfeita se achava.

Longe de ser deslumbrada pela qualidade de superiora, comportava-se como se fôra a última servidora do mosteiro. Julgava-se mesmo indigna de aproximar-se das irmãs.

O amor que votava à contemplação não a fizera negligenciar os deveres comuns, pois lhe cabia o cui-

---

(1) Insinuat divin. L. II, c. XXII.

dado das filhas que governava, às quais devia prover nas necessidades, tanto do corpo como da alma.

Seu amor por Jesus Cristo a levava a amar ternamente a Santa Virgem; todos os dias, pela manhã, pedia-lhe a proteção. As almas que sofrem no purgatório eram-lhe também objeto de caridade. Sem cessar, com muito fervor, suplicava a Deus lhes desse logo a paz do refrigerio, junto aos justos.

Santa Gertrudes traçou o verdadeiro retrato da alma no livro de suas *Revelações*. São as suas comunicações com Deus e os seus transportes de amor. Esta obra, depois da de Santa Teresa, é talvez a mais útil aos contemplativos e a mais apropriada para nutrir a piedade nas almas.

Santa Gertrudes propôs diversos exercícios para que se caminhe à perfeição. O que ela prescreve pela renovação dos votos do batismo tem por objeto levar a alma a renunciar inteiramente ao mundo e a si mesma, a se consagrar ao puro amor de Deus, cumprindo-lhe a vontade em tudo. Os temas, desenvolve-os com sublimidade e solidez. Pede a Deus que possa morrer para ela mesma, para nêle ser sepultada, de modo que só Êle lhe conheça o túmulo. "Não quero ter outras funções senão aquelas do amor ou que o amor dirige". Tais sentimentos são repetidos com uma admirável variedade em diversas passagens das *Revelações*.

Na última parte, a Santa fixa-se principalmente nos ardorosos desejos de ser o mais cedo possível unida ao objeto de seu amor na glória eterna. Pede ao Salvador que a faça, por sua infinita misericórdia, tal qual tenha que ser para poder estar, um dia, na glória com Êle. Os suspiros pelos quais exprime o ardor dos desejos de se unir a Deus na beatitude

são, na maior parte, tão celestes, que não se acredita sejam dum mortal, mas de habitantes dos céus.

Que poderíamos dizer da castidade de Santa Gertrudes? Nenhuma espôsa de Jesus Cristo jamais levou tão longe as precauções próprias para conservar a pureza da alma e do corpo.

Afinal, chegou-lhe o momento pelo qual suspirava: reunir-se ao divino Espôso. Faleceu a Santa em 1334, depois de ter sido, por quarenta anos, abadessa. Sua última doença não foi, pode dizer-se, mais do que um langor do amor divino, tais foram deliciosas e inefáveis as consolações que lhe inundaram a alma. Muitos milagres atestaram que sua morte fôra preciosa diante do Senhor.

No breviário romano, em sua honra, há um ofício, sôbre o 15 de novembro.

\* \* \*

## SÃO LEOPOLDO

São Leopoldo, quarto do nome, margrave da Áustria, teve por espôsa Inês, filha do imperador Henrique IV, que se casara, em primeiras núpcias, com Frederico, duque de Suábia. Dessa união com o duque, nasceram-lhe Frederico, aquêlê que succedeu ao pai no ducado, e Conrado, rei dos romanos.

Inês deu a Leopoldo, o segundo marido, dezoito filhos: sete morreram ainda jovens, e os restantes, foram célebres pela virtude ou grandes ações.

No meio de família tão numerosa, no meio a guerras civis que dividiam a Alemanha, o piedoso margrave da Áustria soube manter seus Estados na paz durante os quarenta anos que os governou, dando exemplo de tôdas as virtudes, de piedade para com Deus, de amor ao povo e de caridade para com os pobres. A espôsa secundava-o dignamente em tôdas as boas obras.

Às virtudes cristãs, acrescentava-se um brilhante valor.

Quando das invasões húngaras em seus estados, duas, venceu São Leopoldo, as duas vêzes, em renhidas batalhas.

À morte do imperador Henrique V, vários príncipes quiseram elevá-lo à dignidade imperial. Tendo sido feito imperador Lotário, São Leopoldo

permaneceu-lhe fiel, não tomando parte alguma nos tumultos que a ambição do enteado Conrado causou.

Otton, bispo de Frisingue, era seu quinto filho; depois de ter voltado de Paris, onde estudava, abraçou a vida monástica, tocado pelas virtudes de São Bernardo.

Regozijando-se com aquilo, São Leopoldo edificou ao filho o mosteiro de Santa Cruz da Áustria.

Em 1138, Otton foi feito, pelo irmão Conrado, bispo de Frisingue, que governou por vinte anos.

São Leopoldo morreu aos 15 de novembro de 1136, sendo honrado no mesmo dia.

\* \* \*



## SÃO BARUC (\*)

### *Antigo Testamento*

Baruc, que quer dizer Bento, do verbo hebreu *Barak, benzer*, era filho de Nérias. Jeremias faz muitas vêzes referências a Baruc, que foi seu discípulo e companheiro. Baruc escreveu num livro, ditando Jeremias, todos os vaticínios daquele profeta, os quais leu diante do povo e do rei. Foi livro sempre considerado canônico, tido por São Clemente, Santo Irineu, São Cipriano e outros como divinamente inspirado.

Jeremias, como se sabe, o segundo dos profetas maiores, filho de Hécias, sacerdote, era natural de Anatoth, e começou a profetizar cêrca dos vinte e um anos, e continuou durante quarenta e cinco, desde o décimo-terceiro ano do reinado de Josias até o quinto da ruína de Jerusalém.

O principal objetivo de Jeremias era exortar os israelitas à penitência.

“No quarto ano de Joaquim, filho de Josias, rei de Judá, foi dirigida a palavra do Senhor a Jeremias, a qual dizia:

“— Toma o rôlo dum livro e escreve nêle tôdas as palavras que te tenho dito contra Israel e Judá, e contra tôdas as nações, desde o dia em que te falei,

no templo de Josias, até o dia de hoje, a ver-se, ouvindo os da casa de Judá todos os males que estou resolvido a fazer-lhes, volta cada um do seu perverso caminho, de sorte que eu lhes possa perdoar as maldades e pecados”.

“Chamou, pois, Jeremias a Baruc, filho de Nérias, e Baruc escreveu, ditando Jeremias, no rôlo do livro tôdas as palavras que o Senhor lhe tinha dito. Jeremias deu em seguida essa ordem a Baruc:

“— Estou prêso, não posso entrar na casa do Senhor. Entra, pois, tu, e lê pelo livro em que escreveste, ditando eu, as palavras do Senhor, de modo que as ouça o povo da casa do Senhor no dia de jejum; além disto, também as lerás a todos os de Judá que vem das suas cidades. Pode ser que êles se prostrem, orando diante do Senhor, e se converta cada um do seu mau caminho, porque é grande o furor e a indignação que o Senhor manifestou contra êste povo”.

“Baruc, filho de Nérias, procedeu conforme tudo o que o profeta Jeremias lhe tinha mandado, lendo no livro as palavras do Senhor na casa do Senhor”. (1)

Lidas as profecias ao povo e aos príncipes, Joaquim, também inteirado do que Jeremias ditara a Baruc, tomou do livro, cortou-o a canivete, e atirou-o ao fogo.

Deus ordenou, então, que o reescrevessem. “Tomou, pois, Jeremias outro livro e deu-o a Baruc, filho de Nérias, o secretário, o qual escreveu nêle,

---

(1) Jer. 36, 1-8.

ditando Jeremias, tôdas as palavras do livro que Joaquim, rei de Judá, tinha lançado no fogo. Ainda foram, além disso, acrescentadas muitas mais palavras do mesmo gênero”.

Jeremias é prêso, mas o rei Sedecias manda soltá-lo. Atiram-no, então, numa cisterna. Dali, tira-o Abdamelech.

Baruc participa das tribulações de Jeremias. Partilhando as idéias do mestre, tem, como êle, a alma dolorida, angustiada:

“— Ai de mim, infeliz, porque o Senhor acrescentou dor à minha dor! Estou cansado de gemer, e não achei repouso. (2)

Poucos são os detalhes da atividade de Baruc. Com Jeremias está, quando da compra do campo de Anatoth, pouco antes da segunda tomada de Jerusalém, campo comprado por ordem do Senhor. (3)

Depois da morte de Godolias, os partidários da resistência partem em grande número para o Egito, fuga que Jeremias sempre criticou, porque de nada valia. Levados, o mestre e o discípulo, para o Egito, em Tafnis é que ambos deviam morrer. (4)

Há, porém, uma menção na literatura rabinica, sôbre o fim de Baruc. Depois da conquista do Egito, mestre e discípulo são enviados a Babilônia. Ali, Baruc se pôs a ensinar, e aparece Esdras, que foi seu aluno. Todavia, segundo a tradição judaica,

(2) Jer. 45, 3.

(3) Jer. 32, 6-16.

(4) Jer. 42, 6-7.

seguida pelos Padres da Igreja, Jeremias morreu em Tafnis, apedrejado pelos próprios judeus.

— — — —

No Oriente, encontra-se a menção de Baruc nos dias 28 de setembro e 15 de novembro. No Ocidente, o livro de Baruc foi pouco conhecido antes do século XIII.

Escriba e secretário de Jeremias, Baruc é o redator duma parte do livro de Jeremias: é difícil, contudo, precisar exatamente os limites do seu trabalho.

\* \* \*

## SANTO ALBERTO, O GRANDE (\*)

*Dominicano*

*Bispo de Ratisbona*

*Doutor da Igreja*

Santo Alberto foi um dos maiores sábios da Idade Média, em matéria de ciências naturais. Grande filósofo, grande teólogo, contribuiu na formação de Santo Tomás de Aquino. Nasceu em Lauingen, na diocese de Augsburgo, na Baviera. Levado por um tio a Bolonha, ali iniciou os estudos, passando, mais tarde, para Pádua, com alguns colegas.

Quanto aos estudos que Santo Alberto fez entre os pregadores, nós o ignoramos. Em 1228, era leitor (querem alguns que professor, na cidade de Colônia), época em que procurava conciliar ao pensamento cristão as teorias de Aristóteles. Em 1234, ensinava em Hildesheim, donde passou para Friburgo de Brisgau, depois para Ratisbona.

Em 1245, estava em Paris, explicando as clássicas *Sentenças* de Pedro Lombardo. Depois do ano de 1248, encontramos-lo na Itália: Tomás de Aquino, então, ouvia-o pregar.

Eleito provincial da Teutônia pelo capítulo de Worms, de 1254 a 1257 permaneceu no pôsto a que fôra elevado. Três anos mais tarde, aceitou o bispado de Ratisbona, importante centro ao sul da Alemanha, bispado que então se apresentava com as finanças em péssimo estado, além de desorganizadíssimas.

Mal acolhidó pelo povo, porque o Santo era modesto e simples e tôda a cidade se acostumara com o fausto do predecessor, desistiu, tempos depois, da diocese, para, a mandado do papa Urbano IV, pregar a cruzada nos países de língua alemã. Neste novo mister, Santo Alberto não obteve grande sucesso: os sarracenos, em 1244, tomaram Jerusalém; a expedição de São Luís, em 1245, foi, materialmente, sem muita eficácia; ademais, bruxuleava o fogo do principado cristão de Antioquia, de modo que tudo conspirava para que o ardor do povo fôsse esfriando.

Voltou, então, a ensinar. Em 1274, Tomás de Aquino, o aluno querido, falecia. Foi uma grande perda, e a emoção fortíssima. Velho já, intelectualmente enfraquecido, compilando a última obra, uma *Summa theologica*, teve que deixar o trabalho de lado para, em Paris, defender o pensamento de Santo Tomás.

Perto do fim, perdeu a memória. Conta-se que um amigo foi visitá-lo. Bateu à porta e obteve a seguinte resposta:

— Alberto não está mais aqui, já se foi.

A 15 de novembro de 1280, desaparecia, rodeado pelos irmãos.

O papa Inocência VIII, em 1484 concedeu aos pregadores de Colônia, aos quais o bem-aventurado bispo legara todos os seus livros, um ofício em sua honra, extensivo aos de Ratisbona. Proclamado



Santo e Doutor da Igreja por Pio XI, a 16 de dezembro de 1931, Pio XII (Carta Apostólica de 16 de dezembro de 1941) fê-lo patrono de todos aquêles que cultivam as ciências naturais.

---

No mesmo dia, a morte de Santo Eugênio, bispo de Toledo e mártir: discípulo de São Dionísio, o Areopagita, consumiu o martírio no território de Paris, recebendo do Senhor a coroa da bem-aventurada paixão; o corpo, mais tarde, foi transferido para Toledo, na Espanha. Nascido em Roma, Santo Eugênio ligou-se a São Dionísio por profunda amizade. Sagrado pelo amigo, enviado para Toledo, o novo prelado conseguiu numerosíssimas conversões, construiu igrejas e trabalhou sem descanso para levar os pagãos a Nosso Senhor. Um dia, cheio do desejo de rever o amigo, saudoso, ansioso para lhe transmitir de viva voz todos os sucessos obtidos, viajou para Paris, evangelizando as populações de passagem. Logo veio a saber que São Dionísio fôra martirizado. Compôs-lhe, então, um hino. Embora abatido, continuou a pregar o Evangelho, o que chamou a atenção do prefeito Fescenino Sisínio, o mesmo que lhe condenara o amigo à morte. Sob Fescenino, perdeu a vida e ganhou o céu.

Em Nola, São Félix, bispo e mártir, célebre pelos milagres, os quais principiou a operar desde os quinze anos; sob o prefeito Marciano, pereceu com mais trinta companheiros.

Em Edessa, na Mesopotâmia, a paixão de Santo Ábibo, diácono, que foi rasgado com as unhas de ferro e atirado ao fogo, quando do imperador Licínio e do prefeito Lisânias, em 322.

No mesmo lugar, os santos mártires Gorias e Samonas, sob o imperador Diocleciano e o prefeito Antonino, em 306.

Na África, os santos mártires Segundo, Fidenciano e Várico (primeiros séculos).

São Macludo, bispo de Aleth, na Gália: nascido na Inglaterra, tornou-se notável pelos milagres que operou desde a adolescência. Faleceu em 640.

Em Verona, São Lupério, bispo e confessor.

Em Kahlenberg, perto de Viena, na Áustria, São Leopoldo III, margrave da província da Áustria. Nascido em 1073, faleceu em 1136. Era filho do margrave da Áustria, Leopoldo II de Basemberg. Defensor dos direitos da Igreja, caridoso e penitente, o povo concedeu-lhe o título de o *Piedoso*. Enterrado em Klosterneuburg. Foi, a pedido do duque da Áustria, Rodolfo IV, que se lhe abriu o processo de canonização, em 1358, processo que se encerrou sob Inocêncio VIII, a 6 de janeiro de 1485. São Leopoldo III é padroeiro da Áustria.

Na diocese de Seez, Santa Cerona, virgem. Diz-se que, nascida de pais pagãos, em Carnillan, perto de Béziers, esta santa virgem deixou a casa paterna com um irmão, chamado Sofrônio, para tornar-se cristã. Chegados a Bordéus, muito bem recebidos pelo bispo, foram batizados. Logo começou a correr rumores maldosos a respeito dos dois: diziam que, para encobrir a vida desregrada que levavam, faziam-se passar por irmãos. Imediatamente, separaram-se. Ele foi para Roma e ela para a região de Mortagna, passando a viver na solidão.

Em Cahors, São Desidério, bispo. Alto funcionário real, depois bispo, sucedeu a Rústico, falecendo em 655 (?).



No Mans, São Pavino, abade (século VII).

No Limosino, São Cessador, bispo (?) (século VIII?).

Na abadia de Rheinán, São Fintan, recluso. Nascido no Leinster, na Irlanda, foi feito prisioneiro pelos vikings, mas escapou, aventureiramente; viveu como recluso naquela abadia, em agradecimento a Deus. Grande devoto dos compatriotas Patrício, Aidan e Brígida de Kildare.

Na Inglaterra, os bem-aventurados Ricardo Whiting, abade de Glastonbury, Hugo Faringdon, abade de Reading, e os companheiros João Thorne, Rogério James, João Eynon e João Rugg, mártires, em 1539, de culto confirmado em 1895.

Em Ferrara, a bem-aventurada Lúcia de Narni, dominicana, nascida aos 13 de dezembro de 1476. De infância tôda repleta do maravilhoso das lendas, conta-se que, aos cinco anos de idade, teve um êxtase que durou três dias, durante os quais Nossa Senhora lhe confiou o divino Menino. Aos sete, uniu-se a Jesus, e São Domingos, aparecendo-lhe, revestiu-a com um escapulário celeste. Ao lado dos anjos, com êles cantou e dançou. Dominicana, faleceu em 1544, tendo o papa Clemente XI confirmado o culto, que já lhe rendiam, no ano de 1710.

Em Roma, São José Pignatelli, jesuíta, do qual o papa Pio XI disse: "Foi o principal anel da cadeia entre a Sociedade que já existia e a Sociedade que iria existir — o restaurador dos Jesuítas". Faleceu em 1811.

## 16.<sup>o</sup> DIA DE NOVEMBRO

### SANTO EDMUNDO

#### *Arcebispo de Cantuária*

Nasceu na aldeia de Abingdon, no condado de Berk, no dia de Santo Edmundo, rei e mártir, 20 de novembro. O pai chamava-se Raynald-Edward, cognominado o Rico, e a mãe, Mabile. Eram mediocremente providos de bens da fortuna, mas possuíam as verdadeiras riquezas, aquelas da graça.

Raynald, com o consentimento da espôsa, senhora virtuosíssima, deixou o século e fêz-se religioso, ingressando no mosteiro de Evesham. Mabile encarregou-se de velar pela educação dos filhos.

Mabile não era menos dada à perfeição cristã. Praticava grandes austeridades, trazendo sempre consigo um cilício sôbre a carne, e sôbre o cilício uma couraça com malhas de ferro. Duas espadas lhe pendiam da couraça, espadas que os dois filhos, Edmundo e Roberto, depois herdaram, quando morreu.

Quase todos os dias, assistia às matinas no mosteiro de Abingdon, que se diziam à meia-noite. Levava os meninos à igreja, porque desejava transmitir-lhes, desde crianças, o sentimento religioso.

Morreu Mabile com tal reputação de santidade, que sôbre seu túmulo se colocou o epitáfio: "Aqui jaz Mabile, a flor das viúvas".

Por conselho da mãe, Edmundo recitava todo o saltério de joelho. Jejuava constantemente, só tomando alimentação mais abundante aos domingos e dias de festa. Às sextas-feiras, passava a pão e água.

Fôssem quais fôssem os exercícios que Mabile recomendasse aos filhos, ao fervor de Edmundo não eram suficientes. Fazia os seus particulares, mas escondia-os com cuidado. Era afável, dócil, complacente, e parecia não ter outra vontade que a da mãe e dos mestres.

Edmundo fêz os primeiros estudos em Oxford e ali deu provas da beleza e da penetração do espírito. Distinguia-se dos colegas em tudo, principalmente no fervor ao serviço de Deus. A assiduidade na oração e o amor pelo retiro logo mostraram como era ornada de virtudes aquela alma. Não tinha por amigos senão aquêles em que notava a inclinação para a piedade. Era ainda jovem, quando foi enviado, com o irmão Roberto, a Paris, para terminar os estudos. Mabile, separando-se dêles, deu a cada um um cilício, aconselhando-os a que dêle fizessem uso dois ou três dias por semana, para se premunirem contra os chamados da voluptuosidade, tão perigosos à juventude. Quando aos dois enviava roupas ou quaisquer coisas outras, juntos iam instrumentos de penitência; fazia-o para lembrá-los da necessidade da mortificação.

Um dia, applicava-se aos estudos liberais, Edmundo foi tomado por violentas dores de cabeça, quase que diárias. Desesperado, não via possibili-

dade de continuar os estudos. A mãe, sofrendo longe, dotada de singular penetração, escreveu-lhe:

“Meu filho, tua tonsura clerical talvez não seja regular. Tal é, parece-me, a causa de tôda a tua dor. Faze uma tonsura conforme à regra, e Deus, assim o espero, satisfeito contigo, livrar-te-á do incômodo que te apouenta”.

Edmundo recebeu o conselho com alegria, e cortou o excesso de cabelo: a dor de cabeça, então, desapareceu como por encanto, jamais voltando, conforme disse êle a um dos amigos.

O jovem applicava-se sempre, e cada vez mais, e passava a amar o Senhor de todo coração e de tôda a alma. Um dia, convidado pelos colegas, saiu a passeio pelo campo. Accostumado com a solidão, da algazarra dos amigos foi-se esquivando. Ia mais de vagar, engolfado nas costumeiras meditações, quando se viu só.

Era uma baixada, e o lugar era belo, cheio de árvores. De repente, saído não sabia donde, appareceu-lhe um menino lindíssimo, duma beleza estranha e incomparável, que lhe disse, com doçura:

— Bom-dia, meu bem-amado!

Edmundo, surpreso, admirado, sem nada dizer, não despregava os olhos daquela beleza incomum, desconhecida mesmo.

Como nada dissesse, tornou o menino maravilhoso:

— Não me conheces?

Edmundo, respondeu com uma simplicidade de pomba:

— Não, não te conheço.

— Nem um pouquinho? perguntou, insistindo.

— Nem um pouquinho. E creio que tu também não me conheces, pois não?

O bellissimo menino sorriu encantadoramente, dizendo:

— Muito admirado estou por ser assim tão desconhecido de ti, tanto mais que me sento todos os dias ao teu lado, na escola. Não vês que estou muito unido a ti, para onde quer que vás?

Edmundo ficou atônito. O menino continuou:

— Olha bem para mim. Acheга-te e vê o que tenho escrito na testa, e que daí não vês. Aproxima-te.

O jovem adiantou-se, olhou e leu: Jesus.

— Viste, agora? Eu sou Jesus, Jesus Nazareno. Deves imprimir êste nome, tôdas as noites, na testa. Ficarás livre de morte súbita, bem como aquêles que assim o fizerem.

Edmundo ainda não voltara da doce surpresa e já o maravilhoso menino desaparecera. Seguindo o conselho de Jesus, tôdas as noites fazia o que o Mestre lhe dissera, crescendo em sabedoria e bondade diante de Deus e dos homens.

Mais tarde, Edmundo ensinou esta prática a seu camareiro secreto, aquêles que lhe escreveu a vida.

Êste biógrafo, que se chamava Bertrand, foi secretário e confidente do santo homem. Morto Edmundo, abraçou êle o estado monástico, chegando a prior de Pontigny. Há, ainda, uma vida de Santo Edmundo escrita pelo irmão Roberto, sem contar as de outros escritores do tempo.

Depois do amor por Jesus, vinha-lhe a devoção por Nossa Senhora. Estava ainda nos anos da adolescência, quando sonhava com os meios de conservar



a alma. Desconfiando de si mesmo, foi consultar um renomado padre de Oxford, que lhe disse:

— Se quizeres vencer os assaltos da tentação, suportar o fardo das tribulações, não somente com paciência, mas com satisfação e alegria, guardando-te de todo o mal, consagra-te, liga-te à Rainha da pureza.

Pouco tempo depois, Edmundo fazia voto perpétuo de castidade diante duma imagem da Virgem. E, para marcar aquela íntima e eterna aliança, enfiou nos dedos de Maria, que no altar sorria, um anel em que estava gravada a saudação angélica, ficando êle com outro igual, que trouxe no dedo até a morte. Antes de morrer, confessava:

— Jamais invoquei a Mãe de Deus em vão. Nunca, quando a chamei nas necessidades, deixou de vir em meu socorro.

Chegou o dia em que a mãe Mabile devia deixar o mundo. Doente, de cama, sentindo que o fim estava muito próximo, fez com que Edmundo viesse ter a seu lado, para recomendar-lhe as irmãs, que eram duas, e dar-lhe algum dinheiro para colocá-las num convento.

Nos últimos instantes, deu ao filho a última bênção. Edmundo, então, pediu-lhe que abençoasse os irmãos ausentes.

— Mas, filho meu querido, já não te abençoei a ti?

— Sim, mãe.

— E então? perguntou Mabile. Abençoando-te a ti aos outros já os abençoei, pois de ti a êles passará a bênção e participarão de tua graça e de tua virtude.



É que Mabile não ignorava que aquêlê filho seria, um dia, a sua glória.

Depois de ter-se desincumbido dos últimos deveres para com a mãe desaparecida, o bom moço ocupou-se do andamento de seus últimos desejos. Quando tratou do caso das irmãs, disse-lhes:

— Abraçar o estado religioso é o melhor meio de chegardes à perfeição, mas viver neste estado de maneira imperfeita é atrair sôbre vós mesmas a condenação mais rigorosa.

Tão santa vida levaram as irmãs, que chegaram, uma e outra, sucessivamente, a governar o convento em que ingressaram pelas mãos do irmão, convento que era o das beneditinas de Catesby. No túmulo de ambas está a inscrição que diz dos milagres que fizeram.

Acomodando as irmãs, Edmundo retornou a Paris para continuar os estudos.

A aliança de castidade perpétua que fizera com Nossa Senhora, Rainha das virgens, guardara-a êle por tôda a vida com fidelidade perfeita. Velava a alma e o corpo com exatidão escrupulosa, sempre atento para o que quer que fôsse que lhe pudesse fazer derivar. Todos os autores de sua vida dizem que o jovem jamais se contaminara com a mais ligeira nódoa contra a pureza.

No meio dos estudos, tinha o cuidado de elevar o coração a Deus por freqüentes inspirações, e, para mais facilitar tais exercícios, estava sempre cercado de objetos de piedade. Se o ardor que tinha pelas ciências era grande, maior, muito maior ainda, era o que o queimava para adquirir a santidade.

obm Aplicadíssimo ao estudo, assimilava com facilidade os mais difíceis problemas. E a pureza do

coração comunicava ao espírito luzes que mais aumentavam a sua penetração natural. Sabia descobrir e melhor explicar, e com uma notável clareza, as verdades mais sublimes. Os mestres, satisfeitíssimos, olhavam-no com grande ternura, como a um prodígio de ciência e santidade.

Edmundo, todos os dias, assistia ao ofício da noite nas igrejas de Saint-Méri. Terminado o ofício, ficava ainda por longo tempo engolfado em si mesmo, a recitar orações. De manhã, ouvia a missa, depois do que, sem qualquer repouso ou alimento, se dirigia às escolas públicas.

Jejuava constantemente, passando a pão e água tôdas as sextas-feiras. O que recebia para o entretenimento dava-o aos pobres. E, muitas vêzes, para socorrer estudantes que se encontravam doentes e sem possibilidades de espécie alguma, vendia os livros. À cabeceira dum dêsses colegas passou semanas inteiras. Cuidava do pobre rapaz com caridade, noite e dia, fazendo os mais humildantes serviços.

Raramente Edmundo se alimentava mais duma vez por dia. E essa refeição única era bastante escassa. Dormia ora sôbre um banco, ora no chão. No quarto havia uma cama, mas nunca se serviu daquela comodidade; ali estava unicamente para encobrir uma das austeridades.

Muitos anos antes de receber as santas ordens, já recitava, todos os dias, o ofício da Igreja.

Quando terminou o curso, passou a lecionar matemática, redobrando o fervor na oração e na meditação, para premunir-se contra a desatenção que aquella ciência costuma trazer aos que a ela se dedicam. Com o tempo, porém, o fervor de Edmundo sofreu uma diminuição.

Uma noite, sonhou com a mãe, a boa Mabile de sempre, que lhe perguntava sôbre o que andava a ensinar e que de estranho havia naquelas figuras geométricas a que tanto se applicava e mais se apegava. Como resposta, traçou na palma da mão três círculos, nomeando-os o Pai, o Filho e o Espírito Santo, dizendo à mãe: "Eis as três figuras que estudarei doravante. A outras jamais me applicarei".

Desde aquêlê dia, sòmente passou a dedicar-se à teologia.

Cedendo à insistência dos amigos, fêz-se doutor. Os autores divergem quanto ao lugar onde foi doutorado e recebido: se em Paris ou Oxford.

Tôdas as vêzes que tomava nas mãos o volume dos divinos oráculos, beijava-os respeitosamente. Ordenado padre, foi encarregado de pregar. As lições públicas e mesmo a conversação, levavam os que o ouviam a se edificarem sensivelmente, tal o cunho do espírito de Deus que continham. Vários dos discípulos chegaram à celebridade pelo saber e pela santidade. Sete dêles tudo abandonaram para receber o hábito na ordem de Citeaux. Entre êles, achava-se Estêvão, que depois foi abade de Clairvaux, e que fundou o mosteiro ou colégio dos Bernardinos, de Paris.

Edmundo, de volta a Inglaterra, fixou-se em Oxford, e ali ficou de 1219 até 1226. Era professor de lógica e ensinava a de Aristóteles, o que ninguém havia feito até então. Os trabalhos de professor não impediam os da pregação. As províncias de Oxford, Gloucester e de Worcester foram-lhe constantemente o teatro do zêlo, e as missões que nelas desempenhou operaram grandes frutos.

Sucessivamente, recebia benefícios, os quais recusava. Afinal, aceitou um canonicato e a tesouraria da catedral de Salisbury. A receita, porém, distribuía-a tôda aos pobres; muitas vêzes, via-se privado do necessário.

Pouco tempo depois, o Papa nomeou-o para pregar a cruzada contra os sarracenos, autorizando-o a receber certo honorário das igrejas onde pregasse. Edmundo desincumbiu-se da missão com um zêlo extraordinário, mas, quanto aos honorários, não os recebia, recusando até os presentes que lhe queriam, insistentemente, dar. Como as igrejas não eram suficientemente grandes para conter a multidão que acorria a ouvi-lo, por mais de uma vez pregou ao ar livre.

Certa vez, numa dessas pregações, um temporal tremendo desabou, e o povo que, comprimido, o ouvia, já se dispunha a abandonar o lugar, quando Edmundo, orando a Deus, fêz com que o aguaceiro poupasse aquela área em que se aglomeravam homens e mulheres.

Havia tanta eloquência nos discursos que pronunciava, que os pecadores, com lágrimas, se convertiam e abraçavam estreitamente a fé. Guilherme, cognominado o *Espada-Longa*, conde de Salisbury, viveu longos anos fora da religião, sem jamais ser acercado dos sacramentos. Ao ouvir e entender uma pregação do Santo, foi procurá-lo. Depois de menos duma hora de conversação, converteu-se tão perfeitamente que, pelo resto da vida, nada mais fêz do que tratar da salvação da alma.

Edmundo é considerado um dos mais célebres contemplativos da Igreja.

Sob o pontificado e com a aprovação do papa Gregório IX, Santo Edmundo foi eleito arcebispo de Cantuária. Imediatamente, os deputados do capítulo metropolitano partiram com as cartas. Não o encontraram, porém, em Salisbury: estava numa aldeiazinha que levantara e ali se entregava à meditação. Um dos seus domésticos, não podendo conter a alegria, correu dar-lhe a notícia. Esperando certa efusão por parte do Santo, e uma recompensa, como era o costume, não viu nem uma nem outra.

Quando os deputados estiveram com êle e lhe transmitiram a causa da viagem que haviam feito até ali, viram-no suspirar profundamente, depois do que, disse-lhes, com lágrimas nos olhos:

— Eu sou um verme, não um homem! Não tenho méritos nem a ciência que julgais que possuo. Estais enganados, como tôda a gente!

E não queria aceitar a eleição.

Os deputados insistiram e rogarão, mas Edmundo permaneceu inabalável. Entristecidos, foram ter com o bispo, dizendo-lhe da firmeza do Santo em não aceitar. O bispo ordenou que Edmundo viesse à sua presença e lhe disse que cometeria pecado mortal se não aquiescesse. Edmundo, então, falou:

— Aquêlê que não ignora nada sabe que, se eu não cresse que seria pecado mortal, jamais aceitaria a eleição.

Dado o consentimento, conduziram-no ao altar, diante do qual se prosternaram humildemente por terra, com êle, e entoaram o *Te Deum*. E, enquanto os deputados cantavam de alegria, êle se lamentava em altas vozes.

Em Cantuária, foi Edmundo sagrado na igreja do Cristo, no quarto domingo da quaresma, segundo



dia de abril de 1234, pelas mãos de Rogério, bispo de Londres, na presença do rei Henrique e de treze bispos. No mesmo dia celebrou a missa com o *pallium*, que o Papa tinha tido a precaução de antecipadamente lhe enviar.

Vindo assim a ser o primaz da Inglaterra, Edmundo parecia o modelo dos pastores. Com as austeridades continuou, e a caridade aumentou. Em viagem, se alguém, fôsse o mais rico ou o mais pobre dos homens, quisesse confessar-se com êle, descia imediatamente do cavalo e escutava-o com a mais paternal benevolência.

Na Inglaterra, havia ainda o costume de o senhor se apoderar do melhor animal do pai de família que morria, como símbolo do senhorio. As viúvas, conhecedoras da misericórdia do arcebispo, vinham a êle para reaver o animal. E êle respondia, em inglês:

— Mas, minha senhora, é o costume do país, é a lei.

Depois, virando-se para os outros, dizia em latim ou francês:

— Verdadeiramente, é uma lei do diabo, e não de Deus.

Passou, então o santo arcebispo a consagrar-se às emendas judiciárias. O que êle mais detestava nos juizes era vê-los receber presentes com certa ganância que não ia bem com o cargo.

Mais tarde, Santo Edmundo escrevia longas e tocantes cartas ao Papa, para pô-lo a par do mau costume que tinham os reis de se intrometer nas igrejas, quando na vacância.

“Quando uma igreja vaçar, que seja preenchida pelo metropolitano”, dizia. E o papa assim fêz, mas



por pouco tempo, porque o rei da Inglaterra passou a dizer que era atacada a dignidade da coroa. E o Santo viu-se combatido, neste particular, na própria igreja.

Edmundo condenou-se, então, a um exílio voluntário, passando à França, sendo õtamente recebido pelo rei São Luís e tãda a família real. A cidade de Paris rendia homenagens à grande virtude de Edmundo, que se retirou para a abadia de Pontigny, na diocese de Auxerre, onde, antes d'ele, já haviam estado seus dois predecessores: Santo Tomãs e Estêvão de Langton.

Na abadia orava e redobrava a penitência. Ali escreveu, para a edificação dos monges, uma obra de piedade, intitulada "Espelho da Igreja". É como uma introdução à vida devota e contemplativa. Era tão austero para consigo mesmo que adoeceu, aconselhando-lhe os médicos que mudasse de ares. O Santo obedeceu, e retirou-se para os canônicos regulares de Soissy, perto de Provins, na Champagne.

Os monges de Pontigny ficaram banhados em lágrimas, quando Edmundo partiu, mas, consolando-os, dizia-lhes ãle que estaria de volta.

— Passarei convosco, querendo Deus, a festa de Santo Edmundo, o mártir.

Como a doença progredia a olhos vistos, pediu para receber o santo viático. Quando lho trouxeram, estendeu as mãs e disse com grande confiança:

— És tu, Senhor, em quem eu creio, tu, de quem tenho pregado, tu, de quem tenho verdadeiramente ensinado. És testemunha, Senhor, de que sãmente a ti procurei nesta terra.

Os assistentes julgavam-no a variar, porque falava como se tivesse diante a Jesus Cristo cruci-

ficado. Depois de receber o viático, ficou como se fôra curado, sossegado e sem febre, e assim por muitos dias, o mesmo acontecendo depois da extrema-unção. Não se separava do crucifixo nem das imagens de Nossa Senhora e São João. Sem cessar, beijava as chagas do Salvador. Os suspiros e as lágrimas comoviam a todos. Todo êle era tranqüilidade, e, tranqüilo, morreu.

Era em Soissy, 16 de novembro de 1240. O coração e as entranhas ali ficaram, mas o corpo, levaram-no a Pontigny, onde chegou no dia de Santo Edmundo, conforme prometera.

Um grande número de milagres atestou-lhe a santidade. Foi canonizado por Inocêncio IV em 1247. No ano seguinte, retiraram-lhe o corpo e encontraram-no todo inteiro, estando as juntas tôdas ainda dotadas de flexibilidade. Colocado num esqui-fe de ouro, enviado pelo rei Henrique da Inglaterra, procedeu-se à translação, que se fêz solenemente, em presença do rei São Luís e da rainha Branca, sua mãe, dos príncipes, seus irmãos: Roberto, conde de Artois, Afonso, conde de Poitiers, Carlos, que foi depois conde da Provença e de Anjou; e rei da Sicília; do cardeal Pedro, bispo de Albano; do cardeal Eudes, bispo de Frascati, legado da Santa Sé; dos arcebispos de Bourges, de Sens, de Bordéus e de Armagh; do amigo Ricardo, que o seguira no exílio, e que era, então, bispo de Chichester, e dum grande número de prelados, de abades, de monges e doutras personalidades de inequívoca distinção.

## SANTO EUQUÉRIO (\*)

### *Bispo*

Santo Euquério, nascido entre 380 e 390, foi bispo de Lião. Excelente estudante, os escritos que deixou mostram-nos como manejava perfeitamente o latim, quase clássico, coisa pouco comum àquela época.

Casado com Gala, teve dois filhos, Salônio e Verano. Jovens ainda, ambos os esposos, um dia, resolveram abandonar o século. Ele se dirigiu a Lérins, para a ilha que hoje se chama de Santo Honorato, e passou dois anos naquele mosteiro, que já era célebre. Gala, como os filhos ainda eram menores — o mais velho, Salônio, contava dez anos — só mais tarde foi dar-se a Deus, fixando-se em Lero.

Estudando as Escrituras, em busca dum gênero de vida, tornaram-se cultos e respeitados. Euquério, feito bispo em 435, ocupando a sede dum dos mais importantes episcopados da França, foi prelado prudente, caridoso, piedoso e amante do estudo. Escreveu as *Formulae epiritalis intelligentiae*, dedicada ao filho caçula, Verano, e *Instructiones*, dedicado a Verano.

O primeiro livro das *Instruções*, sob a forma de perguntas e respostas, não tem somente o aspecto

exterior dum catecismo, como também a clareza, a brevidade e a profundidade teológica.

O segundo volume explica o sentido de certas palavras gregas e hebraicas, didaticamente.

No que diz respeito às *Fórmulas*, ali se encontram regras para se descobrir o sentido espiritual das Escrituras, com exemplos.

Santo Euquério faleceu, provavelmente, em 449.

Há os que acreditam que Euquério e Gala tiveram, além de Salônio e Verano, uma filha, Consórcia, mas não é crível, historicamente, embora o martirólogo romano ainda acate a legenda.

\* \* \*

## SANTA INÊS DE ASSIS (\*)

### *Abadêssa*

Santo Inês de Assis, a irmã caçula de Santa Clara de Assis, foi abadêssa clarissa. Nascida em 1197, pertencia, como sabemos, a uma das mais notáveis famílias. Filha de Favorino, dos Scifi, e de Ortolana, da família Fiume, de Sterpeto, deixou a casa luxuosa dos pais, dezesseis dias depois que Clara o fizera, fugindo do século para ir ao convento de Santo Ângelo e ali compartilhar o modo de vida da irmã.

Favorino pusera em Inês as mais belas esperanças. Arranjara-lhe excelente noivo, e as bodas já estavam marcadas. E ei-la agora prêsa da mesma *loucura* que se apossara de Clara.

Cheio de ira, o pai pediu a um dos irmãos, a Monaldo, que tomasse consigo uma dúzia de homens armados e, a todo o custo, a Inês arrancasse do convento.

Apavoradas, as freiras de Santo Ângelo cederam ante a fôrça armada, e prometeram entregar a fugitiva. Mas esta, ainda que jovem, preparou-se enêrgicamente para a resistênciã. Foi esbordoadã e pisoteada. Pegaram-na pelos cabelos e arrastaram-na para fora do convento, por pedras e paus e espinhos.

— Clara! gritava ela, no desespero. Clara! Vem socorrer-me!

Clara, impotente para auxiliá-la, refugiou-se na cela, pobre cela humilde e pequena, e pôs-se a invocar o auxílio de Deus. Então de repente, os doze robustos homens estacaram. Uma fôrça estranha prendeu-lhes os pés no chão, impedindo-os de continuar a marcha, a arrastar a jovem Inês, que se tornara tão pesada ou mais que um bloco de pedra. Puchavam-na, sacudiam, gritavam, inútilmente.

Encolerizado, Monaldo ergueu o braço, para, de mão calçada de ferro, esmagar a cabeça da teimosa sobrinha, mas ficou como petrificado, sem poder mexer-se e agir. Clara, então, apareceu, e fêz com que deixassem a pobre Inês semi-morta.

Desde aquêle dia, a família deixou as duas irmãs em paz.

Santa Inês de Assis foi abadêssa das beneditinas de Monticelli, que queriam a vida franciscana. Era em 1219. Em 1253, trinta e poucos anos depois, é que tornaria a ver a irmã, à morte. Ajoelhou-se, para rezar, perto do leito em que ela jazia, assistindo-lhe aos últimos instantes.

Naquele mesmo ano de 1253, também Inês de Assis deixaria o mundo. Clara fôra-se em agosto. Inês encontrá-la-ia no céu em novembro, falecendo em São Damião, como o desejou, com cinqüenta e seis anos.

Em meio ao século XVIII, Bento XIV autorizou-lhe o culto.

---



No mesmo dia, em Edimburgo, na Escócia, a morte de Santa Margarida, viúva, rainha da Escócia, célebre pela santidade e caridade, para com os pobres e pela pobreza voluntária que se impôs. A festa celebrou-se aos 10 de junho.

Na África, os santos mártires Rufino, Marcos, Valério e companheiros.

Elpidio, Marcelo, Eustóquio e companheiros. Elpidio, que pertencia à ordem senatorial, depois de ter, generosamente, confessado a fé cristã diante de Juliano, o Apóstata, foi ligado, bem como os companheiros, a cavalos selvagens, arrastados com violência, e depois atirados ao fogo, conquistando desta maneira, a gloriosa palma do martírio.

Em Pádua, São Fidêncio, bispo.

Santo Otomar, abade, falecido em 759. Abade de São Gall, desde o ano de 768 ou 769, o corpo foi levado para São Gall e deposto na igreja: relegado por dois maus condes a uma ilha do Reno, ali falecera, depois de ter vivido debaixo do mais duro regime e dos guardas mais indiscretos e maldosos.

Em Reims, Santa Balsâmia, ama de São Remi (século V-VI?).

No País de Gales, Santo Afano, bispo e mártir (princípio do século VI).

São Gobriano, bispo e abade (século VI).

Santo Emilião, monge, falecido em 767 (?).

São Nanfásio, ermitão, desaparecido em 800 (?). Segundo a legenda, era contemporâneo de Carlos Magno.

Em Abingdon, Santo Alfrico, arcebispo de Cantorbéry, falecido em 1005.

No mosteiro de Cava, na Itália, o bem-aventurado Simeão, abade, que faleceu em 1141. Foi o primeiro abade de Cava eleito pelos monges.

Em Veneza, o bem-aventurado Grazia de Cattaro, converso agostiniano. Pregador de Cattaro, nasceu em 1438 e faleceu em 1509.

\* \* \*

## 17.º DIA DE NOVEMBRO

### SÃO GREGÓRIO, O TAUMATURGO

Gregório, que fôra chamado Teodoro e cognominado o Taumaturgo, ou fazedor de milagres, era de Neo-Cesaréia, no Ponto, nascido de pais ricos e nobres, mas pagãos.

Aos quatorze anos, perdeu o pai. Desde então, dir-se-ia que a razão comum da humanidade se lhe foi do espírito, começando a tocá-lo a divina. A segunda ajudava a primeira. É êle mesmo quem nos conta êsses detalhes. A Providência levou-o, a pouco e pouco, a uma perfeita conversão pelo ministério do anjo que lhe havia dado desde a infância para o conduzir.

A mãe, que ainda vivia, achando-o assaz instruído, fê-lo estudar retórica, porque o destinava à advocacia. Progrediu tanto nos estudos, que não havia quem não dissesse:

— Será um orador como nenhum.

Passou então a amar a verdade. E tanto a amava, que mesmo nos exercícios de oratória não podia louvar coisa que de fato não merecesse ser louvada. Notando a desproporção entre as ações dos filósofos pagãos e os seus preceitos, passou a detestá-los. O mestre, que gostava dêle, ensinava-lhe latim. Sabendo algo de direito romano, açoitou-o a estu-

dá-lo, tendo-lhe ministrado rudimentos. Por complacência, e não por outro motivo, consentiu Gregório no estudo.

Para aperfeiçoar-se, aconselhou-lhe o mestre que fôsse a Bêryte, na Fenícia, onde então havia uma escola célebre em leis romanas. E Gregório propôs-se passar por Roma.

Tinha uma irmã, casada com um jurisconsulto, que o governador da Palestina levava consigo, súbitamente, como assessor, para auxiliá-lo na administração da província. Êste homem, que só a custo e com muita pena se separava da mulher, pouco depois mandou buscá-la. Como não queria vê-la viajando sòzinha, pediu ao cunhado que a acompanhasse, e assim os dois, com mais um irmão, Atenodoro, deixaram Neo-Cesaréia.

Chegados que foram a Cesaréia, travaram conhecimento com Orígenes, que se interessou, desde o primeiro dia, por lhes captar a amizade. E lançava mão de tôda a sua obra, com eloquência. Ora fazia o elogio da filosofia e dos que a ela se applicavam, dizendo que aquêles que viviam uma vida razoável estudavam o bem viver, e, daí, o conhecer-se a si mesmo e, em seguida, os verdadeiros bens que se deviam procurar, os verdadeiros males aos quais se devia fugir. Ora censurava a ignorância e os ignorantes, que vivem como animais, sem procurar mesmo a mínima instrução.

Os dois irmãos tinham assentado voltar para a pátria, mas os entretenimentos de Orígenes enlaçavam-nos de tal maneira, que estavam hesitantes, não sabendo o que resolver: se partiam ou ficavam. Desejavam aplicar-se à filosofia, mas não se deter-

minavam a nada. Queriam partir e, coisa esquisita, não sentiam fôrças para realizá-lo.

Todos os dias iam ouvir Orígenes, que lhes mostrava que, sem o estudo da sabedoria, não se poderia jamais ter verdadeira piedade com respeito a Deus. A amizade, então, fêz com que se decidissem, a amizade tão cheia de benevolência que lhes votava, tôda a engenhosa ternura, que não procurava comunicar-lhes senão os verdadeiros bens. E a alma dos dois irmãos prendeu-se à do amigo como outrora a de Jônatas à de Davi.

A contar daquele momento, esqueceram-se de tudo. Esqueceram-se dos prazeres, dos negócios, do estudo das leis, da pátria, dos familiares: apenas viviam para Orígenes e a filosofia.

Como hábil agricultor que sonda em todos os sentidos o terreno que pretende arrotear, Orígenes cavou-lhes e penetrou-lhes os sentimentos, interrogando-os e considerando-lhes as respostas. Nêles encontrando solo naturalmente fértil, pôs-se ao amanho, instruindo-os a ambos, podando, extirpando espinheiros e mato selvagem, ou seja, os defeitos, às vêzes repreendendo-os com severidade. O início era custoso, mas a vontade de uns e a paciência e o amor doutro eram grandes. Tendo-os, então, preparado, como a uma terra boa, pôs-se Orígenes a semear as sementes da verdade, ensinando-lhes as diversas partes da filosofia: a Lógica, para lhes exercitar o espírito pela sutileza desta ciência e formar julgamentos, a fim de que aprendessem a discernir os argumentos sólidos dos que nada mais tem que a aparência. A Física, para levá-los a admirar as obras de Deus, não pela ignorância, mas por um conhecimento fundado da natureza. A Geometria, a fim de que, por claras

demonstrações indubitáveis, servisse de base para os demais. A Astronomia, para que elevassem o pensamento da terra para o céu. Finalmente, a Moral, não tanto a moral especulativa, tal qual ensinavam os filósofos, os quais se limitavam a vãos discursos, a definições e divisões estêreis, mas uma moral prática, fazendo-lhes notar em si mesmos os movimentos das paixões, para que a alma, vendo-se como num claro espelho que não mente, pudesse extirpar, desde a raiz, os vícios e fortificar a razão, que produz tôdas as virtudes. Ao ensinar, acrescentava exemplos. E o que ensinava aos outros, fazia-o êle primeiramente.

Quanto à Teologia ou o conhecimento de Deus, à qual devem tender os estudos precedentes, eis o método que seguia. À exceção dos ateus, que, fugindo do senso comum da humanidade, negam Deus ou a Providência, fazia-os ler tudo aquilo que haviam escrito os antigos, gregos ou bárbaros, sem se preocupar pela opinião de qualquer autor nem de qualquer seita: o que faziam geralmente os pagãos. Porque, apaixonando-se por tal ou qual filosofia, não queriam saber de qualquer que fôsse, se bem que a filosofia pagã, com sistemas e seitas sem-fim, fôsse como um labirinto, onde, uma vez entrado, jamais se encontraria a saída.

Orígenes, ao contrário, mandava aos alunos que a tudo lessem, tudo escutassem, para deslindar o que havia de verdadeiro e de útil, sem se deixar tomar pela delicadeza ou rudeza da linguagem. Para impedi-los, porém, de desviar-se dessa busca, êle mesmo lhes servia de guia, levando-os como pela mão, mostrando-lhes o que de verdadeiro e de falso em cada filosofia havia, ensinando-lhes, sobretudo, que quem olha para Deus, nada mais faz do que confiar em



Deus e nos profetas. E explicava-lhes, então, as santas Escrituras, das quais era êle o mais sábio intérprete daqueles tempos. É assim que São Gregório conta a maneira pela qual foi instruído por Orígenes. (1)

Durante a perseguição de Maximino, retirou-se para Alexandria, onde a juventude acorria de tôdas as partes para estudar filosofia e medicina.

Gregório ainda não fôra batizado. No entanto, já levava vida tão pura, que parecia repreender nos jovens da idade todos os desregramentos a que se davam. E a irritação, como se aquilo fôra uma injúria que lhes fazia, levou-os à vingança. Contrataram uma pobre infeliz e enviaram-na a cobrar de Gregório a pensão que lhe devia por ter abusado dela.

Gregório, naquele momento, entretinha-se com bons amigos e pessoas outras, graves e retas. Conhecendo-lhe a pureza da vida, indignaram-se com a ousada que lhes vinha perturbar a paz de modo tão insólito. Gregório, sem se amofinar, disse tranqüilamente a um dos amigos:

— Por favor, dá-lhe o que pede. Assim, ir-se-á daqui, e a paz e o silêncio tornarão.

O amigo levantou-se e deu à mulher o pretendido. Então, aconteceu o imprevisto: tomada pelo demônio, a infeliz pôs-se a urrar com voz que nada tinha de humana. E, descabelando-se, pulando e sapateando, como numa louca sarabanda macabra, caiu como morta, d'olhos abertos, terrivelmente abertos, fixando o vazio. Apoderar-se-ia dela o demônio,

---

(1) Greg. In Orig.

não fôra Gregório rogar fervorosamente a Deus pela desgraçada. (2)

Foi, talvez, durante aquela estada em Alexandria que Gregório recebeu a carta de Orígenes, o qual lhe chamava senhor e filho. Diz-lhe, entre outras coisas, que a aplicação seria capaz de levá-lo a ser um grande jurisconsulto entre os romanos, ou um grande filósofo entre os gregos.

“Exorto-te, todavia, diz Orígenes na carta, a te entregares, e todo inteiro, à prática do cristianismo. Deves assimilar ciências profanas que podem servir à inteligência das santas Escrituras, de modo que, como os filósofos dizem que a geometria, a música, a gramática, a retórica, a astronomia são disposições à filosofia, nós dizemos o mesmo da filosofia com respeito ao cristianismo”.

Finalizando a carta, exorta-o ainda:

“Estuda as Escrituras com grande atenção e, não te esqueças, alia ao estudo a oração. A oração é muito necessária para que possamos entendê-las”. (3)

Gregório lucrou, não pouco com os conselhos de Orígenes.

De volta para perto do amigo, a quem o compatriota Firmiliano o havia recomendado, acabou de instruir-se. E, depois de ter sido discípulo de Orígenes durante cinco anos e recebido o batismo, retornou à pátria com o irmão Atenodoro, que depois foi bispo e mártir.

Antes, porém, de deixar o mestre querido, quis testemunhar-lhe o reconhecimento por um discurso

---

(2) Greg. Nyss., Vita Thaumat.

(3) Orig. ad Greg.

que pronunciou perante grande assembléia, tratando-o como a um inspirado de Deus e do divino, louvando-o como um homem poderia ser louvado.

“Praza a Deus, disse, que nos console um pouco, já que iremos de vós ficar privados. Praza a Deus, que nos envie o bom anjo para conduzir-nos, longe que estaremos de vós. Praza a Deus, principalmente, que nos reconduza para perto de vós: mais do que tudo, sòmente isto nos consolará deveras”.

Ao chegar a Neo-Cesaréia, tôda a nação estava expectante, crendo que Gregório iria brilhar nas assembléias e mostrar os frutos dos longos estudos feitos. A cidade inteira rogou-lhe, pelos magistrados e os principais cidadãos, para que Gregório jamais a deixasse, mas o Santo abandonou tudo o que no mundo possuía, não se reservando nem terras, nem casa, nem coisa alguma necessária à vida, e retirou-se ao campo, num lugar solitário, onde não queria ver ninguém nem conversar senão com Deus.

Gregório não ficou por muito tempo na tranqüilla solidão que desejava: Fédimo, arcebispo de Amaséia, que tinha o dom de profetizar, desejava-o para o serviço da Igreja. E Gregório, para fugir dos que o buscavam, passava duma solidão para outra, cautelosamente.

Fédimo, vendo que não conseguia atraí-lo, possuído do Espírito de Deus, resolveu designá-lo bispo, embora ausente de três dias de jornada, para a cidade de Neo-Cesaréia mesma, onde havia uma infinidade de idólatras e sòmente dezessete cristãos. Assim constrangido, e ordenado com as solenidades costumeiras, rogou a Fédimo lhe desse tempo para conhecer mais exatamente os mistérios, e pediu a Deus lhe concedesse a graça. É que então havia quem alte-

rava a doutrina da piedade, e, pelos sofismas a atribuía aos sábios mesmos.

Tendo, pois, passado tôda a noite a meditar, viu aparecer-lhe um venerável velho. Surpreendido, levantou-se do catre onde se sentava e perguntou:

— Quem és tu?

O velho, com voz doce, suavemente, respondeu-lhe:

— Sou enviado de Deus, que me ordenou instruir-te sôbre a verdade da fé.

Estendeu o braço para um determinado lugar, e outra aparição surgiu, sob forma duma mulher.

Gregório, espantado, baixou os olhos. Não podia suportar a luz daquela visão, porque, embora fôsse escura a noite, os dois personagens estavam agora envoltos numa grande luminosidade. E Gregório entendia que a mulher, chamando João, o Evangelista, o exortava a descobrir ao jovem destinado à cidade os mistérios da verdadeira religião, e que São João respondia que ia fazê-lo, visto como a Mãe do Senhor o tinha por agradável.

Explicada a doutrina, a visão desvaneceu-se. E Gregório, ainda admirado, pôs-se a escrever o que lhe fôra ministrado, nestes têrmos:

“Não há mais que um Deus, Pai do Verbo vivo, da sabedoria subsistente, do poder e do caráter eterno. Perfeito, gerador de um perfeito. Pai de um Filho único. Não há mais que um Senhor. Só de um só, Deus de Deus. Caráter e imagem da Divindade. Verbo eficaz, sabedoria que abarca tôdas as coisas. Poder que fêz tôdas as criaturas. Verdadeiro Filho de um verdadeiro Pai. Filho invisível de um Pai invisível. Filho incorruptível de um Pai incorruptível. Filho imortal de um Pai imortal. Filho eterno de um

Pai eterno. Não há mais que um Espírito Santo, que tem o ser de Deus, e que, pelo Filho, é manifestado aos homens. Imagem do Filho, perfeito como Êle. Vida e causa dos vivos. Fôrça santa. Santidade que dá a santificação, pela qual é manifestado Deus Pai, que está acima de tudo e em tôdas as coisas. E Deus Filho, que é por tôdas as coisas. Trindade perfeita, sem divisão nem alteração na glória, na eternidade e na sabedoria. Não há, pois, na Trindade, nada de criado, nada de escravizado, nada que sobreviesse, ou seja, nada que, não tendo sido antes, fôsse depois. O Pai, pois, jamais foi sem o Filho, nem o Filho sem o Espírito Santo. A Trindade, sempre a mesma, é imutável e invariável”.

Tal foi a exposição da fé revelado a São Gregório, o Taumaturgo. Escreveu-a imeditamente, ensinou-a na igreja, e, aos sucessores, deixou-a escrita de próprio punho. Via-se-lhe ainda o original, no templo de São Gregório de Nissa, e Rufino inseriu-a na *História Eclesiástica*, tal qual a transcrevemos. (4)

Deixou, então, Gregório o retiro para retornar à cidade. Surpreendido pela noite e por violenta tempestade, entrou, com os que o acompanhavam, num templo de ídolos, justamente o mais famoso de todo o país, por causa dos oráculos. No interior, invocou o nome de Jesus Cristo e fêz muitos sinais da cruz, para purificar o ar infectado pela fumaça dos sacrifícios profanos. E passaram a noite a cantar louvores a Deus, segundo o costume.

Na manhã seguinte, antes de partirem, apareceu o sacrificador dos ídolos que vinha para as cerimônias ordinárias. Ao aproximar-se, conta-se que o

---

(4) Greg. Nyss., Vita Thaummat.



demônio lhe apareceu, enraivecido, dizendo-lhe que o templo se tornara imprestável às práticas por causa dos que nêle haviam passado a noite. O homem, porém, tudo fizera para que ao local voltassem os espíritos malignos, com purificações de tôda a espécie, mas em vão. Encolerizado, avançou para Gregório, ameaçando-o com a punição dos magistrados e mesmo de denunciá-lo ao imperador, por ter sido tão ousado, sendo cristão, a ponto de entrar no templo dos deuses.

Gregório escutou-o sem se abalar, e respondeu-lhe: mesmo, que tinha o poder de expulsar os demônios, donde lhe conviesse, fazendo-os fugir para onde bem lhe parecesse, tamanha era a sua confiança em Deus.

O sacrificador, admirado, rogou-lhe que os chamasse ao templo. Gregório, então, rasgando um pedacinho da página dum livro que trazia, escreveu estas palavras: *Gregório a Satanás: Entra!*

O homem tomou o bilhete, pô-lo sôbre o altar, ofereceu os sacrifícios ordinários, e imediatamente viu no templo o que estava acostumado a ver sempre. Maravilhado, reflexionando, correu para alcançar os que já se haviam ido e, tendo-os encontrado, rogou a São Gregório lhe fizesse conhecer qual era o Deus a quem os outros deuses obedeciam.

Gregório explicou-lhe a doutrina cristã, mas chocou-se o sacrificador com a encarnação do Verbo, julgando indigno de Deus aparecer corporalmente entre os homens.

— Não são, disse Gregório, nem as palavras nem os argumentos humanos que persuadem esta verdade, mas as maravilhas do poder de Deus.

O sacrificador pensava e pensava. Afinal, propôs:



— Muito bem! Eis ali uma grande pedra, que muitos homens não conseguirão movê-la: ordena-lhe que deixe aquêlê lugar e ocupe o outro, além.

Gregório ordenou à pedra, e a grande mole, deslocando-se por si mesma, deixou o antigo lugar de anos e foi postar-se no indicado pelo sacrificador.

Foi decisivo para a vida daquele homem tal prodígio: abandonando mulher, filhos, propriedade e sacerdócio, seguiu São Gregório, com o discípulo, chegando a diácono.

Êsses milagres do Taumaturgo são referidos por São Gregório de Nissa, pelo irmão São Basílio, por Rufino, São Jerônimo, o historiador Sócrates, Teodoreto e outros. (5)

Todos os habitantes da cidade se alvoroçaram com o sucedido. Queriam vê-lo, queriam perscrutá-lo, mas São Gregório passou pelo meio dêles sem os olhar, como se, ao invés de o cercar a multidão, o cercasse o deserto. E isso a todos surpreendeu mais do que os próprios prodígios.

Como se desfizera de tudo, quando se retirara para a solidão, não tinha o Santo o que quer que fôsse, muito menos casa onde se alojar, de modo que os fiéis que o acompanhavam se afligiam com aquilo e murmuravam:

— Onde ficarás hospedado?

São Gregório disse-lhes:

— Por acaso não estamos todos cobertos e protegidos por Deus? Senti-vos, por acaso, muito apertados sob o céu? Deixai de lado as casas e tratai de edificar vossa casa espiritual, que as casas não servem senão para encobrir crimes de ladrões.

---

(5) Tillemont, Cellier.

Ditas essas palavras, muitas pessoas consideráveis na cidade adiantaram-se e ofereceram-lhe a casa. São Gregório aceitou a dum homem, Musônio, o primeiro que se lhe adiantara, um dos mais importantes e ricos cidadãos.

Antes do fim do dia, um grande número de gente ouviu a palavra de Deus. E, no dia seguinte, desde manhãzinha, viram-se, à porta do novo bispo, mulheres, crianças, velhos e tôda sorte de doentes. Gregório curou-os todos, e, aliando milagres à pregação, conquistou, em pouco tempo, grande multidão.

O Santo, a todos abençoando, dizia:

— O de que precisamos é erigir uma igreja.

E cada qual, solicitamente, contribuiu ou com dinheiro ou com trabalho.

A igreja ergueu-se no lugar mais importante da cidade e foi vista por todos como suportou o tremor de terra que os demais edificios abateu, quando da perseguição movida por Diocleciano.

Os milagres, de que eram testemunhas, levavam todos os habitantes de Neo-Cesaréia a dizer que Gregório nada fazia sem o consentimento e o poder de Deus. E concluíram que melhor nem mais autorizado tribunal do que êle para julgar-lhes as questões: todos os casos difíceis se decidiam com os conselhos do Santo, mesmo os que vinham de velhas rixas. E a harmonia entre os inimigos passava a substituir os mal-entendidos, os ódios e as desarmonias.

Um dia, dois jovens o solicitaram para árbitro. Eram dois irmãos que, ao dividir os bens do pai desaparecido, disputavam um lago. O Taumaturgo não conseguiu convencê-los de nada. Olhando para ambas as partes, que traziam homens armados, tal era a animosidade que reinava, disse-lhes:

— Amanhã de manhã iremos ao lago. Lá decidiremos a pendência.

Assim que os dois irmãos se retiraram, cada qual com os respectivos capangas, São Gregório dirigiu-se ao lago, causa da discórdia, e lá passou a noite a orar. Quando amanhecia, o Santo olhou as águas que a brisa matutina, fria, encrespava, e ordenou-lhes que se fôsem daquele local. As águas, obedecendo-lhe a ordem, evaporaram-se, de modo que nem uma só gôta ficara no côncavo do terreno.

Os dois jovens irmãos, acompanhados dos seus e de grande multidão, ansiosa esta última por apreciar o desfêcho da contenda, ao chegar onde fôra o lago, pasmou: tudo, por uma vasta extensão, era campo e só campo.

Os dois irmãos, instantâneamente, abraçaram-se, comovidos, e tornaram à amizade de outrora. Via-se, até há poucos anos, a marca do lago que se evaporara.

Doutra feita, tôda uma multidão, homens, mulheres e crianças, veio implorar a São Gregório o concurso contra um rio, o Lycus, que, engrossando assustadoramente, principalmente no inverno, rompia os diques e inundava os campos, fazia perigar a colheita, os animais e até os habitantes. O Taumaturgo atendeu-os. Acompanhou-os, e, pelo caminho, apoiando-se no seu cajado, foi-lhes pregando sôbre coisas da outra vida.

Quando chegaram ao lugar onde o rio costumava romper as barreiras, disse-lhes que só Deus, e não êle, fazia milagres. Invocando Jesus Cristo em altas vozes, rogou a Deus que detivesse e domasse aquelas águas e, fincando o longo cajado no lugar rompido do dique, com a multidão retornou à cidade.

O cajado transformou-se, criando raízes, numa grande árvore viçosa. E, quando o rio, no inverno, engrossava e subia, marulhento e espumejante, ao alcançar a árvore, retrocedia, quieto e calmo, ao leito que Deus lhe dera. Ainda hoje, aquêlê lugar se chama do Cajado.

Os milagres de Gregório multiplicaram em todo o país o número de cristãos: por tôda a parte, estabelecia-se o sacerdócio, a fim de que a fé crescesse e se espalhasse ainda mais.

A cidade de Comana enviou deputados ao Santo, para que instassem com êle e o convencessem de que devia ir ajudá-los a constituir a igreja e dar-lhes um bispo.

O Taumaturgo foi. E, como bispo, deu-lhes o Santo Alexandre, cuja festa se celebra a 11 de agosto.

Ao voltar de Comana, dois judeus, seja para escarnecer, seja para dêle conseguir algum dinheiro, usaram dum estratagema. Um dêles, deitado por terra, fêz-se de morto, e o outro pôs-se a lamentar-se. Aproximando-se o Taumaturgo, o judeu que se lamurava perquntou-lhe com que havia de enterrar o morto. São Gregório, sem dizer palavra, despiu o casacão que envergava e jogou-o sôbre o pretendido defunto. E, sem olhar para trás, continuou o caminho.

Quando já ia a certa distância, o impostor desandou a rir, a mais não poder, e correu ao companheiro:

— Levanta-te, que já se foi o nosso homem!

E ria-se, ria-se a bom rir.

O outro, porém, continuava esticado na estrada, imóvel. Sempre a rir, o amigo pedia-lhe:

— Levanta-te! Levanta-te, que êle já se foi!

Como o judeu não se mexia, o homem levantou o casacão que o Santo lhe atirara e caiu das nuvens: o amigo tinha no rosto a palidez dos mortos e estava hirto como um cadáver. (6)

Durante a perseguição do imperador Décio, São Gregório aconselhou o povo a que se garantisse, pela fuga, das arremetidas dos soldados: dos que lhe cabia velar, nem um só foi morto. Êle mesmo deu o exemplo, retirando-se para uma colina deserta, acompanhado do sacrificador do templo, que se convertera, e que depois foi feito diácono. Os soldados, guiados por um pagão da cidade, chegaram onde, dizia o delator, estariam o Taumaturgo e seu discípulo. O comandante distribuiu os homens para a busca e ficou, sentado numa pedra, à espera do resultado. Os soldados vasculharam tudo com grande meticulosidade: vãos da rocha, buracos e cavernas, o vale todo. O Santo, quando os sentira próximos, dissera ao discípulo:

— Ajoelhemo-nos aqui no vale e rezemos a Deus com confiança.

Ambos se ajoelharam. E, d'olhos fixos no céu, rogaram a Deus que, se fôsse da sua vontade, os poupasse daquela perseguição.

Os soldados, terminada a busca, voltaram ao comandante, dizendo-lhe que nada fôra visto naquela deserta região, a não ser duas árvores muito próximas uma da outra. Então, depois que os homens se foram, o guia, levado por estranho pressentimento, quis certificar-se das tais árvores que, êle sabia, não existiam ali. Ao chegar ao lugar em que os soldados disseram tê-las visto, notou o Taumaturgo e o discí-

---

(6) Greg. Nyss., De Vita S. Greg. Thaum.



pulo ajcelhados, um junto do outro, orando, d'olhos para o céu, extáticos.

Como abatido pelo raio, caiu também de joelhos, convertendo-se e passando, como êles, a perseguido, ao invés de perseguidor que era.

Cansados os pagãos, e desesperados, porque o não encontrava, voltaram-se contra o rebanho que São Gregório apascentava. Caçavam os escondidos, torturavam-nos e trancafiavam-nos nas enxovias. O Taumaturgo socorria-os pela oração.

Um dia, os que com êle estavam viram-no gritar, desviar os olhos como dum espetáculo odioso e tapar os ouvidos com as mãos nervosas. Ficou assim, imóvel, por muito tempo; ninguém tinha coragem suficiente para aproximar-se e tirá-lo daquela imobilidade. Afinal, sendo a tensão grande, alguém lhe perguntou, gritando nervosamente:

— Que tens tu? Dize, que estamos todos aflitos!

— Bendito seja Deus! exclamou o Santo.

— Tiveste uma visão? perguntaram-lhe, curiosos.

— Sim, tive-a. Vi um grande combate, onde um jovem venceu o demônio.

Era Trôada, o nobre, que, entregue ao governador pelo lictor, depois de tormentos atrozes, conseguira a gloriosa coroa dos mártires. (7)

O antigo sacrificador informou-se, cuidadosamente, e voltou a dizer que de fato tudo aquilo acontecera, fazia pouco.

De volta a Neo-Cesaréia, Gregório passou a visitar a diocese. Havia, então, muitos mártires, cujos corpos fêz transportar para diversos lugares; ordenou ao povo que se reunisse, todos os anos, para

---

(7) Greg. Nyss. Vita Greg. Thaum.



celebrar-lhes a festa, com alegria e regozijos públicos. Julgava que, assim, conseguiria arrancar da idolatria os grosseiros, atraídos que seriam pelas festas. Ao invés de adorar os ídolos, passariam a adorar a Deus, o verdadeiro Deus, fazendo-lhe, e aos mártires, o que aos ídolos faziam. Esperava que, com o tempo, daquelas exterioridades, passariam à verdadeira festa espiritual e tôda santa, o que já se realizara nos tempos de São Gregório de Nissa, que olha aquela condescendência do Santo como grande sabedoria. (8)

Outro acontecimento lhe serviu ainda para a conversão dos idólatras de Neo-Cesaréia. Celebrava-se, todos os anos, uma festa solene em honra dos falsos deuses. O povo do país acorria em massa. O local em que se realizava a festa ficava abarrotado: naquele ano, a multidão era tão grande, que nem os músicos, nem os trapaceiros e os demais charlatães podiam movimentar-se e exhibir-se. O povo, divertindo-se, a dançar, querendo expandir-se mais e mais, pôs-se a gritar, em altas vozes:

— Júpiter! Ó Júpiter, vinde em nosso auxílio!

São Gregório, sabendo do que se passava, mandou-lhes alguém dizer que teriam em breve o que mereciam.

Com efeito, a peste entremeteu-se na assembléa, e transformou a dança e os cantos de júbilo em correria e lamentações fúnebres. Foi como um fogo que se estendeu prontamente por tôdas as casas. Os templos estavam cheios de doentes, que iam implorar o socorro dos deuses e caíam mortos. Um espectro lhes entrava casa adentro como para adverti-los.

---

(8) S. Greg. Nyss. V. S. Greg. Thaum.

Ao redor das fontes, os que buscavam refrigério não o encontravam. Os gritos de dor e as lamentações enchiam o ar. E tôda a gente reconhecia claramente a causa do mal: os demônios invocados haviam acorrido para atendê-los.

Naquele transe, recorreram a São Gregório, conjurando-o a que os livrasse do flagelo, pelo poder do Deus que pregava, e que então reconheceriam como o Deus verdadeiro. Converteu-os São Gregório, todos: uns por ter livrado da doença, outros pelo mêdo que tinham de morrer. (9)

São Gregório, o Taumaturgo morreu no ano de 264, pouco depois do amigo São Dionísio de Alexandria. Vendo-se perto da morte, quis saber se ainda existiam infiéis na cidade de Neo-Cesaréia, seu território: soube, então, que havia dezessete.

— É triste, disse, olhando para o céu, mas dou graças a Deus de não deixar a meu sucessor mais infiéis do que achei cristãos.

A Igreja honra a memória dêsses dois grandes santos, Dionísio e Gregório, no mesmo dia, 17 de novembro.

\* \* \*

---

(9) Ibid.

## SÃO GREGÓRIO

### *Bispo de Tours*

São Gregório de Tours, a quem devemos os primeiros detalhes sôbre a história eclesiástica dos francos, nasceu em Auvergne, duma família senatorial. O bisavô foi o senador São Gregório, antes conde de Autun e, em seguida, bispo de Langres, depois da morte da espôsa, da qual teve três filhos: São Tétrico, seu sucessor no bispado de Langres, Jorge, avô de Gregório de Tours, e uma filha, que foi a avó materna. Jorge casou-se com Leocádia, vindo do senador Leocádio, que foi o primeiro da família a abraçar a religião cristã. Era parente de Vétio-Epagato, um dos ilustres mártires de Lião, sob Marco Aurélio.

Jorge teve de Leocádia dois filhos: São Gal, bispo de Auvergne, e Florêncio, pai de São Gregório. Florêncio casou-se com uma prima, Armentária, neta, do lado materno, de São Gregório de Langres, e sobrinha de São Nicet, bispo de Lião, e do duque Gondulge.

De Florêncio e Armentária nasceram: Pedro, que foi diácono da igreja de Langres; uma filha, cujo nome se ignora, e, finalmente, Gregório de Tours.

Nasceu Gregório no dia de Santo André, em 539. Teve como primeiros nomes Jorge e Florêncio, que eram os do avô e do pai, aos quais, mais tarde, acrescentou o de Gregório, em honra do bisavô, São Gregório de Langres.

Tendo perdido o pai, ainda jovem, recebeu os primeiros ensinamentos do tio São Gal, bispo de Clermont. Era virtuoso e estudava com afinco. Santo Avito, antes arcebispo e mais tarde bispo da mesma igreja, tomou-o para si. Estudou gramática e autores profanos, mas dedicava-se principalmente, e com aplicação, ao estudo das santas Letras.

Ficando seriamente enfêrmo na juventude, fêz com que o levassem à tumba de Santo Ilídio ou Aliro, quarto bispo de Clermont, e recuperou prontamente a saúde. Pouco tempo depois, adoecia novamente e, tão gravemente, que temeu pela vida.

— Meu bom filho, disse-lhe a mãe, como soffro por ver-te assim tão doente!

Gregório teve um sorriso animador:

— Não te preocupes, mãe. Leva-me novamente ao túmulo do bem-aventurado pontífice Ilídio. Tenho certeza de que te despreocuparás e alegrarás, vendo-me são.

Transportado, pois, à tumba do Santo, o jovem prometeu abraçar o estado eclesiástico, se lograsse curar-se. Imediatamente, sentiu-se diferente, todo êle bem-estar e absolutamente sem a febre que o vinha perseguindo.

Gregório cumpriu a promessa, e foi feito diácono, assim que alcançou a idade exigida.

Era grande devoto de São Martinho. Prestava-lhe mesmo uma devoção tôda particular. Então, duma feita, sentindo-se outra vez muito doente,

tanto que só pensava em como lhe seriam os funerais, vivendo sob grande depressão nervosa, foi-se abastendo a olhos vistos. Prestes a entregar a alma a Deus, reuniu todo o ardor que ainda lhe ficara, e invocou o Santo. Quase que instantâneamente percebeu que o mal se arrefecia. E foi, de melhora em melhora, recuperando-se.

Era em 563, e um grande desejo de ir visitar a sepultura de São Martinho o empolgou todo. Embora convalescente, pôs-se a caminho, com alguns amigos. Depois de dois ou três dias de marcha, ao chegar ao meio duma vasta floresta, sentiu-se todo banhado dum gélido suor incômodo, e a doença voltou com maior violência. Ah! Morrer ali, naquela deserta mataria?

Os amigos, nervosos, sem saber o que fazer, afinal sugeriram:

— Voltemos, voltemos todos. Se morreres, que Deus te livre, pelo menos estarás em casa, junto dos teus. Se melhorares, fortalecer-te-ás, e então faremos mais animadamente a peregrinação. É melhor do que morrer neste deserto, longe de todos.

Diante daquelas palavras, Gregório pôs-se a chorar. E, olhando ternamente os bons amigos, disse-lhes:

— Eu vos conjuro, pelo Deus todo-poderoso e pelo dia do julgamento, tão terrível para os culpados todos, que consintais no que vou propor-vos. Não abandonemos a viagem que começamos. Se eu merecer ver a basílica de São Martinho, renderei graças a Deus. Se não, levai meu cadáver para sepultá-lo ali.



— Mas estás mal, meu bom Florêncio, disse-lhe um dos amigos. Estás muito mal. Não suportarás o resto da caminhada, que é muito.

Gregório suspirou:

— Estou resolvido a não voltar, gemeu. Fazei isso por nossa amizade.

Chorando, todos se encaminharam para diante.

Na companhia de Gregório havia um clérigo chamado Armentário, que lhe era muito afeiçoado e que fôra grande conhecedor das santas Escrituras e muito hábil na música: uma pestilenta doença, porém, o privara de entender e reter o que quer que fôsse, e agora vivia num mundo diferente, meio idiota.

Depois de penosa caminhada, dir-se-ia sem-fim, com a ajuda de Deus alcançaram a basílica. E foi uma grande alegria para todos: dentro de poucos dias, Gregório sentiu-se outro. Voltaram-lhe as côres, voltaram-lhe as fôrças. E a saúde vinha rapidamente, pois a alegria de todos era enorme. É que se dera um milagre, maior do que o da cura de Gregório: Armentário voltava a ser o que era. Fino, inteligente, ágil de espírito, cheio duma alegria que contagiava.

Ao regressar, Gregório trouxe três círios que arderam sôbre o túmulo de São Martinho, os quais serviram para operar muitos milagres. É São Gregório mesmo quem nos relata tudo isto. (1)

Com a morte de Eufrônio, bispo de Tours, em 573, depois de sete anos de episcopado, o povo, a nobreza e o clero da cidade, que conheciam as virtudes e o talento de Gregório, elegeram-no, de comum

---

(1) De Mirac. S. Mart. L. I, c. XXXIII et XXXII.



acôrdo, e enviaram o decreto da eleição ao rei Sigeberto da Áustria, de que Tours então dependia.

Gregório encontrava-se precisamente na côrte de Sigeberto que, de conformidade com a rainha Brunehaut, obrigou o Santo a aceitar a vontade de todos, fazendo com que fôsse ordenado em Reims mesmo, pelo bispo Egídio, vinte dias depois da morte de Eufrônio, de modo que a sede de Tours não ficou vaga senão dezenove dias.

Eis como Gregório se refere ao acontecimento:

"Embora indigno de ser bispo, Deus quis que, no décimo-segundo ano de Sigeberto, eu fôsse escolhido para carregar o fardo do episcopado". (2)

Estava o Santo, então, com trinta anos, e todos os bispos de Tours, com exceção de cinco, haviam sido aliados da família de Gregório.

Dois meses depois, já à frente do episcopado, foi acometido duma disenteria, acompanhada de alta febre, que quase o vitimou. Chamado o médico, disse-lhe:

— Tu lançaste mão de todos os recursos de tua arte, em vão. Mas tenho uma excelente teriaça e vou dar-te a receita; se não me curar, ir-se-á tôda a esperança. Vai ao túmulo do senhor São Martinho e traze um pouco do pó que o cobre. Em seguida, faze dêle uma poção.

Assim foi feito, e Gregório tomou a primeira colherada às nove horas da manhã, sentindo-se refeito, tanto que, ao meio-dia, se levantou para o almôço. É êle quem relata o milagre que se operou em si mesmo. (3) A mãe, logo depois da ordenação,

(2) De Mirac. S. Mart. L. II, c. I.

(3) De Mirac. S. Mart. L. II, c. I.

estêve em Tours e foi igualmente curada das dores que tinha, havia trinta e quatro anos, nas pernas. (4)

Ao tomar posse do episcopado, Gregório encontrou a cidade de Tours desolada por um grande incêndio, ainda em vida do predecessor, e pelas devastações causadas pelas guerras civis.

Principiou, então a trabalhar. E iniciou a reparação das igrejas arruinadas, principalmente a da catedral, dedicada aos mártires de Agaune, São Maurício e companheiros.

Sendo Sigeberto o assassinado em 575, o irmão Chilperico apoderou-se da Turena, em prejuízo do filho do morto, Childeberto II. Em conseqüência dessa revolução política, o duque Boson refugiou-se na igreja de São Martinho, Chilperico enviou o duque Roccolino, com tropas, para dizer a Gregório que lhe entregasse Boson, sem o que incendiaria os arrabaldes e a cidade.

O bispo, aflito, ajoelhou-se, choroso, no túmulo de São Martinho; durante a oração que fazia, uma mulher, paralítica já de doze anos, que ali se achava, foi curada. Encorajado por aquêlê milagre, enviou Gregório, no dia seguinte, um mensageiro a Roccolino, para dizer-lhe que desejava uma coisa jamais feita.

— Quem jamais, dizia ao duque o mensageiro, violou assim a igreja de São Martinho? Vêde que, nem vós nem o rei que vos dá ordens, saireis bem. Crede na virtude de nosso santo bispo, e não façais tal. Ontem mesmo, orando, no sepulcro de São Martinho, curou uma paralítica. Não será, porventura um sinal do céu?

---

(4) Ibid. L. III, c. X.

Pouco impressionado com aquelas advertências, Rocolino começou por destruir uma casa da igreja, aquela em que se hospedara, para lá do Loire. Na mesma hora, porém, foi tomado de icterícia. Era um aviso do céu: Rocolino, todavia, desprezou-o. E ameaçou destruir os arredores todos da cidade, caso não lhe entregassem Bosen naquele dia mesmo.

O mal aumentava a olhos vistos; mesmo assim, montado a cavalo, rumou para Tours. Era na Epifania; encontrando nas ruas uma procissão que ia para a catedral, seguiu-a, ostensivamente, junto da cruz, que ia precedida de estandartes, como era o costume. Ao entrar na igreja, abrandou-se-lhe o furor, mas a doença progrediu. Afinal, morreu no mês seguinte. (5)

Diante de tão funesta morte, e tão rápida para quem gozava de férrea saúde, o rei Chilperico, intimidado, acovardou-se. Conhecedor que era do grande poder de São Martinho, escreveu-lhe uma carta, na qual perguntava se lhe era permitido retirar Bosen da igreja. Um diácono de Tours levou-lhes a carta, depositando-a respeitosamente na tumba do Santo, com uma folha em branco, para a resposta, resposta que, esperada por três dias, não veio. Tomando aquilo como indigno de ouvido pelo grande bispo morto, enviou deputados à igreja, dando a Bosen, sob juramento, a liberdade. Vê-se, então quão grande era o poder miraculoso de São Martinho e a firmeza dos bispos que forçavam os reis da França a respeitar a Deus, a justiça e a humanidade no meio das guerras civis.

---

(5) Greg. Tur., L. V, c. XXIV.

São Germano, bispo de Paris, para isso contribuiu, por sua vez. Morreu no ano de 576, a 28 de maio. A pompa fúnebre converteu-se num triunfo, tão grande foi o número de milagres que se operaram por ocasião do enterramento. Ao passar o corpo em frente da prisão, os detentos, com unção, invocaram-no e viram-se livres: caíram-lhes as cadeias que os submetiam, abriram-se-lhes de par a par as portas tôdas do presídio. E todos, sem exceção, a chorar, acompanharam o milagroso bispo até o lugar em que seria sepultado, louvando-o e bendizendo-o em altas vozes. Um paralítico, sentado à porta da igreja de São Vicente, invocando-o, ficou curado. Era São Germano, como se dizia, espelho da Igreja, fôrça da pátria, pai e médico do rebanho que apascentava com carinhosa sabedoria. Foi enterrado numa capela da igreja de São Vicente, depois de São Germano, tantos os milagres realizados à beira do sepulcro em que repousava. Sucedeu-lhe Rognemode e, por quaisquer circunstâncias, foi mais cortesão que bispo.

Gregório de Tours era bispo em tudo e por todos. Em meio das querelas de Chilperico com o filho Meroveu, São Pretextato, bispo de Ruão, e padrinho do jovem príncipe, foi acusado de conspirador num concílio de quarenta bispos reunidos em Paris, Chilperico mesmo foi o acusador, mas induzido por Fredegunda, a rainha. Retirando-se o rei do concílio, os bispos não sabiam que fazer, ou melhor, contemporizavam a condenação, atemorizados. Aécio, arceediago de Paris, levantou-se e disse:

— Pontífices do Senhor, que estais reunidos, ouvi-me. É neste momento que deixareis o nome ilustrado e honrado para sempre ou desprezado e desonrado como jamais. Quem haverá de vos ver

como bispos? Ninguém, nunca mais, se vos faltar a firmeza e deixardes perigar vosso irmão.

A repreensão era oportuna. Mas o mêdo a uma mulher, o mêdo que lhes tinha de Fredegunda fechou a bôca dos bispos todos. Um pesado silêncio caiu sôbre a assembléia, demorado, incômodo, enervante. Gregório de Tours, tomando a palavra, disse-lhes:

— Muitos santos pontífices de Deus, e principalmente vós que sois da confiança do rei: dai a êsse príncipe um conselho, um conselho saudável e, sobretudo, digno de bispos. Dizei a êle: “Senhor, não tendes mêdo da cólera de Deus, de perderdes o reino e verdes murchar vossa glória, perseguindo um ministro do Senhor?

O silêncio continuava, pesado.

Gregório tornou a falar-lhes:

— Senhores bispos, lembrai-vos das palavras do profeta: quem vê a iniquidade do homem, e não o adverte, será culpado do perecimento daquela alma.

Teimosamente, o silêncio permanecia envolvendo a assembléia.

Afinal, dois bispos aduladores, Bertram de Bordéus e Ragnemode de Paris, foram ao rei e disseram-lhe que jamais tivera maior inimigo do que Gregório de Tours.

Chamado ao palácio, Gregório encontrou, entre os dois prelados cortesãos, o irritadiço Chilperico, que lhe perguntou:

— Bispo, tu me acusas de indigno?

Gregório respondeu-lhe:

— Senhor, se qualquer de nós se afastar do caminho da justiça, vós podeis corrigir-nos. Mas, afastando-vos vós, quem vos corrigirá? Nós vos falamos, é verdade, mas vós nos escutais, se vos



apraz. Ora, se não quizerdes ouvir-nos, quem vos condenará senão aquêlê que disse que é a justiça mesma?

O rei, que os adutores haviam atizado contra Gregório, replicou com veemência:

— Todos me têm como justo, ments tu. Sei, porém, o que devo fazer para desmascarar-vos e fazer-vos conhecer vossa injustiça. Reunirei o povo todo de Tours, e dir-lhe-ei que vos apupe. Então, apoando-lhes o clamor, hei de dizer: "Apesar de rei que sou, não pude achar justiça neste bispo: como a achaste vós?"

Gregório retrucou, imediatamente:

— Se sou injusto, vós não o sabeis. Não há aquêlê que penetre o coração humano e, no recesso, na intimidade do coração, lhe descubra os segredos. Quanto ao clamor do povo, garanto-vos, senhor, far-vos-á mais mal a vós que a mim.

— Por que? riu-se Chilperico.

— Por que? tornou Gregório, sempre com firmeza inabalável. Porque vós bem o sabeis; não há necessidade que vos diga a razão.

Chilperico tornou-se mais doce. Tanto que o convidou para jantar, porque os reis da França não deixavam sair do palácio as pescas que tinham em consideração sem que lhes dessem qualquer coisa.

— Nosso alimento, senhor, disse o Santo, deve ser o de fazer tôdas as vontades de Deus, sem que procuremos degustar as delícias que dêle porventura advenham. E vós, príncipe, que tachais os outros de injustos, deveis prometer que nada fareis contra a lei e os cânones; então, creremos que não buscais senão a justiça.



O rei tinha um largo sorriso estampado no rosto, até há pouco sombreado pela ira. Levantou-se, estendeu a mão francamente para o bispo e disse, verdadeiramente:

— Juro por Deus todo-poderoso que respeitarei tudo o que os cânones ordenam.

Gregório jantou no palácio e, pouco depois, retirou-se.

Na noite seguinte, depois que cantou o ofício das matinas, ouviu o bispo que lhe batiam rudemente na porta. Abriu-a. Eram vários homens.

— Que desejais? perguntou-lhes o Santo.

— Falar-vos.

— Quem sois?

— Vimos da parte de Fredegunda.

— E então?

— Trouxemos-vos uma bôlsa recheada de moedas, duzentas libras de prata, precisamente. Serão vossas, se quizerdes declarar-vos contra Pretextato.

São Gregório teve um curto, mas triste sorriso.

— Senhores, disse-lhes, o que posso prometer-vos é que tudo se fará segundo os cânones.

Os enviados de Fredegunda, não o entendendo, retiraram-se, agradecendo-lhe a atenção.

Desde aquêlê dia, vários bispos foram a êle, da parte de Fredegunda, mas receberam invariavelmente, a mesma resposta.

O concílio reuniu-se pela segunda vez. E o rei, comparecendo na assembléia, tornou a acusar o prelado.

— Que tendes a dizer? perguntou a Pretextato.

Pretextato justificou-se, e tão bem, que Chilperico, deixando o concílio, rodeado dos adutores, falou-lhes:

— Ouvi a justificação de Pretextato e fiquei convencido. No fundo de minha consciência sei que tudo o que disse é verdade. Que farei agora para contentar a rainha?

Depois de ter pensado por um momento, acrescentou:

— Ide a Pretextato e dizei-lhe, como se fôra um conselho: “Vós sabeis como o rei Chilperico é todo êle bondade e se deixa fàcilmente vergar: humilhai-vos diante dêle e dizei-lhe que sois culpado do que vos acusam. Então, todos nós nos lançaremos do joelho e pediremos misericórdia para vós”.

Pretextato, seduzido pelos indignos colegas, assim fêz. E o que aconteceu foi que Chilperico, dramàticamente, lançou-se êle, por sua vez, aos pés dos bispos, a bradar:

— Escutai, piedosos, muito piedosos pontífices, escutai um criminoso que confessa um atentado execrável!

Os bispos, porque grande parte dêles desconhecia tão infernal maquinação, em lágrimas, correram levantar respeitosamente o rei, que antes de retornar ao palácio, ordenou fôsse Pretextato retirado da assembléia.

Mais tarde, enviou ao concílio um compêndio de cânones, onde se lia êste artigo: “Que o bispo, confessando-se homicida, adúltero ou perjuro, seja deposto”.

Pretextado, que reconheceu, mas muito tarde, a infâmia, estava perplexo. Um dos maquinadores, Bertram de Bordéus, disse-lhe:

— Meu irmão, como caístes na desgraça do rei, não podeis jamais participar da nossa comunhão.

Não fostes merecedor da benevolência do rei! Foi pena! Que havemos de fazer?

Gregório de Tours opôs-se com coragem, lembrando ao rei a palavra dada, o juramento que fizera de não transgredir os cânones. Mas Pretextato foi prêso, metido numa escura masmorra, da qual, pretendendo fugir durante a noite, foi apanhado, rudemente castigado e embarcado, no dia seguinte, para uma ilha perto de Coutance, querem crer alguns que na ilha de Jersey.

Gregório foi o único bispo que teve coragem de levantar a voz, de mostrar-se verdadeiramente bispo. E aquela não foi a última vez.

Em 580, foi êle mesmo acusado de ter falado mal da rainha Fredegunda. O autor da acusação era um escravo chamado Leudasto, escravo de nascença, mau cozinheiro, depois mau padeiro do rei Chariberto, que lhe cortara uma das orelhas para puni-lo pelas frequentes deserções.

Depois disso, pela benevolência duma das filhas do cardador de lã que Chariberto desposara, chegou êle a conde dos estábulos, e enfim, conde ou governador da Turena. Como governava a província tal qual a cozinha, foi despojado do cargo. Tal era o acusador, que dizia ter São Gregório acusado a rainha Fredegunda de adultério com o bispo Bertram.

Chilperico, encolerizado, ordenou metessem o caluniador na prisão, onde passou a berrar, a mais não poder, que tinha testemunhas. Diante disto, o rei reuniu um concílio para julgar a acusação.

Gregório, citado para defender-se, foi dos primeiros a comparecer.

O rei, ao chegar, saudou os bispos, recebeu-lhes a bênção e deu a sessão por iniciada. Então, Ber-

tram de Bordéus, que era acusado de adultério com Fredegunda, expôs a questão e interpelou Gregório, como autor da calúnia.

— Nunca disse o que me imputais! respondeu êle, calmamente, mas com veemência. Jamais!

E o rei:

— O crime de minha mulher é minha desonra. Se credes que devemos ouvir testemunhas contra um bispo, ouvi-la-emos. Se, porém, julgardes que não, acatar-vos-ei.

Todos admiraram a prudência e a moderação do rei. E fizeram-lhe ver que não devia admitir-se que uma pessoa de condição inferior testemunhasse contra a asserção dum bispo. É que a testemunha de Leudasto era um subdiácono, um tal Riculfo, que, seduzido pela promessa do episcopado, se prestara para depor contra São Gregório.

E opinaram:

— Estamos convictos de que se o bispo Gregório disser a missa sôbre três altars, estará purgado do juramento que a acusação lhe fêz.

Aquilo era contra os cânones, mas o concílio acreditou dever passar sôbre as regras ordinárias, para dar alguma satisfação ao rei. E tudo serenou. Quanto a Leudasto, foi excomungado, como autor que fôra do escândalo. Perseguido por homens da rainha, viveu por algum tempo fugido, escondendo-se nesta e naquela igreja. Finalmente, apanhado, foi morto, porque Fredegunda jamais lhe perdoou.

O subdiácono Riculfo foi condenado à morte, como caluniador, mas Gregório conseguiu-lhe o perdão.

São Gregório de Tours era um digno pontífice, não sômente pelas virtudes, mas ainda pela doutrina.

Agilano, embaixador de Levegildo a Chilperico, pôs-se a incomodar o Santo com assuntos relativos a fé.

— Os antigos bispos erraram, dizia, decidindo que o Filho é igual ao Pai. Porque, como poderá ser igual ao Pai em poder aquêle que diz: *O Pai é maior do que eu?*

Gregório perguntou-lhe:

— Tu crês que Jesus Cristo é Filho de Deus? Que é a sabedoria, a luz, a verdade, a vida, a justiça?

Agilano respondeu-lhe:

— Creio.

— E então? replicou Gregório. Quando é que o Pai foi sem sabedoria, sem luz, sem vida, sem verdade, sem justiça? Porque, do mesmo modo que o Pai não poderia ser tudo isso, assim não o poderia sem o Filho. Nem Pai seria, se não tivesse um Filho. Agora, quanto ao que dizes, ou seja: *O Pai é maior do que eu*, disse-o o Filho referindo-se à carne que tomou para resgatar-nos, não pelo poder, mas pela humildade.

O resultado das discussões de São Gregório com Agilano foi frutífero. Ao voltar para a Espanha, Agilano adoeceu gravemente, acabou abjurando o arianismo e fêz-se católico. O mêdo, talvez, do desconhecido fê-lo lembrar-se de Jesus-Homem, e a crença de que o Filho de Deus era Verdadeiro Deus o levou a abraçar a fé sem mais delongas. (6)

São Gregório teve, mais tarde, discussões semelhantes com outro embaixador de Levegildo, chamado Opila, que se dizia católico e cria no Pai, no Filho e no Espírito Santo, nos três reconhecias as

(6) Greg. L. V, c. XLIV.



mesmas virtudes, mas não queria se lhes rendesse a mesma glória. (7)

Um dia, teve Gregório necessidade de ir ver Chilperico, por negócios da diocese. Uma vez no palácio, encontrou-o com um judeu, um tal Prisco. O rei, vendo Gregório aproximar-se, agarrou o judeu pelos cabelos e, rindo-se, disse ao bispo:

— Vinde, pontífice do Senhor, imponde-lhe as mãos.

Como o judeu, debatendo-se, procurasse escapar, Chilperico gritou:

— Ó coração empedernido, ó raça perenemente incrédula, que se obstina em não reconhecer o Filho de Deus, prometido pelos profetas! Ó raça que não crê nos mistérios de nossa fé!

O judeu respondeu-lhe:

— O casamento não convém a Deus, e Êle não tem filhos! Não vêdes que disse a Moisés: "Eu sou o Senhor, e não há outro Deus que não eu mesmo?"

O rei disse:

— Deus engendrou do próprio seio espiritual um Filho espiritual, tão antigo e poderoso quanto Êle mesmo. Já era antes dos séculos, mas enviou o Filho ao mundo para remediar nossos males, como diz teu profeta: "Êle enviou o Verbo, e curou-os".

— Pode um Deus, replicou o judeu, fazer-se homem, nascer de mulher, ser chicoteado e depois ser condenado a morte?

Disse-lhe São Gregório:

— Foram nossas necessidades, não as d'Êle, que levaram Deus a se fazer homem, porque, se não

---

(7) Greg. L. VI, c. XI.



tivesse tomado a natureza humana, não poderia tirar o homem da servidão do demônio. Não citarei a autoridade do Evangelho e do Apóstolo; não, porque não crês nem num nem noutro. Citarei apenas testemunhos de teus livros, para atravessar-te com a própria espada, como fêz Davi ao encontrar Golias.

E citou as mais belas profecias do Antigo Testamento, aquelas que referem que Deus se faria homem e sofreria a morte. A de Baruc, a de Isaías, a do salmo 21 sôbre a paixão do Senhor, a do 95, *Dominus regnavit a ligno*, para mostrar que Jesus Cristo devia ser pregado na cruz.

Como o judeu parecesse escandalizado, principalmente com os sofrimentos dum Deus, Gregório, para que sentisse as causas e os frutos, citou-lhe o belo capítulo de Isaías, onde o profeta, falando do futuro, o pinta como coisa já sucedida. Discorreu também sôbre a célebre profecia de Jacó, com respeito à vinda do Messias, e sôbre outros temas mais. O judeu, porém, continuava insensível e silencioso. (8)

A obstinação de Prisco não arrefeceu o zêlo de Chilperico no tocante à conversão dos outros judeus. Gabou-se mesmo, mais tarde, de ter levado muitos dêles à fé católica, aos quais fêz batizar em Paris, no ano de 582, com grande pompa, e dos quais quis ser padrinho. Muitas dessas conversões, porém, foram simuladas.

Com Prisco, irritou-se. O judeu teimava e teimava. Então, meteu-o na prisão. Tempos depois, o judeu mandou dizer a Chilperico que faria o que êsse príncipe desejava. Foi uma das conversões

---

(8) Greg. L, VI, c. V.

simuladas. Prisco acabou sendo assassinado por um compatriota convertido. Chamava-se Phatir, inimigo de Prisco já de longa data. Sabedor de que êste observava secretamente as cerimônias judaicas, matou-o. Phatir, pouco depois, por sua vez, acabou sendo trucidado pelos parentes daquele que assassinara. (9)

São Gregório foi não só um santo e douto pontífice, mas ótimo escritor, ao qual, particularmente, a nação dos francos deve reconhecimento eterno. Gregório de Tours fez o próprio catálogo daquilo que escreveu.

“Além de dez livros de História, escrevi, diz êle, sete livros de milagres, um livro da *Vida dos Padres*, um comentário sôbre os salmos, e um tratado do ofício divino”. (10) Os dois últimos desapareceram. Os sete livros de milagres são: um livro da glória dos mártires, outro da glória dos confesores, um terceiro sôbre os milagres de São Juliano, bispo de Brionde, em particular, e quatro sôbre os milagres de São Martinho, milagres que, muitos dêles, foram operados no tempo e às vistas do autor.

O livro *Vida dos Padres*, contém, em vinte capítulos, a história de santos bispos ou monges das Gálias, que viveram no tempo do Santo, e aos quais conhecera particularmente.

O mais considerável de São Gregório de Tours é a obra histórica, dividida em dez livros. O título fala duma “História Eclesiástica dos Francos”, mas, em meio à história eclesiástica, vem, igualmente, a

(9) Greg., L. VI, c. XVII: «Hist. da Igreja Gal».

(10) Greg. L. X, c. ultim.

civil, bem como a estrangeira. E no prefácio diz que se propôs a escrever os combates dos reis contra as nações inimigas, os dos mártires contra os idólatras e os da Igreja contra os heréticos. Depois de pedir perdão aos leitores pelos erros de gramática que lhe seriam atribuídos, faz a profissão de fé, onde confessa que o Espírito Santo procede do Pai e do Filho, o que mostra este dogma nas Gálias como um artigo de fé, muito tempo antes das disputas com os gregos.

São Gregório começa a narração desde a criação do mundo e continua-a até o ano 591 de Jesus Cristo. O primeiro livro resume a história santa, a história antiga e a história da Igreja, até a entrada dos francos nas Gálias. Embora primeiro historiador daquela nação, São Gregório não lançou mão de fábula alguma.

Os cronistas que vieram depois d'ele, querendo ligar a história dos francos à história poética dos gregos, dirão que, tendo sido Tróia tomada pelos gregos, o rei Enéias retirou-se para a Itália, mas que Priamo e Antenor, com doze mil troianos, entraram pelo Danúbio na Panônia. Lá, bateram os alanos ou os alemães dum modo tão furioso, que o imperador Valentiniano lhes deu o nome de francos, isto é, ferozes.

À morte de Priamo e de Antenor, os filhos Marcomir e Sunnon, foram os dois chefes. Morto Sunnon, os francos resolveram não ter mais que um único chefe, e elegeram o filho de Marcomir, que se chamava Faramundo, o qual foi o primeiro rei cabeludo. A Faramundo sucedeu o filho Clódion. A Clódion, um parente, Meroveu. A este, o filho Childerico, e a Childerico o filho Clodoveu ou Clóvis,

que foi o primeiro rei cristão. É o que dizem as antigas crônicas dos francos. (11)

Gregório de Tours, mais antigo que tais crônicas, não cita uma palavra dessas origens fabulosas. Nem sequer faz referência a Faramundo. O primeiro rei franco que cita é Clódion. Nos tempos anteriores, fala de Sulpício Alexandre e Renato Frigerido, dois historiógrafos que não conhecemos senão por êle.

Depois da época de Clódion, até o fim da sua história, cêrca de cento e setenta anos, tem Gregório como guia os escritos de Sidônio Apolinário, de São Remi de Reims e doutros contemporâneos, a tradição viva e, enfim, o próprio testemunho. Porque o Santo presenciou os acontecimentos dos últimos cinqüenta anos. Certamente, não há nação que tenha tido um historiador que chegasse tão perto das origens.

Gregório de Tours não escreveu apenas por escrever, como passatempo, mas para ser, acima de tudo, útil e porque não havia quem pensasse em consignar na história os acontecimentos da época em que vivia. Tem o Santo as qualidades essenciais para um historiador: a boa-fé, a candura e a tranqüila coragem de dizer aos príncipes o que convém: tanto o bem como o mal. O estilo não é dos bons. Êle mesmo o reconhece. A falta é mal do século: os estudos pereciam, ou, em meio à invasão bárbara e guerras civis, eram deixados para depois. Em tal época de crise, os homens mais capazes, os bons bispos, os santos monges, trabalhavam mais os homens do que as frases. Viam na palavra não um meio de entretenimento, como os retóricos da Grécia, mas um instrumento de salvação para converter ao cristianismo a

---

(11) Gesta. reg. Franc., c. I-XV.

multidão confusa de francos, gôdos, gauleses, romanos, que ocupavam as Gálias, multidão confusa que só entendia o que se lhe dizia de modo direto e sem rebuços. A história de Gregório de Tours, todavia, é melhor escrita do que tôdas as biografias imperiais de Lamprida, de Júlio Capitolino, de Trebêlio Pólion.

Sôbre o paganismo, a literatura popular era a história fabulosa de deuses e deusas, suas rusgas, amôres, adultérios, metamorfoses, que os poetas cantavam, ou se representava nos teatros. E por tudo iam estátuas que enchiam as cidades, os campos, as ruas, as praças, o interior mesmo das casas. Eis a instrução religiosa e moral do povo. Era o vício em todos os sentidos e por tôda parte.

Com o cristianismo, a literatura popular passou a ser, desde o início, o Evangelho, o Antigo e Novo Testamento, os atos dos mártires, que eram lidos nas assembléias públicas, a vida dos Papas, escritos de Santo Atanásio, São Jerônimo, Rufino de Aquilêia, Cassiano de Marselha, e doutros muitos. Encontrava, então, o povo o ensinamento e o exemplo de tôdas as virtudes, ensinamento e exemplo que lhes era lembrado sem cessar pelas igrejas, nas festas dos santos, nos hinos, nas procissões e nas peregrinações, e na edificante narrativa dos milagres.

Diz, então, Gregório de Tours que, ao invés de escrever sôbre a fuga de Saturno, a cólera de Juno, as devassidões de Júpiter e outras fábulas pagãs, escreveu sôbre as virtudes e os milagres de Jesus Cristo e dos santos, seja por ler ou conhecer de outros, seja por saber por si mesmo, por ter sido testemunha ocular. Como jamais a candura, a simplicidade e a boa-fé do Santo seriam postas em dúvida, o testemunho que nos deixa é insuspeito.



No que nos diz sobre a Virgem, vê-se que desde então era o sentimento comum dos cristãos: criam que a Mãe de Jesus, depois de morta, fôra elevada em corpo e alma para o céu. Porque fala da ressurreição e assunção corporal de Maria como coisa de que ninguém duvidava. (12)

De fato, muito tempo antes de São Gregório de Tours, a Igreja romana nisso já cria, como se vê pelo sacramentário ou missal do papa São Gelásio. A Mãe de Deus, como se dizia e hoje se diz também, sofreu a morte temporal mas não foi humilhada pelas algemas da morte. Por isso que Gregório diz que, desde aquela época, costumava colocar-se nas igrejas a imagem de Maria com o Menino Jesus nos braços.

Era costume no Oriente, quando ficavam muitas parcelas do corpo de Jesus Cristo depois da comunhão, chamarem-se as crianças das escolas para que as consumissem. Um dia, à igreja, com as demais crianças, ia um judeuzinho, filho dum vidraceiro, que acabou, como os companheiros, participando do corpo e do sangue de Jesus Cristo. Muito alegremente, ao chegar em casa, contou ao pai o que se lhe dera. O judeu, terrivelmente encolerizado, esquecendo-se da ternura paternal, lançou o filho ao forno, que encheu de lenha mais do que costumava ordinariamente, para obter fogo mais violento. A mãe, que, casualmente, passava pelo cômodo, presenciou a cena. Louca de dor, pôs-se a chorar e a gritar, o que atraiu a vizinhança toda. Quando souberam de que se tratava, tudo fizeram para salvar a infeliz criança: subjugaram o perverso pai e abriram a portinhola do

---

(12) De Gl. mart., L. I, c. IV.



forno. O espanto de todos foi enorme: o judeuzinho estava sentado sôbre uma grande acha a arder, como se fôra no mais fresco banco dum jardim ameno. E sorria. Chamaram-no e tiraram-no do abrasado. E, no lugar do pobrezinho, atiraram o desnaturado pai.

A mãe, agora louca de alegria, custava crer no que os olhos viam.

— Estás bem? perguntava ao filho, apalpan-do-o, procurando queimaduras que não existiam.

Ao perguntarem ao menino o que lhe sucedera dentro do fogaréu que estralejava dentro do forno, respondeu:

— A Senhora que leva o Menino ao colo, aquela mesma que se encontra num dos altares da igreja, apareceu-me dentro do forno e protegeu-me com o manto. A princípio senti o calor, mas nem bem entra-ra, ela surgiu, cobriu-me e nada sofri.

A mãe e o filho foram instruídos na fé católica e batizados, bem como grande número de judeus da cidade, que era Constantinopla. (13) Sôbre Maria, contava-se já muita coisa.

Supõe-se que São Gregório de Tours era crédulo, quer dizer, que acreditava fàcilmente e sem provas em tudo que lhe diziam. Supõe-se, diz-se, pelo seguinte fato: falando do madeiro da verdadeira cruz, diz êle:

“A virtude do lenho foi-nos manifestada desta maneira. Alguém apresentou-nos um véu de sêda muito velho, que dizia-nos, envolvera a cruz do Senhor em Jerusalém. Na nossa rusticidade, a coisa pareceu-nos incrível, e procuramos imaginar como pudera me-

---

(13) Greg. De Gl. mart., L. I, c. X.

recer tão imenso favor. Porque sabíamos que, nos dias em que se adora o lenho sagrado, não sòmente pessoa alguma consegue obter o que quer que seja, como é mesmo afastada a chicotadas quando, um tanto ousadamente, se aproxima mais do que lhe é permitido. Dissemos ao homem que nos falava o que pensávamos. Respondeu-nos: "Quando estava em Jerusalém, encontrei o abade Futen, muito querido da imperatriz Sofia, tanto que lhe confiou todo o Oriente como a um prefeito. Quando parti do Oriente, dêle recebi relíquias de santos e êste véu que então envolvia a santa cruz". Quanto ao véu, deu-mo a mim. Levei-o à água, que, em seguida, dei de beber a doentes de febre: imediatamente, ficaram curados por efeito da virtude divina. Do véu, cortei um pedacinho e dei-o a um abade, que, vindo ver-me dois anos depois, contou-me, sob juramentos, que havia curado doze energúmenos, três cegos e dois paralíticos. Um dia, meteu mesmo o pedaço de véu que lhe dera na bôca dum mudo e o homem falou na mesma hora. Ademais, a promessa mesma do Senhor leva-nos a crer fielmente, quando diz: "Tudo o que pedirdes em meu nome vos será dado".

Eis como Gregório expunha a sua maneira de agir. Não nos parece que agia como querem muitos, afoitamente e sem provas. O que lhe disse o tal peregrino é confirmado pela história. O abade Futen, que o douto Ruinart confessava não conhecer, é o abade Fotino ou Fótio, enteado de Belisário, que, como pode ver-se na "História da Igreja", foi enviado ao Egito pelo imperador Justino e pela imperatriz Sofia, com plenos poderes para pacificar o país.

## SANTA HILDA (\*)

### *Abadêssa*

Santa Hilda, que conhecemos, principalmente, pela *História Eclesiástica* de Beda, foi abadêssa de Whitby. Filha de Hererico, sobrinho do rei Santo Edwin, recebeu Nosso Senhor graças às pregações de São Paulino.

Santa Hilda aplicou-se na organização da vida regular. Aidan e os religiosos que a conheciam admiravam-lhe a sabedoria e o amor que a atirava para as coisas de Deus. Tendo sido a organizadora do mosteiro de Streaneshalch, que a tradição identifica com Whitby, esta abadêssa foi verdadeiramente um exemplo de constante trabalho, merecendo o nome de *mãe* que tôdas as que dirigia lhe davam.

Santa Hilda faleceu em 680. Segundo uma lenda, as relíquias foram levadas para Glastonbury, mas uma tradição quer que estejam em Gloucester.

## SÃO DIONÍSIO (\*)

### *Bispo*

Bispo de Alexandria, São Dionísio, ao que se presume, nasceu naquela cidade, por volta do ano de 200. Filho de pagãos, estudou com sucesso. Convertido, quando lia as epístolas de São Paulo, tornou-se um dos melhores discípulos de Orígenes em Alexandria.

Quando, em 231, o mestre deixou a cidade definitivamente, Héraclas sucedeu-o. Pouco depois, era eleito bispo, cabendo a direção da Didascália a Dionísio.

Morto Héraclas em 247, o nosso Santo foi eleito para a vaga havida na sede episcopal. O período de São Dionísio foi dos mais movimentados. Desde o fim de 248, eclodiram em Alexandria graves motins dirigidos por agitadores contra os cristãos, que passaram a ser maltratados e perseguidos. Pilhagens e incêndio eram coisas comuns, e a apostasia frequente. Quando alguém se mantinha firme, era lapidado, queimado ou precipitado de grandes alturas.

O santo bispo, porém, apesar de ter passado por perigosas situações, escapou ileso.

Muito mais grave e mais penoso foi-lhe a controvérsia trinitária. Da Cirenaica chegavam boatos sobre boatos, rumores alarmantes, que diziam ser a

Trindade apenas um jôgo de palavras: o Pai, o Filho, o Espírito Santo designavam tão-sòmente os aspectos sucessivos da ação de Deus sôbre o mundo. Procurando combater a heresia, foi infeliz: separara tão bem o Filho do Pai, que parecia apresentá-lo como uma criatura.

Roma viu a gravidade da situação. E o papa escreveu duas cartas. Na primeira, dirigida a Dionísio, convidava-o a explicar-se. Na segunda, dirigida ao povo, sem mencionar o nome do Santo, condenava a sua doutrina. O papa insistia na divindade e eternidade do Filho em têrmos que anunciavam já a linguagem dos Padres do concílio de Nicéia.

Dionísio, já velho, repreendido porque quisera defender a fé, não se exaltou: humildemente, porque se enganara e não agira com má-fé, escreveu, então, a sua *Refutação e Apologia*, obra em quatro volumes, onde, longamente, expôs as idéias sôbre a Trindade, reconhecendo que empregara comparações infelizes.

Em 264, o santo bispo reuniu o concílio que deporia Paulo de Samosata, e pouco depois, falecia (265?).

## SANTO ANIANO (\*)

### *Bispo*

Bispo de Orléans, Santo Aniano é-nos apresentado sobretudo pela *História dos Francos*, de Gregório de Tours.

Deixando Metz, Átila, rei dos hunos, apelidado o *Flagelo de Deus*, chegou diante de Orléans, depois de ter arrasado, saqueado e infelicitado uma a uma várias cidades. Aflito, o povo foi procurar o santo bispo, perguntando-lhe, angustiado, o que fazer naquela triste emergência.

Cheio de confiança em Deus, Aniano pediu a todos que se ajoelhassem e rogassem a Nosso Senhor, com lágrimas, o socorro de que tanto necessitavam.

Ajoelhados, em prantos, todos suplicaram ao Senhor. Terminada a oração, Aniano pediu aos que lhe estavam próximos:

— Ide, olhai para além da cidade, a ver se a misericórdia de Deus já vem.

Vários homens levantaram-se e fizeram como o bispo lhes mandara, e logo voltaram, dizendo nada terem visto.

— Rogai com mais confiança, tornou o santo bispo, que o Senhor nos socorrerá.

Rogaram. Com lágrimas, suplicaram a Deus que viesse depressa em auxílio dos que o necessita-



vam tão urgentemente. Finda as preces, disse Aniano:

— Olhai de novo.

Os mesmos homens, aflitos, foram perscrutar as lonjuras, e nada viram de animador, como da primeira vez. E voltaram, aterrados. Então o santo bispo, falando docemente, repetiu:

— Oremos de novo. Se pedirmos com tãda a confiança, o Senhor virá rapidamente.

Todos, em alta voz, imploraram a misericórdia divina, com muitas lágrimas e muitos gemidos, e, a uma ordem do bispo, foram, pela terceira vez, esquadrihar os horizontes. Ao longe então, viram uma como nuvem que se elevava da terra. Satisfeitos, foram comunicar ao bispo a descoberta.

— É o socorro do Senhor! exclamou êle.

E era. Era, quando menos se esperava e todos jaziam desesperançados, as tropas de Aécio, de Teodorico, rei dos gôdos, e de seu filho Thorimond, que caíram sôbre o inimigo, pondo-o em fuga na direção de Troyes.

A vida de Santo Aniano é tãda uma série de milagres, milagres que continuaram depois da morte, ocorrida em 453, quando nos noventa e cinco anos de idade e sessenta e cinco de episcopado.

## SANTO HUGO DE AVALON (\*)

### *Bispo*

Santo Hugo de Avalon, que pertenceu à ordem dos Cartuxos e depois foi chamado para governar a Igreja de Lincoln, nasceu em 1140. Era filho de Guilherme, senhor de Avalon, ótimo soldado e ótimo cristão, e de Ana, que faleceu quando o futuro bispo entrava nos oito anos de idade.

Santo Hugo foi o verdadeiro organizador da vida cartusiana na Inglaterra. Ligado ao rei Henrique II por grande amizade, depois da morte de Tomás Becket, o Santo tudo fez para que o monarca tornasse melhor a vida entre o Estado e a Igreja. Ora, o bispado de Lincoln jazia vago havia dezoito anos, de modo que Henrique propô-lo para a sede. Sagrado a 21 de setembro de 1186, Santo Hugo imediatamente transferiu-se para aquêle importante centro. Neto de cavaleiros famosos, dos ancestrais herdara a coragem, a honestidade e a firmeza. Assim, desde que se viu entronizado, deu a entender que não permitiria a simonia, coisa até então comum.

Quando Henrique II faleceu, no dia 6 de julho de 1189, o filho Ricardo Coração de Leão subiu ao poder. Logo, porém, partia para a cruzada, deixando o príncipe João, apelidado o Sem Terra, no trono.

A terceira cruzada, iniciada no ano mesmo do falecimento de Henrique II, reuniu Ricardo Coração de Leão, Filipe Augusto, da França, e Frederico Barbarroxa, da Alemanha. Os alemães, marchando por terra, foram as primeiras vítimas das perfídias bizantinas. Inglêses e franceses, transportando-se por mar, de Gênova e de Marselha, depois de muita luta e amargura, tomaram São João d'Acre, que o resto das fôrças alemãs sitiavam.

Pouco depois, Filipe Augusto deixou a Ásia, para se aproveitar da ausência de Ricardo e assim entrar na posse de certos feudos. Ricardo, sòzinho, lutou por dois anos. De regresso, feito prisioneiro do duque da Áustria, foi vendido ao imperador Henrique IV, o qual só o libertou a trôco de avultado resgate.

Em 1197, o Coração de Leão tratou do financiamento da guerra contra a França. Depois da morte do lendário e romântico monarca, a 6 de abril de 1199, João Sem Terra, desejando a paz com Filipe Augusto, enviou Hugo à França. Foi uma longa viagem. Passando pela Normandia, chegou a Angers. Visitou, então, a abadia de São Nicolau, que possuía muitos priorados na Inglaterra, dentre êles o de Spalding, em Lincoln.

De volta, sentia-se já bem doente. Levando a vida com paciência, sem deixar de lado um dia sequer os deveres, faleceu calma e santamente em 1200, sendo enterrado em Lincoln, na presença dos primazes da Inglaterra, de catorze bispos, de mais de cem abades, dos reis da Inglaterra e da Escócia e duma notável multidão.

Numerosos milagres levaram o papa Honório III a inscrever o santo bispo no catálogo dos Santos, em 1220.

Atualmente, Santo Hugo é padroeiro da cartuxa de Parkminster, no Sussex.

---

No mesmo dia, na Palestina, os santos mártires Alfeu e Zaqueu: no primeiro ano da perseguição de Diocleciano, depois de múltiplos tormentos, sofreram a pena capital (303).

Em Córdoba, na Espanha, os santos mártires Aciclo e Vitória: durante a mesma perseguição, foram atormentados crudelíssimamente por ordem do prefeito Dião, recebendo do Senhor as coroas merecidas por um martírio notável (antes de 400).

Em Florença, Santo Eugênio, confessor, diácono do bem-aventurado Zenóbio, bispo daquela cidade (século V).

Em Viena, São Namácio, bispo, falecido em 559.

Em São Vandrilo de Fontenelle, na diocese de Ruão, São Ravereno, bispo.

Em Zavichost, na Polônia, a bem-aventurada Salomé, rainha e clarissa, filha do príncipe Leszeck. Casada com Colomano, filho de André da Hungria, foi terciária franciscana. Feito rei da Galícia, Colomano foi morto em 1225, quando combatia os tártaros. Salomé, que já levava vida austera, piedosa, a fazer boas obras, fundou um convento para as clarissas de Zavichost, onde se retirou em 1240, deixando o governo nas mãos do irmão. Tendo vivido vinte e oito anos na religião, as virtudes, as experiências

do século e as altas relações levaram-na ao pòsto de abadessa, e como tal faleceu, em 1268, com sessenta e seis anos. Salomé foi enterrada ao lado do espòso, na Cracòvia. É festejada pelos franciscanos e pelos poloneses.

No Paraguai, os bem-aventurados Roque Gonzales de Santa Cruz, Afonso Rodrigues e João del Castillo, jesuítas, mártires, em 1628. Roque nasceu em Assunção, no Paraguai, em 1576. Padre, em 1598, missionário, cura da cathedral da capital paraguaia, entrou na Companhia de Jesus em 1609, para fugir das honras com que lhe acenavam. Enviado a evangelizar os naturais, selvagens habitantes das florestas, foi morto pelos indígenas, assim como os dois companheiros: Afonso Rodrigues, natural de Zamora, na Espanha, e João del Castillo, de Toledo, também na Espanha. Beatificados em 1934.

\* \* \*

## 18.º DIA DE NOVEMBRO

### SANTO ODO

#### *Abade de Cluny*

Santo Odo nasceu no país do Maine, no ano de 879. O pai Abbon, era homem de piedade singular: sabia de cor a história antiga e o direito romano, pelo menos as Novelas de Justiniano, porque os senhores então, pessoalmente, faziam a justiça.

Abbon desincumbia-se tão bem das sentenças que foi escolhido para árbitro de tôdas as questões. Era querido de tôda a gente, particularmente de Guilherme, o Piedoso, duque de Aquitânia, que foi o fundador de Cluny.

Abbon lia sempre o Evangelho à mesa e observava exatamente as vigílias das festas, passando estas noites sem dormir, principalmente a do Natal. Foi numa dessas noites, num 25 de dezembro, que obteve a graça de ter um filho, porque a espôsa já era entrada em anos. Um dia, encontrando o pequeno Odo só no berço, sem que ninguém o guardasse, encomendou-o e ofereceu-o a São Martinho, sem dizer nada aos familiares.

Um padre, da dependência de Abbon, foi o primeiro professor do menino. Na juventude, via-o o pai tão belo e bem feito, que resolveu enviá-lo aos



serviços do duque Guilherme, para o serviço das armas, ao invés do prometido a São Martinho. E o moço começou a temer que aquela carreira não lhe assentasse: à caça, por exemplo, fadigava-se sobremodo. Dos divertimentos dos jovens da idade não gostava, e dêles, sempre que podia, escapava.

Completara dezesseis anos, quando, numa noite de Natal, na igreja, pedindo à Virgem que por êle intercedesse junto do Filho, para que o esclarecesse no caminho que devia seguir, sentiu que uma dor de cabeça tremenda o estonteava. Era tão violenta, que julgou iria morrer. E aquêlê mal o acompanhou por três anos.

De volta à casa paterna, foi submetido a todos os tratamentos, inútilmente, por dois anos. E Abbon acreditou que São Martinho lhe reclamava o filho. Afinal, convencido, penitenciando-se da quebra de promessa, fêz com que cortassem os cabelos do jovem Odo e o mandou para os cónegos de São Martinho de Tours. Estava o moço com dezenove anos. Corria, então, o ano de 898.

A recepção preparada a Odo foi solene, e lá teve êle a companhia de grandes senhores, entre outros Foulque, o Bom, conde de Anjou.

Odo principiou, então, a aplicar-se à oração e ao estudo, orando à noite e lendo quase o dia todo. Depois de ter estudado a extensa gramática de Prisciano, foi afastado da leitura de Virgílio por um sonho, onde viu um vaso bellissimo, mas cheio de serpentes. E, deixando os poetas, dedicou-se ao estudo dos intérpretes das santas Escrituras. Logo, aos estudos, acrescentou a pobreza e a mortificação. Tudo aquilo que consigo levava, distribuiu-o aos pobres. Dormia sôbre uma esteira, satisfeito por fugir das

comodidades perigosas numa boa cama. Jejuava freqüentemente, comia apenas um pedaço de pão com um punhado de favas, bebia pouquíssimo, e vivia feliz.

Como era grande a devoção a São Martinho de Tours, a concorrência ali era enorme, de sorte que os reis mesmos e os príncipes de diversas nações freqüentemente apareciam com dádivas. Odo chamava-lhes a atenção, tão jovem era êle, e quase todos iam falar-lhe, atraídos pela singeleza do moço de Tours. Odo recebia-os, doutrinava-os, dava-lhes conselhos para a correção dos costumes. Quando lhe ofereciam presentes, tão encantados com êle ficavam, Odo sempre se recusava a aceitá-los. Certa vez, obrigado a receber cem *sous* de ouro por imposição de Fulque, distribuiu-os no mesmo dia à pobreza dos arredores.

Odo ia quase sempre a Paris, onde estudava com Remi de Auxerre, que o fazia ler a *Dialética* de Santo Agostinho e o *Tratado das Artes Liberais* de Marciano.

Remi, famoso doutor naqueles tempos, era um monge de São Germano de Auxerre, que tivera por mestre Hérico, monge da mesma comunidade, discípulo de Loup de Ferrières e de Haimons de Halberstat.

Odo, ao voltar para Tours, applicara-se a leitura das *Morais* de São Gregório sôbre Jó. E, tanto prazer sentia, que acabou compondo um resumo, que chegou até nós.

Pela leitura dos escritos dos Papas e particularmente pela da regra de São Bento, Odo ficou seduzido pelo grande desejo de praticar a vida monástica. Secundou-o nesse desejo um jovem de nome

Adegrim, que deixara o serviço do conde Foulque e viera viver com êle.

Por todos os lugares da França em que descobriam haver mosteiros célebres, para lá iam ou enviavam quem lhes fôsse averiguar se podiam levar a vida com a regularidade que procuravam. Tristes, voltavam para a cela, porquanto, depois de sessenta anos, as guerras civis e as arremetidas dos normandos haviam arruinado a maior parte dos mosteiros. E os monges, dispersos, fugidos para lugares mais seguros, onde viviam errantes, levavam vida mísera e desprezível. Habitavam sórdidas cabanas e mais procuravam a subsistência do que a prática das regras.

Não encontrando os dois amigos, na França o mosteiro que lhes calhasse, resolveu Adegrim ir a Roma, mas, ao passar pela Borgonha, chegou a Baume, ao novo mosteiro do bem-aventurado Bernon. Ali foi recebido, segundo a regra de São Bento, e ficou a observar a vida que levavam. Tempos depois, mandou carta a Odo, chamando-o. E o jovem, com seus cem volumes, um belo dia, appareceu em Baune, sendo, então, encarregado da escola, isto é, de velar pelo procedimento dos meninos que se educava no mosteiro. Estava Odo com trinta anos e corria o ano de 909.

Adegrim, segundo a inclinação pela solidão, uma vez conseguida a ordem, retirou-se para o deserto, alojando-se numa caverna. Ali viveu por mais de trinta anos, aparecendo somente aos domingos em Cluny. O mosteiro distava da caverna em que se alojara quase duas milhas. Do mosteiro, levava farinha, para o pão e favas. Pouco tempo ficava entre os companheiros, saudoso do deserto e da vida

contemplativa que levava, embora fôsse, às vêzes, incomodado por um inverno mais rigoroso ou um verão assaz abrasador, e constantemente por violentas tentações, pelo tédio e pelo desespero.

Odo, no mosteiro, não sofria menos. Sincero na vocação que alguns maus monges procuravam torcer, queixando-se da dureza do abade Bernon, irritaram-se e acabaram por insultar o bom filho de Abton. A paciência, extrema, de que era dotada, levava-o, porém, a vencer.

Cheio de zêlo, pensando na conversão dos parentes, obteve permissão para ir à casa dos pais. Converteu grande número dêles. Ao pai, levou-o ao mosteiro, onde o receberam. A mãe por sua vez, ingressou numa comunidade de religiosas.

O bem-aventurado Bernon, prevendo que Odo, um dia, seria ilustre, fê-lo ordenar sacerdote, por Turpin, bispo de Limoges, prelado que se distinguia pela virtude e pela ciência. Enviando Bernon a Odo, certa vez, ao bispo Turpin, viu êste o zêlo que tinha pela dignidade do sacerdócio e pelo estado presente da Igreja. Odo, numa pregação, deplorava as desordens dos sacerdotes, e tão bem pregou, que Turpin, tocado pela palavra inflamada do servo de Deus, rogou que lhe desse os discursos por escrito.

— Fâ-lo-ia com muito gôsto, respondeu Odo, mas sem ordem do meu abade não poderei.

O bispo, fâcilmente, obteve a ordem e os discursos deram três livros, que levaram o título geral de *Conferências*.

Estando o bem-aventurado Bernon, como dizia, perto do fim da vida, solicitou dos irmãos a escolha de um sucessor, os quais elegeram Odo. Como se recusasse, agarraram-no e levaram-no à fôrça ao

abade, gritando, todos ao mesmo tempo, que êle devia ser o novo superior. Odo teimava, recusava-se com mais ardor, suplicando que o não escolhessem, que não era digno. Todos, então, dizendo-o desobediente, ameaçaram-no com a excomunhão. Odo, sem outra saída, cedeu. Bernon deu-lhe a bênção abacial, poucos dias antes de morrer. Estava Odo, então, com quarenta e oito anos.

Morto o abade, estabeleceu-se em Cluny, o principal dos três mosteiros que êle havia de conduzir. Desde que se tornou superior, começou Cluny a distinguir-se de todos os outros pela exata observância da regra, pela esmulação de virtude entre os irmãos, e pela caridade para com os pobres. (1)

A caridade e a conversação do santo abade eram amáveis. Tinha o costume de dizer que os cegos e os estropiados seriam os porteiros do céu, daí a conveniência de não lhes fechar a porta na terra. Quando saía e, porventura, dava com algum criado insolentemente despachando um pobre, fechando-lhe a porta, rudemente reprendia aquêle e dizia suavemente a êste:

— Quando êle estiver batendo na porta do paraíso, trata-o do mesmo modo.

Preocupava-se com a miséria de todos. Nas viagens que fazia, se por acaso encontrasse alguém que a estrada percorria com dificuldade, por doença ou qualquer defeito dos pés, descia do cavalo e cedia-o, alegremente. Às crianças, gostava de dar coisas ou dinheiro. E era tão escrupuloso, que, para não parecer um favor nem constrangê-las, fazia-as cantar qualquer ariazinha antes de presenteá-las.

---

(1) Act. Bened., sect. V. Vit. S. Odon, L. I.



Esta bondade e esta caridade inspiravam a toda a gente, por  ele, um tal amor, uma veneração tal, que, não soamente o povo, mas os proprios monges, em particular o historiador de sua vida, beijavam-lhe com respeito, mas às escondidas, a borda do hábito.

Tantas virtudes atraíram a Cluny grande número de homens distinguidos pelo nascimento e pela dignidade. Não soamente leigos da primeira qualidade l  iam praticar a penitência, mas cnegos e mesmo bispos deixavam as igrejas e abraavam a vida monástica. Os condes e os duques apressavam-se em submeter os respectivos mosteiros, que lhes estavam na dependência, ao de Cluny, a fim de que o santo abade por êles velasse, reformando-os.

Odo trabalhava com infatigável zêlo no restabelecimento da disciplina monástica em toda a Frana e mesmo na Itália. Os principais mosteiros que reformou foram os de Fleuri-sur-Loire, na diocese de Orléans, Saint-Pierre-le-Vif de Sens, Saint-Julien de Tours, Carlien, na diocese de Macon, São Paulo de Roma e Santo Agostinho de Pavia. Datam daí os comeos da c ebre congregao de Cluny.

Onde encontrou maior resistência para a reforma foi na abadia de Fleuri, antigamente Saint-Benoit-sur-Loire. O conde Eliazar, tendo obtido essa abadia do rei Raul, deu-a a Santo Odo para que a reformasse. O santo abade, aceitando a comissão, ps-se a caminho, com alguns bispos a quem suplicara o acompanhassem.

Assim que chegaram, os monges de Fleuri receberam-nos armados de elmos e espadas. Vedavam-lhes a entrada, para impedir a reforma, estribados em antigo privilégio, qual seja o de impedir que um abade doutro mosteiro fosse também do dêles. Odo falou-



lhes com doçura. Um dos monges perguntou-lhes a que vinham.

— Pela paz, respondeu, por todos, o Santo. Apenas para restabelecer a regra.

Os monges, entre si, parlamentaram: o restabelecimento da regra era justamente o que mais temiam.

— Não podemos, disseram, aceitar outro abade, um abade de fora.

E passaram a intimidar Santo Odo, ameaçando-o com a intervenção do rei e, no momento, se ousassem entrar, com as armas.

Os bispos que acompanhavam o bom abade temeram pela vida. E aconselharam a Odo o retôrno. O Santo, porém, resolvera esperar.

Três dias de vãs negociações passaram, quando o abade de Cluny, não escutando senão o zêlo, resolveu-se: montaria a cavalo e demandaria a abadia.

— É a morte, a morte certa! afligiam-se os prelados.

Santo Odo não lhes deu ouvidos e avançou, certo de que aquela resolução lhe fôra inspirada por Deus.

Os monges, vendo-o montar e avançar, alvoroçaram-se e passaram a gritar, brandindo ameaçadoramente as espadas. Santo Odo, sereno, desprezando-lhes as ameaças, continuava, avançava sempre.

Os bispos, amedrontados, suplicavam ao Senhor que protegesse o ousado servo destemeroso.

A meio caminho, os monges cessaram a gritaria. E o Senhor, que inspirara ao Santo aquela resolução, de tal modo transformou o coração dos revoltados, que os fêz atirar, submissos, as armas ao chão e correr, alegres, para abraçar respeitosamente aquêle que, havia pouco, ameaçavam e insultavam.

Santo Odo recebeu-os com um sorriso paternal. E, dali por diante, tudo correu satisfatoriamente. O bom abade, então, persuadiu-os de que o fundamento da reforma seria a abstinência de carne e tornar comum os bens do mosteiro, bens que os monges haviam repartido entre si. Aquilo era duro de aceitar, mas, afinal, tantas e tão doces eram as insinuações de Santo Odo, que cederam.

Era particularmente pela observância do silêncio que o santo abade introduzia a reforma. Sabia que a paz e a caridade reinam numa comunidade onde o silêncio reina. Os monges passaram a guardá-lo mesmo fora do mosteiro. E tão ensimesmados estavam e tão observadores daquele preceito, que preferiam ver um ladrão roubar-lhes o cavalo, e levá-lo, privando-os do animal, do que gritar e romper o silêncio.

Conta-se, a êsse respeito, que um monge, estando um dia no campo, a orar, viu que alguém, caía a noite, lhe roubava o cavalo. Não gritou, para espantar o ladrão, tanto prezava o preceito do silêncio. "Que se vá o cavalo!" pensou, e continuou a orar. E assim, por tôda a noite. No dia seguinte, enorme foi-lhe a surpresa: o cavalo estava no mesmo lugar em que o deixara a pastar e, sôbre êle, imóvel como se fôra de pedra, o ladrão. O monge puxou o animal pelo cabresto e levou-o ao mosteiro. E o cavaleiro, como num sono profundo, só se mexia com os movimentos da cavalgada.

Santo Odo, a sorrir, ordenou que dessem ao ladrão cinco *sous* de prata, pelo trabalho que tivera durante tôda a noite, velando, cuidando do animal. O ladrão era o filho dum moleiro do mosteiro. E então, cada vez que o moleiro se mostrava insatis-

feito, sem motivo, os monges, para dar-lhe uma lição, reclamavam-lhe os cinco sous. (2)

Dois outros monges, em viagem para a Normandia, achando-se em Tours, foram maltratados rudemente por bárbaros e não deixaram escapar uma palavra — porque ainda não se havia passado o tempo do silêncio prescrito pela regra. (3)

Tais exemplos vão longe e servem para mostrar até que ponto chegava a disciplina na congregação de Cluny, sob o govêrno de Santo Odo.

Certa vez, a caminho de Roma, a pedido do Papa, para tentar a reconciliação de dois príncipes em guerra, encontrou-se o Santo com um ladrão, que, impressionado com a santidade que lhe fulgia no rosto, caiu de joelhos no pó da estrada e rogou que o tomasse e levasse para o meio dos monges que dirigia. O santo abade, antes de recebê-lo, informou-se:

— Quem és tu?

O celerado não titubeou, confessou:

— Sou ladrão. E, por tôda a redondeza, acrescentou, dizem que sou dos piores.

Santo Odo ficou pensativo. Afinal, deu-lhe a resposta:

— Filho, quando te emendares e disto me deres provas, receber-te-ei na comunidade com o maior prazer.

O ladrão, tocado pela santidade que se espelhava no rosto do santo abade, insistiu:

---

(2) Vit. S. Odon, n. 12.

(3) Ibid. L. II, n. 30.

— Não, meu bom abade. Há de ser agora. Se não me receberes já, terás de prestar conta a Deus de minha alma.

Santo Odo, impressionado com a disposição do ladrão, admitiu-o imediatamente e ordenou-lhe fôsse para Cluny, e lá o esperasse. O homem chegou a ser um dos mais ferventes religiosos do tempo, morrendo santamente alguns anos depois.

Santo Odo, à cabeceira do ex-ladrão, olhando-o com imensa ternura, perguntou-lhe:

— Queres confessar alguma falta, algo que te pesa?

— Sim, respondeu êle. Dei, sem permissão, minha túnica a um pobre que encontrei nu, e, do mosteiro, tirei uma corda de crina, com a qual me disciplino. Tenho-a em tórno da cintura.

Com efeito, a corda de crina estava-lhe apertada ao redor dos rins. Era tudo o que o maculara, desde que viera ter a Cluny. Antes de morrer, disse:

— Há alguns dias, aqui estêve uma senhora de grande beleza, que se dizia mãe de misericórdia. Assegurou-me que eu morreria daqui a três dias. Hoje é o terceiro.

De fato, assim foi.

Estando em Roma, foi Santo Odo atacado por uma febre violenta e contínua. Definhava dia a dia, estava cada vez mais fraco; mas, como desejava ardentemente acabar os dias perto da tumba de São Martinho, teve um sonho, no qual lhe apareceu um respeitável personagem, dizendo-lhe que estava com

os dias contados e a morte bem próxima. Contudo, São Martinho conseguira-lhe um prazo maior, para que pudesse voltar à pátria.

Quando acordou, sentia-se melhor, fôra-se-lhe a febre e a fraqueza já não era tanta. Logo, teve fôrças para empreender a viagem, e chegou a Tours pela festa mesma de São Martinho, na qual, com redobrado fervor, tomou parte. No quarto dia da oitava, a febre voltou. E em mais nada pensou senão na preparação para ter uma boa morte, êle que em tôda a vida não fizera mais do que então se propunha a fazer.

Abençoou e deu salutaes instruções aos monges que acorriam de tôdas as partes para aproveitar do Santo os últimos avisos. Ao monge João, que lhe escreveu a vida, disse, em particular:

— Escuta, filho, o que vou dizer-te: rendo graças a Deus por tudo aquilo com que me puniu neste mundo, pelos pecados da juventude, que os tive. Quem não os tem? Sempre suspirei por êste momento. Ao Senhor suplico que tenha piedade de mim. Tenho confiança que me acolherá favoravelmente, tão misericordioso é.

Odo, tendo recebido o viático, morreu invocando a Jesus Cristo e São Martinho. Era a 18 de novembro do ano de 942, dia da oitava daquele santo.

Ficaram-nos diversas obras de Santo Odo: uma *Vida de São Geraldo*, em quatro volumes, três livros de *Conferências*, aquelas que o bispo de Limoges solicitara, trinta e cinco volumes de *Morais* sôbre Jó, tiradas, na maior parte, das de São Gregório, e muitos tratados, sermões em honra de São Martinho, de

São Bento, de Santa Madalena, bem como hinos em honra do santo sacramento, de São Martinho e de Santa Madalena. Compôs também um hino em homenagem a São Martinho, durante a última doença.

A Santo Odo, no govêrno de Cluny, sucedeu o Santo Aimard, homem de grande inocência e amável simplicidade.

\* \* \*



## A DEDICAÇÃO DA BASÍLICA DE SÃO PEDRO DE ROMA (\*)

A basílica de São Pedro de Roma, cuja cúpula é a primeira coisa que o peregrino, emocionado, vê, a caminho da Cidade eterna, é a maior do globo. Nela repousa o primeiro vigário de Nosso Senhor. Erguida à glória do Mestre e do Príncipe dos Apóstolos, começada por Bramante, em 1506, deve a cúpula ao gênio do imortal Miguel Ângelo, que nela trabalhou de 1546 a 1564. Tiago della Porta continuou a sua obra, de 1588 a 1590. Carlos Maderna elevou-lhe a fachada e terminou a nave, de 1607 a 1614. Bernino levantou o grande baldaquino do altar-mor em 1623 e continuou até a morte a decoração interior. Foi quem desenhou a praça com a colunada.

Urbano VIII, a 18 de novembro de 1626, consagra a basílica, em cujo centro repousa São Pedro.

Sobre a tumba do apóstolo, dizia o papa Pio XII na radiomensagem de 23 de dezembro de 1950, falando a respeito das explorações levadas a efeito:

“O resultado foi riquíssimo, importantíssimo. Mas a questão essencial é a seguinte: encontrou-se, verdadeiramente, a tumba de São Pedro?”

“A esta pergunta, a conclusão final dos trabalhos e dos estudos responde muito claramente pela

afirmativa: sim, a tumba do Príncipe dos Apóstolos foi encontrada.

“Uma segunda questão, subordinada à primeira, diz respeito às relíquias do Santo: foram elas encontradas?”

“À beira da sepultura encontraram-se restos de ossos humanos.

“Pertenciam êles ao despôjo mortal do Apóstolo?”

“Não é possível prová-lo com certeza.

“Isto, entretanto, deixa intata a realidade histórica da tumba. A gigantesca cúpula desenvolve a sua curva exatamente sôbre o sepulcro do primeiro bispo de Roma, do primeiro papa; sepulcro originalmente muito modesto, mas sôbre o qual a veneração dos séculos posteriores elevou, por uma maravilhosa sucessão de trabalhos, o maior templo da cristandade”.

\* \* \*

## A DEDICAÇÃO DA BASÍLICA DE SÃO PAULO FORA DOS MUROS DE ROMA (\*)

O papa Pio IX quis que as dedicações das basílicas de São Pedro e de São Paulo fôsem celebradas juntas, a 18 de novembro.

Como São Pedro, São Paulo foi enterrado, possivelmente, no lugar do suplício, num cemitério comum a todos.

A basílica, situada num lugar relativamente distante da cidade, foi restaurada, de 440 a 461, pelo papa São Leão. A 15 de julho de 1823, um incêndio destruiu-a, de modo que foi necessário reerguê-la, o que a tornou mais bela. Ainda pode ser vista, sob o altar, a placa de mármore que cobre a tumba de São Paulo, onde se lê, simplesmente: "Paulo, Apóstolo, mártir".

Admite-se, desde há muito, que o túmulo do grande Apóstolo foi por diversas vezes aberto e mesmo violado.

Lemos no martirologio romano:

"Em Roma, a DEDICAÇÃO DAS BASÍLICAS DE SÃO PEDRO E DE SÃO PAULO, apóstolos. A primeira, tendo sido reconstruída e aumentada, foi solenemente consagrada neste dia, pelo Soberano Pontífice Urbano VIII (1626). A

segunda, depois de ter sido completamente destruída por deplorável incêndio, foi reerguida com mais magnificência, e consagrada solenemente a 10 de dezembro, por Pio IX (1854), que fixou no presente dia a comemoração anual desta dedicação”.

Desde os tempos de Gregório II (715-731) o serviço na basílica de São Paulo foi assegurado por monges beneditinos.

\* \* \*

## SÃO PÁTROCLO (\*)

### *Ermilão*

Quando completou dez anos, Pátroclo foi cuidar das ovelhas do pai, enquanto que um irmão, chamado Antônio, foi estudar. Um dia, o estudante e o pastor encontraram-se na casa paterna. Almoçavam e jantavam em horas diferentes, mas naquele dia coincidiu que ambos apareceram à mesma hora para o almôço: Disse Antônio a Pátroclo:

— Afasta-te, pastor. Teu ofício é cuidar de ovelhas, enquanto o meu é estudar: meu ofício nobilita-me e o teu serviço te avilta.

Pátroclo recebeu o dito do irmão como vindo de Deus. Abandonou as ovelhas no pasto e procurou a escola, onde se iniciou nas letras. Logo, pela inteligência, superou a Antônio.

Recomendado na côrte de Childeberto, Pátroclo exerceu alto cargo em Paris.

Quando o pai morreu, a mãe quis casá-lo, mas o jovem, que já escolhera a Deus, procurou o bispo e passou a fazer parte do clero. Pouco depois era diácono.

Um dia, repreendido pelo arcediago, porque absorvido na leitura ou na oração, não comparecia ao refeitório, com os demais, compreendeu que devia

levar vida solitária. Assim, deixou a comunidade e foi buscar a solidão, com grande ardor.

Os fiéis descobriram-no depressa. A fama de santidade e de que operava curas, tornou-o procuradíssimo e querido.

Conta-se que, por ocasião da peste que assolou a região de Bourges, onde se fixara, o diabo apareceu numa localidade, fazendo-se passar por São Martinho. Pátroclo, que dia e noite orava a Deus, rogando-lhe que logo conjurasse o mal, soube que o falso santo levava a uma mulher certas oferendas, que, disse-lhe, salvariam o povo.

No dia seguinte, a mulher foi levar-lhe as oblatas, para que as visse e lhe ensinasse como as usar. No mesmo instante em que as divisou, o Espírito Santo revelou ao Santo donde vinham as coisas que a mulher lhe apresentava, e tudo, de repente, desapareceu. O diabo então surgiu-lhe, dizendo-se portador daquelas oferendas.

São Pátroclo construiu um mosteiro em Colombier, quando viu que os discípulos que tinha eram tantos que não mais podia dar-se à quietude. Nomeou-lhes um abade e reentrou na solidão.

Falecido em 576, continuou a operar milagres.

---

No mesmo dia, em Paris, Santa Alda, virgem (século VI?). Quando, em 1239, São Luís levou a Paris as grandes relíquias da Paixão, convidou várias comunidades para juntar-se ao cortejo com suas relíquias. As cónegas de Santa Genoveva, então, acompanharam-nas com as de Santa Alda. A vida de Santa Alda é desconhecida. Venerada na abadia de



Santa Genoveva, é considerada como uma companheira desta grande Santa.

Na abadia de Lérins, Santo Amando, abade (século VII?).

Na Bretanha, São Maudez e São Budoc, abades (séculos VII). Tudo indica que foram dois monges missionários que, depois de terem evangelizado a Cornualha, fixaram-se no arquipélago de Brehat.

Na Escócia, São Fergus, bispo (século VIII). Segundo o breviário de Aberdeen, que o chama de Fergustiano, o Santo já era bispo quando passou da Irlanda para a Escócia.

Na diocese de Puy, São Chaffre, abade (século VIII).

Na Bretanha, São Tanguy, abade (século IX). Filho dum senhor de Tremazan, órfão desde a primeira infância, foi enviado à côrte da França, enquanto que uma irmã Halda, ficava debaixo da tirania duma terrível madrasta. Sob a conduta de São Pol de Lião, foi, depois, abade de Gerber.

Em Nagasaki, no Japão, os bem-aventurados Leonardo Kimura e companheiros, mártires, em 1619. Lecnardo Kimura era de Nagasaki, duma família que se orgulhava de ter sido uma das primeiras convertidas pelo grande São Francisco Xavier.

Em São Carlos, na América do Norte, a bem-aventurada Filipina Duchesne, religiosa da Sociedade do Sagrado Coração de Jesus. Nascida a 29 de agosto de 1769, faleceu a 18 de novembro de 1852. Tinha, então, oitenta e quatro anos de idade, quarenta e sete de profissão religiosa e trinta e quatro de estadia na América. Natural de Grenoble, na França. filha de prestigiosa família, foi piedosa missionária, dirigindo uma escola de índios, que foi o

sonho de sua vida. Pio XII beatificou-a em 1940, no dia 12 de maio.

Em Antioquia, festa de São Romão, mártir, que, nos tempos do imperador Galério, por fazer frente ao prefeito Asclepiades, que lhe invadira a igreja teve a língua cortada e foi submetido a torturas várias. Antes de morrer, assassinaram, diante dêle, um menino, Bárula, que apregoava a existência dum só Deus.

Em Antioquia ainda, Santo Hesíquio, mártir, soldado, que abraçou a fé e queria publicar um edito proibindo os companheiros de armas de adorar os deuses. Tendo no braço direito ligada uma grande pedra, foi atirado ao rio.

Santo Orículo e companheiros, martirizados durante a perseguição vândala.

Em Mogúncia, São Máximo, bispo e confessor, morto pela fé católica, sob Constâncio, combatendo o arianismo com tôdas as veras da alma.

Em Antioquia, Santo Tomás, monge. O povo dessa cidade celebrava-lhe a festa todos os anos, por ter o santo, pelas orações, afastado a peste que os cizimava.

Em Lucca, Toscana, translação de São Fridiano, bispo e confessor.

## 19.º DIA DE NOVEMBRO

### SANTA ISABEL DA TURÍNGIA OU DA HUNGRIA

Em 1207, a rainha Gertrudes, espôsa do rei André da Hungria deu à luz uma filha, que recebeu na pia batismal o nome de Isabel. Desde o berço, a menina deu provas do destino que Deus lhe reservara.

Os nomes consagrados pela religião foram as primeiras palavras que lhe impressionaram a atenção, os primeiros também que ela balbuciou, à medida que a língua se lhe desprendia. Quando pôde desembaraçadamente falar, principiou a recitar orações. Prestava surpreendente atenção aos primeiros ensinamentos da fé que lhe ministravam, se bem que uma luz interior já lhe aclarasse aquelas santas verdades, que então, se concretizavam.

Com a idade de três anos, segundo afirmam seus biógrafos, era tôda ela ternura e compaixão pelos pobres, esforçando-se por suavizar-lhe com presentes, a miséria. Do berço, saíram-lhe a primeira esmola e a primeira oração.

Pesarosa, via as guerras que se alastravam na Hungria. Quando cessaram, à volta da tranqüilidade, o rei André viu, satisfeito, que as violações da



Santa Isabel de Hungria (de acôrdo com pintura de fra Angélico,  
século XV).

lei de Deus, os excessos, as blasfêmias iam sendo menos freqüentes, e a princezinha alegrava-se.

O duque da Turíngia, um belo dia, pediu a jovem princesa em casamento, para o filho, o duque Luís. Isabel foi, assim, educada na cõrte da Turíngia desde a idade de quatro anos. Desde então, todos os pensamentos, tôdas as emoções pareciam estar concentrados no desejo de servir a Deus e merecer o céu.

Tôdas as vêzes que podia, entrava na capela do castelo, e lá, deitando-se ao pé do altar, abria um grande saltério, embora não soubesse ler. Olhava-o terna, demoradamente, como que adivinhando o que continha, e, elevando o pensamento para o céu, ficava tempo enorme a rezar, em recolhimento precoce para a meditação.

Quando brincava com as companheiras, tudo fazia para que, sem perceberem, se encaminhassem à capela. Se sòzinha, encontrando-a fechada, ternamente beijava a porta, a fechadura, os murcs exteriores, por amor de Deus, que lá dentro repousava.

Em todos os brinquedos era o pensamento de Deus que dominava. Esperava ganhá-lo um dia, porque dava aos pobres tudo aquilo que lhe davam, impondo-lhes a recitação dum determinado número de Padre-nossos e Ave-Marias. Desejava sempre estar próxima de Deus, e, quando achava que já fazia algumas horas que não rezava, porque com as companheiras, inventava:

— Atiremo-nos ao chão, e vejamos quem mais tempo ficará com a respiração suspensa.

Assim, por terra, aproveitava-se para dirigir-se a Deus com um rápido Padre-nosso, uma curta jaculatória ou uma Ave-Maria.

Quando moça, já espôsa e mãe, deliciava-se em referir aquêles inocentes ardis da infância.

Quase sempre também, conduzia as amiguinhas ao cemitério. E dizia-lhes:

— Lembrai-vos que um dia nós também não seremos mais nada aqui na terra.

Aproximava-se do ossário, chamava as companheiras e dizia, apontando os ossos que lá branqueavam:

— Eis os ossos dos mortos. Êsses ossos pertenceram a pessoas que foram vivas como nós, e agora estão mortas como um dia nós também estaremos.

Contemplava aquêles restos, com tristeza, e propunha:

— Vamos, ajoelhemo-nos aqui e rezemos. Repeti comigo: "Senhor, por tua morte cruel e por tua Mãe Maria, dá paz às pobres almas".

Diz um autor que, lá no cemitério, o grupo brincava, e que o menino Jesus freqüentemente aparecia, saudava as crianças e com elas brincava também. Isabel, porém, quando as amigas contavam o fato, repreendia-as, proibindo-as de referir o que quer que fôsse.

Quando não brincava, procurava aprender o maior número possível de orações. Tudo aquilo que lhe falasse de Deus e da santa lei lhe era caríssimo. Propusera-se recitar determinado número de orações por dia e, enquanto não se desincumbisse do proposto voluntariamente, não se deitava. Sentia já que grande era o prêmio conferido à modéstia e ao decôro, de modo que arranjava o véu de tal maneira, que se lhe viam o menos possível, os traços infantis.



A caridade sem limites, que mais tarde devia identificar-se com a própria vida, já lhe inflamava a alma predestinada. Distribuía todo o dinheiro recebido dos pais adotivos, ou o que dêles conseguia arranjar sob qualquer pretexto. Todos os dias, invariavelmente pela tardinha, ia às cozinhas do castelo em busca do que sobrara e, com cuidado, levava o que conseguia colhêr aos pobres esfaimados, que já se haviam acostumado a esperá-la. Com pães, roscas, doces, carne, que lhes matava a fome, abençoavam-na, retiravam-se mais aliviados e com a alma em festa. Tais incursões nas cozinhas não era muito do agrado de copeiros e cozinheiros e, não raro, quando Isabel aparecia, fechavam a carranca.

Era costume, naqueles tempos, que as princesas e as jovens da nobreza tirassem a sorte entre os santos apóstolos para ter um dêles como padroeiro especial. Isabel, que já havia escolhido a santa Virgem como protetora e advogada suprema, nutria veneração incomum por São João Evangelista, por causa da pureza virginal, da qual o apóstolo era o representante incontestado. Com ardor, pôs-se a suplicar a Nosso Senhor:

— Ó Jesus meu, fazei que a sorte caia em vosso apóstolo João!

Humildemente, foi ter com as companheiras e, com elas, à eleição.

Para a sorte, procedia-se da seguinte maneira: levavam-se ao altar doze velas, nas quais iam escritos os nomes dos apóstolos, um em cada uma; lá eram misturadas. Em seguida, as postulantes, cada qual por sua vez, ao acaso, tirava uma das velas.

Isabel, como princesa, foi a primeira. Colheu uma das velas. Era a que levava o nome de São João

Evangelista. Satisfeita, quis repetir a prova, para ver se o santo apóstolo devia mesmo ser o padroeiro que Deus lhe daria. E não só mais uma, mas uma terceira vez, sempre colheu a vela que trazia o nome do apóstolo venerado pela pureza.

Vendo-se assim recomendada ao bom apóstolo, por uma especial manifestação da Providência, sentiu crescer por êle a devoção que já era grande, e foi fiel ao culto que se propôs render-lhe por tôda a vida. Tudo aquilo que lhe pedissem em nome de São João não se recusava fazer.

Tal foi a primeira infância e juventude de Isabel. Em meio às graças que Deus lhe conferia, enviava-lhe também aflições, que, segundo ela dizia, não deixavam de ser graças.

Aos seis anos, perdeu a mãe Gertrudes, que morreu vítima do amor pelo marido: quando conjurados procuraram matar-lhe o espôso, pôs-se-lhe à frente, para que lhe desse tempo de fugir dos golpes do inimigo.

Aos nove, morreu o pai daquele a que fôra prometida, o landgrave Herman, e tudo ficcu diferente. Herman tratava-a como tratava a própria filha e não queria que ninguém pusesse obstáculo às práticas religiosas da protegida. Amava-a justamente pela precoce piedade. Com a duquesa-mãe e a filha, sofreu muito, mas resignadamente. As duas, abertamente, escarneciam da vida modesta e piedosa que Isabel levava. Com efeito, a princesa vivia um tanto afastada da sociedade das jovens condêssas e das nobres damas que lhe haviam dado para companhia, porque procurava a das mocinhas humildes, filhas dos burgueses de Eisenach, e mesmo a das jovens que no castelo lhe prestavam serviços. Os insultos que

recebia faziam-na mais doce, e mais, então, procurava companhia dos humildes.

Nunca, no coração de Isabel, morou o orgulho ou qualquer sentimento de amor próprio, nem mesmo a impaciência fôra-lhe característica. E quanto mais injustiça sofria, mais ligada a Deus ficava, como que fugindo das misérias do mundo. Amava-o mais, e mais se esforçava em servi-lo. "Como flor entre espinhos, diz um biógrafo, a inocente Isabel floria e resplandecia em meio à animosidade, espalhando por tôda a parte o doce e fragrante perfume da paciência e da humildade".

O duque Luís desposou Isabel solenemente em 1220. Da união, nasceram-lhes quatro filhos: um menino, o duque Herman, e três meninas, das quais duas se fizeram religiosas.

Em 1226, quando o duque Luís se encontrava na Itália com o imperador Frederico II, uma terrível fome declarou-se por tôda a Alemanha, e assolou sobretudo a Turíngia. O povo, esfaimadíssimo, passou pelas mais duras provas. A pobreza, já por si sofredora, sofria redobradamente. E todos, pelas matas, pelos campos, cavando com enxadas, com paus ou com as mãos, procuravam raízes com que matar a fome. As frutas selvagens, que de ordinário era alimentação dos animais, tornaram-se disputadíssimas e não raro causavam sérias desinteligências, tal o estado de espírito em que jaziam todos. Os bois, as vacas, os cavalos, que morriam, eram devorados. Em breve, a morte começou a ceifa, e pelos campos, pelos caminhos, os cadáveres se amontoavam.

À vista de tanta miséria, o coração de Isabel era todo êle piedade e piedade. Era-lhe o único pen-

samento, a única ocupação, noite e dia, socorrer os infelizes. O castelo de Wartburg, onde a deixara o marido, era como a morada da caridade sem limites, donde saíam, sem cessar, socorros e palavras de ânimo para tôdas as populações vizinhas.

Isabel começou por distribuir aos indigentes do ducado todo o dinheiro que havia amealhado no tesouro ducal, uma soma enorme para aquela época, sessenta e quatro mil florins de ouro, os quais provinham da recente venda de alguns domínios. Quanto aos celeiros do ducado, embora sob o protesto dos oficiais que por êles deviam zelar, fê-los abrir a todos, e a todo o povo distribuiu o que continham, nada se reservando aos seus. Era Isabel, todavia, prudente, e fêz com que se desse a cada um certa porção de trigo por dia. Novecentos pobres, então, diariamente, iam buscar o que se lhes dava.

Segundo os biógrafos de Santa Isabel da Turíngia, havia muitos mais que não podiam, por doença, por fraqueza, subir a montanha e chegar onde se assentava o castelo ducal. Era por êstes que se redobrava de solicitude e de compaixão: descia a montanha e, no sopé, socorria-os expeditamente.

No hospital que fundara na encosta, a meio caminho do castelo, atendiam-se os doentes que necessitavam de cuidados especiais. O serviço fôra de tal sorte estudado que, apenas um dos leitos vagasse, pelo restabelecimento do ocupante ou pela morte, já outra vítima, imediatamente, era ali instalada.

Mais dois hospitais fundou Santa Isabel, na cidade mesma de Eisenach: um, sob a invocação do Espírito Santo, para mulheres pobres: outro, sob a invocação de Sant'Ana, para os doentes em geral.



Santa Isabel de Hungria cuidando dos leprosos (Murilo, séc. XVII),



Todos os dias, sem exceção, e por duas vêzes, de manhã e de tarde, a jovem duquesa descia do castelo e, apesar da longa caminhada e do cansaço, visitava os hospitais, consolava os doentes, levando-lhes coisas de que necessitavam ou que lhes fôsem agradáveis. Ia de cama em cama, e perguntava a todos, um por um, o que desejavam, tôda ternura, incansável, cheia de zêlo, o que só o amor de Deus poderia inspirar. Cansada, procurava suplantar a lassidão pela alegria, pelas próprias palavras com que procurava confortar os doentes.

No verão, o cheiro pestilento que dos hospitais emanava, repugnava-a, mas, só de pensar naqueles que sofriam, conseguia combater as náuseas.

Num dos hospitais, ordenou se construísse um anexo, exclusivamente para crianças doentes, abandonadas ou órfãs. Para elas fazia tudo. E o carinho, a satisfação das vontades de cada qual, a todos levavam a esperá-la com ansiedade.

Quando surgia, um bando enorme ia-lhe ao encontro, alegre como revcada de passarinhos, a gritar, aos saltos:

— Mamãe, mamãe!

Isabel dava-lhes presentes e examinava o estado de cada qual. Aos doentinhos, aos que eram mirradinhos, encovados e pálidos, aos que não podiam caminhar, um por um tomava-os ao colo e prodigalizava-lhes terníssimos carinhos sem-fim.

Sempre que podia, percorria os arredores de Wartburg, para distribuir aos pobres víveres e consolação, para visitar desoladas choupanas e prestar serviços estranhos às princesas.

Onde sabia existir um agonizante, lá estava, a fim de lhe adoçar a última luta e recolher num beijo



de fraternal caridade o último suspiro. Por horas a fio, ficava ainda ao lado do morto, rezando fervorosamente a Deus, suplicando-lhe que logo recebesse na glória aquelas almas que deixavam a pobre morada carnal. A muitos enterrou pelas próprias mãos, para muitos teceu, ela mesma, o linho que os envolvia para o último repouso.

Não era só: os presos recebiam sempre a visita de Isabel. A Santa, procurando saber da vida de cada um, aconselhava-os, fazia-os rezar com ela, pedindo a Deus que os livrasse, porque lhe prometiam emendar-se para o futuro.

Tôdas essas ocupações, tão próprias para fazer nascer na alma humana a fadiga, o desgosto e a impaciência, produziam em Santa Isabel da Turíngia uma paz e uma alegria celestes.

Ao mesmo tempo que tratava dos pobres, abrindo-lhes o tesouro da caridade, tinha o coração e o pensamento sempre voltados para o Senhor. Frequentemente, interrompia por instantes os trabalhos e dizia em altas vozes:

— Ó Senhor, jamais poderei agradecer-te a ocasião que me deste de velar pelos pobres, que são os teus mais queridos amigos, permitindo-me servi-los e a mim mesma!

Não era só às populações vizinhas do castelo que ela reservava amor e cuidados. Habitantes de tôdas as partes, mesmo aos dos mais afastados estados do marido, eram-lhe igualmente objeto da soberania e maternal solicitude. A êstes atendia com a mesma doçura e calor: dava ordens expressas para que tôda a receita dos quatro principados que estavam sujeitos ao duque seu espôso fôsse exclusivamente consagrada ao alívio dos infelizes que a penúria

deixara sem recursos, fiscalizando ela mesma o cumprimento da ordem, apesar da oposição da maior parte dos oficiais do marido.

O ano de desolação e miséria, afinal, passou. Era pela colheita de 1226. E a duquesa reunindo os homens e as mulheres que estavam em condições de trabalhar, distribuiu-lhes sapatos, roupas, ferramentas, a fim de que fôsem às lidas do campo. Era a alegria que voltava, os bons tempos de fartura que vinham encher de trigo os celeiros e de risos os corações.

Quando o duque Luís regressou, saudososo da esposa e dos filhos, perguntou a Isabel:

— Que foi feito de teus pobres neste tão triste ano?

Docemente, respondeu-lhe ela:

— Dei a Deus o que lhe era devido, porque servi os pobres, e Deus nos tem guardado aquilo que é para ti e para mim.

O duque abraçou-a ternamente: Isabel era a companheira ideal.

Determinara o Senhor santificar aquela serva por meio de duras provas. Em 1227, no momento de embarcar para a Terra Santa, o duque Luís morreu em Otranto.

Quando a notícia da morte chegou à Turíngia, Isabel foi expulsa do castelo pelos dois cunhados. Era pelo mais forte do inverno, e a santa, com os filhos, saiu à procura dum asilo na cidade de Eisenach: nem uma porta se lhe abriu. Ninguém a desejava, temeroso do que lhe poderia advir.

Um taberneiro, porém, caridoso, acolheu-a: deu-lhe o chiqueiro. E lá se foi ela, com os filhos, para o meio dos porcos.

Daquele lugar, Isabel ouvia cantar as matinas na igreja dos franciscanos, que ela havia erigido. Um dia, foi aos frades e pediu que cantassem o *Te Deum*, para agradecer a Deus tôdas as graças que lhe concedera e concedia, pois, quanto mais a perseguiram os homens, mais a consolava Deus.

Pessoas caridosas e de caráter ofereceram-se, secretamente, para se encarregar dos filhos, dos quais o último nascera poucas semanas depois de expulsa do castelo.

O tempo, passava-o ela ou na nova morada ou na igreja. Nosso Senhor apareceu-lhe, naquela temporada, mais duma vez, bem como a Mãe, Maria Santíssima.

Uma noite, quando Isabel recitava a saudação angélica, aquela a quem dirigia a oração lhe apareceu e lhe disse, entre outras coisas:

— Vim ensinar-te tôdas as orações que fazia quando estava no templo. Eu, acima de tudo, pedia a Deus que me fizesse amá-lo e detestar o pecado. Não há virtude sem êsse amor absoluto de Deus, pelo qual a plenitude da graça desce na alma. Mas, depois de ter descido, ir-se-á, como a água que se escoia dum reservatório aberto, a menos que continuemos a detestar os pecados e os vícios, sempre e sempre. Aquêlê, pois, que quiser conservar a graça do alto, deve saber coordenar o amor e o ódio no coração. Vejo que fazes tudo aquilo que eu fazia. Levantava-me pelo meio da noite e ia prosternar-me diante do altar, onde rogava a Deus me fizesse observar todos os preceitos que dêle emanaram, suplicando-lhe me concedesse as graças de que necessitava para lhe ser agradável. Pedia-lhe, e com muito ardor, me conservasse para alcançar o tempo em que uma Vir-

gem muito santa teria o Filho, a fim de que pudesse ir servi-la e venerá-la.

Isabel interrompeu-a para perguntar-lhe:

— Ó muito doce Senhora, vós já não éreis cheia de graça e de virtudes?

Nossa Senhora respondeu-lhe:

— Acreditava-me também culpada e miserável como tu também acreditas que o sejas: eis porque rogava a Deus me concedesse graças que julgava necessárias.

E continuou:

— O Senhor fazia de mim o que o músico faz com a harpa, de que ordena e dispõe tôdas as cordas, para que dê em scm agradável e harmonioso. Foi assim que Deus me ordenou a alma, o coração, o espírito, os sentidos todos. Assim, regrada pela Sabedoria, era eu constantemente arrebatada até o seio de Deus pelos anjos, e lá, gozava de tanta alegria, de doçura tanta e de tanta consolação, que me não recordava mais do mundo em que vivia: era como se nêlo jamais vivera. Estava, além disso, tão familiarizada com Deus e os anjos, que me parecia ter sempre vivido na côrte gloriosa. Quando aprazia a Deus Pai tomavam-me os anjos e transportavam-me para onde me haviam tirado, onde, na terra, estava a orar.

Isabel ficava estática.

— Quando me via na terra, continuava Maria, e me recordava do céu, a lembrança tanto me inflamava, que me punha, por amor de Deus, a beijar a terra, a abraçar as pedras, as árvores, tôdas as coisas criadas enfim, tamanha era a afeição pelo Criador de tudo. Queria ser a criada de tôdas as santas mulheres que habitavam o templo. Desejava ser submissa a tôdas as criaturas, por amor do Pai su-

preço, e êsse desejo me vinha sem cessar. Deverias fazer o mesmo. Porém, estás sempre a dizer: "Por que para mim tantos favores, quando sou tão indigna de os receber?" E te desesperas, não crês nos benefícios de Deus. Tem cuidado de não mais falares assim, porque desagradas a Deus. Êle pode dar, como bom mestre, as graças a quem quer, e como sábio pai, bem sabe a quem as convém dar, a quem as mercês convém.

Afinal, terminando, disse a Isabel a divina instrutora:

— Vim a ti por uma graça especial: sou tôda tua, agora. Interroga-me, pois, sôbre tudo aquilo que desejas e a tudo responderei.

Isabel não ousava usar daquela faculdade, julgando-se indigna. Maria exortou-a, e a duquesa perguntou:

— Dizei-me, doce Senhora, por que tínheis tão grande desejo de ver a Virgem que deveria ter o Filho de Deus?

A santa Virgem respondeu-lhe:

— Um dia, pensando na minha resolução de jamais me separar do Senhor, procurei ler para encontrar alguma coisa que me fortalecesse a alma. Abri, pois, o livro santo e dei com estas palavras de Isaías: "Eis que a Virgem conceberá". Compreendi que o Filho de Deus devia escolher uma Virgem para, então, dela nascer. Imediatamente resolvi, no fundo do coração, pelo respeito e graça daquela Virgem, guardar a virgindade, e dar-me a ela como criada. Queria servi-la e dela jamais separar-me, mesmo que necessitasse correr o universo todo. Ora, uma noite, prosternada em oração, ardentemente ao Senhor eu supplicava: que me prolongasse a vida, para poder ver



a Virgem dos meus sonhos, pois queria servi-la, venerá-la, aplicar-me tôda inteira a ela. Eis que um esplendor muito mais forte que o do sol a tudo iluminou, e do meio dêle uma voz me disse: "Prepara-te para ter meu Filho!" Muito claramente, a voz acrescentou: "Sabe que a submissão que querias tributar a outrem por amor de mim, a ti, não a nenhuma outra, ser-te-á tributada pelos outros. Hás de ser a Mãe, a Senhora e a Dominadora de meu filho, de modo que não sòmente tu o terás, mas poderás dá-lo a quem queiras dar. Não terão minha graça nem meu amor, nem a graça e o amor de meu Filho, aquêles que te não amarem. Quanto a ti, ainda, quem não te confessar a Mãe de meu Filho, jamais me entrará no reino. Querias que te concedesse o favor de viver para conheceres a Virgem que teria meu Filho, para servi-la e venerá-la: digo-te, pois, que tu mesma serás essa Virgem que há de ter meu Filho. Ser-te-á dado por mim e por ninguém mais, e quem não te implorar o favor jamais poderá ter a consolação de meu Filho". Quando acabei de ouvir aquelas palavras, estava com o rosto por terra. Tremia e não podia sustentar-me. Mas foi por pouco tempo, porque os anjos me apareceram e me fortaleceram. Desde aquêl momento, entreguei-me totalmente aos louvores de Deus e, de tal sorte, que dia e noite não podia saciar-me de louvar o Pai supremo e render-lhe graças. (1)

Terminada a doce conversação, Maria, sorrindo, desvaneceu-se. Isabel viu, um dia, um soberbo jardim cheio das mais belas e viçosas flôres: era ali o lugar em que a divina consoladora fôra, em meio a anjos

---

(1) Ver a respeito o texto latino na «História de Santa Isabel», do conde Montalembert. Pág. 362, 3.<sup>a</sup> ed., in-8.<sup>o</sup>.



inumeráveis, levada de volta ao céu nos braços do Filho amado. Um anjo veio explicar a Isabel que tudo aquilo que lhe acontecera era um favor do alto, para sustentá-la nas desventuras pelas quais estava passando.

— Sêde constante, disse-lhe, que venturas indiscreíveis vos serão dadas no céu. Sêde fiel e dócil à vontade de Deus, e tereis, reservado no alto, o que a Maria foi reservado.

Entrementes, uma tia de Isabel, a princesa Matilde, abadessa de Kitzing, tomando conhecimento da triste situação da sobrinha, localizou-a e levou-a, com as crianças, para o convento. Isabel foi chamada à diocese de Bamberg, da qual um tio maternal era bispo e príncipe.

Uma vez em Bamberg, o tio propôs-lhe se casasse com o imperador Frederico, que acabava de enviuar pela segunda vez.

Isabel, com grande doçura, mas com inquebrantável firmeza, respondeu-lhe:

— Agradeço-te, meu tio, o bom propósito e o desvêlo, mas desejo ardentemente, pelo resto da vida, a Deus unicamente servir.

Os nobres cruzados da Turíngia, regressando à pátria, trouxeram de Otranto os restos mortais do bom duque Luís, e sepultaram-nos no mosteiro em vida escolhido para a última morada. E, incorporados, foram procurar o duque Henrique, regente do ducado, exprobrando-o corajosamente, reprovando a indigna conduta que ditara com respeito à viúva do irmão, a duquesa Isabel.

Henrique reconheceu a falta, e pediu perdão à cunhada, restituindo-lhe todos os bens e honrarias dos quais a privara, cedendo-lhe mesmo a propriedade

da cidade de Marburg, em Hesse, com tôdas as dependências e os diversos lucros ou rendimentos que dali advinham, a título de doação.

Isabel, então, fêz com que se construísse, quase ao lado do convento dos irmãos Menores, uma casinha de madeira e de terra batida, uma modestíssima cabana de pobre, a fim de mostrar a tôda gente que não era uma rica princesa que vinha fixar-se na capital, mas sim uma simples e paciente viúva que se propunha, com tôda a humildade, servir ao Senhor.

Terminada a casinha — palácio da abjeção — lá se foi Isabel instalar-se com os filhos e os criados que lhe tinham sido e eram fiéis.

Na sexta-feira santa, fêz os votos na pia ordem de São Francisco, e tomou o hábito de Santa Clara.

Ao mesmo tempo que se construía a cabana, erguia-se um hospital que ordenara. Ali fêz internar o maior número de doentes, doentes das mais variadas doenças, e, ela mesma, muito solícita e carinhosa, dêles cuidava dia e noite.

Quanto à renda dos domínios que lhe doara o duque Henrique, distribuía-a totalmente à pobreza, vivendo exclusivamente do trabalho, como qualquer pobre mulher.

Um dia, fiava Isabel à roca, quando na choupana entrou o embaixador do rei da Hungria, do pai, que a procurava. Vendo-a a fiar, como qualquer mulher do povo, o embaixador, emocionado, fêz o sinal da cruz e pôs-se a chorar e a balbuciar:

— Vós, senhora? Vós, princesa, a desincumbir-vos de trabalhos humilhantes, numa choça? Que diria o rei, vosso pai?

Isabel sorriu docemente e respondeu-lhe:

— Dize a meu pai e senhor que me sinto imensamente feliz nesta vida desprezível, mais do que se vivesse na pompa da côrte. Que não se preocupe e muito menos se aflija. Dize a meu pai que, pelo contrário, deve rejubilar-se. Rejubilar-se por ter uma filha que está a serviço do maior Rei, o grande Rei dos céus e da terra.

O embaixador, ainda d'olhos marejados d'água, perguntou:

— E não desejas nada? Que direi eu a vosso pai e senhor meu?

Isabel respondeu-lhe:

— Dize a meu pai, senhor, que só uma coisa desejo neste mundo: que rogue a Deus por mim, com muito ardor, que eu, por minha vez, a Deus por êle pedirei sempre e sempre.

O embaixador deixou a pobre choupana e Isabel retornou humildemente à roca.

O padre Conrado, que o papa Gregório IX havia dado a Isabel como diretor espiritual, quis prová-la de várias maneiras. Entre outras, obrigou-a a desfazer-se de duas queridas e santas amigas, Ysen-trude e Guta, dando-lhe, no lugar, duas mulheres de caráter absolutamente diverso: uma delas muito devota, mas terrivelmente rude e grosseira, feiíssima, que lhe espantava os filhos; a outra, muito velha, viúva, muito surda, era rabugenta em excesso e taciturna como ninguém, propensa a constantes acessos de cólera.

Isabel resignou-se à mudança tão penosa nos hábitos com a mais perfeita docilidade, por amor ao Cristo. (2)

---

(2) Montalembert.

Crescendo a caridade de Santa Isabel da Turíngia sempre, em meio a provas de tãda a espécie, Deus concedeu-lhe a graça de não só servir os pobres pelas mãos, mas também por meio de milagres.

Não deixava um só dia de ir visitar os pobres doentes no hospital, e isso duas vèzes por dia, para saber do andamento das doenças, e para consolá-los, encorajá-los, levar-lhes o de que necessitavam e os viveres que lhes destinava.

Um dia, ao entrar no hospital, viu um menino deitado na soleira da porta, estropiado e disforme, estendido e sem movimento. Era um pobrezinho surdo-mudo, cujos membros, tortos por uma moléstia cruel, não lhe permitiam andar senão de quatro, como animal. A mãe cansada dêle, levava-o ao hospital e lá o abandonara, na esperança de que a boa duquesa, como chamavam a Santa Isabel, dêle se apiedasse, e o acolhesse.

De fato, logo que o viu, olhou-o Isabel com ansiedade, tãda penetrada de dor. Abaixou-se para o pobrezinho, acariciou-lhe os cabelos sujos e revoltos e perguntou-lhe:

— Onde estão teus pais, pobrezinho meu? Quem te deixou aqui?

Como o menino era surdo-mudo, e, pois, não a entendia, Isabel repetiu, mais docemente:

— De que sofres tu, filhinho? Não me respondes, não?

O menino olhou-a com ansiedade, silenciosamente, d'olhos arregalados. E Isabel, desconhecendo-lhe a mudez e a surdez, julgando-o possuído do demônio, sentiu-se ainda mais penetrada de dor. Ergueu-se, resoluto, e em voz alta, muito alta e muito clara, disse:

— Em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, eu te ordeno, a ti ou a quem em ti estiver, que me responda donde vens!

No mesmo instante, num abrir e fechar d'olhos, o menino endireitou-se, ergueu-se, todo erecto, diante dela. Soltou-se-lhe a língua, e respondeu:

— Foi minha mãe que aqui me deixou.

E, desembaraçadamente, contou à santa que sempre fôra disforme, nunca ouvira nem falara em tôda a vida, a não ser naquele momento em que ela lhe ordenara, em nome de Nosso Senhor. E continuou:

— Endireitaram-se-me os membros, sinto-me forte, cuço tudo o que me dizem e falo palavras que jamais aprendi de ninguém.

De repente, caindo de joelhos, pôs-se a chorar um choro muito brando e docemente soluçado, em que se lhe ouviam palavras de agradecimento a Deus Todo-poderoso.

— Eu não conhecia Deus, dizia. Nem lhe sabia da existência. Todo o meu ser era morto. Não sabia o que era, não sabia nada. Agora sei o que é um homem, justamente o que eu, um dia, chegarei a ser. Não sou mais um animal, porque não passava dum animal: agora eu sei falar, sei falar de Deus. Bendita sejas tu, senhora, que obtiveste de Deus a graça que não me permitirá morrer como até o presente vivi.

A essas palavras, que de maneira tão tocante demonstravam as primeiras emoções daquela almalzinha que uma ordem tôda poderosa libertara, Isabel viu bem que Deus agira miraculosamente, por seu intermédio. Então, como fizera o menino, ela também caiu de joelhos e pôs-se a dar graças ao Senhor por aquêlê ser que vinha de salvar pela infinita bondade.



Terminando, disse ao pequeno:

— Agora volta a teus pais, mas, vê, não digas nada do que te aconteceu. Dize apenas que Deus te socorreu. E, filho, ouve, guarda-te sempre de todo pecado mortal, não seja que Deus te faça retornar ao que eras. Lembra-te do que foste, e não te esqueças jamais de rezar ao Senhor. Reza por mim também, como rezarei, todos os dias, por ti. Vai. Que Deus, infinitamente bom, esteja contigo.

O menino, despedindo-se, saiu alegre como um passarinho na primavera.

Ao chegar em casa, o estupor da mãe foi sem limites, uma vez que o menino entrou, a chamar pelo nome dos pais.

— Quem te deu a faculdade de falar? perguntou a mãe, atônita. Quem fez com que tu ouvisses, filho?

O menino, sorrindo, respondeu-lhe:

— Uma doce, muito doce senhora de roupa cinza ordenou-me que lhe falasse em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, e eu falei e respondi as perguntas que me fazia.

A mãe largou a correr pela rua, em direção ao hospital. Quem, senão a boa duquesa, lhe restituíra o filho completamente são?

Isabel, percebendo a mulher que lhe entrava pelo hospital, cheio de louca alegria, adivinhou a mãe do menino que Deus se dignara curar por seu intermédio, e fugiu, escondeu-se. E a fama de milagrosa, num instante, correu por todo o ducado, como o fogo num rastilho de pólvora.

Os pobres enfermos passaram a invocá-la com ardor, e o Todo-poderoso não negava manifestar-se.

Um dia, um homem muito doente apareceu-lhe, e pediu-lhe:



— Curai-me, boa duquesa, curai-me em nome do doce apóstolo São João!

São João! São João Evangelista, a pureza sem par, o padrinho que a acompanhava desde menina-moça!

Nem bem acabara de pedir pelo homem, e êste sentiu-se curado. De joelhos, então, ambos, entre lágrimas, agradeceram e louvaram a Deus e ao apóstolo.

Doutra feita, um pobre estropiado de pés e mãos, suplicou-lhe:

— Ó sol brilhante, ó mais bela entre as mulheres, eu sou de Reinhartsbrunn, lá onde teu marido repousa: pela alma de teu espôso, o bom duque Luís, vem em meu socorro, cura-me, sol inigualável!

Ao nome do marido, enternecida, comovida pela lembrança do doce e santo amor de dantes, Isabel deteve-se e olhou com infinita ternura aquêlê que assim a invocava. O suplicante, só com a luz do olhar da Santa, viu-se curado.

— Quão grande, quão poderoso é o Senhor! dizia êle, prostrado. Amado seja, por tôda parte, o santo nome do Senhor!

Isabel costumava ir à igreja, anexa ao hospital, que ela mesma mandara erigir, por volta do meio dia. Era-lhe o melhor período. Podia dedicar-se livremente à oração, uma vez que, àquela hora, os fiéis, na maior parte, estavam em casa para o almôço.

Ajoelhada, a orar, viu um cego aparecer, a tatear, na igreja, com olhos abertos, como os de tôda a gente, mas de pupilas murchas e vazias.

Isabel correu para êle e perguntou-lhe:

— Que fazes, assim sôzinho, errando pela igreja?

O cego entreparou, respondeu-lhe:

— Queria encontrar a dama que consola os pobres, a boa duquesa, como a chamam.

— Que desejas dela?

— Perguntar-lhe coisas, tornou o cego, pedir-lhe uma esmolinha pelo amor de Deus. Mas, antes, quis vir à igreja rezar um pouco. Estava-a rodeando, para certificar-me de como é grande, conforme dizem. Ah, como gostaria de vê-la! Foi a boa duquesa que a construiu, sabes, não sabes? Quem não sabe?

Isabel, compungida, perguntou-lhe:

— Gostarias de vê-la?

— A duquesa?

— Não, a igreja.

— Oh, muito, respondeu o pobre, mas muito muito mais a boa duquesa, a mãe, a irmã da pobreza! Ah, como é triste não poder ver as coisas, não poder ver o sol, os passarinhos, o céu! Era menino, menino novo ainda, quando perdi a vista! Gostaria de trabalhar, de não depender dos outros. Os outros, os que vêem, ajudam-nos, mas cansam-se, aborrecem-se. Acho que com razão, não? Mas a boa duquesa não. Dizem que não se cansa, que quanto mais ajuda os pobres, os doentes, os estropiados, mais quer ajudar. Ah, a boa duquesa! E o pior, ouviste, é o pecado da inveja. Que inveja a gente tem dos que enxergam! É triste, muito triste, não ver! Quando junto de alguém, conversando, ainda vai, distrai-se, mas quando se fica sozinho, ah, é triste, muito triste, sabes? Chora-se, chora-se muito!

Isabel ouvia-o, emocionada.

— Talvez tenha sido para teu bem que Deus te enviou a cegueira, disse-lhe, brandamente. Dizes

que tens inveja dos que enxergam, e êsse é o teu pecado: se enxergasses, talvez pecasses muito mais.

— Oh, não, não! retrucou o cego. Não pecaria, não! Com a ajuda de Deus, não! Viveria para o trabalho e seria alegre com êle. O trabalho é o maior dos derivativos.

A boa duquesa, vencida pela piedade, propôs-lhe:

— Ajoelha-te aqui e pede a Deus que te devolva a vista. Vamos, eu rezarei contigo, pedirei por ti.

Àquelas palavras, o cego abriu a bôca, adivinhando que estava na presença daquela que procurava. Caiu de joelhos, procurando achar-lhe a fimbria do hábito, a suplicar:

— Ó nobre e misericordiosa dama, tem piedade de mim! És a duquesa, não, a boa duquesa, a mãe, a irmã da pobreza infeliz, não és? Oh, tem pena de mim!

Isabel pousou-lhe as mãos na cabeça e tornou a pedir:

— Reza a Deus, pede-lhe que te devolva a luz aos olhos. Tem confiança em Deus e pede-lhe sem receio. Deus é misericordioso e infinitamente bom e poderoso.

Ela também se ajoelhou e orou com fervor.

Imediatamente, a vista foi restituída ao cego. Os olhos da bondade celeste vieram encher as órbitas ôcas, vazias, do pobre homem.

Aturdido, estonteado, levantou-se e deu com a Santa.

— Senhora! exclamou. Louvado seja Deus! Eu vejo! Eu vejo tudo muito claramente! Oh, Deus

do céu, eu vejo, vejo tudo! Principalmente a ti, ó boa duquesa!

A piedosa princesa, que sabia unir sempre a prudente solicitude de mãe cristã à caridade, disse-lhe:

— Agora que enxergas, que tudo vês, cuida de servir a Deus e de evitar o pecado. Trabalha, sê homem honesto, humilde e leal em tudo. (3)

Santa Isabel da Turíngia, ou da Hungria, adoeceu em meados de novembro de 1231. Três dias depois, recebeu a extrema-unção e o santo viático. Perto da meia-noite dêsse mesmo terceiro dia, o rosto ficou-lhe tão resplandecente que quase se tornava impossível fixar-lhe os olhos. E, ao primeiro canto do galo, disse:

— Eis a hora em que Jesus nasceu de Maria. A hora em que os humildes foram os primeiros a ir adorá-lo. Ah, a estrêla que guiou as gentes! Que estrêla maravilhosa, como igual não há! Eis a hora em que soou a trombeta do resgate, pela garganta do galo. Que galo lindo e imponente seria aquêlê que primeiro cantou naquela noite maravilhosa! Oh, Jesus, que resgataste o mundo! Oh, Jesus, que resgataste também a mim!

A boa duquesa estava alegre e feliz.

— Que fraqueza! continuou. Mas não sinto dor alguma! Oh, não sinto nada! Dir-se-ia que nem doente estou!

Estava inflamada, tôda inflamada pelo Espírito Santo.

Tentando soerguer-se no leito, exclamou, alto:

— Maria! Oh, Mãe! Vinde em meu socorro!

---

(3) Montalembert, c. XXVIII.

Tornou a deitar a cabeça no travesseiro e continuou:

— Chega o momento em que Deus convida os amigos para as núpcias . . . Oh! O Espôso vem em busca da espôsa!

E, em voz muito baixa, ciciante, disse as últimas palavras:

— Silêncio! . . . Silêncio! . . .

A cabeça pendeu-lhe doce, docemente. Era como se, plácidamente, dormisse. (4)

Era a noite de 19 de novembro de 1231 e Santa Isabel desaparecia com apenas 24 anos de idade.

Para satisfazer a devocção do povo que afluía de tôda parte, deixaram exposto o corpo na igreja durante quatro dias inteiros, depois do que foi enterado na capela dum dos hospitais que ela construía. Muitíssimos milagres, então, lhe atestaram a santidade.

Em 1235, pelo papa Gregório IX, foi Santa Isabel da Turingia ou da Hungria, solenemente canonizada.

\* \* \*

---

(4) Montalembert, c. XXIX.

## SANTO ABDIAS (\*)

*Profeta*

*Antigo Testamento*

Abdias, um dos chamados "pequenos" profetas, quer dizer *Servidor de Javé*, do hebreu *Obadyah* ou *Obadyahu*. O livro dêste santo profeta é um dos mais curtos da Bíblia, com vinte e um versículos.

No hebreu e na Vulgata latina, Abdias é o quarto dos pequenos profetas, situado entre Amós e Jonas. No grego, é o quinto, entre Joel e Jonas.

A profecia de Abdias compreende duas partes: a primeira do tipo oráculo contra as nações e a segunda apocalíptica.

Não se sabe ao certo a época em que o profeta viveu. Anunciou aos idumens os castigos que Deus lhes enviaria, por causa do modo desumano com que tinham tratado o povo de Judá e de Jacó, seu irmão. Profetiza a ruína da idolatria e o estabelecimento do reino de Nosso Senhor Jesus Cristo.

---



## PROFECIA DE ABDIAS

### *Capítulo Único*

“Visão de Abdias. Isto diz o Senhor Deus a Edom: Eis o que ouvimos do Senhor, que um mensageiro foi enviado a dizer às nações: Levantai-vos e partamos todos contra Edom, para o combater. Tu vês (*diz o Senhor a Edom*) que te fiz pequenino entre as nações; és desprezível em extremo. A soberba do teu coração transviou-te, a ti que habitas nas fendas dos rochedos, que fazes das alturas a tua morada, que dizes dentro do teu coração: Quem me fará cair por terra? Ainda que te eleves, como a águia, e ponhas o teu ninho entre os astros, precipitar-te-ei de lá, diz o Senhor. Se ladrões entrassem em tua casa — ou salteadores de noite, — não se teriam contentado com roubar o preciso (*deixando o resto*)? Se viessem a ti vindimadores (*à tua vinha*), não deixariam nada de rebusco? Como esquadrinharam a Esaú (*ou os idumeus*), investigaram os seus esconderijos! Expulsaram-te até a fronteira; todos os teus aliados zombaram de ti; os (*que se diziam*) teus amigos subjugaram-te; os que comiam o teu pão, armaram-te laços à falsa fé. Edom não tem inteligência! Acaso naquele dia não farei desaparecer os sábios da Iduméia, diz o Senhor, e a inteligência do monte de Esaú? Os teus valentes, ó Teman, serão

tomados de medo, de maneira que morrerá todo o varão sôbre o monte de Esaú.

“Por causa da mortandade, da violência que cometeste contra o teu irmão Jacó, cobrir-te-á a confusão, e perecerás para sempre. No dia em que, diante de ti (*sem te importares com isso*), bárbaros faziam prisioneiro o seu exército, em que estrangeiros entravam pelas portas e deitavam sortes sôbre Jerusalém, tu também eras como um deles. Não te deleites contemplando teu irmão, no dia do seu infortúnio; não te alegres sôbre os filhos de Judá no dia da sua perdição; não te portes com insolência no dia da angústia. Não entres pelas portas (*ou cidades*) do meu povo no dia da sua ruína (*para recolher despojos*); não te alegres com os seus males no dia da sua desgraça; não deites a mão às suas riquezas, no dia da sua calamidade; não te ponhas nas encruzilhadas para matar os (*hebreus*) que fugirem; não entregues o resto dos seus habitantes no dia da tribulação. Porque o dia (*do castigo*) do Senhor está perto para tôdas as nações, far-se-á contigo como tu fizeste (*com o meu povo*); (*Deus*) fará cair sôbre a tua cabeça as tuas obras. Assim como vós bebestes (*sacrilegamente*) sôbre o meu santo monte, assim também beberão de contínuo (*do cálice da cólera divina*) tôdas as (*outras*) nações (*idólatras*); beberão, sorverão, e virão a ser como se nunca tivessem sido.

“Mas sôbre o monte Sião haverá escapados, será (*um lugar*) santo e a casa de Jacó despojará aquêles que a despojaram. A casa de Jacó será um fogo, a casa de José uma chama, e a casa de Esaú palha sêca, a qual será abrasada e devorada por aquelas, sem ficar resto algum da casa de Esaú, porque

o Senhor assim o disse. Os que habitam na planície (tomarão) o país dos filisteus; serão senhores do país de Efraim e do território de Samaria, e Benjamim possuirá Galaad. Os dispersos (até então) do exército dos filhos de Israel ocuparão tôdas as terras dos cananeus até Sarepta, e os deportados de Jerusalém, que estão em Sefarad, possuirão as cidades do meio-dia. Subirão salvadores ao monte de Sião para julgar o monte de Esaú, e o império pertencerá ao Senhor". (1)

★ ★ ★

---

(1) Abd 1, 1-21.

## SANTA MATILDE DE HACKEBORN (\*)

### *Monja de Helfta*

Nascida em 1241, Santa Matilde pertencia a uma das mais importantes famílias da Turíngia. Irmã de Santa Gertrudes de Hackeborn, que foi abadessa, estudou com afinco, tornando-se senhora de grande cultura, conhecedora de Orígenes, de Trajano, de Tomás de Aquino e de Alberto, apelidado o Grande.

A santa monja de Helfta foi grandemente acatada no mosteiro. Constantemente consultavam-na as irmãs sobre os pontos mais espinhosos. O espírito de pobreza, um dos seus traços mais característicos, era verdadeiramente brilhante. O hábito, trazia-o sempre remendado, mas muito limpo, e assim, todo feito de pedaços, tornava-a feliz. À mesa, comia por obediência, mas quase sempre alheia aos pratos.

Familiar com Deus, não queria senão o que Êle queria. Presidindo o canto no côro, a maneira como o fazia, os gestos que tinha, eram qualquer coisa do céu. Seus pensamentos e visões, inspirados pela Santa Escritura e a liturgia, semelham-se aos do *Corpus gertrudiano*.

O *Arauto do Amor Divino*, compilação gertrudiana, fala por mais duma vez de Santa Matilde. Em contraposição, o volume matildiano, o *Livro de Graça Especial*, não menciona Gertrudes.

O renome de Santa Matilde propagou-se rapidamente. No século XIV, foi célebre em Florença. Que dizer da Matelda de Dante (*Purgatório*, cantos XXVIII — XXXIII)? Matelda era guarda do paraíso terrestre. Seria a nossa Matilde? Os estudiosos dizem que a hipótese não é inadmissível.

Santa Matilde de Hackeborn faleceu em 1298 (?).

---

No mesmo dia, a festa de São Ponciano, papa e mártir, morto a pancadas na ilha de Sardenha, onde o imperador Alexandre o havia enviado com um sacerdote chamado Hipólito. O papa São Fabiano fez transportar-lhe o corpo para Roma, onde lhe deu sepultura honrosa no cemitério de Calisto. Ponciano, filho de Calpúrnio, romano, sucedeu, em 230, ao papa Santo Urbano. Segundo o *Liber pontificalis*, São Ponciano teria sido morto aos 30 de outubro. Todavia, esta questão continua de pé, uma vez que aquela data provém duma confusão de leitura do catálogo liberiano.

Em Roma, na Via Ápia, a morte de São Máximo, padre e mártir: sofreu durante a perseguição de Valeriano e foi enterrado em São Sixto.

Na cidade de Écija, na Espanha, o bem-aventurado Crispim, bispo, que, decapitado, colocou-se entre os mártires (século III).

São Fausto, diácono de Alexandria: primeiramente, durante a perseguição de Valeriano, foi exilado com São Dionísio; em seguida, chegando a uma grande idade pereceu pela espada, durante a perse-

guição de Diocleciano, assim consumando o martírio (século III-IV).

Em Cesaréia da Capadócia, São Barlaão, mártir: embora ignorante e iletrado, triunfou do tirano pela sabedoria com que Nosso Senhor o cumulou; pela constância invencível da fé, superou a violência do fogo. No dia da festa, São Basílio, o Grande, pronunciou sobre êle um belíssimo sermão, que se tornou célebre. São Barlaão foi desconhecido dos martirológios históricos latinos. Barônio introduziu-o no martirológio romano a 19 de novembro, que é o aniversário da dedicação de sua igreja em Constantinopla.

Em Vienne, os santos mártires Severino, Exupério e Feliciano, cujos corpos foram encontrados, desaparecidos que estavam, por revelações feitas por êles mesmos, depois da morte; o bispo, acompanhado dos clérigos e seguido de todo o povo, levou-os com solenidade e sepultou-os honrosamente.

Em Isáuria, o martírio de Santo Azas e de cento e cinquenta soldados, seus companheiros, que o tribuno Aquilino fêz morrer, sob o imperador Diocleciano.

Demais, São Ciltrônio.

Na abadia de Micy, São Teodomiro, abade (século VI?). Segundo a *Vida* de São Lifardo, Teodomiro convidou aquêle Santo a vir assistir ao seu sepultamento. Lifardo obedeceu e fêz com que depois elegessem São Mesmino, o Jovem, sobrinho de Teodomiro. Letaldo, monge de Micy, ensina-nos que o bispo de Orléans, Jonas, foi quem ordenou que



se transportassem os restos de Tecdomiro e Mesmino para Micy. Estavam êles então em Orléans? Eis uma pergunta que ainda não teve resposta.

Na Bretanha, Santo Huardon, bispo de São Pol de Lião (século VII). Segundo a legenda de Santo Hervê, Santo Huardon era o amigo e o protetor daquele ermitão cego. Foi quem o levou ao sínodo de Menez-Bre. Na volta, ambos viram o céu abrir-se, assim contemplando todo o esplendor da côrte celeste.

Na Inglaterra, no Kent, Santa Ermemburça ou Domneva, viúva e abadessa, falecida em 700. Santa Ermemburça era filha de Ermenredo, rei de Kent. Casada com Morevaldo, filho de Penda, rei dos mercianos, teve quatro filhos, três meninas e um menino: Santa Mildburga, Santa Mildred, Santa Mildgyth e São Merefinc, que morreu muito jovem. Era irmã dos dois mártires Santo Ethelredo e Santo Ethelberto. De acôrdo com o espôso, viveram separados, para melhor se unirem a Deus.

Na abadia de Monastier, no Puy, Santo Aldo (Eudo, Eudes, Ecdó, Audo), primeiro abade daquela fundação.

Na Escócia, no Galhoway, Santa Medana, mártir (século VIII). Teria vindo da Irlanda, fugindo das bodas que os pais lhe preparavam. Acabou perecendo, vítima dum homem cruel.

Na Baviera, no mosteiro de Ottobeuren, São Totó, abade, falecido em 800 (?)

Na diocese de Bourges (*La Chapelle-d'Angillon*), São Tiago, ermitão (século IX?). Nascido na Grécia, Tiago procurou a carreira das armas. Es-

timado pelo imperador Leão, atraiu para o exército três irmãos. Um dêles, o mais velho, cristão, fizera-se religioso, e o converteu. Monge, depois diácono, Tiago partiu para a Gália, onde chegou depois de inúmeras peripécias.

Santa Amalberga, abadêssa, falecida em 900. Abadêssa de Susteren, na atual diocese de Roermond, nos Países-Baixos, acolheu no mosteiro duas futuras santas — Benedita e Cecília, filhas do rei de Lotaríngia, Swentibold.

\* \* \*

## 20.º DIA DE NOVEMBRO

### SÃO FÉLIX DE VALOIS

*Fundador, com São João de Mata, da ordem dos Trinitários para a redenção dos cativos*

São Félix de Valois é assim cognominado, ou porque nasceu na província dêste nome, ou porque era do ramo real de Valois, como querem muitos críticos.

Veio êle ao mundo no ano de 1127, deixou a Sicília, onde possuía bens consideráveis, e retirou-se a uma floresta na diocese de Meaux. Escolheu tal solidão para ficar bem longe da vida comum dos homens e bem desconhecido dêles, de modo que pudesse sòmente pensar em Deus e ocupar-se unicamente da própria santificação. E à oração e à contemplação, acrescentava as mais rigorosas austeridades da penitência.

João de Mata, ouvindo coisas a respeito dêle, saiu a procurá-lo imediatamente. Encontrando-o na solidão da mataria, rogou-lhe que o recebesse no eremitério e o instruisse nas coisas da perfeição.

Félix facilmente descobriu que o jovem era sincero e ardia de amor por Deus. Tomou-o, então, como discípulo e companheiro, como a um enviado do Senhor. E difícil seria dizer qual dos dois era mais

cheio do espírito de oração e mais rigorosamente se dava às austeridades. As vigílias eram-lhes longas e os jejuns quase contínuos. A ocupação mais ordinária, a contemplação; não tinham em mira, nas conversações, senão alumiar, sempre e cada vez mais, com o fogo sagrado do amor divino, os corações.

Um dia, quando juntos se entretinham a observar as águas duma fonte, João abriu-se ao companheiro, falando-lhe duma idéia que tivera, que lhe viera no dia da primeira missa que rezara: consagrar-se inteiramente à libertação dos cristãos cativos dos macmetanos. Discorreu sôbre o assunto de maneira tão viva e tocante, que Félix não duvidou um só momento de não poder tal projeto ter vindo senão de Deus. E inflamado, d'olhos a brilhar, ofereceu-se para cooperar com tudo o que lhe fôse possível.

— Quais os primeiros passos? perguntou Félix ao companheiro.

João ainda não pensara no assunto com maiores detalhes. Apenas o núcleo da coisa o abraçava. Então, juntos, concordaram em que deviam redobrar as austeridades, prolongar as vigílias, prolongar os jejuns, orar com redobrado fervor, para que Deus se dignasse iluminá-los, mostrando-lhes, assim, o caminho que deviam seguir.

Alguns dias depois, achavam-se a caminho de Roma. Era pelos fins do ano de 1197. Uma vez em Roma, foram recebidos pelo papa Inocêncio III, então no trono de São Pedro. Pelas cartas de recomendação que ambos os amigos levaram, do bispo de Paris, e de outras personalidades e entregaram ao Papa, ficou êste sabedor da santidade de Félix e João e do piedoso desejo que alimentavam.

Depois de muitas audiências particulares, em que os dois explicaram ao Papa tudo o que desejavam fazer por amor de Deus, reuniram-se os cardeais e os bispos no palácio de São João de Latrão para as últimas considerações e deliberações.

Afinal, surgiu a nova ordem religiosa, da qual João foi declarado o primeiro ministro geral.

O bispo de Paris e o abade de São Vítor foram encarregados de organizar a regra, a qual o papa Inocência aprovou com uma bula dada no ano de 1198. Queria o soberano Pontífice que os novos religiosos trouxessem hábito branco, com uma cruz vermelha e azul sobre o peito, e que tomassem o nome de irmãos da ordem da Santa Trindade. (1)

João de Mata fez muitíssimas viagens à África para resgatar cativos. Durante esse tempo, São Félix de Valois conservava e incentivava a piedade, o fervor e a caridade nas casas de França. Morreu na solidão de Cerfroi a 4 de novembro de 1212, com a avançada idade de 85 anos e sete meses.

O papa Inocência VI transferiu-lhe a festa para o dia 20 do mesmo mês.

\* \* \*

---

(1) Acta Sanctorum et Godescard.

## SÃO DÁSIO (\*)

### *Mártir*

No tempo dos imperadores Maximiano e Diocleciano, os soldados tinham o hábito de celebrar Cronos todos os anos. A sorte designava um dentre êles para revestir um trajo real, magnificente, e, assim, era tido como Cronos em pessoa. Atirando-se a tôdas as paixões criminosas e, pois, vergonhosas, durante um mês, acabado aquêl tempo, oferecia-se como vítima aos ídolos, matando-se com uma espada.

Dásio foi, um dia, apontado pela sorte. Bafejado já pelo cristianismo, o bom soldado pôs-se a cismar e a raciocinar.

— Melhor será, disse, passar por alguns tormentos, em nome do Senhor, e herdar, depois da morte, a vida eterna com os santos.

Quando o procuraram, asseverou que preferia ser vítima de Nosso Senhor, porque mais lucraria em se oferecer a Deus do que ao demônio.

Prêso, encerraram-no numa triste e pequena masmorra, donde o tiraram no dia seguinte, para apresentá-lo ao legado Basso.



Basso perguntou-lhe o nome e a condição. O militar disse-lhe o nome, esclareceu que era soldado e cristão. Levado a apostatar, nada o demoveu. Foi, então, condenado à morte. A 20 de novembro, sofreu a decapitação.

★ ★ ★

## BEM-AVENTURADO AMBRÓSIO TRAVERSARI (\*)

### *Abade*

Ambrósio Traversari foi abade dos camaldulos. Nascido em 1386 numa muito nobre família da Toscana, fêz-se camaldulo aos catorze anos, em Florença, no mosteiro de Santa Maria dos Anjos, então grande centro de vida literária. Tendo estudado latim, grego e hebreu, traduziu várias obras de São João Crisóstomo.

Quando o papa Eugênio IV, em 1431, pô-lo à frente de sua ordem para reformá-la, atirou-se de corpo e alma ao trabalho.

Enviado como legado ao concílio de Bale, em 1435, contribuiu grandemente para manter o prestígio do papado.

Helinista, e helenista muito hábil, doutíssimo em teologia oriental, Ambrósio impôs-se nas discussões entre a Igreja latina e a grega.

Superior geral dos camaldulos, foi doce e enérgico ao mesmo tempo. Letrado e erudito, humilde e piedoso, legado e homem de Estado, não houve quem lhe negasse os méritos e as virtudes.

A 6 de julho de 1439, na catedral de Florença, o ato da união das igrejas latina e grega, que o bem-aventurado, com infinitos de carinho, preparou e

redigiu, foi proclamado. Grande triunfo, aquêlê. Dir-se-ia o seu canto de cisne, porque, cansado, morreu, de repente, a 20 de outubro.

---

No mesmo dia, na Pérsia, a morte de São Nersas, bispo, e companheiros, mártires, sob o rei Sapor. Diante do rei, que queria levá-lo à apostasia, disse o santo bispo: "Rei, mesmo que estivesse em teu poder matar-nos sete vêzes, não deixaríamos nosso Deus para te obedecer". Todos, então, foram condenados à decapitação.

Em Messina, na Sicília, os santos mártires Âmpelo e Caio.

Em Turim, os santos mártires Otávio, Solutor e Adventor, soldados da legião tebana: combatendo corajosamente, sob o imperador Maximiano, receberam a coroa do martírio. No fim do século IV, Máximo, bispo de Turim, exortava os fiéis a honrar especialmente os mártires que haviam derramado o sangue na cidade e cujas relíquias nela repousavam. O bispo não nomeia os mártires. Contudo, um século mais tarde, Enódio de Pavia escreveu que, indo certa vez a Briançon, visitou a basílica dos santos Otávio, Solutor e Adventor. Segundo a *Paixão*, Otávio, Solutor e Adventor eram soldados. Quando do massacre, escaparam de Agaune, mas os perseguidores foram-lhes ao encalço, apresando-os em Turim. Otávio e Adventor foram mortos, mas Solutor, que era bem mais moço, conseguiu fugir, embora estivesse bastante ferido, duma lançada. Escondeu-se. Um menino, que o viu, denunciou-o aos perseguidores. Agarrado, levaram-no até as imediações do Dora

Riparia, num pântano, e, ali, cortaram-lhe a cabeça. O charco, então, diz a *Paixão*, secou-se no mesmo instante em que a cabeça do bravo cristão lhe despregava dos ombros. Pouco mais tarde, uma piedosa mulher do lugar, Juliana, tendo convidado os matadores para cear, tanto lhes deu de beber que os embriagou, conseguindo dêles arrancar o que procuravam manter em segredo, isto é, o lugar em que os corpos dos mártires tinham sido escondidos. Assim, digna e honrosamente, pôde enterrá-los.

Em Cesaréia da Palestina, Santo Agápio, mártir: tendo sido condenado às feras, sob o imperador Galério Maximiano, nada sofreu por parte dos animais; foi, então, atirado ao mar, com pedras atadas aos pés. Eusébio conta-nos, no seu livro *Sobre os Mártires da Palestina*, o martírio de Santo Agápio. Foi por uma festa dada pelo imperador, "e um mártir da nossa fé foi levado ao meio do anfiteatro, porque combatia pela única e verdadeira religião. Era Agápio. Com Tecla, tinha sido condenado às feras, para ser devorado. Fôra levado mais de três vezes ao estádio, com malfeitores, e, em tôdas as ocasiões, o juiz sòmente o ameaçou, deixando-o para outros combates, seja pela piedade, seja com a esperança de vê-lo apostatar". Depois, mais adiante: "Foi conduzido ao meio da arena com um criminoso, que tinha sido prêso, dizia-se, por ter matado o mestre. Muito bem! O matador do mestre, apresentado às feras, foi julgado digno de piedade e de benevolência, quase como o famoso Barrabás no tempo do Salvador; gritos e louvores ecoaram por todo o teatro, porque o homicida fôra salvo pela filantropia do imperador e julgado digno de honra e de liberdade. Ao atleta da religião, ao contrário, o tirano mandou renegar a

fê, prometendo-lhe a liberdade. Atestando em alta voz que o que praticava não era crime e que ia morrer pela religião do Deus do universo, acrescentou, corajosamente e com alegria, que suportaria o que lhe infligissem. E, juntando os atos às palavras, correu para uma ursa ataçada contra êle. Quando o animal o deixou, ainda Agáprio respirava. Levaram-no, então, para a prisão. Como não morresse, no dia seguinte ataram-lhe pedras aos pés e o atiraram ao mar. Tal foi o martírio de Agáprio”.

Em Heracléia, na Trácia, os santos mártires Basso, Dionísio, Agapito e quarenta outros.

Na Inglaterra, Santo Edmundo, rei e mártir, morto em 870. Descendente dos antigos reis saxões do Este Inglês, foi eleito no Natal de 854 pelos clérigos e pelos nobres do Norfolk, que se reuniram em Attleborough. Ivar, chefe bárbaro, de surpresa, invadiu-lhe o reino, a tudo queimando e massacrando. Temendo o rei, porque lhe conhecia o valor e sabia que logo havia de reunir poderoso exército, o chefe bárbaro despachou embaixadores ao palácio, dizendo, por êles, que deixaria o reino se Edmundo se reconhecesse seu vassalo e lhe pusesse o tesouro à disposição. O piedoso e bravo rei respondeu que jamais se submeteria a um pagão, preferindo a morte. Ivar, então, imediatamente, numa desesperada cartada, assaltou o palácio e teve a sorte de aprisionar o soberano. Amarrado a uma árvore, Edmundo foi varado de flechas e, depois, decapitado. O cadáver, atiraram-no no mais espesso da floresta. Quando os cristãos, retirado Ivar, e encontrado o corpo do rei-mártir, empreenderam uma batida para procurar a cabeça, fizeram a seguinte combinação: para que não se perdessem, chamariam-se mutuamente e, assim,

iriam avançando, sem se tresmalhar; e gritavam: "Onde estás? Onde Estás?" Senão quando, ouviram distintamente, a voz do rei, respondendo aquela pergunta: "Aqui, aqui, aqui!" Quando chegaram a uma clareira, deram com a cabeça sob as patas dum lobo, que a defendia da investida doutros animais de prêsa.

Em Constantinopla, São Gregório, o Decapolita, que muito sofreu pelo culto das imagens. Falecido em 842.

Em Milão, São Benigno, bispo: durante a invasão dos bárbaros governou a sua Igreja com constância e devotamento admiráveis. Desaparecido em 470 (?).

São Silvestre, bispo: cheio de dias e de virtudes, passou para o Senhor no quadragésimo-segundo ano de sacerdócio, entre 520 e 530. Bispo de Châlon-sur-Saone, deitavam no leito que lhe servira em vida os doentes de febre, que se curavam instantaneamente. A cama, como preciosíssimo tesouro, foi transportada para a igreja, onde ficou em lugar de destaque.

Em Verona, São Simplicio, bispo e confessor (século III?).

Em Hildesheim, na Saxônia, São Benvarado, bispo e confessor, que o papa Celestino III inscreveu no número dos Santos. Nascido em 960, faleceu em 1022.

Em Angers, Santo Apotemo, bispo, falecido em 400. Também sob as grafias Epodêmio e Hipotêmio aparece o nome deste santo bispo de Angers, o segundo da lista episcopal.

Santa Maxência, mártir. Teria sido discípula de São Patrício, o apóstolo da Irlanda. Decidida a



permanecer virgem, foi obrigada a deixar a pátria, tendo sido decapitada por inimigos de Nosso Senhor em Beauvais. Santa Maxência integra o grupo dos santos que, decepada a cabeça, toma-a nas mãos e deixa o lugar do suplício.

Na abadia de São Cláudio, no Jura, Santo Hipólito, abade e bispo de Belley, falecido depois de 772. Foi abade de Santo Oiando.

Em Tonkin, o bem-aventurado Francisco Xavier Can, catequista em Ke-Vinh, que cognominaram *O Santo*. Obediente, humilde, caridoso e piedoso, morreu estrangulado, confessando Jesus Cristo até o último instante, em 1837.

\* \* \*

## 21.ª DIA DE NOVEMBRO

### APRESENTAÇÃO DA SANTA VIRGEM AO TEMPLO

A vinte e um de novembro, a Igreja de Deus, sempre guiada pelo Espírito Santo, celebra a Apresentação da Santa Virgem Maria ao templo, para ali passar os primeiros anos de vida. E a Virgem mesma dignou-se revelar a almas santas, notadamente a Santa Isabel da Hungria e a Santa Brígida da Suécia, as particularidades da estada no templo.

Nas revelações de Santa Brígida, onde a Igreja nada encontrou contrário à fé e que pode crer-se piamente, vê-se que a Santa Virgem concebeu sem pecado e foi levada ao céu em corpo e alma. Nessa Senhora mesma revelou-o a Santa Brígida, bem como os progressos que teve no conhecimento de Deus e sua lei.

“Desde o início de minha infância, disse ela, quando entendi e compreendi que Deus existia, fui sempre cuidadosa e temerosa de minha conduta e de minha salvação. Quando, porém, plenamente compreendi que Deus era meu criador e o juiz de tôdas as minhas ações, passei a amá-lo mais intimamente, a tôda a hora receosa de ofendê-lo, quer por ações, quer por palavras. Depois, quando soube que havia

dado leis e mandamentos ao povo e tantas maravilhas fizera, resolvi firmemente, em minha alma, nada mais amar senão a Êle. E as coisas mundanas passaram a ser-me grandemente amargas.

“Afinal, sabendo que o mesmo Deus resgataria o mundo e iria nascer duma Virgem, fui tocada de tão grande amor por Êle que não pensava em nada que não fôsse Deus, nem a mais nada, que não Deus, eu desejava. Afastei-me, o mais que pude, de parentes e amigos. Aos pobres, dava tudo o que podia ter, e não me reservava mais do que a simples vestimenta e um pouco para viver até os tempos em que Êle devia nascer, na esperança de que poderia ser a indigna criada da Mãe de Deus.

“Fiz, no fundo do coração, voto de guardar a virgindade, se a Deus fôra agradável, e nada possuir no mundo”. (1)

Santa Brígida e Santa Isabel da Turíngia ou da Hungria tiveram as mesmas revelações.

Uma noite, quando Isabel recitava a saudação angélica, Maria, a quem dirigia a oração, appareceu-lhe, dizendo-lhe, entre outras coisas:

“Vim ensinar-te tôdas as orações que fazia quando estava no templo. Acima de tudo, pedia eu a Deus que me fizesse amá-lo e detestasse o pecado. Não há virtude sem êsse amor absoluto de Deus, pela qual a plenitude da graça desce na alma. Mas, depois de ter descido, ir-se-á, como a água que se escoadum reservatório aberto, a menos que continuemos a detestar os pecados e os vícios, sempre e sempre. Aquêle, pois, que quiser conservar a graça do alto, deve saber coordenar o amor e o ódio no coração.

---

(1) L. I, c. X.

Vejo que tu fazes tudo aquilo que eu fazia. Levantava-me pelo meio da noite e ia prosternar-me diante do altar, onde rogava a Deus me fizesse observar todos os preceitos que dêle emanaram, suplicando-lhe me concedesse as graças de que necessitava para lhe ser agradável. Pedia-lhe, e isso com muito ardor, que me conservasse para alcançar eu o tempo em que uma Virgem muito santa lhe teria o Filho, a fim de poder ir servi-la e venerá-la.

“Isabel interrompeu-a para perguntar-lhe:

“— Ó muito doce Senhora, vós já não éreis cheia de graça e de virtudes?”

“Nossa Senhora respondeu-lhe:

“— Acreditava-me também culpada e miserável como tu também acreditas que o sejas: eis porque rogava a Deus me concedesse graças que julgava necessárias.

“E continuou:

“O Senhor fazia de mim o que o músico faz com a harpa, a que ordena e dispõe tôdas as cordas, para que dêem som agradável e harmonioso. Foi assim que Deus me ordenou a alma, o coração, o espirito, os meus sentidos todos. Assim, regradada pela Sabedoria, era eu constantemente arrebatada até o seio de Deus pelos anjos, e lá, gozava de tanta alegria, de doçura tanta e de tanta consolação, que me não recordava mais do mundo em que então vivia: era como se nêle jamais vivera. Estava, além disso, tão familiarizada com Deus e os anjos, que me parecia ter sempre vivido na côrte gloriosa. Quando aprazia a Deus Pai, tomavam-me os anjos e transportavam-me para onde me haviam tirado, onde, na terra, estava a orar.

“Isabel, estava estática.

“Quando me via na terra, continuava Maria, e me recordava do céu, a lembrança tanto me inflamava, que me punha, por amor de Deus, a beijar a terra, a abraçar as pedras, as árvores, tôdas as coisas criadas, enfim, tamanha era a afeição pelo Criador de tudo. Queria ser a criada de tôdas as santas mulheres que habitavam o templo. Desejava ser submissa a tôdas as criaturas pelo amor do Pai supremo, e êsse desejo me vinha sem cessar. Deverias fazer o mesmo. Porém, estás sempre a dizer: “Por que para mim tantos favores, quando sou tão indigna de os receber?” E te desesperas, não crês nos benefícios de Deus. Tem cuidado de não mais falares assim, porque desagradas a Deus. Êle pode dar, como um bom mestre, as graças a quem quer, e como um sábio pai, bem sabe a quem as convêm dar, a quem as mercês convêm.

“Terminando, disse a Isabel a divina instrutora:

“Eu vim a ti por graça especial: sou tôda tua, agora. Interroga-me, pois, sôbre aquilo que desejas e a tudo responderei.

“Isabel não ousava usar daquela faculdade, julgando-se indigna. Maria, então, exortou-a, e a Santa perguntou:

“— Dizei-me, doce Senhora, por que tînheis tão grande desejo de ver a Virgem que deveria ter o Filho de Deus?

“A santa Virgem respondeu-lhe:

“— Um dia, pensando na minha resolução de jamais me separar do Senhor, procurei ler, para encontrar alguma coisa que me fortalecesse a alma. Abri, pois, o livro santo e dei com estas palavras de Isaías: “Eis que a Virgem conceberá”. Compreendi



que o Filho de Deus devia escolher uma Virgem para, então, dela nascer. Imediatamente resolvi, no fundo do coração, pelo respeito e graça daquela Virgem, guardar a virgindade, e dar-me a ela como criada. Queria servi-la, dela jamais separar-me, ainda que necessitasse correr o universo todo. Ora, uma noite, prosternada em oração, ardentemente ao Senhor eu suplicava: que me prolongasse a vida, para eu poder ver a Virgem dos meus sonhos, porque queria servi-la, venerá-la, dedicar-me tôda a ela. E eis que um esplendor muito mais forte que o do sol a tudo iluminou, e do meio dêle uma voz me disse: "Prepara-te para ter meu Filho!" E, muito claramente, a voz acrescentou: "Sabe que a submissão que querias tributar a outrem por amor de mim, a ti, não a nenhuma outra, ser-te-á tributada pelos outros. Hás de ser a Mãe, a Senhora e a Dominadora de meu Filho, de modo que não sòmente o terás, mas poderás dá-lo a quem queiras dar. Não terão minha graça nem meu amor, nem a graça e o amor de meu Filho, aquêles que vos não amarem. Quanto a ti, ainda, quem não te confessar a Mãe de meu Filho, jamais me entrará no reino. Querias que te concedesse o favor de viver para conheceres a Virgem que teria meu Filho, para servi-la e venerá-la: digo-te, pois, que tu mesma serás essa Virgem que há de ter meu Filho. Ser-te-á dado por mim e por ninguém mais, e quem não te implorar o favor jamais poderá ter a consolação de meu Filho". Quando acabei de ouvir aquelas palavras, estava com o rosto por terra. Tremia e não podia sustentar-me. Mas foi por pouco tempo, porque os anjos me apareceram e me fortaleceram. Desde aquêle momento, entreguei-me totalmente aos louvores de Deus e, de tal sorte, que dia



e noite não podia saciar-me de louvar o Pai supremo e render-lhe graças. (\*)

“Terminada a doce conversação, Maria, sorrindo, desvaneceu-se. E Isabel, viu, um dia, um soberbo jardim cheio das mais belas e viçosas flôres: era ali o lugar em que a divina consoladora, em meio a anjos inumeráveis, fôra levada de volta ao céu nos braços do Filho amado. Um anjo explicou a Isabel que tudo aquilo que lhe acontecera era um favor do alto, para sustentá-la nas desventuras pelas quais estava passando.

“— Sêde constante, disse-lhe, que venturas indiscreíveis vos serão dadas no céu. Sêde fiel e dócil à vontade de Deus, e tereis reservado no alto o que a Maria foi reservado”.

Eis o que a muito doce Mãe de Deus desvendou às puras almas daquelas santas, referente à sua apresentação e estada no templo. Que Deus nos conceda a graça de imitá-la na menor coisa que seja!

\* \* \*

---

(\*) Ver o texto referente a Santa Isabel da Turingia.

## SÃO GELÁSIO I (\*)

### *Papa*

São Gelásio I foi papa do ano de 492 ao ano de 496, de pontificado, como se vê, bastante curto. Personalidade extraordinária, "ilustre pela ciência e santidade", como diz o resumo do martirologio, era africano de origem, mas romano de pensamento.

São Gelásio I combateu, com escritos, o monofisismo e o pelagianismo, cu seja, os que admitiam uma só natureza em Nosso Senhor Jesus Cristo e os partidários de Pelágio, que negavam o pecado original e a corrupção da natureza humana.

Diz o *Liber pontificalis* que o santo papa Gelásio I amou os pobres e desenvolveu o clero. Dionísio, o *Pequeno*, que faleceu em 545, possivelmente, declarava que o nosso pontífice mais procurava servir que dominar, que juntava à castidade os méritos da doutrina. Quando estava com os servidores de Deus, enchia-se de grande alegria, contagiosa e insopitável.

São Gelásio I morreu pobre, "depcis de ter enriquecido os indigentes". Ainda segundo o *Liber pontificalis*, foi enterrado a 21 de novembro.

## SÃO COLOMBANO (\*)

### *Abade*

Abade de Luxeuil e de Bobbio, São Colombano nasceu entre 525 e 530, numa localidade desconhecida dos reinos de Leinster, no centro-este da Irlanda.

Antes do nascimento, a mãe teve uma visão, a de um sol que lhe parecia sair do seio; diante disto, assim advertida de que o filho teria benfazeja influência, destinou-o à vida intelectual e clerical.

Inteligente, teve, como estudante, bellissima carreira, prelúdio da religiosa, brilhantíssima.

A mocidade de São Colombano é desconhecida. Formou-se, inicialmente, sob São Congall, depois de 558. Em 575, o rei Sigeberto ofereceu-lhe uma vasta extensão de terra para que fundasse um mosteiro, mas Colombano recusou a oferta.

Durante catorze anos mais ou menos deve o Santo ter levado vida de peregrino, apostólica, errante, palmilhando o noroeste da Gália e a Germânia.

Entre 588 e 590, estava na Borgonha, e o rei Gontran, já no crepúsculo do seu reinado, doou-lhe o arruinado forte de Annegray, no vale do Breuchin. Era um deserto, mas os que então acompanhavam o Santo souberam levar avante a sublime obra, e o

progresso surgiu, com a ajuda do Senhor, nascendo Luxeuil. A fundação, a pouco e pouco, aumentou. E, quando abrigou trezentas almas, São Colombano redigiu uma Regra e compôs um Penitencial.

A regra era dura, mas era seguida. "É necessário jejuar todos os dias, assim como todos os dias se reza, trabalha e lê".

São Colombano estimulava os discípulos com conferências e palestras. Dizia: "Homem, como tu és miserável! O que tu deves odiar, tu amas, e o que deves amar, tu o ignoras. Em ti, tens o que te entrava; em ti, não tens com que te libertares. Tens dois olhos, e te deixas levar cegamente: tu consentes que te levem à morte".

Tendo revolucionado, com as idéias irlandesas, os mosteiros da Borgonha, e além disso, ficado estremecido com êle o rei Thierry, que era seu protetor e penitente, bem como estremecida ficara Brunhilda, avó daquele príncipe, São Colombano foi prêso, quando estava em Besançon, na primavera. Todavia, conseguiu evadir-se. Prêso de novo, pelo outono, foi imediatamente expulso da Borgonha. Pôsto num barco, em Nantes, enviaram-no de volta à Irlanda.

Para os filhos que haviam ficado em Luxeuil, escreveu longa carta, onde deixa ver tôdas as qualidades de coração que possuía, carta repassada de grande ternura.

O navio que o levava, a certa altura, encalhou. Seguiu então o santo abade para o reino de Clotário. Roma, desde há muito, atraía-o. Assim, buscou-a, passando pela Austrásia. Ali Teodeberto, irmão de Thierry, rogou que fundasse um mosteiro para a conversão dos alemães idólatras. Vencido, porém,

Teodeberto pelo irmão, São Colombano achou prudente fugir. E fugiu, rumou para a Itália, para a Roma que o vinha chamando. Um dos discípulos, Gall, ficara, embora muito doente, com o governo da nova fundação.

Na Lombardia, o santo apóstolo procurou lutar contra o arianismo. Data daqueles tempos, quando viveu em grutas, o início da fundação de Bobbio, nos Apeninos. Sem se esquecer dos filhos que deixara, escrevia-lhes cartas sobre cartas exortando-os a seguir a regra, a não se desviarem de Deus. Nonagenário, faleceu na solidão, a 23 de novembro de 615.

São Colombano foi, sem dúvida, um dos maiores homens de seu tempo "segundo a natureza e a graça". O culto, surgiu prontamente, e a lista das localidades em que foi honrado é deveras longa. Atualmente é cultuado em Franche-Comté, Luxeuil, Besançon, e várias outras cidades da França. Nos Alpes Marítimos, especialmente em São Colombano de Lantosque. Na Córsega. Em Caccia, existe uma torre que lhe tomou o nome, e em Rogliano, perto de Calvi, existe um riacho chamado de São Colombano. Na Alsácia, Suíça, Alemanha, Itália do Norte, etc., etc.

A São Colombano é atribuída a seguinte oração:

"Senhor Deus, destrói e liquida tudo o que em mim planta o adversário. Tais iniquidades, uma vez destruídas, põe na minha boca e no meu coração somente pensamentos bons, para que possa agir bem, de sorte que minha ação e minha vontade somente a ti te sirvam; que eu compreenda teus mandamentos, que eu te procure. Dá-me a memória. Dá-me a caridade. Dá-me a castidade. Dá-me a fé. Dá-me tudo aquilo

que tu sabes ser útil à minha alma, Senhor. Faze em mim o bem, e concede-me o que tu sabes oportuno, tu que reinas...”

---

No mesmo dia em que se viu a Apresentação ao Templo da Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus, comemora-se a morte do bem-aventurado Rufo, que São Paulo, menciona na Epístola aos Romanos: “Saudai Rufo, escolhido no Senhor, bem como sua mãe, que eu considero como a minha” (16, 13).

Em Roma, a morte de São Celso e São Clemente.

Em Reims, Santo Alberto, bispo de Liège e mártir, que foi morto pela defesa da liberdade da Igreja, em 1192. Os próprios inimigos consideravam-no “piedoso e liberal”.

Em Óstia, a morte dos santos mártires Demétrio e Honório.

Na Espanha, os santos mártires Honório, Eutíquio e Estêvão.

Na Panfília, Santo Heliodoro, mártir, durante a perseguição de Aureliano, sob o prefeito Aécio. Os carrascos, convertendo-se à fé, foram, depois dêle, atirados ao mar.

Em Verona, São Mauro, bispo e confessor.

Em Parenzo, São Mauro, bispo e mártir. São Mauro, que vimos na notícia precedente, não foi bispo de Verona e sim de Parenzo. Uma inscrição, conservada na catedral de Verona, fala do santo bispo como tendo sediado naquela cidade. Não é exato: em Verona, simplesmente, havia relíquias suas, que eram veneradas (Lanzoni, *A Diocese da Itália*).



Em Brive, Limosino, São Liberal, bispo de Embrum, falecido em 920 (?).

Em Veneza, o bem-aventurado Nicolau Giustiniani, beneditino, e a espôsa, Ana. Tendo todos os Giustiniani do sexo masculino sido mortos no Oriente, o *doge* Michiele conseguiu do papa — diz-se — que este monge se desligasse do voto de castidade para dar descendência à família. O bem-aventurado Nicolau casou-se com Ana, filha daquele *doge*, e dela teve nove filhos, seis meninos e três meninas. De volta ao convento, em 1160, ali viveu humildemente, penitentemente, até a morte, que o levou desta vida em 1180, ao que se crê. A espôsa, depois de ter fundado um convento, o de Santo Adriano de Torcello, tomou o véu em São Brás da *Giudecca*. Ambos são venerados em Veneza.

\* \* \*

## 22.º DIA DE NOVEMBRO

### SANTA CECÍLIA

*Pelo Pe. Riolando Azzi S.D.B.*

#### 1. *As duas Cecílias*

Quem, aos dias de hoje, por turismo ou devoção, parte de Roma pela porta de São Sebastião e se encaminha pela Via Ápia Antica, ao chegar à altura do quilômetro três, depara à esquerda com um grandioso monumento: uma imponente torre cilíndrica de vinte metros de diâmetro, bem conservada apesar dos seus vinte séculos de existência. É uma tumba de Cecília Metella. A solene inscrição que se divisa ao longe recorda que a nobre matrona romana ali sepultada foi Cecília, filha de Quinto Metello Crético e espôsa de Crasso, filho do triúmviro e general de César na Gália. Um monumento, portanto, da era de Augusto.

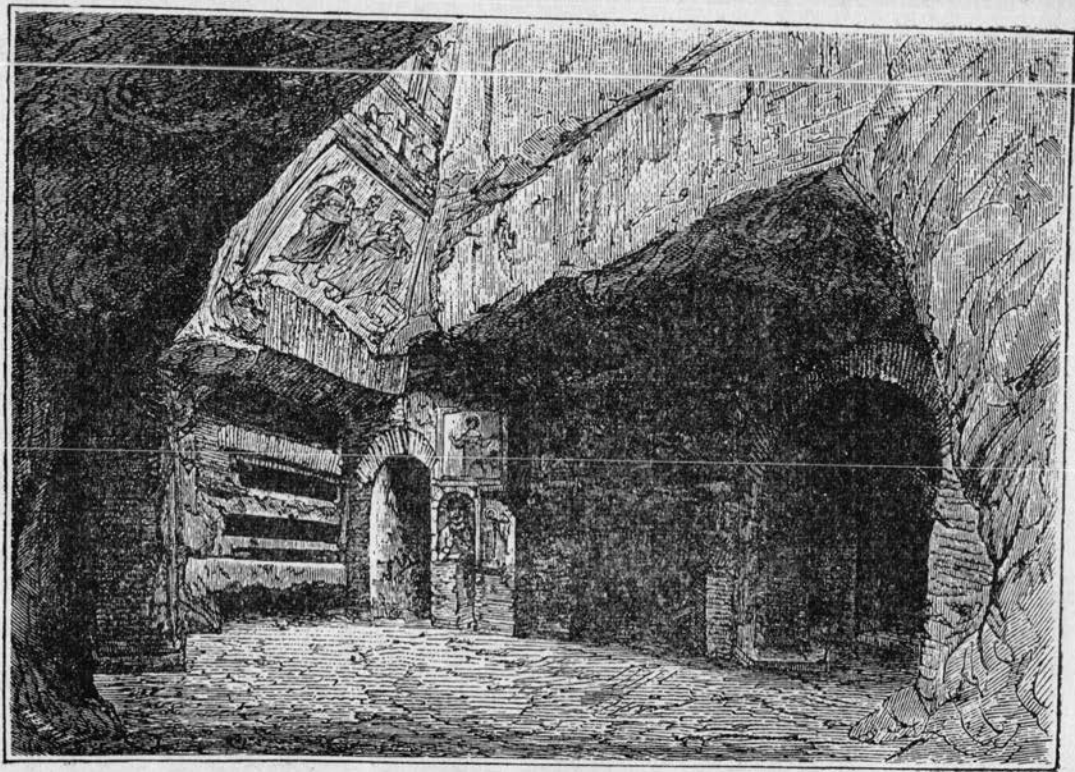
Na antiga Roma imperial, os mortos não podiam ser sepultados dentro dos muros que limitavam o perímetro urbano da cidade. Por isso os romanos adquiriam terrenos ao longo das grandes vias que partiam da Cidade Eterna e ali faziam construir os túmulos de suas famílias.

Os séculos fizeram desaparecer a maior parte desses grandiosos monumentos funerários que ornavam as alas das vias imperiais nas proximidades de Roma. A tumba de Cecília Metella é um dos poucos que resistiu aos tempos e que ainda se pode contemplar.

Mas a Via Ápia esconde ainda a memória de outra Cecília. Esconde: é o termo adequado, pois é necessário para encontrá-la baixar às catacumbas de São Calisto, que se situam à direita, cêrca de um quilômetro antes. São as mais célebres de Roma, pois aí foram sepultados quase todos os papas do século III: Zeferino, Cornélio, Fabiano, Eutiquiano, Lúcio...

Ao lado dessa famosa cripta papal, descoberta por De Rossi no século passado, acha-se a capela de Santa Cecília. Nesse local a santa é venerada desde tempos mui remotos, conforme atesta um afresco da santa que os arqueólogos dataram do século VII.

É provável que êste terreno fôsse primitivamente propriedade da família dos Cecílios ou Cecilianos, pois De Rossi recolheu nessa cripta diversas lápides marmóreas com inscrições datadas do século II ao século V. Assim a inscrição de "Septimius Praetextatus Caecilianus" e sua espôsa "Pompéia Attica" do século IV. Pode-se concluir com probabilidade que a cripta de Santa Cecília era a capela funerária dos Cecílios. Pelos adornos e símbolos de suas lápides sepulcrais observa-se que os Cecílios eram pagãos inicialmente, e que depois se converteram ao cristianismo. Êstes, verossimilmente, ao se converterem, collocaram à disposição da Igreja aquêlê campo funerário para a sepultura de seus irmãos na fé. Tal conjectura tem algum fundamento, pois não



A cripta de Santa Cecília, em 1854.

seria um fato único na história da Igreja antiga. Com efeito, já desde a segunda metade do século I alguns membros da família imperial dos Flávios, ao se converterem ao cristianismo (Flávio Clemente, Flávia Domitila), haviam cedido seus terrenos para a sepultura dos cristãos: é a catacumba de Domitila que se encontra a pouca distância, na Via Ardeatina, e cuja parte mais importante é justamente o hipogeu dos Flávios. O mesmo se diga das catacumbas de Priscila na Via Nomentana, pertencente provavelmente à nobre família dos Acílios (Acílio Glábrico, ex-cônsul romano, é um dos mártires da perseguição de Domiciano).

A Via Appia, pois, conserva duas importantes memórias dos antigos Cecílios: a tumba de Cecília Metella e a cripta de Santa Cecília.

Duas Cecílias: a primeira, nobre matrona romana do século I, a segunda nobre jovem cristã do século III provavelmente.

A tumba de Cecília Metella, em sua imponente majestade, é hoje um corpo sem alma, pois o nome da nobre matrona nada mais significa aos nossos contemporâneos. A cripta de Santa Cecília, ao contrário, apresenta-se ainda hoje como um dos santuários de grande veneração em Roma, pois ali acorrem diariamente numerosos peregrinos de Roma e do mundo para venerar a grande santa, consagrada pela Igreja como padroeira da música.

## 2. *Santa Cecília na tradição cristã e na liturgia.*

Entre as santas mais antigas e mais veneradas pela tradição popular Santa Cecília ocupa um lugar de primária importância.



Sua biografia, baseada nos dados de uma Paixão (ou seja, descrição do martírio) escrita no século VI, é uma das mais conhecidas e divulgadas.

Os dados principais dessa Paixão são os seguintes: Cecília é apresentada como uma jovem romana de família nobre, que é prometida como esposa ao nobre Valeriano. Ela era cristã, sem que seus pais soubessem, e tinha consagrado a Deus sua virgindade. No dia das núpcias, enquanto a música ressoava no salão de festas, ela entoava em seu coração um hino à virtude da castidade.

Na primeira noite do matrimônio declara ao seu jovem esposo que não ouse tocar o seu corpo com amor impuro, pois que ela tem ao seu lado um anjo encarregado por Deus para defender sua virtude.

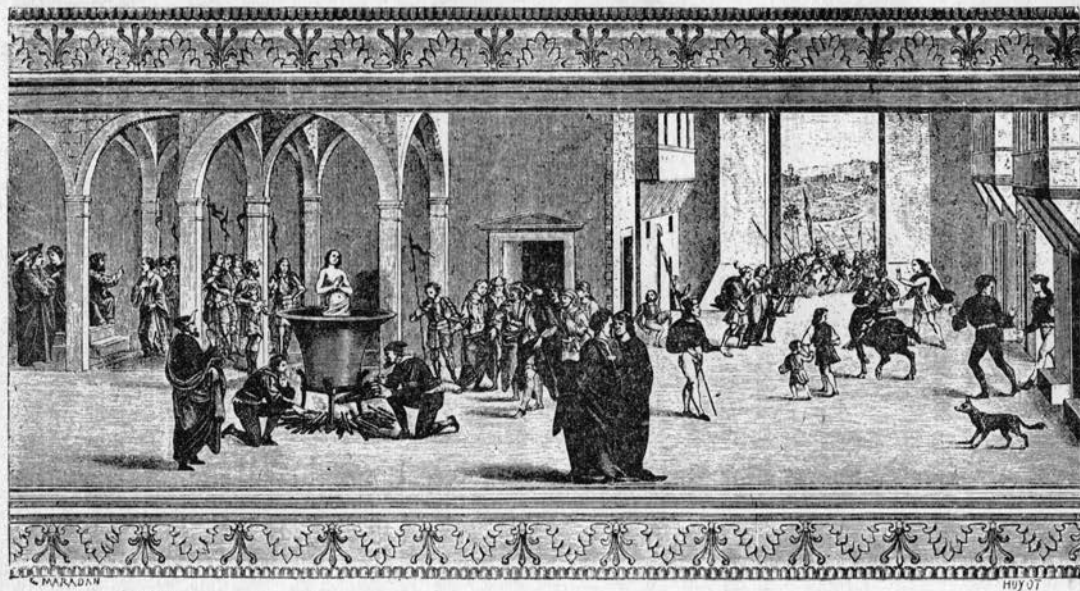
Valeriano exprime desejos de poder também ele ver o anjo. Cecília apresenta-lhe como condição essencial a recepção do batismo. O esposo manifesta-lhe suas boas disposições e ela o envia ao bispo Urbano que se encontra refugiado na Via Ápia.

O nobre romano recebe as primeiras instruções na religião cristã e é batizado por Urbano. Ao regressar para casa, fica deslumbrado diante da visão celeste do anjo de Cecília.

O exemplo de Valeriano é imitado posteriormente por seu irmão Tibúrcio. Ambos, juntamente com Máximo, convertido por eles, são martirizados em Roma sob o governo do prefeito Túrcio Almáquio.

Pouco depois também Cecília é citada ao tribunal de Almáquio, por ser cristã. A jovem é condenada à morte por asfixia no "calidarium" de sua própria casa. Não obtendo esta pena o efeito desejado, Almáquio ordena que a virgem seja decapitada ali mesmo. O algoz treme ao dar-lhe os golpes fatais





Martírio de Santa Cecília (de acórdio com um quadro de Pinturicchio,  
sécuro XV).

e a deixa semi-viva. Sua agonia prolonga-se por três dias. Nesse tempo Cecília confirma seus familiares na fé cristã e faz doação de seus bens à Igreja.

O papa Urbano mandou sepultar seu corpo virginal ao lado dos outros bispos, seus colegas. A casa do martírio foi transformada em igreja.

Tais são, em resumo, os dados da Paixão. Escrita num século em que reinava no Ocidente grande entusiasmo pela vida religiosa, reflete claramente a intenção do autor de compor uma prática exortação de renúncia aos prazeres do mundo e de consagração total a Deus.

A Igreja aproveitou-se largamente dessas notícias biográficas ao compor o Ofício litúrgico de Santa Cecília, cuja festa se celebra no dia 22 de novembro: é um dos ofícios mais antigos e mais belos do Breviário Romano. As lições do segundo noturno apresentam um resumo da vida da santa extraída da Paixão. As antifonas e os responsórios evocam frases e episódios dessa mesma fonte lendária. Desta forma o Ofício litúrgico do dia 22 de novembro constitui uma das mais belas e ricas apologias da virgindade cristã.

### 3. *Santa Cecília na arqueologia e na história.*

Infelizmente a crítica histórica moderna, com seus notáveis recursos de pesquisas, nos leva a pôr em dúvida a autenticidade dos dados da Paixão.

O martírio de Cecília coloca-se, segundo a Paixão, no século III ou inícios do século IV, na perseguição de Diocleciano. Ora, o culto dos mártires organizou-se em Roma pelos fins do século III. Todavia o nome de Cecília não aparece entre os mártires

romanos. A "Depositio martyrum", redigida por volta de 354 também não traz o nome da santa. No fim do século IV, o papa Dâmaso ocupa-se grandemente do culto dos mártires: faz restaurar suas tumbas e prepara-lhes inscrições sepulcrais. É nesses versos que encontramos notícias do martírio de Inês, Lourenço, Tarcício e outros célebres mártires. Todavia — fato estranho — nenhuma alusão sequer à "virgem e mártir" Cecília.

Também Ambrósio e Prudêncio cantaram os louvores dos mártires dos primeiros séculos, mas não se encontra nêles uma referência sequer que possa elucidar o enigma do culto a Santa Cecília.

A primeira referência a êsse nome encontra-se apenas em 499, quando o papa Símaco reuniu um sínodo em Roma com a participação do clero das diversas igrejas ou paróquias (títulos) de Roma. Entre as assinaturas encontramos dois padres, Marciano e Bonifácio, que acrescentam ao próprio nome o título de Cecília. O primeiro se subscreve apenas "presbyter tituli Caeciliae" ao passo que o segundo, ao menos conforme certas edições do concílio, ter-se-ia firmado "presbyter tituli sanctae Caeciliae".

É portanto só no fim do século V que encontramos a primeira referência a Santa Cecília. No século seguinte, com a publicação da Paixão, seu nome começa a ser celebrado pela devoção popular e pela liturgia.

Ncte-se, porém, que esta biografia aparece apenas cêrca de trezentos anos após a morte de Cecília, sem que antes se encontrasse a mínima referência à sua vida e martírio. Como explicar êsse fato? Imagine-se que só agora, no século XX, surgisse uma biografia de Galileu ou Descartes, sem que antes

nada se soubesse a respeito dêles nos séculos XVIII e XIX. Só mesmo documentos de uma autenticidade comprovada nos poderiam induzir a admitir a veracidade dessas biografias. Mas, são justamente êsses documentos que faltam à vida de Santa Cecília!

Após o século VI sua biografia e seu culto se difundem sempre mais. O Liber Pontificalis narra que em 545 Antimo, enviado do Imperador Bizantino, vem a Roma para conduzir o papa Vigílio para Constantinopla, e o encontra na igreja de Santa Cecília, no décimo dia das calendas de dezembro (= 22 de novembro), porque era o seu "dies natalis" (= dia do martírio).

É êste o testemunho mais antigo da festa de Santa Cecília, e demonstra assim a rápida difusão de sua vida e de seu culto nesse século.

Esta igreja de Santa Cecília, da qual eram "titulares" Marciano e Bonifácio e onde foi capturado o papa Vigílio, era a igreja construída no antigo local da casa de Cecília. Esta propriedade situava-se na zona do Além-Tibre (Transtevere).

Surge assim um novo problema: as antigas basílicas foram erigidas sôbre a tumba dos mártires, pois a Igreja primitiva comemorava o dia do martírio com a celebração do sacrifício da missa sôbre seu corpo. (Daí a origem da pedra ara, contendo relíquias de mártires, que hoje se coloca nos altares para a celebração do santo sacrifício). Assim as basílicas de São Pedro, São Paulo, São Lourenço, São Sebastião, Santa Inês, etc., surgiram sôbre as tumbas dêsses santos. A igreja de Santa Cecília, ao invés, não surge sôbre sua tumba na Via Ápia, mas no antigo local da propriedade dos Cecílios na região trans-tiberina.

Mas o enigma ceciliano continua: no século IX o Papa Pasqual I (817-824), grande admirador da santa, fez restaurar sua igreja no Transtevere. Dêste trabalho subsiste ainda o grande mosaico da ábside. Conforme a narração do "Liber Pontificalis", êle preocupou-se também em procurar as relíquias da Santa, julgando finalmente que tivessem sido roubadas pelos longobardos. A Santa, porém, lhe apareceu numa visão, indicando-lhe exatamente o lugar em que fôra enterrado o seu corpo. O papa mandou fazer pesquisas, conforme as ilustrações da visão, e os corpos de Cecília, Tibúrcio e Valeriano foram encontrados nas catacumbas de Pretextato.

Eis a questão: segundo a Paixão, seu corpo teria sido sepultado no cemitério de Calisto. Como foi então encontrado no século IX no cemitério de Pretextato?

O Papa Pasqual, continua o "Liber Pontificalis", fêz transportar solenemente suas relíquias para a igreja do Transtevere. Os corpos de Cecília, Valeriano e Tibúrcio foram colocados em sarcófagos sob o altar. Conforme o costume da época, o papa colocou a cabeça da Santa à parte, em um belo relicário, para poder expô-la à veneração dos fiéis.

As reformas da Igreja de Santa Cecília, executadas no século XVI pelo cardeal Sfrondati, vêm agravar ainda mais o enigma que envolve as relíquias da Santa. Conforme as crônicas da época, ao se reformar o altar-mor, foram encontrados os sarcófagos lá colocados no século IX.

O cardeal Sfrondati ordenou se abrissem as urnas julgando encontrar numa delas o corpo de



Santa Cecília, coberta por um leve véu. Também o cardeal Barônio, o arqueólogo Bósio e o Papa Clemente VIII puderam ver essa relíquia. Todavia — outro fato estranho — apesar das insistências de Bósio, o papa não quis por respeito descobrir o véu que envolvia o corpo da Santa.

Fato mais estranho ainda é que na descrição que se fez de tal descoberta se fala também da cabeça da Santa, pendente pelos golpes do algoz. Ora, a cabeça já fora extraída no século IX e colocada em um relicário!

Foi sob as indicações do cardeal Sfrondati que o escultor Maderno fez a célebre estátua da Santa, tomando por modelo uma das jovens romanas.

Tôdas estas contradições que — ao menos aparentemente — envolvem o culto das relíquias de Santa Cecília, explicam a razão pela qual em 1900 o cardeal Rampolla negou-se a reabrir o sarcófago que se conserva sob o altar, temendo talvez de apresentar aos fiéis devotos uma triste desilusão.

Sob o aspecto histórico e arqueológico, portanto, as conclusões sobre a vida e o culto de Santa Cecília são bem pouco satisfatórias.

As propriedades dos Cecílios no Transtevere e na Via Ápia nos induzem a admitir com certeza a existência de uma Cecília cristã.

Foi ela verdadeiramente uma santa? — Com tôda a probabilidade. Morreu sendo virgem? — É possível. E morreu mártir? — Certamente não.

Tal é a voz da ciência moderna em suas últimas conclusões.



#### 4. *Santa Cecília na arte e na música.*

Uma santa tão conhecida e popular devia naturalmente encontrar sua expressão na arte religiosa, que tão bem retrata a fé e a devoção popular.

São incontáveis atualmente os quadros, imagens e representações de Santa Cecília. Entre as pinturas mais antigas e mais célebres notamos a representação da Santa em meio a um grupo de virgens num dos mosaicos da igreja de Santo Apolinário Novo de Ravena (570). É esta a representação mais antiga que se conhece da Santa. A cripta de Santa Cecília nas catacumbas de Calisto conserva um precioso afresco que data do século VII. Em Santa Maria Antiga existe outra representação do século VIII.

A igreja de Santa Cecília no Transtevere conserva um afresco do século XII em que a Santa é figurada no ato de aparecer ao papa Pasqual I.

Famosa é a Santa Cecília de Rafael, com os instrumentos musicais, conservada na pinacoteca de Bolonha. Rubens a representou em ato de tocar o órgão, e Van Dyck, acompanhada por anjos músicos.

Entre as esculturas, a mais conhecida e divulgada é a de Maderno, inspirada no tão enigmático encontro do seu corpo no fim do século XVI. A obra original se encontra na igreja de Santa Cecília em Roma.

As representações mais comuns da Santa são sempre ligadas à idéia de música, pois ela foi considerada desde os fins da Idade Média como patrona da música cristã. Esta tradição tem sua origem em uma falsa interpretação dos Atos do martírio. Lê-se

na Paixão, que, durante a festa das núpcias, "cantantibus organis, Caecilia decantabat in corde suo...". A tradução óbvia é a seguinte: "Enquanto na sala de festas ressoava a música, Cecília elevava do fundo de seu coração um hino... (de súplica a Deus)". Talvez a omissão da expressão "in corde suo" em alguns dos textos litúrgicos provocou a falsa tradução: "Cecília entoava hinos ao som do órgão".

Não existe, pois, fundamento histórico, nem sequer na mesma Paixão lendária, para se afirmar que Santa Cecília se tenha de qualquer forma ocupado em música. Isto, porém, não obsta que a Igreja pudesse — como de fato o fez — legitimar esta tradição popular, proclamando Santa Cecília padroeira da música sagrada.

Para que um Santo possa ser cultuado como padroeiro de algum ofício ou arte, não se requer uma relação efetiva com tal ofício ou arte, mas basta a aprovação eclesiástica, à qual compete estabelecer a autenticidade de um culto entre os fiéis.

##### 5. *Um monumento à virgindade cristã.*

A Paixão de Santa Cecília nasceu nos primórdios do século VI, em que reinava no Ocidente grande amor pela vida monacal. Este entusiasmo crescente tivera origem em grande parte na grande difusão da vida de Santo Antão eremita, escrita por Santo Atanásio. Esta biografia, muito divulgada no Ocidente, foi um dos estímulos para a conversão de Santo Agostinho. A Regra de São Bento, escrita nos inícios do século VI, tornou-se o fundamento da vida monacal na Europa, como já

o era no Oriente a Regra de São Basílio. Foi nessa época e nesse clima que o autor da Paixão de Santa Cecília criou êsse seu romance cristão, tão apreciado. Poderíamos bem compará-lo com êxito do romance "Fabiola", escrito pelo cardeal Wiseman no século passado, exatamente quando as notáveis descobertas arqueológicas de João Batista De Rossi despertavam o interêsse do mundo inteiro.

Cecília suscitava no século VI o interêsse e o entusiasmo pelo martírio e pela virgindade cristã, como Fabiola o suscitou no século passado e continua a suscitar ainda hoje.

Em quase tôdas as nações modernas se erige hoje o monumento ao Soldado desconhecido. É um preito de gratidão e reconhecimento a tantas vidas nobres e generosas que se imolaram nos campos de batalha pela defesa da honra e integridade da nação. Aí são cultuados tantos heróis anônimos e desconhecidos. Aí vem depor suas flôres e sua homenagem todos os cidadãos agradecidos.

O monumento ao Soldado desconhecido é o altar da Pátria, onde se cultuam seus mártires e heróis. A festa litúrgica de Santa Cecília também é um grande monumento à Virgindade cristã, ao Martírio cristão dos primeiros séculos. No nome de Santa Cecília a Igreja pretende hoje venerar centenas de virgens e mártires que imolaram sua vida como testemunho de fidelidade a Deus e à Igreja.

Santa Cecília simboliza, portanto, milhares de almas virgens que renunciaram aos prazeres e gozos do mundo para se consagrarem para sempre ao Espôso Imaculado. Ela nos lembra milhares de már-

tires que selaram com o seu sangue e com a sua vida esta consagração definitiva. No seu culto a Igreja rende homenagem ao Martírio e à Virgindade cristã.

A festa de Santa Cecília é, pois, a festa dos heróis anônimos do cristianismo — virgens e mártires — e como tal conserva ainda hoje seu profundo significado e sua beleza sem igual.

\* \* \*

## SÃO FILEMON E SANTA AFIA (\*)

### 1.º Século

Filêmon era um rico habitante de Colossos. Tendo encontrado Paulo, o Apóstolo, converteu-se, tornando-se cristão, um verdadeiro cristão, que pregava o Evangelho a todos os que reunia em torno de si, em sua casa.

Filêmon tinha um escravo, Onésimo, que, tendo-o roubado, fugiu para Roma, certo de que poderia escapar. Em Roma, foi convertido por São Paulo à fé cristã. O Apóstolo dos Gentios, reconhecendo em Onésimo boas qualidades, quis conservá-lo consigo, mas não o fez: visto que era culpado e foragido, remeteu-o a Filêmon, como portador duma carta (Epístola a Filêmon), na qual pedia que perdoasse o antigo escravo e o recebesse como se fôra êle mesmo, Paulo.

Afia era, sem dúvida, espôsa de Filêmon, e Arquipo, a quem também era dirigida a epístola, seu filho: "Paulo, prisioneiro de Jesus Cristo, e o irmão Timóteo, ao amado Filêmon, nosso cooperador, e a Afia, (nossa) irmã caríssima, e a Arquipo, nosso companheiro de armas. . . ." etc.

Segundo as *Constituições Apostólicas*, São Filêmon foi bispo de Colossos, e ali sofreu o martírio.

Segundo outros, bispo de Gaza. Muitas igrejas de Constantinopla eram dedicadas a São Filêmon.

A *Epístola a Filêmon* apresenta um único Capítulo e as seguintes divisões:

- I. Direção.
- II. Ação de graças.
- III. Intercessão a favor de Onésimo.
- IV. Comunicação pessoal, saudações e bênção.

Resumo do martirólogo romano:

“Em Colossos, na Frígia, os santos Filêmon e Afia, discípulos de São Paulo: sob o imperador Nero, no dia da festa de Diana, os pagãos invadiram a igreja e os apresaram, enquanto os demais fiéis fugiram; depois de terem sido batidos e enterrados até a cintura, foram mortos a pedradas (I.º século)”.

Colossos, na Frígia, ficava perto de Laudicéia, mais ou menos a duzentos quilômetros de Éfeso. Embora o grande Apóstolo nunca fôsse a Colossos, durante o tempo que pregou em Éfeso converteu vários colossenses, entre os quais Filêmon e Epafras, que depois foram os apóstolos da própria terra.

---

No mesmo dia em que se festeja Santa Cecília, virgem e mártir, festeja-se também, em Roma, São Mauro, mártir, que, vindo da África para visitar as tumbas dos Apóstolos, foi martirizado sob o imperador Numeriano e Celerino, prefeito da cidade. É, em realidade, o bispo de Parenzo (21 de novembro).

Em Antioquia da Pisídia, os santos mártires Marcos e Estêvão, quando do imperador Diocleciano.



Em Autun, São Pragmácio, bispo e confessor, falecido antes de 533. São Pragmácio foi o oitavo bispo conhecido de Autun (*Fastos episc.*). Assistiu, em 517, ao concílio de Epaona. No martirológio hieronimiano, o aniversário dêste santo prelado está inscrito no dia 22 de novembro.

Em Soissons, Santa Marema, virgem. Também chamada Madrisma ou Mederasma, "foi honrada numa igreja da diocese de Soissons".

Em Laon, Santo Albeu, que, diz-se, era companheiro dos santos Feuillen, Fursy e Ultano. Teria evangelizado a Artois, o Hainaut, a Picardia e morrido em Laon.

São Sabiniano, abade (princípio do século VIII). São Sabiniano foi abade de Menat.

Em Oña, na Espanha, Santa Tigrídia, abadêssa, falecida depois de 1023. Também chamada Trigídia, Tegrídia, Tigídia, esta santa abadêssa era filha de Don Sancho, conde de Castela, e de Doña Urraca. O culto de Santa Tigrídia é atestado.

## 23.º DIA DE NOVEMBRO

### SÃO CLEMENTE

#### *Papa e Mártir*

Enquanto a ruína de Jerusalém e do templo acarretava a ruína da sinagoga e do sacerdote de Aarão, os pontífices da Igreja cristã se sucediam, em Roma, na Cátedra eterna de São Pedro.

São Lino, morto depois de um pontificado de quase doze anos, a contar da época em que São Pedro o encarregou de governar a Igreja romana em sua ausência, e de somente dois depois do martírio do mesmo apóstolo, subiu ao pontificado São Clemente, o mesmo do qual São Pedro fala na epístola aos Filipenses.

Temos do papa São Clemente uma carta aos cristãos de Corinto. Escreveu-a por ocasião dum cisma assaz grave, excitado naquela igreja por um pequeno número de sediciosos, que enciumados dalguns sacerdotes de grande mérito e virtude comprovada, não cessaram de os perseguir. E, enquanto não os viram, pela calúnia e os artifícios, despojados das dignidades, não deram tréguas.

“O ciúme e a inveja sempre, em todos os tempos, geraram grandes males”, diz êle.



São Clemente e São Pedro (mosaico da igreja de São Clemente, Roma).

Além dos exemplos da antigüidade, cita o de apóstolos perseguidos, que acabaram recebendo a coroa dos mártires, tudo devido ao ciúme, à inveja. Cita também, na carta, o caso de duas damas ilustres, Danaide e Dirce, que, por inveja, foram gravemente maltratadas, e chegaram à vitória.

“Deveis fugir das dissensões, das disputas, e abraçar a penitência, praticar a caridade, a humildade, a doçura, para conservar a boa ordem nas funções da Igreja, evitando agitações e respeitando a hierarquia eclesiástica, submisso, cada qual, aos legítimos pastôres”.

Depois doutras considerações, prossegue:

“Considerai os que fazem a guerra: com que ordem, com que bravura e submissão executam ordens do comando. Nem todos são generais, nem tribunos, nem centuriões, nem oficiais de grau. Cada qual, no pôsto que lhe é peculiar, executa ordenadamente o que lhe compete executar: acatam todos o que do rei e dos chefes emana. Os grandes não podem subsistir sem os pequenos, os humildes, nem os pequenos sem os grandes. É da recíproca harmonia que resulta a utilidade comum. Devemos observar pontualmente o que nos foi prescrito por Deus. É Ele que estabelece, por suprema vontade, em que tempo, em que lugar e por quais pessoas é preciso fazerem-se oblações sagradas e celebrar os divinos officios: as oferendas dos que são puros, santos e agradáveis aos olhos do Pai, que em tudo se conformam com a vontade divina. Aos prelados são designadas funções próprias. Aos sacerdotes, o competente lugar. Tudo, então, marchará bem”.

Depois acrescenta que, para estabelecer a ordem, foi Jesus Cristo enviado por Deus, e os apóstolos por Cristo Jesus, depois da descida do Espírito Santo.

Nota-se nesta carta que, falando da ressurreição dos corpos, São Clemente cita, entre outros exemplos, tirados da natureza, o da fênix, a fabulosa ave que, segundo a mitologia, vivia anos e anos e, queimada, renascia das cinzas mesmas. Uma coisa mais notável ainda, é que, falando da harmonia que reina no universo, refere-se abertamente aos antípodas, ou seja, à parte do globo que se designou Novo Mundo. É continua, para exortar à paz:

“Os céus, movendo-se à vontade do Criador, são-lhe submissos em paz. O dia e a noite, sem jamais se embaraçar um na outra, cumprem a carreira que Êle lhes prescreveu. O sol, a lua, todo o conjunto dos astros, segundo a ordem que jamais transgridem, rolam nas esferas imensas que lhes foram traçadas. Nos tempos marcados pela Vontade, a terra, sem hesitar, sem mudar nos decretos, apresenta o seio fecundo e carregado de alimentos para os homens, os animais e todos os sêres que a habitam. Os abismos impetráveis, os segredos do mundo subterrâneo são regidos pela mesma lei. Conforme às ordens do Supremo, a profundidade do mar, soerguida, em tôda a extensão, não transpõe as barreiras que o contém. Deus ordena, e êle obedece. Diz-lhe: “Tu virás até aqui. Aqui, tuas ondas se quebrarão sôbre si mesmas”. O oceano, impermeável ao homem, e tudo o que nêle existe, governam-no as mesmas leis do soberano Mestre. A primavera, o verão, o outono e o inverno sucedem-se na paz um com o outro. Atendendo o tempo prescrito, os ventos cumprem o ministério que devem



cumprir, sem obstáculos. As fontes inesgotáveis, criadas para entreter a saúde e a vida, oferecem ao homem, sem jamais faltar, águas abundantes. Enfim, até na mais pequena assembléia de animais reina a paz e a concórdia. Tudo é paz, tudo é ordem. Assim o quer o Criador e o Mestre de tôdas as coisas, que se mostra bondoso com tudo, mais ainda conosco, os homens, aos quais deu o Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo, a quem a glória e a majestade nos séculos dos séculos. Amém”.

Depois dessa carta foram enviados a Corinto cinco legados: Cláudio, Efebo, Valério, Viton e Fortunato, sem dúvida a fim de que, pela prudência, zêlo e sabedoria, trabalhassem ainda de viva voz para acalmar as dissensões, e restabelecessem naquela igreja a tranqüilidade e a paz.

Também aos romanos roga como aos de Corinto:

“Diligenciai, a fim de que nos tragam, o mais cedo possível, boas novas de vossa paz e de vossa concórdia, coisas que, naturalmente, desejamos com vivo ardor”.

Esta carta foi escrita depois da morte de Nero, e antes da destruição de Jerusalém e do templo. Nela, entrevê-se que os sacrifícios da manhã e da noite ainda se ofereciam em Jerusalém, no adro do templo, ao pé do altar, e depois do pontífice e dos ministros terem atentamente examinado a vítima. Nela também se fala da perseguição de Nero, onde São Pedro e São Paulo sofreram o martírio com um grande número de fiéis.

Duas outras cartas de Clemente foram descobertas, nas quais fala das vantagens da virgindade. Diz São Jerônimo:



“Nas epístolas que Clemente, sucessor de São Pedro, escreveu às virgens, quase em tôdas elas se estende sôbre as excelências da virgindade”.

Foi o papa São Clemente que enviou às Gálias São Dionísio, primeiro bispo de Paris. São Clemente, discípulo e sucessor de São Pedro, recebeu, como êle, a coroa dos mártires. Foi exilado no Quersoneso, durante a perseguição de Trajano: mais tarde, precipitado ao mar com uma âncora atada ao corpo; e depois transportado para Roma, sob o pontificado de São Nicolau, o primeiro. Jaz na igreja que lhe tem o nome.

★ ★ ★

## SÃO CLEMENTE (\*)

*Bispo*

*Séculos III-IV*

São Clemente foi o primeiro bispo de Metz, segundo um catálogo que data do ano de 776. Na *História dos Bispos de Metz*, do diácono Paulo, vemos que o santo bispo fôra enviado àquela cidade por São Pedro. Instalado num anfiteatro abandonado, transformou-o em oratório e principiou suas atividades. Conseguiu, então, numerosíssimas conversões.

No tempo de Paulo, o diácono, elevava-se já, no anfiteatro, uma igreja. Chamada São Pedro das Arenas, foi seguidamente citada na Idade Média. Perto, erguia-se a igreja de São Félix, que mais tarde passou a chamar-se de São Clemente.

Conta-se que, no anfiteatro abandonado, desde que São Clemente o ocupou, jamais serpente alguma ali entrou — o que leva a crer que o lugar era couto daqueles ofícios — nem qualquer germe epidêmico se desenvolveu ou vingou, porque “dali saíra a salvação”.

Naturalmente, quando o santo bispo se estabeleceu no anfiteatro, que ficava ao sul da cidade, tendo

encontrado grande número de serpentes, expulsou-as, com a ajuda de Deus.

Inúmeras são as lendas que giram em torno de São Clemente. Algumas falam de dragões, ao invés das serpentes que viviam no arruinado local que o Santo fizera o centro das suas atividades apostólicas.

★ ★ ★

## BEM-AVENTURADA MARGARIDA DA SAVÓIA (\*)

### *Dominicana*

Margarida (cujo significado é *Pérola*), marquesa de Montferrat, era filha de Amadeu da Savóia, príncipe de Acaia e de Moréia, e de Catarina de Gênova. Sobrinha do papa de Avinhão, Clemente VII, nasceu em 1382 ou 1390.

Casada, por conveniências de Estado, com Teodoro II Paleólogo, viúvo, com dois filhos moços, pouca coisa mais jovens do que Margarida, a futura dominicana scube fazer-se respeitada e querida pelos enteados. Homem brutal, de repente, fogoso e desabuzado, o marquês de Montferrat, paulatinamente, foi conquistado pela espôsa e se tornou doce e tratável.

Teodoro faleceu em 1418. Em Alba, para onde se transferiu, vinda de Gênova, o castelo em que foi habitar transformou-se num como mosteiro. Lendo a Bíblia e as cartas de Santa Catarina de Siena, que fôra canonizada em 1461, acabou por se revestir com o hábito dos terciários dominicanos.

Em 1448, passava a bem-aventurada Margarida da terceira para a segunda ordem, aquela que é a das irmãs contemplativas, enclausuradas,

Conta a crônica do convento que Nosso Senhor lhe apareceu, trazendo três dardos, o da Doença, o da Calúnia e o da Perseguição, para que escolhesse um deles. Qual, porém? Margarida, tôda cheia do amor de Deus, quis os três. Desde aquêle dia, passou a ser crucificada na carne.

Abadêssa de Alba, a *Madama*, como a chamavam, a pouco e pouco, foi vencida pelas dcnças. Tôda deformada pelo reumatismo, de membros tortos, sofrendo as amarguras da gôta, ainda tinha ânimo para instruir e educar a filha do enteado, Amedea, futura espôsa de João de Lusignan, rei de Chipre.

Afinal, acabada pelos sofrimentos, plàcidamente entregou a alma a Deus, à 23 de novembro de 1464, com oitenta e dois anos de idade.

Disseram aos habitantes de Alba que, na hora em que a bem-aventurada faleceu, pela madrugada, viram um grande clarão e um como rumor de procissão, cujos membros, a cantar suavemente, dir-se-ia rumavam para o mosteiro.

---

No mesmo dia, em Roma, Santa Felicidade, mártir, mãe de sete filhos, mártires: depois deles, foi decapitada por ordem do imperador Marco Antonino. Nobre viúva, denunciada, foi, pela fé, martirizada com os filhos Januário, Félix, Filipe, Silano, Alexandre, Vital e Marcial. O primeiro morreu sob o chicote guarnecido de bolas de chumbo; o segundo e o terceiro a bastonadas; o quarto atirado dum precipício, entregou a alma a Deus; os três últimos, finalmente, foram decapitados.

No Helesponto, São Sisínio, mártir, que, depois de múltiplos tormentos, pereceu pela espada, durante a perseguição do imperador Diocleciano.

Em Mérida, na Espanha, Santa Lucrécia, virgem e mártir: por ocasião da mesma perseguição, consumou o martírio sob o prefeito Daciano (séculos IV-V).

Em Icônio, na Licaônia, Santo Anfilóquio, bispo: companheiro, no deserto, dos santos Basílio e Gregório de Nazianzo, tornou-se-lhes colega no episcopado; depois de ter sustentado rudes combates pela fé católica, repousou na paz, célebre pela santidade e pela doutrina. Falecido em 403 ou pouco antes, os escritos que deixou desapareceram, exceto alguns sermões e fragmentos doutras peças literárias.

Em Girgenti, São Gregório, bispo, falecido depois de 603. São Gregório é autor dum longo comentário, em grego, do Eclesiaste.

Na Bélgica, no burgo de Hesbaye, São Trond ou Trudo, sacerdote e confessor. Nascido numa importante família franca, em Hesbaye, faleceu perto de 690.

Em Espoleto, na Úmbria, Santa Esperança, cujas relíquias, parcialmente, foram para Aix-la-Chapelle, na França.

No País de Gales, São Paulino, abade (século V ou VI), que fundou um mosteiro em Whitland. É padroeiro de Llangor, Brecon, Llandewi Brefi e de Capel Paulin.

Em Nivelles, na Bélgica, Santa Vulfretudes, abadessa, que, pensa-se, faleceu em 669. O mosteiro feminino de Nivelles, foi fundado por Santa Itta, falecida em 652, sexagenária, e pela filha, Gertrudes, que desapareceu em 659. Cansada, desejosa de vida



mais recolhida, Gertrudes passou o govêrno da abadia à sobrinha, então com vinte anos, Vulfretudes, filha do prefeito de palácio Grimoaldo, em tempos de Dagoberto II. Santa Vulfretudes governou de 659 a 669.

São Lamano, mártir (século IX).

Em São Gaal, na Suíça, Santa Raquilda, reclusa, falecida em 946.

São Falero, monge, que é padroeiro da igreja de Chabris.

Em Casauria, nos Abruzzos, o bem-aventurado Güido, abade, falecido em 1045, e Adalberto, monge, no século XI.

\* \* \*

## 24.º DIA DE NOVEMBRO

### SÃO JOÃO DA CRUZ

#### *Cooperador de Santa Teresa na reforma do Carmelo*

Nasceu em 1542, em Fontibera, perto de Ávila, na Velha Castela. Era o mais jovem dos filhos de Gonzales de Yepéz. A mãe, virtuosa senhora, inspirou-lhe, em boa hora, a devoção a Virgem: mereceu, assim, livrar-se de muitos perigos, por uma visível proteção daquela que com tanto fervor invocava.

Enviuvando, a mãe, com os filhos ainda de pouca idade, sem amparo, com êles se retirou para Medina. João foi enviado ao colégio, onde passou a aprender os primeiros elementos da gramática.

Pouco tempo depois, o administrador do hospital, que era testemunha da extraordinária piedade de João, convidou-o para trabalhar, empregando-o ao serviço dos doentes, para fazer-lhes pequenas coisas. O jovem desincumbiu-se com grande zêlo, raro na pouca idade que então tinha. A caridade sobressaía-lhe sobretudo nas exortações que aos enfermos fazia, inspirando-lhes sentimentos dos quais achava deviam ser penetrados. Em segredo, praticava incríveis

austeridades. Concomitantemente, estudava no colégio dos jesuítas, onde ia assimilando conhecimentos.

Quando completou vinte e um anos, tomou o hábito do Carmelo, em Medina, e foi a devoção pela santa Virgem que lhe determinou a preferência por aquela ordem religiosa. Jamais noviço algum mostrou mais submissão, humildade, fervor e amor pela cruz. O zêlo, longe de diminuir, depois do noviciado, não cessou de ganhar novos acréscimos.

Enviado a Salamanca para estudar teologia, continuou com a prática de austeridades extraordinárias, e lá escolheu uma cela exígua e escura, que ficava ao fundo do grande dormitório. Uma tábua estreita e delgada, mais curta que comprida, era-lhe a cama. Trazia um cilício tão rude que, ao menor movimento do corpo, lhe brotava o sangue. Quanto aos jejuns e mortificações outras, raiavam o incrível. Tais eram os meios que empregava para morrer para o mundo e para si mesmo.

O exercício continuado da oração, ao qual se dedicava no silêncio e no retiro, trazia-lhe a alma em vôo. A máxima fundamental da perfeição, da qual fazia regra de conduta, que mais tarde estabeleceu nos escritos que deixou, dizia que aquêle que quer ser perfeito deve começar por fazer tôdas as ações em união com as de Jesus Cristo, desejando imitá-lo, revestindo-se do seu espírito. Em segundo lugar, deve mortificar os sentidos em tôdas as coisas, recusando-lhes tudo aquilo que possa ser contra a glória de Deus. Não queria ser mais do que irmão converso, mas os superiores não consentiram com o desejo.

Terminado o curso de teologia, feito com sucesso, foi ordenado sacerdote. Estava, então, com vinte

e cinco anos. Preparando-se para a primeira missa, de novas e maiores mortificações lançou mão, além de longas orações ferventes e demoradas meditações no silêncio sôbre os sofrimentos de Nosso Senhor Jesus Cristo. Queria, assim, imprimir no coração as feridas preciosas do Salvador e unir ao sacrifício do Homem-Deus o da própria vontade, das próprias ações: de todo o próprio ser, enfim.

As graças que recebeu desta primeira celebração dos santos mistérios lhe aumentaram ainda mais o amor pela solidão. E deliberou que devia ingressar na ordem dos Cartuxos.

Santa Teresa, tendo-o conhecido, quando João estava em Medina do Campo, lá por 1567, comunicou-lhe, e a outro padre, o desejo que tinha de restabelecer a primitiva autoridade na ordem do Carmelo. O acôrdo entre ambos ficou assentado. Uma pobre casa foi-lhes dada no lugarejo de Durvelle.

Os dois padres ali se estabeleceram como puderam, e renovaram a profissão no primeiro domingo do Advento, em 1568. Era uma casinha baixa, acanhada, pouco ventilada. No melhor cômodo, fizeram a capela e o côro. Quando o frio era grande e o vento soprava, não havia quem pudesse, por um instante sequer, conciliar o sono. O teto era tão baixo, que pouco faltava para nêle se roçar a cabeça. Sôbre o altar que ergueram, duas janelinhas espiavam para Durvelle quieta e sonolenta.

Das matinas até a prima, ficavam em oração. E a oração era tão ensimesmada e tão quente, que, no inverno, quando a terminavam, tinham o hábito coberto de neve. Pregavam pelas circunvizinhanças, pelos lugares onde a instrução era nula. Iam a pés nus sôbre a neve e sôbre o gêlo. E, depois de terem

passado quase todo o dia a pregar e a confessar, voltavam sem nada ter comido, coisa que lhes não parecia nada considerável.

Mais tarde, transferiram-se para Mancera. Tal foi a origem das carmelitas descalças, cujo instituto foi aprovado por Pio V e confirmado por Gregório XIII, em 1580.

A austeridade dos primeiros Carmelos reformados foram levadas tão longe, que Santa Teresa acreditou necessárias certas mitigações.

Viu-se Santa Teresa, mais tarde, obrigada a criar mais dois conventos, tal o renome que vinha de ter, e a santidade: o de Pastrano e o de Alcalá.

Os exemplos e as exortações de João da Cruz inspiraram a outros religiosos o espírito de retiro, de humildade e de mortificação. O amor pela cruz surgia-lhe em tôdas as ações, e aumentava dia a dia, meditando que vivia sôbre os sofrimentos de Jesus Cristo. Trabalhava com afincio para se assemelhar perfeitamente a Jesus crucificado.

Para inteiramente purificar o coração, fêz o Senhor com que aquêlê servo passasse pelas provas mais rigorosas, tanto interiores como exteriores.

O Santo, depois de ter provado as doçuras da contemplação, viu-se privado de tôda devoção sensível. Essa frieza espiritual foi seguida pela perturbação interior, da alma: escrúpulos e desgostos dos exercícios de piedade, que o servidor de Deus não abandonou jamais. Ao mesmo tempo, os demônios assaltaram-no com as mais violentas tentações, e os homens perseguiram-no pela calúnia. De tôdas as penas, porém, os escrúpulos e a desolação interior foram-lhe as mais terríveis e dolorosas. Parecia-lhe ver o inferno aberto e pronto para engoli-lo.

Acha-se-lhe, no livro *Da Noite Escura*, uma admirável descrição das angústias que aquêl estado o fêz provar. São angústias mais ou menos conhecidas das almas contemplativas. São provas que costumam preceder comunicações de graças especiais que Deus então passa a distribuir. Foi por isso que João da Cruz teve êxito sôbre tal miséria, sôbre tal pobreza de esp'rito, renunciando a tôdas as afeições terrenas, em inteira conformidade com a vontade de Deus, que é fundada sôbre a destruição da vontade própria: a paciência heróica, a corajosa perseverança daquelle que ao Senhor se entrega.

Os raios da luz divina atravessaram, afinal, as trevas em que o santo religioso estava aprisionado e se viu como que transportado a um paraíso de delícias. Novas trevas, porém, sucederam às primeiras. E as aflições e tentações vieram tão violentas que se julgava completamente abandonado por Deus, alheio absolutamente às lágrimas e aos suspiros sem-fim, que lhe brotavam da alma. Caiu numa tristeza tão profunda que por pouco não pereceu: sustentou-o a graça de Deus. Logo lhe voltou a calma, acompanhada de doces consolações.

João da Cruz sentiu, então, mais do que nunca, a vantagem dos sofrimentos interiores: eram purificadores da alma, expulsadores de imperfeições. Sempre recolhido, e sempre com o pensamento voltado para Deus, crepitava-lhe o coração no fogo da divina caridade. E um ardente desejo de imitar Nosso Senhor Jesus Cristo sofredor, de também lhe carregar a cruz, de participar das humilhações, de servir o próximo por amor do Salvador envolvia-o todo sem cessar. Passou, então, a gozar duma paz inaudita e



inalterável, unido ao divino amor, alcançando os mais elevados páramos da contemplação.

As doçuras daquele estado eram tão vivas, as torrentes de delícias tão imensuráveis, que João da Cruz mesmo chegou a dizer: "Era como se eu, aos poucos, me fôsse transformando em outra criatura, em criatura nova, diferente do que até então fôra".

O Santo fundou vários mosteiros. As diversas atividades que exerceu não lhe foram empecilhos para que diminuísse as austeridades. Não dormia mais do que duas ou três horas, passando o resto da noite a orar diante do santo sacramento. Não se deixava admirar pela humildade que se lhe cristalizava, pelo insaciável desejo incontrolável de sofrer.

"Nós vemos, dizia êle ordinariamente, pelo exemplo de Jesus Cristo e dos mártires, que sofrer por Deus é o caráter distintivo do amor divino".

Um dia, entendendo que Nosso Senhor lhe perguntava que desejava em recompensa dos trabalhos que tivera, respondeu-lhe:

"Senhor, unicamente sofrer e ser por vós desprezado". Eram três as coisas que seguidamente pedia a Deus: não passar um dia sequer sem sofrer no que quer que fôsse, de não morrer superior de mosteiro algum e, finalmente, terminar a vida na humilhação, na desgraça e no desprêzo.

A simples vista dum crucifixo era-lhe suficiente para ficar banhado em lágrimas. A paixão do Salvador era o principal objeto das meditações que fazia, o que êle recomendava insistentemente nos escritos que à posteridade legou. A confiança que depositava em Deus, provedor, levava-o constantemente a dar aos pobres o que lhe era estritamente necessário; daí

ter sido recompensado por inúmeras graças miraculosas. Chamava esta confiança em Deus o *patrimônio dos pobres*, o que devia ser característico de pessoas religiosas.

O fogo do amor divino de tal forma lhe queimava o coração, que as palavras envolviam esquisitamente os ouvintes. Tudo absorvido em Deus, vivia unicamente para Deus. E um clarão, por vêzes, lhe iluminava o rosto.

Certa personalidade, um dia, viu-se tão chocado pela luz que se irradiava daquele servo de Deus, que imediatamente deixou o mundo, ingressando na ordem de São Domingos. Uma senhora, que com êle se confessava, surpreendida pela celeste luminosidade que o aureolava, renunciou ao século e se consagrou tôda à vida reclusa.

Em João da Cruz o coração era toda uma fornalha imensa de amor, fornalha que êle mesmo não tinha fôrça para controlar. O amor pelo próximo, pelos pobres e doentes era infundável. Amava ternamente os inimigos, dando-lhes constantemente o bem pelo mal que, porventura, recebesse. Observava a mais estrita pobreza para se preservar do que quer que fôsse do mundo. Tudo o que tinha na pequenina cela consistia numa imagem de papel, numa cruz de junco e num catre terrivelmente grosseiro. Escolhia o breviário mais manuseado e o hábito mais usado. O profundo sentimento, do qual vivia penetrado, inspirava extremo respeito por tudo aquilo que ao culto divino pertencia; daí procurar santificar tôdas as ações. A maior parte do dia e da noite, passava-a a orar, principalmente diante do santo sacramento.

Deus provou João da Cruz por mais de uma vez: sofreu calúnias, perseguições, doenças — persegui-

ções movidas pelos próprios irmãos. A tudo suportava com paciência e com alegria, por amor de Deus.

Duas horas antes de morrer, recitou em alta voz o *Miserere* com os irmãos. Pediu, em seguida, que lhe lessem parte do Cântico dos Cânticos, e, durante a leitura, sentiu os mais vivos júbilos. Afinal, gritou:

— Glória a Deus!

E, apertando o crucifixo sobre o coração:

— Senhor, entrego minha alma em vossas mãos!

Morreu tranqüilamente em 14 de dezembro de 1591, com quarenta e nove anos, depois de ter passado vinte e oito na vida religiosa. Foi canonizado em 1726 por Bento XIII, que lhe fixou a festa em 24 de novembro.

Temos de São João da Cruz vários tratados místicos: *Da Noite Escura*, *Do Carmelo*, *Cântico do Divino Amor Entre a Alma e Jesus Cristo seu Espôso*, *A Viva Chama do Amor*, *Poesias Sacras*, *Conselhos Espirituais*, *Cartas Espirituais*, tudo escrito em espanhol.

O que de mais difícil há na obra do Santo é a interpretação *Da Noite Escura*. Eis o que lhe parece ser o fundamento: o homem carnal, o homem todo inteiro mergulhado na vida animal, um bêbado, por exemplo, nada concebe além de beber e de comer, nada além do corpo ou do que lhe apraz; tudo o que diz respeito ao intelecto — ciência, poesia, belezas morais, — é-lhe desconhecido ou leviandade. O homem razão, ou filósofo, mergulhado todo êle na natureza, nada concebe senão idéias naturais, nada além da razão humana. Tudo aquilo que é sobrena-

tural, divino — a fé, a graça — é-lhe leviandade. É para o cristão o que o bêbedo é para o filósofo. O homem carnal desconhece ou nega a ordem intelectual: para êle tal ordem não existe, pelo menos. Do mesmo modo, o homem da natureza desconhece ou nega a ordem sobrenatural, a ordem da graça, que para êle não existe. Para elevar-se à ordem intelectual, o homem carnal é obrigado a morrer para si mesmo, para entrar numa nova existência, num mundo novo que primordialmente lhe parece uma noite escura: não que as trevas sejam reais: os olhos é que não estão ainda habituados a uma luminosidade excessiva. Da mesma para elevar-se à ordem sobrenatural, à ordem da graça e da fé, para penetrar numa existência nova, num mundo novo, que nem mesmo suspeita, antes também lhe parece uma noite escura. Eis o que são as noites escuras de São João da Cruz. O homem carnal, tornando-se o homem da razão, não deixa de ser homem, mas melhor. O homem da razão, tornando-se o homem da fé, não deixa de ser o homem da razão humana, mas será mais homem da razão divina.

Eis uma bela frase de Santo Tomás: “A graça não destrói a natureza, mas pressupõe-na, aperfeiçoa-a”. (1) Assim a graça, submetendo a razão à fé, não destrói a razão, mas pressupõe-na. Não diminui. Ao contrário, eleva-a. Para submeter-se imediatamente a quem é igual ou inferior a si, rebaixa-se, mas para submeter-se incontinentemente a quem é infinitamente superior a si, a Deus, tal qual é na própria essência, infinitamente se eleva. Assim a

---

(1) Summa.

graça da fé eleva a razão infinitamente acima de si mesma. Iguamente, quem submete os sentidos à razão, não os destrói, mas pressupõe-nos. Não os degrada: ao contrário, eleva-os, aperfeiçoa, espiritualiza. A grande questão, o ponto essencial, é estabelecer a subordinação entre os sentidos e a razão, entre a razão e a fé. Renuncia-se, então, a si mesmo, para que se entregue ao Senhor. É o que se prende ao que disse Jesus: *Aquêle que quiser seguir-me, renuncie a si mesmo*. Foi o que fêz um dos mais famosos místicos — São João da Cruz.

\* \* \*



## SÃO PORCIANO (\*)

### *Abade*

São Porciano, desde a adolescência, esforçou-se para viver perto de Deus. Escravo dum homem cruel, bárbaro e inescrupuloso, foi tratado duramente. Às vêzes, fugindo de perversos castigos, buscava um mosteiro da vizinhança, e, ali, pedia ao abade que intercedesse por êle.

Um dia, livrou-se definitivamente. O rude senhor foi buscá-lo na abadia, gritando que o abade tudo andava fazendo para lhe seduzir o escravo e, assim, retirá-lo do seu serviço. E exigiu que lhe entregasse o jovem, então escondido.

O abade chamou-o, e perguntou:

— Que desejas que eu faça, Porciano?

Porciano, amedrontado, respondeu:

— Faze com que êle me perdoe.

O senhor perdoou-o, prometendo ao abade que não castigaria o escravo. E o jovem, aliviado, seguiu o senhor.

A meio caminho de casa, súbitamente, o senhor perdeu a vista. Abatido, levado por Porciano, tornou ao abade, dizendo-lhe com voz entrecortada de soluços:



— Eu te suplico, roga ao Senhor por mim, e toma êste escravo para que sirva o mesmo Senhor. Talvez merecerei recuperar a luz que acabo de perder.

O abade disse a Porciano:

— Peço-te, impõe tuas mãos sôbre os olhos dêle.

O jovem recusou, negando-se humildemente. O abade, em tom enérgico, insistiu. Então Porciano aproximou-se do cego, fêz-lhe o sinal da cruz nos olhos, os quais, imediatamente, tornaram a ver.

Elevado à clericatura, o Santo chegou a tal altura na virtude que, morto o bom abade, substituiu-o no govêrno da fundação que mais tarde recebeu seu nome. Penitente, levou vida santa, piedosa e austera. Acabado pelos jejuns, faleceu em 532, ano em que Teodorico invadiu o Auvergne. Conta-se que, já velho, respeitado pela fama de santidade, quando soube que o rei acampara em Artona, foi vê-lo, de manhãzinha. Teodorico, então, ainda dormia, na sua tenda de campanha.

São Porciano encaminhou-se para o primeiro oficial, Sigivaldo, e se queixou do grande número de prisioneiros que o soberano vinha fazendo. Sigivaldo, muito respeitosa, recebeu o velho e santo abade. Delicadamente, rogou-lhe que lavasse as mãos, descansasse da caminhada e tomasse um copo de vinho em sua companhia.

Porciano desculpou-se, pois não chegara a hora em que podia tomar qualquer coisa. Ademais, ainda não saudara o rei. Enquanto humildemente o Santo se excusava, Sigivaldo, sem lhe dar ouvidos, ia

enchendo os copos. Tomou dum e estendeu-o ao doce: velho e rogou que o acompanhasse. O abade apanhou o copo, mas, nem bem o fizera, partiu-se êle ao meio, e, junto com o vinho que se esparramou, escorregou e caiu ao chão imensa e grossa cobra asquerosa, viscosa e feia.

Sigivaldo caiu de joelhos. E, atabalhoadamente, pôs-se a beijar os pés e a fímbria do hábito de São Porciano, espaventadamente, sem cessar.

Os presentes, vendo o oficial tão amedrontado, também se prosternaram, e entraram a beijar as marcas que os pés do santo abade haviam deixado no chão.

Logo, um grande rumor encheu todo o acampamento, e o rei, julgando que o exército recebia um ataque de surpresa, pulou da cama.

Quando soube do sucedido e do objetivo da visita de São Porciano, deu ordens imediatas para que todos os prisioneiros fôsem postos em liberdade.

São Porciano enfrentou o diabo várias vezes. Duma feita, à noite, quando dormia, despertou e viu a cela em chamas. O fogo, forte e vivo, tomava-a quase completamente. O santo abade precipitou-se para a porta, correndo, mas quando procurou abri-la, não conseguiu. Empregou tôda a fôrça de que dispunha, debalde. Entrementes, o fogo, crepitando e aumentando assustadoramente, ameaçava tôda a cela.

O Santo desistiu das tentativas que empregava para abrir a porta. Deixou-a, pôs-se de joelhos, e principiou a rezar, depois do sinal da cruz: o fogo,

vagarosamente, foi-se extinguindo, desaparecendo, sem deixar qualquer marca, sem ter feito o mínimo estrago. São Porciano, então, compreendeu que aquilo nada mais fôra do que um embuste do demônio.

O velho abade faleceu em idade bastante avançada. A sepultura que lhe recebeu o corpo, pouco depois do enterramento foi ilustrada, através dos tempos, por um sem-número de milagres.

\* \* \*

## BEM-AVENTURADO PEDRO

### DUMOULIN BORIE (\*)

#### *Bispo e Mártir*

Pedro Rosa Úrsula Dumoulin Borie, filho de Pradel Borie, falecido em 1828, e de Rosa Labrunie, desaparecida em 1858, nasceu aos 20 de fevereiro de 1808, no moinho de Cors, em Beynat, diocese de Tulle.

Menino humilde, piedoso, obediente, era já grande e se deixava bater pelos menores, sem reagir. Doce e calmo, estudou, inicialmente, com um tio, seu padrinho, que era padre.

Moço, alto, muito alto, procurou o seminário. Atraído, mais tarde, pelas missões, partiu para Paris.

A 27 de março de 1830, ordenado diácono, foi feito padre a 2 de novembro do mesmo ano. Sòmente a 15 de maio de 1832, chegava ao seu destino, à terra onde devia ficar para sempre.

Ao cabo de três meses, Pedro Borie, que tinha a metade do vicariato atual do Tonkin do Sul, já confessava fiéis, pregava, catequizava, trabalhando por Nosso Senhor com todo o entusiasmo. Em junho de 1836, Pedro já havia percorrido todo o vasto território que lhe fôra confiado, e, até o mês

de agosto daquele mesmo ano, perfazia quatro mil e quinhentas confissões, reconstituíra dois conventos despovoados desde 1833, e organizara dois colégios com cento e quarenta e cinco crianças.

Um dia, com enorme comitiva, passou por êle um mandarim que era hostil aos cristãos. Quase todos os catequizados fugiram. Pedro, ao contrário, tranqüilamente, ficou a observar os que desfilavam, olhando o cortejo com tôda a audácia. Surprêso, o grupo passou. Ninguém lhe disse nada, nem mesmo o mandarim, impressionado com aquêle homem de mais de um metro e oitenta e cinco de altura.

Quando lhe falaram da coragem demonstrada, disse simplesmente:

— Sempre desejei ver aquêle mandarim de perto.

Pedro Borie levava vida perigosa. Aliás, gostava dela assim.

Escreveu, uma vez, à irmã, falando de si mesmo:

“Imagina um indivíduo, cuja estatura é de cinco a seis polegadas mais alta do que todos os que o rodeiam; uma longa barba cobre-lhe e esconde quase todo o rosto, um largo turbante envolvendo-lhe a cabeça, um chapéu de palha de nove pés mais ou menos, de circunferência, cobrindo-o todo inteiro. As roupas largas, de forma singular, estão arregaçadas até os joelhos; os pés descalçados, caminha trazendo na mão longo bambu nodoso, arma que possui para enfrentar ladrões e salteadores . . .

“Eu caminho em meio as trevas duma noite profunda, por veredas tortuosas e estreitas, muitas vêzes por buracos ou com água pela cintura, pela ventania e pela chuva . . . Para onde vou eu? Oh! Às vêzes procurar uma ovelha errante, para arrancá-la ao lobo

infernall. Outras vêzes sou eu mesmo que erro, a fugir, arrancando-me ao furor dos perseguidores. Mas, pouco importa, sou feliz . . . Nossa vida nada mais é do que uma peregrinação, todo êste mundo, inteiro, um lugar de exílio . . . Jesus Cristo, nosso mestre e nosso modêlo, como eu, percorreu aldeias e aldeiolas, ora pregando aos pobres, ora fugindo dos maldosos”.

Tal foi a atividade de Pedro Dumoulin Borie naquelas rudes plagas, que logo os que o amavam e dêle recebiam o temporal e o espiritual, apelidaram-no de *Cao*, ou seja, o *Grande*, o *Ilustre*.

Grande mesmo era Pedro Dumoulin Borie, e tão grande que, um dia, quis enfrentar o que todos tinham como fantástico, quimérico, irrealizável: pregar em Minh-Menh. E foi.

No dia 31 de julho de 1838, prenderam-no. Estava escondido na base dum monte de areia, quando os soldados apareceram. Eram duas horas da madrugada, e a lua brilhava intensamente no céu despojado de nuvens.

Quando os esbirros depararam com o *Cao*, o missionário levantou-se. Alto, ereto, destemeroso, dir-se-ia, ao luar, um fantasma. Os soldados, prontamente, recuaram, espavoridos. Pedro perguntou-lhes:

— Que procurais?

Um dêles, vendo que se tratava dum homem, dum ser de carne e osso, sem dizer palavra, avançou para o *Ilustre* e lhe vibrou terrível pancada nos rins. Borie caiu. Mais trinta golpes, puseram-no quase desfalecido. Mais tarde, passou por duros suplícios.

Levado ao mandarim, disse-lhe:



— Sou de carne e osso como qualquer pessoa, não estou isento da dor. Todavia, como antes da tortura, sou igualmente feliz.

Estava prêso, quando soube que Roma o fazia bispo de Acanto e vigário apostólico do Tonkin Oriental. Com uma cança, pesando terrivelmente, curtindo o suplício do sol, horrível, assim viveu até o fim; até a morte, naquele mesmo ano de 1843.

O soldado que fôra indicado para lhe cortar a cabeça, embriagado, no primeiro golpe apenas lhe decepara a orelha; o segundo pegou-lhe o pescoço, mais a espádua; o terceiro, acertou, mas sete golpes mais desferiu-lhe o ébrio, às tontas.

Morto o grande bispo, seguiu-se a bestial cerimônia de rotina: quarenta pancadas ao cadáver.

O bem-aventurado Pedro Dumoulin Borie foi beatificado aos 7 de maio de 1900.

## SÃO CARIÃO (\*)

### *Monge*

São Carião foi monge num deserto que se estendia ao sul de Alexandria. Casado, deixara a esposa e um filho, chamado Zacarias, e uma menina, ainda bem nova. Zacarias, por ocasião duma época de fome, procurou o pai, e passou a viver com êle, seguindo-o nas práticas religiosas.

Do deserto de Alexandria, ambos passaram para a Tebaida, donde tornaram, alguns anos depois, para a mesma solidão anterior.

São Carião foi monge austeríssimo, mas o filho Zacarias ultrapassou-o pela humildade e pelo silêncio que guardava, rigoroso. Santo Isidoro, padre daquelle êrmo, disse: "Zacarias era homem, agora é quase um anjo".

É possível que, depois da morte de São Carião, o filho tenha sido discípulo de Moisés.

## SANTA ENFREDA (\*)

### *Rainha*

Enfreda era filha do rei de Northumbria Santo Edwin e de Santa Etelburga do Kent. Nascida na noite dum domingo de Páscoa, foi batizada por São Paulino pelo Pentecostes.

Santa Enfreda casou-se com o rei Oswy, tendo sido rainha piedosa e penitente. Fundadora dum mosteiro em Gilling, destinado a expiar a morte de Santo Oswy, rei de Deira, São Wilfrido nela encontrou verdadeira protetora, solícita e sempre disposta a batalhar pela fé.

Morto Oswy a 15 de fevereiro de 671, Enfreda retirou-se para Whitby, onde a filha, Enfreda era abadessa. Falecida depois de 671 ali foi enterrada, ao lado do rei seu marido. Oswy, que recebera do papa uma longa carta, que o convidava docemente a aceitar todos os usos e costumes de Roma, recebera do pontífice, presente para Enfreda, uma cruz com relíquias das cadeias de São Pedro e de São Paulo. Desde aquêlê dia, tornou-se, em tudo, submisso filho da Santa Madre Igreja.

Santa Enfreda aparece no martirologio de Wilson.

---

No mesmo dia, celebra-se o aniversário da morte de São Crisógono, mártir: retido em ferros por longo tempo, prêso por ter corajosamente confessado Nosso Senhor Jesus Cristo, conduzido à Aquilêia, por ordem do imperador Diocleciano, ímpio, foi decapitado e atirado ao mar, assim consumando o martírio (séculos III-IV?). Diocleciano, que, então, residia em Aquilêia, ordenou o massacre de todos os cristãos, com exceção de Crisógono, que lhe levaram a interrogatório. Tendo-lhe oferecido o cargo de prefeito, mesmo de cônsul, se consentisse em sacrificar aos deuses, o Santo recusou. Foi, assim, levado ao lugar conhecido como *Aguas gradatas* e, ali, decapitado. O corpo, em seguida, foi arremessado ao mar, perto da propriedade dita *ad Saltus*, onde viviam três irmãs: Ágapa, Quionia e Irene. Um padre, Zoila, recolheu-lhe o corpo e o depositou num cômodo subterrâneo, na casa em que morava. Depois duma visão, em que lhe foi revelado o paradeiro da cabeça, Zoila, tendo-a descoberto, tomou-a e juntou ao corpo. Três dias depois da morte, Crisógono apareceu a Zoila, predizendo-lhe que Diocleciano iria prender as três irmãs, que consumariam o martírio, e êle, Zoila, bem cedo deixaria o mundo. E assim foi. Existe um *Título de Crisógono*: no concílio romano de 449, três padres, Pedro, outro Pedro e Redento, eram honrados com tal distinção — “padres do título de Crisógono”.

Em Roma, São Crescenciano, mártir, do qual faz menção a *Paixão* do bem-aventurado Marcelo, papa.

Perto de Corinto, Santo Alexandre, mártir: sob o apóstata Juliano e o ímpio prefeito Salústio, combateu até a morte pela fé de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Em Perusa, São Felicíssimo, mártir.

Em Amélia, na Úmbria, Santa Firmina, virgem e mártir: durante a perseguição do imperador Diocleciano, foi, depois de diversas torturas, suspensa no ar, queimada com tochas ardentes, assim cessando o combate e entregando a pura alma a Deus. Há um texto que conta que as relíquias de Santa Firmina foram encontradas em Amélia no ano de 870. Firmina teria convertido um personagem consular, que queria seduzi-la, e morrido sob Diocleciano, sendo enterrada em Amélia, na Úmbria. Um outro texto fala que a santa mártir foi sepultada aos 20 de dezembro numa gruta, perto de Civitavecchia. O carasco que lhe tirou a vida, no mesmo instante se converteu e pouco depois recebeu o batismo.

Em Córdoba, na Espanha, as santas virgens e mártires Flora e Maria, que, depois de muito longa prisão, terminaram os dias na terra pela espada, durante a perseguição árabe, em 851. Flora estava em 845 na flor da idade, bela física e moralmente. A mãe, originária dum lugar a oeste de Córdoba, era cristã e de família nobre e benquista. O pai, pagão, de Sevilha, morreu cedo. A mãe ficou, assim, com um filho e duas filhas. Flora, a mais moça, era fervente cristã. Santo Eulógio, que foi arcebispo eleito de Toledo e mártir em 859, ficou sabendo, pela mãe de Flora, que a virgem e mártir, quando menina, dava tudo que tinha aos pobres, inclusive o que lhe cabia de alimento, assim praticando o jejum. O irmão, muçulmano fanático, foi quem a denunciou aos agentes do cádi. Maria, companheira de Flora no martírio, era filha de pai cristão, originário de Ilípula, e a mãe árabe, que se convertera. Tôda cheia de ardor e aspirando com tôda a alma o martírio, partiu para o tribunal, a fim de conquistar a coroa. Ao passar

por Santo Aciscla, ligou-se a Flora — uma grande amizade que nasceu num instante e continua, não nesta terra, mas no paraíso, para todo o sempre.

Em Milão, São Protásio, bispo: diante do imperador Constâncio, defendeu a causa de Atanásio; em seguida, depois de muito ter trabalhado pela Igreja confiada aos seus cuidados e para o bem da religião, foi para o Senhor, em 356.

Na praça forte de Blaye, na Gália, São Romão, sacerdote: os brilhantes milagres são prova e elogio de sua santidade. Faleceu, ao que parece, em 380.

Na Irlanda, São Kenan, bispo.

Ainda na Irlanda, São Colman, bispo, falecido em 600.

Em Auvergne, São Protásio, recluso (século VI).

Na Bretanha, São Bihi, que é, muitas vezes, confundido com São Bili. Foi, segundo a lenda, discípulo de São Gildas. “Fazia, diàriamente, uma infinidade de milagres” (*As Vidas dos Santos da Bretanha*, de Alberto, o Grande).

No Jura, São Marino, mártir, que repousava na abadia beneditina de São Sabino do Gartempe.

Em Lambres, São Sarre.

Na abadia de Cava, na região de Nápoles, o bem-aventurado Bálamo, abade, que faleceu em 1232.



## 25.º DIA DE NOVEMBRO

### SANTA CATARINA

#### *Virgem e Mártir*

Santa Catarina era da cidade de Alexandria. Empregou os primeiros anos da vida no estudo das Santas Letras e das profanas. Foi um prodígio de doutrina.

Maximino II, originário de Dácia, sobrinho de Maximino Galera, genro de Diocleciano, partilhava o império com Constantino, o Grande, e com Licínio, e porque o Egito lhe era do distrito, mais estava em Alexandria, capital desta província. Era um príncipe cruel. Contra os cristãos, herdara o ódio insopitável de Diocleciano e de Galera. Eis um edito seu:

“Saúdo a todos os que vivem no império. Tendo recebido um assinalado benefício da clemência dos deuses, resolvemos demonstrar nosso reconhecimento oferecendo-lhes sacrificios. Eis aí que vos exortamos ao zelo que tendes, para que maior o seja, pelas divindades adoráveis. E se alguém ao nosso edito desprezar, ou outra religião tiver, que acarrete a cólera dos deuses, êsse será rigorosa e inexoravelmente punido”.

De todos os lados, acorria-se para obedecer às ordens do imperador. O ar vivia perenemente obscurecido com o fumo das vítimas queimadas.

Enquanto se sacrificava aos demônios, Catarina applicava-se em sustentar a fé cristã, a todos fazendo ver claramente que os oráculos do paganismo nada mais eram do que pura ilusão.

— Os que chamais deuses, dizia, não são mais do que homens que se tornaram famosos pela desordem, homens mortais que nada têm de divino. Não deveis obedecer às ordens do príncipe, pois assim atraís para vós o castigo de Deus, aquêlê verdadeiro, que fêz o céu e a terra. Só Êle merece ser louvado. Só Êle merece ser adorado.

Depois de ter exortado os cristãos, resolveu abordar o imperador mesmo, para mostrar-lhe a impiedade em que vivia. Foi, pois, falar-lhe.

Como Santa Catarina tinha o porte majestoso, e era de rara beleza, não demorou para conseguir audiência. E, na presença do príncipe, com firmeza, aquêlê firmeza que só a fé empresta, disse ao imperador que devia, já de longa data, ter reconhecido que aquêlê multidão de deuses adorados era vã, uma vez que a luz mesma da razão o demonstrava. Citou-lhe Plutarco e muitos outros homens de envergadura. Acrescentou que era estranho que um príncipe, pela característica mesma de imperador, ao invés de conduzir o povo ao culto do Deus verdadeiro, fôsse justamente atirá-lo às falsas divindades — e, o que era pior, êle mesmo dava o exemplo.

— Deixai, disse-lhe, tal abominação, e rendei homenagem ao Deus verdadeiro, aquêlê que de fato, merece a suprema adoração.

Quando Catarina acabou de falar, o imperador, boquiaberto de espanto, perguntou-lhe:

— Quem és tu? Donde vens?

A Santa respondeu-lhe:

— Minha origem é assaz conhecida em Alexandria. Chamo-me Catarina, e meus pais vêm do mais illustre do país. Emprego todo o meu tempo no conhecimento da verdade, e quanto mais estudo, mais me capacito da fragilidade dos ídolos que adorais. Sou cristã e tudo faço para ser espôsa de Jesus Cristo. Meu único desejo é que o conheçais, e todo o vosso império convosco. Aquilo que professais nada mais é do que superstição.

O imperador, não sabendo o que responder à virgem cristã, deixou o debate para depois. Reuniu cinqüenta filósofos, os mais renomados, alojou-os no palácio, tratando-os com deferências mil, como se fôsem os mestres do mundo, e mandou chamar a Santa.

Antes de enfrentar o imperador pela segunda vez, com os cinqüenta luminares, um anjo apareceu à virgem. Disse-lhe:

— Nada temas. Haverás de persuadir os cinqüenta filósofos e um grande número dos que vão assistir à discussão. Far-lhes-ás conhecer Nosso Senhor Jesus Cristo e conquistarás a palma do martírio.

Como surgiu, assim o anjo desapareceu.

Fortalecida, Catarina entrou na vasta sala do palácio com passo firme e cabeça erguida, embora humilde. Indicaram-lhe assento em meio aos filósofos, perto do trono do imperador, ansioso todo êle e atento para não perder uma só palavra de tudo o que se dissesse.

Um doutor pagão começou por dizer-lhe, tentando persuadi-la, que o sol, sob o nome de Apolo, era muito próprio para ser adorado.

— É, disse, além do mais, útil ao mundo. Regra as estações, amadurece as frutas, os cereais, dá às flôres as maravilhosas côres variegadas. Aos seres todos, com o calor, dá a vida. Devemos negar-lhe honrarias? Que seria do mundo sem a luz que dêle vem, sem o calor que a tudo anima? Por ventura a natureza não subsiste graças a êle?

Aquilo era para Maximino a vitória. Que poderia a virgem opor àquela sabedoria? Pobre príncipe cego! Quão surpreso iria ficar!

Catarina principiou, calmamente:

— Que seria de Apolo, dêste sol que dizeis merecer nossa adoração, não fôra o Deus verdadeiro? Está êle absolutamente sujeito ao Senhor, ao divino poder. Quando Jesus Cristo, pregado à cruz, expirou para a salvação dos homens, foi obrigado a empalidecer — e a terra viu-se coberta de trevas em pleno meio-dia. A quem obedeceu senão a uma fôrça superior — a Deus Todo-poderoso.

E, percorrendo sôbre coisas convincentíssimas, derrotou os filósofos.

O imperador incitou-os para que opusessem maiores argumentos aos que a Santa expusera, mas todos se reconheceram vencidos, confessando, em seguida, existir, de fato, um só Deus verdadeiro. E asseveraram:

— Assinaremos esta verdade com o próprio sangue, se assim fôr necessário.

Maximino, irritado, que podia fazer? Únicamente o que lhe parecia certo fazer: defender a causa



Martirio de Santa Catarina de Alexandria (segundo Gaudenzio Ferrari, séc. XVI).



dos deuses condenando ao fogo os que lhe eram contrários.

Os filósofos converteram-se e sofreram o martírio com uma constância invencível.

A Catarina, fêz com que a atormentassem cruelmente, mas a generosa adcradora de Jesus Cristo tudo suportou e suplantou, conquistando, na prisão, mais almas para o Espôso.

A imperatriz, e Porfírio, chefe da primeira legião, com duzentos soldados, confessaram Jesus Cristo, confirmando a conversão pelo martírio. Quanto à Santa, foi, depois de inomináveis torturas, abatida. E os anjos que desceram do céu para lhe testemunhar o combate e honrá-la com a presença, tomaram-lhe o corpo — diz o martirológio — e o levaram para o monte Sinai, onde, cantando, entoando louvores à glória de Deus, que é sempre admirável nos seus santos, a sepultaram ternamente.

\* \* \*



## SÃO TEILO (\*)

### *Bispo*

Teilo, bispo de Llandaff, cuja *Vita* não possui nenhum valor histórico, nasceu numa nobre família do País de Gales, na região meridional. Foi educado pelo arcebispo de Llandaff, Dúbrico ou Dubrício. Colega de Sansão, futuro bispo de Dol, estudou sob São Paulino, que São Germano deixara quando partira para Auxerre.

Ordenado padre, empreendeu a peregrinação de Jerusalém, e, de volta, visitou Sansão, naquele tempo já na Armórica.

Bispo de Llandaff, desenvolveu grande atividade, não só na sua diocese, como na de outros, auxiliando-as por ocasião da peste chamada amarela, que matou o rei Mailcon.

Falecido em 560 (?) no mosteiro de Llan-Deilo-Vawr, foi enterrado em Llandaff.

Uma *Vida* de São Cadoc, escrita por Caradoc de Llancarfan em 1100, fala de São Teilo como ermitão, discípulo de Cadoc.

Em Gales, celebra-se São Teilo aos 9 de fevereiro. Na Bretanha a 25 e 29 de novembro.

---

No mesmo dia em que se comemora Santa Catarina, virgem e mártir, cuja popularidade teve o seu apogeu na Idade Média, celebra-se, em Roma, São Moisés, padre e mártir, que, estando prêso, foi, constantemente, consolado pelas cartas de São Cipriano. Como atesta o papa São Cornélio, Moisés opôs-se intrêpidamente aos cismáticos e heréticos e, durante a perseguição de Décio, foi honrado com um ilustre e admirável martírio (251).

Em Antioquia, Santo Erasmo, mártir.

Em Cesaréia da Capadócia, a *paixão* de São Mercúrio, soldado: com o concurso do anjo da guarda, venceu os bárbaros e triunfou da crueldade do imperador Décio. Enriquecido dos múltiplos trofeus dos seus tormentos, foi para o céu com a coroa dos mártires. Quando da guerra entre romanos e bárbaros, Décio tomou a direção das operações e reuniu as tropas. Sob as ordens do tribuno Saturnino, Mercúrio pertencia à companhia chamada dos *Martenses*. Numa visão, o futuro mártir viu um homem muito alto, todo vestido de branco, que lhe ordenou investisse sobre o inimigo, dando-lhe uma espada, ao mesmo tempo que lhe prometia a vitória, acrescentando: "Não te esqueças do Senhor teu Deus". São Mercúrio marchou contra os bárbaros, entre os quais fêz grande morticínio, matando-lhes o rei. Décio, então, fê-lo generalíssimo do exército romano. Sabedor, depois, de que Mercúrio era cristão, o imperador submeteu-o a interrogatório, durante o qual Mercúrio renovou a profissão de fé cristã. Levado aos mais terríveis suplícios, ferido, recebeu na prisão a visita do anjo, que o curou. Décio, maravilhado por vê-lo curado de ferimentos que levariam muitos dias para que se sanassem, acusou-o de má-

gico. Torturado com ferros em brasa, ao invés do terrível cheiro de carne posta ao fogo, subiu por tôda a parte um maravilhoso e estranho perfume. Enviado para a Capadócia, depois de muitos outros tormentos, ali foi decapitado. Imediatamente, o corpo tornou-se branco como a neve, e dêle se exalou, como anteriormente, diante do imperador, suavíssimo odor, jamais sentido. Conversões, curas, milagres sem conta a todos revelaram a alta santidade de Mercúrio, filho de Gordiano.

Em Emília, província da Itália, Santa Jocunda, virgem.

Na diocese de Agen, São Maurino, mártir. São Maurino nasceu de Eutício e de Albana. Depois de ter recebido boa educação, quando completou doze anos foi viver ao lado de São Germano de Cápua, que o batizou e ordenou diácono. Maurino viveu com São Germano por sete ans. A uma visão, o bispo de Cápua enviou-o para Agen, onde deveria livrar um velho das vexações duma legião de demônios. Tendo obtido sucesso incomum, Maurino viu-se procurado por grandes multidões. Eutício, que ocupava a prefeitura, cristão em segrêdo, acoroçoou o filho a prestar auxílio aos que dêle necessitavam. O rei Valduano, furioso, ordenou que o decapitassem: ao mesmo tempo que o pai de São Maurino, mais setenta e oito pessoas de sua casa passaram pela espada. O Santo, prêso, condenado à mesma morte, tendo apresentado a cabeça ao carrasco, ouviu uma voz do céu. O verdugo, que também a ouviu, temeroso do que lhe pudesse suceder, não ousou, atemorizado, a erguer a arma. Valduano, então, tomando-a, golpeou a Maurino no pescoço e na espádua. Tomando aquellas partes nas mãos, o mártir deixou o sinistro lugar

do suplício, indo parar perto duma fonte. Um leproso, que se banhou nas águas daquele manancial, curou-se no mesmo instante.

Demais, São Mesrob, doutor dos armênios, que deu à Igreja armênia uma personalidade, compondo-lhe um alfabeto. Faleceu em 441.

Em Lavour, Santo Alano. Em 1098, erguia-se ao norte da atual cidade de Lavour uma igreja dedicada a Santo Alano, a qual foi doada pelo bispo de Tolosa ao abade São Pons de Themières. Restaurada, ali floresceu um priorado. A cidade de Lavour formou-se ao seu redor. Quando do papa João XXII, em 1317, tornou-se catedral do episcopado.

Em Karlburgo, no episcopado de Wurzburg, a bem-aventurada Imma, abadessa. Filha de Hetan II, duque da Francônia, estabeleceu-se numa montanha, hoje chamada Monte Santa Maria, com algumas companheiras. Com o auxílio do bispo de Wurzburg, Burchard, transferiu-se para Karlburgo, onde foi abadessa. Chamada carinhosamente de *Duquesa*, descobriram-lhe a tumba em 1700.

Em Ottobeuren, na diocese de Augsburgo, na Baviera, o bem-aventurado Bernoldo, beneditino, sacerdote (século XI). Chamado comumente Bernoldo, o Padre, tem o túmulo perto do altar de São Nepomuceno, na igreja daquele mosteiro de Ottobeuren.

Na Baixa Francônia, o bem-aventurado Egberto, abade de Munsterschwarzach, em 1047 chamado mosteiro de Gorza, por Santo Adalberão, que foi bispo de Wurzburg. Abade de 1056 a 1074, ano em que se dirigiu a Roma para pleitear a absolvição de Hermann de Bamberg, excomungado, faleceu em

1075, na terra natal. Em 1701, dedicaram-lhe um altar na catedral de Wurzburg.

Em Reute de Wurtemberg, a bem-aventurada Isabel, cognominada a *Bondosa*, terciária franciscana. Nascida em 1386, em Waldsee, morreu em Reute em 1420. O curioso é que Isabel nasceu no dia 25 de novembro e faleceu, trinta e quatro anos depois, no mesmo dia e mês. Praticando duras penitências, ocupou-se da cozinha durante grande parte da vida. Teve no corpo os sinais da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo. Clemente XIII, em 1766, ratificou-lhe o culto.

Perto de Florença, o bem-aventurado Jerônimo da Córsega, oblato olivetano. Nascido na Córsega, seguiu os pais para Pisa. Tendo feito parte duma banda militar, deixou-a para viver entre os Irmãos Menores; depois de ter levado vida de ermitão na vizinhança de Pisa, foi professor no mosteiro olivetano de São Jerônimo de Agnano, fundado em 1360. Professo de São Bento de Pistóia, fundado em 1380, estêve, em 1443, num mosteiro próximo de Florença, o de São Miniato do Monte. Ali viveu trinta e seis anos, falecendo em 1479.

## 26.º DIA DE NOVEMBRO

### SÃO PEDRO

*Bispo de Alexandria, primeiro do nome e mártir*

Santo Tomás, bispo de Alexandria, morrendo em 300, teve por sucessor São Pedro, o primeiro d'êste nome, que êle mesmo, Tomás, educara desde a infância. O novo bispo governou o rebanho por doze anos e ordenou cinqüenta e cinco bispos para diversos lugares. Os três primeiros anos de episcopado foram tranqüilos, mas os outros, turbados pela perseguição, terríveis, levaram o Santo ao martírio.

Era, então, nos tempos de Diocleciano, de Galeria, de Maximino Daia, que propiciaram uma infinidade de mártires. Nem todos os fiéis tinham a fibra do verdadeiro cristão: muitos, atormentados, cediam. Diligentemente, Pedro tratava de relevá-los, reerguendo-lhes a fé. Deixou regras duma discreção compassiva.

Era pela quarta Páscoa, depois do começo da perseguição. Entre os que cediam, uns não suportavam a prisão e a tortura, outros, pela fragilidade do corpo, desesperavam e tombavam. O bom pastor declarava, então, que quarenta dias de jejum seriam suficientes para que se purgassem. Acs que, tendo



sofrido a prisão, deixavam-se vencer sem combate, um ano de penitência. Aos que, sem nada ter sofrido, eram dominados pelo temor e vinham à penitência, propunha-lhes a parábola da figueira estéril. Se, depois dum ano, apresentassem frutos dignos, tinham o direito de ser socorridos. Quanto aos impenitentes desesperados, a esses era dado conhecer a parábola da figueira maldita. Os que ofereciam dinheiro para se verem livres do vexame eram exprobrados.

Às vêzes, levado pela piedade, São Pedro de Alexandria adoçava aquilo que prescrevera. Êle mesmo tinha muito que sofrer por parte das idólatras, que nêle viam o chefe dos cristãos, no Egito. Para se subtrair da raiva dos perseguidores, refugiava-se ora aqui, ora ali: na Mesopotâmia, na Síria, na Palestina, nas ilhas que coalhavam o mar.

Em meio às calamidades, não cessava, dia e noite, de escrever ao rebanho, para a todos confirmar na fé e na unidade do Cristo.

À perseguição dos pagãos, juntava-se a sedução dos cismáticos. Melécio, bispo de Licópolis, autor de vários crimes, em particular de ter sacrificado aos ídolos, foi deposto por Pedro, num concílio. Bem longe de se submeter e fazer penitência, deu início a um cisma que dividiu todo o Egito. O pretexto era que Pedro, na reconciliação dos apóstolos, usava de muita indulgência.

O santo bispo de Alexandria devia, pois, lutar, para salvar os fiéis, preveni-los contra o cisma e a apostasia. Vivia em contínuas ansiedades, principalmente quando da prisão de três bispos, Filéo, Hesiquio e Teodoro, detidos pela fé que professavam, com mais de seiscentos cristãos. Dum lado, os pagãos faziam-nos passar por tormentos vários e, doutro,

Melécio procurava seduzi-los. O mêdo de Pedro levava-o a escrever-lhes sem cessar, para exortá-los na perseverança. Quando soube que todos, sem exceção, receberam a palma do martírio, suspirou e rendeu graças a Deus: estavam, com a ajuda do Senhor, todos salvos. Tal era São Pedro de Alexandria.

Tais detalhes, nos vieram dos *Atos Sinceros* de seu martírio, descobertos e publicados pelo cardeal Maï. (1)

A perseguição continuava, e continuou de modo redobrado até o fim de Maximino Daia. Muitos cristãos sofreram o martírio em Alexandria: particularmente três sacerdotes e quatro bispos, dos quais um dêles era Pedro mesmo.

Tôda a vida o bispo de Alexandria sofreu a perseguição, não sòmente da parte dos idólatras, mas também da parte dos cismáticos, adeptos de Melécio. Ário, ainda secular, deixara-lhes o partido e viera a Pedro, que, às súplicas dos bispos, ordenou-o diácono. Tendo, porém, excomungado Melécio e os seus, Pedro viu que Ário caía em profunda tristeza: tinha ainda a êles prêso o coração. Excomungou-o, então, por sua vez.

Tempos depois, uma curta paz sobrepairou na Igreja. O santo pastor tornou ao rebanho e pôs-se ardentemente a velar por êle. Pregava e a todos exortava na constância. As romarias aos túmulos dos mártires aumentavam dia a dia e a multidão de crentes crescia.

O inimigo de Deus e dos homens, entretanto, não podia permitir que tal sossêgo persistisse. E a

---

(1) *Spicilegium Romanum*, Roma, 1840.

Maximino Daia foram ter os que queriam perder o bispo de Alexandria: era ele o chefe da cristandade no Egito; era ele que roubava aos ídolos, dia a dia, os servidores.

Maximino, imediatamente, despachou cinco tribunos, com tropas, e o bispo foi surpreendido, prêsô e levado ao cárcere. À essa nova, uma multidão incrível de fiéis, principalmente composta de monges e virgens, apareceu às portas do presídio, sem outras armas que não a afeição pelo pai e pastor. E, da prisão, ninguém saía nem entrava. A cada momento, avolumava-se a mole mais e mais. Maximino, pôsto a par do sucedido, deu ordens para que, sem tardança, decapitassem o bispo. Como cumprir a ordem, se não era possível entrar no presídio? Como varar aquela multidão que ora cantava, ora gemia, debulhada em lágrimas? A resolução do problema estava em agir contra aquela massa humana mesma. E os tribunos resolveram arremeter contra ela. Com tropas, forçá-las iam, e os que opusessem resistência seriam mortos no ato.

Entretanto, Ário, excomungado, vivia horas torturantes: morto o santo bispo, com quem reconciliar a alma? Foi procurar os principais do clero, e suplicou-lhes que por ele intercedessem junto a Pedro.

Uma vez na prisão, depois da oração costumeira, prosternados todos por terra, beijaram a mão do prelado e disseram:

— Por vosso próximo martírio, usai de indulgência com Ário. Perdoai-lhe.

O homem de Deus respondeu-lhes com indignação, levantando as mãos para o céu:

— Ousais suplicar por Ário? Ário, neste mundo e no outro, está para sempre separado da glória do Filho de Deus, Nosso Senhor Jesus Cristo!

Todos ficaram consternados, mas suspeitaram que alguma inspiração divina assim levara o bispo a falar. Com efeito, horas depois, tomando à parte dois dos mais velhos sacerdotes que com êle jaziam presos, disse-lhes:

— Aquilas, Alexandre, não me olheis como inumano ou severo demais. A loucura de Ário ultrapassou tôda a iniquidade, tôda a impiedade. O que eu disse não o disse por mim. Esta noite passada, quando a Deus endereçava minhas orações, e vós dormíeis, a meu lado apareceu um menino de rara beleza, dos seus doze anos, todo envolto numa luz que eu não podia suportar. Passada a surpresa, perguntei-lhe: "Senhor Menino, quem te dilacerou assim as vestes?" Porque o Menino trazia a túnica de linho rasgada de alto a baixo, de ambos os lados. Respondeu-me: "Foi Ário quem assim me pôs". Arregalei os olhos: "Ário?" perguntei-lhe. Queria certificar-me se não ouvira ou entendera mal. E o Menino confirmou: "Sim, Ário". E acrescentou, em seguida: "Guarda-te de não o teres na comunhão, porque amanhã virão interceder por êle". Depois apontando a ti, Aquilas, e a ti, Alexandre, sentenciou: "Dize a Aquilas e a Alexandre, que serão teus sucessores e governarão a minha Igreja, que também não o recebam. Quanto a ti, próximo, muito próximo está o teu fim".

Terminadas aquelas palavras, Pedro ajoelhou-se e pôs-se a rezar, o mesmo, fervorosamente, fazendo Aquilas e Alexandre.

Quando finalizaram, os dois beijaram as mãos e os pés do bispo, dizendo-lhe:

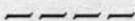
— Oh, pai, será esta a última vez que te vemos neste mundo?

E, chorando, soluçavam descontroladamente.

Chorando ainda, e soluçando, dirigiram-se aos demais eclesiásticos:

— Ouvi, irmãos, ouvi as últimas palavras de nosso bem-amado bispo.

Pedro de Alexandria, calmamente, falou a todos: exortou-os, consolou e abençoou. E o murmúrio que se elevou, quando souberam que a excomunhão de Ário fôra confirmada pelo Senhor mesmo, foi longo, muito longo.



Os tribunos desistiram do intento que se propuseram e resolveram poupar a multidão. Por que? andava ali, decerto, o dedo de Deus. O fato é que Pedro, sabendo daquela resolução, mandara dizer-lhes secretamente, que fôsem vê-lo, à noite, e êles assim fizeram, alegremente. Abriram uma brecha na muralha, silenciosos, e entraram, sem tropas, na prisão.

— Decapitai-me, pediu aos que lhe atenderam o chamado, decapitai-me, mas sem alvoroço. Levai-me ao lugar onde São Marcos recebeu a palma do martírio, e ali fazei o que tendes a fazer.

Assim foi.

Pedro, com a permissão dos oficiais, logo de manhãzinha, fêz uma fervente oração, ajoelhado no túmulo daquele santo, e acabou por pedir a Deus que a efusão de seu sangue pusesse fim à perseguição que se movia, implacável, contra o povo.

Depois de orar, disse aos homens:

— Fazei depressa o que vos compete.



No virar dum caminho, surgiram um velho trazendo peles e uma jovem panos que oferecia à venda, de porta em porta. Pedro chamou-os, deu-se a conhecer e pediu-lhes:

— Forrai aqui, com as peles e os panos.

Apontava, calmamente, um lugar junto a um tronco de árvore, decepado.

Forrado o chão, ajoelhou-se, pousou a cabeça no cepo e ficou a espera do golpe, de pensamento levantado para o céu.

Os oficiais, hesitantes, olhavam-se mutuamente, mudos, hirtos, desencorajados. Afinal, cumpriram o que se devia cumprir.

Era o dia sétimo das calendas de dezembro, décimo-segundo do pontificado do valoroso Pedro de Alexandria.

O povo, que velava à porta da prisão, ao saber do sucedido, acorreu, em massa, ao local do martírio. Recolheu-lhe o sangue nas peles e nos panos, e ao bispo, em triunfo, transportou-o para a igreja da Virgem Maria, igreja que o Santo mesmo edificara num arrabalde. Ali, enquanto ficou exposto, muitos milagres se deram. (2)

\* \* \*

---

(2) S. Petri Alex. Passio Spic. Rom. t. III.



## O BEM-AVENTURADO LEONARDO DE PORTO MAURÍCIO

Paulo Jerônimo de Casa-Nova, nascido a 20 de dezembro de 1676, de pais honestos e piedosos, em Porto Maurício, na diocese de Albenga, nas costas de Gênova, mostrou, desde a infância, forte inclinação pela piedade, o que parecia anunciar a futura santidade, piedade que crescia à medida que em idade crescia.

Chamado a Roma, com a idade de dez anos, por um tio que lá vivia, foi o Santo educado pelos jesuítas do colégio romano, onde, nada inferior aos colegas, pelo contrário, suplantando a todos pela pureza dos costumes e pela austeridade, pelo desprezo de si mesmo e pelo amor às coisas santas, passou a ser querido e respeitado.

Paulo Jerônimo era como um novo Luís Gonzaga. A virtude proporcionou-lhe a glória de ser admitido na pequena congregação formada no oratório do padre Caravita, que era composta de doze jovens escolhidos entre os mais ferventes e zelosos, e cujo mister era ir, em dias de festa, procurar os ociosos e conduzi-los às pregações.

Terminados os estudos, sentiu o puro moço a vocação pelo estado religioso. Depois de maduras reflexões, ingressou no convento de São Boaventura,

dos irmãos Menores. Ali, então, pronunciou os votos e tomou o nome de Leonardo de Porto Maurício, sob o qual é mais conhecido.

Não foi sem grandes obstáculos, por parte dos parentes e amigos, que Leonardo pôde executar tão piedoso projeto. Assim, quando se viu, enfim, satisfeito no desejo, sentiu que era mister procurar corresponder, pela fidelidade, à graça que conseguira receber. Empregou, pois, todo o tempo do noviciado, e o que imediatamente o seguiu, ao aprofundado estudo das obrigações do estado que abraçara. A esse estudo, acrescentava longas leituras de livros espirituais e o exercício da oração.

Leonardo era regularíssimo em tudo, o que despertava a admiração dos irmãos.

Costumava dizer aos da comunidade:

— Se, agora que somos jovens, fizermos pouco caso das pequenas coisas, quando formos velhos, e tivermos mais liberdade, teremos o treino suficiente para não faltar com as coisas mais importantes.

A vida que levava servia de exemplo, e, pela conversação, animava os demais religiosos à prática da virtude.

— Podemos, dizia conscientemente, com o socorro da graça, não somente ser bons, como chegar a santos.

Ordenado padre, applicou-se Leonardo às missões, mas o esforço físico que dispendeu desgastou-lhe as forças de tal sorte, que caiu doente, perigosamente, sendo, então, obrigado, durante cinco anos, a limitar o desvêlo à santificação da alma. Foi naquela

época de doença que, tendo ido ao país natal, lá difundiu o piedoso exercício da *via sacra*, devoção que os soberanos Pontífices favoreciam, conferindo grandes indulgências aos praticantes.

Restabelecendo-se pela assistência especial da Virgem Maria, pôs-se de novo a lutar pela santificação das almas. E quem o via, não podia compreender como tinha fôrças para tanto trabalho, tão extenuado ficava pelos jejuns, vigílias e austeridades outras.

As numerosas missões obrigaram-no a percorrer grande parte da Itália. Antes da doença, labutara na Toscana. Chamado a Roma, foi enviado a Gênova, depois à Córsega.

Por tôda a parte, conquistava pecadores, levava-os a Deus. Exortava os bons à maior piedade; aos santos excitava-os a novo fervor. Em Roma, gente da mais alta classe, da sociedade mais requintada, acorria a ouvi-lo pregar. Entre muitos, Lambertini, ilustríssimo, depois eleito para o Trono de São Pedro, sob o nome de Bento XIV, que se referia a Leonardo com tôda a ternura e estima.

Pregando aos outros, não descuidava da própria salvação: continuamente, retirando-se para a solidão, dava-se todo a Deus.

Grande era a veneração que tinha pelo livro dos *Exercícios Espirituais de Santo Inácio*. A fim de estabelecer e desenvolver tais exercícios, obteve de Cosme, o Terceiro, grão-duque da Toscana e admirador das virtudes do Santo, uma casa nos arrabaldes de Florença, onde reunia, sempre que podia, os fiéis

que desejavam dar-se mais particularmente ao recolhimento e ao silêncio. Ali, sob a direção de Leonardo, praticavam os exercícios espirituais regrados por Santo Inácio.

Muitas confrarias devem o estabelecimento a São Leonardo de Porto Maurício. Uma delas, instituiu-a êle em Roma, na igreja de São Teodoro, em honra do Sagrado Coração de Jesus.

Os nomes de Jesus e Maria estavam-lhe perene-mente na bôca. A fim de despertar a atenção, queria que os inscrevessem em lugares públicos. Sôbre a prática da meditação, instantemente recomendava que se demorasse na paixão do Senhor. E, para propaga-la, fêz com que se elevassem, em Roma, no anfiteatro de Vespasiano, conhecido com o nome de Coliseu, pequenas capelas, nas quais estão representados todos os sofrimentos do Salvador, desde a oração do Jardim das Oliveiras até a morte no Calvário.

Em várias cidades, instituiu São Leonardo a adoração perpétua de Jesus Cristo no santo sacramento.

Afinal, depois de ter, durante quarenta e quatro anos, trabalhado útilmente, cheio de fadiga, retornou pela última vez a Roma, para o convento de São Boaventura. Pôs-se, então, à espera da morte, preparando-se zelosa, santamente.

A 26 de novembro, em 1751, faleceu.

Quando Bento XIV, que então governava a Igreja, recebeu a notícia do falecimento de São Leonardo de Porto Maurício, disse, pesaroso:

— Perdemos algo muito grande, mas, em compensação, ganhamos um valioso protetor no céu.

Numerosíssimos milagres se operaram pela intercessão dêsse santo religioso, cuja memória é muito venerada em Roma. Pio VI, que o conheceu pessoalmente e o venerava, promulgou-lhe, a 14 de junho de 1796, o decreto de beatificação. (1)

Nota: Leonardo de Porto Maurício já se acha inscrito no Catálogo dos Santos, canonizado que foi, em 1869, pelo papa Pio IX.

\* \* \*

---

(1) Godescard, novembro, 26.

## SANTA MAGNÂNCIA E SANTA MÁXIMA (\*)

*Virgens*

(*Século V?*)

Um monge, Hérico, de São Germano de Auxerre, ensina-nos que, quando São Germano deixou Ravena para buscar Auxerre, cinco irmãs integravam o cortejo. Eram elas Magnância, Paládia, Camila, Máxima e Porcária.

Segundo um biógrafo, Santa Magnância nasceu em Cività-Vecchia e ali levava vida muito santa. Um dia, soube da vinda do santo bispo, e foi, com as irmãs, ao seu encontro, para o ver passar. Diz também, que a Santa dêle cuidou, durante a última enfermidade.

Quando São Germano faleceu, Magnância, acompanhou-lhe o corpo. A caminho de Auxerre, chegados que foram a Cardois, a virgem, tendo adoecido gravemente, morreu. Enterrada pelos companheiros, puseram-lhe sôbre a tumba uma grande pedra.

Cardois, tempos mais tarde, invadida pelos bárbaros, tornou-se um deserto. As matas cobriram tudo e só os campos passaram a ser visitados por uns



pastôres, que nêles levavam os rebanhos. Num vasto e belo prado, notava-se, sôbre uma doce elevação, uma pedra meio chata, ótimo pôsto para vigiar os animais. Ali, os pastôres sentavam-se, conversavam, tomavam ligeiras merendas, sempre atentos com os animais que pastavam. Notaram, então, com o correr do tempo, que a pedra, fresca e agradável no verão, era quente e agasalhadora no inverno. Que significava aquilo?

Um dia, um homem, devoto de Santa Paládia, demandava a aldeia dêste nome, para participar dos festejos que se desenrolariam em honra da santa irmã de Magnância. Cansado da jornada, sob um sol ardido que verberava num céu azul sem nuvens, fêz pequena parada na pedra. Olhou ao derredor, E, dando com a caveira dum quadrúpede, ergueu-a da relva, para usá-la como travesseiro. Estendeu-se sôbre a pedra e, cansado como estava, não demorou muito, dormiu pesadamente. E sonhou. Sonhou com Santa Paládia, que vinha procurar a irmã, chamando-a docemente, depois perguntando:

— Por que, minha bem-amada irmã, tu não vens, como de hábito, participar da minha festa e cantar louvores?

Respondeu-lhe a irmã, sollicitamente:

— Não vou porque me prendem os deveres da hospitalidade para com um homem que, justamente, vai a tua festa. Se eu o deixar, que será dêle, já que uma serpente, escondida no crânio que lhe serve de travesseiro, poderá estrangulá-lo, se não a vigiar?

Santa Paládia replicou:

— Agiste bem, minha irmã. Continuas a exercer, depois da tua morte, o dever da celeste hospita-

lidade, aquela hospitalidade que tu, tão graciosamente, praticaste durante a vida.

Quando despertou, o homem, muito depressa, deixou, impressionadíssimo, aquêlê lugar, sem mesmo satisfazer a curiosidade de ver se de fato havia na caverna do quadrúpede, uma serpente embiocada.

Tendo contado o sonho a vários amigos, de tal modo se espalhou o relato que uma multidão acorreu à pedra, viu o crânio e se certificou que dentro dêle, realmente, uma serpente se aninhara.

Tempos depois, quiseram transportar as relíquias de Santa Magnância para a cidade, mas não houve fôrça humana que conseguisse remover a pedra. O bispo de Autun, então, resolveu levantar ali um oratório. Nasceu assim o burgo de Santa Magnância.

No século XIII, o corpo da santa virgem foi colocado numa belíssima tumba, muito bem decorada com cenas relacionadas com São Germano assistido pelas cinco irmãs.

Santa Máxima é a menos célebre das cinco santas virgens. Os biógrafos de Santa Magnância não se referem a ela. Só Hérico de São Germano de Auxerre.

## SÃO BASOLO (\*)

### *Ermitão*

(*Século VII?*)

Em 872, o arcebispo de Reims, Hincmar, procedeu à elevação das relíquias de São Basolo, levada a efeito na abadia que traz o nome do santo ermitão, em Verzy.

Nascido em Limosino, filho de pais nobres e ricos, Basolo teria ido, quando moço, para Reims, atraído pelos milagres que se realizavam à tumba de São Remi. Guiado, então bispo de Reims, recebeu-o muito bem, urbana e sinceramente, tendo-o recomendado, depois, ao velho abade de Verzy.

São Basolo viveu longamente como cenobita. Mais tarde, retirou-se a uma ermida que havia sobre uma colina que dominava o mosteiro. Conta-se que curou um menino, restituiu a vista a doze cegos, livrou miraculosamente um enforcado, cuja corda partiu-se quando ainda restava um pequenino alento no corpo do condenado, e salvou um javali perseguido por caçadores.

Perto da morte, São Basolo pediu que lhe trouxessem um sobrinho, Bâlsamo, e lhe legou a cela que belamente ilustrara, falecendo aos 26 de novembro, em princípios do século VII (?).

## SÃO NICÃO (\*)

*Monge*

*Apóstolo da Lacedemônia*

Nicão (1) nasceu por volta de 930 nas proximidades do Mar Negro, a oeste da atual Turquia. Quando na adolescência, deixou os pais, para ser monge, e, tendo caminhado dura e longamente, alcançou a meta que então se propusera — o mosteiro de Crisopetro, nos confins da Paflagônia e do Ponto. Doze anos depois, tendo conhecimento de que o pai, desde que deixara a casa e a terra natal, vinha a procurá-lo e que estava no seu encalço, encontrando-se perto do mosteiro, pediu licença ao abade e se foi, depois de, apressadamente, abraçar todos os irmãos.

Ouvindo, perto dum rio, o ruído da grande cavallhada dos que o buscavam, aterrorizado, invocou Nossa Senhora. Diz então o seu biógrafo, a Mãe de Deus, estendendo-lhe um bastão, fê-lo atravessar a correnteza. O pai do santo monge assistiu ao prodígio, mas, esperançado, pôs-se a chamá-lo, pedin-

---

(1) Nikon ou O Vitorioso.

do-lhe para que o acompanhasse de volta ao lar. Nicão, imperturbável, não arredou pé donde estava, porque, tendo o pai e os seus tudo feito para alcançar a margem em que se encontrava, não o conseguiram, tal a completa proteção da Santa Virgem. Vendo que nada conseguia demover o filho, desejando-lhe tôda a sorte de felicidades, o pai despediu-se de Nicão, lançando-lhe por cima das águas, a sua bênção, e partiu.

Desde então, São Nicão, passou a viver de ervas e de frutos silvestres, debaixo de sol ou de chuva, de calor ou de frio, entrou a pregar, aproximando-se primeiramente, de bandidos e salteadores, a todos gritando, com convicção:

— Fazei penitência! Fazei penitência!

São Nicão passou, assim, a ser chamado de *Metanoïte*, fazer penitência.

Em 961, o imperador Nicéforo Focas tomou aos sarracenos a ilha de Creta. Tal proeza, a Nicão significava trabalho. Com efeito, que campo imenso e admirável para o apostolado! Ali, conseguiu conversões em grande número, depois de sete anos de duros labores.

De Creta, o santo monge passou para a Grécia, depois alcançou a Lacedemônia, naquele tempo pequena cidade provincial, sede dum bispo e dum estratégico, com uma única igreja, a de Santa Bárbara. São Nicão construiu três outras, uma em honra do Salvador, a de *Theotokos* e a de Santa Kyriakê.

Grande foi a atividade de São Nicão naquela região. Tendo-a evangelizado, cumprindo milagres,

admirado pelos inimigos, depois da morte, ocorrida em 998, mereceu o título de o Evangelizador da Lacedemônia, depois chamada Esparta. Os espartanos e os habitantes dos arredores acorreram vê-lo ainda uma vez. Os mais afoitos, sequiosos de lembranças, arrancavam-lhe cabelos, fios de barba, nêsgas das vestes.

São Nicão é um dos mais populares santos do Pelopneso.

★ ★ ★



## SÃO SILVESTRE (\*)

*Abade*

*Fundador de Ordem*

São Silvestre, nascido em 1177, em Osimo, perto de Ancona e de Loreto, era filho dum jurista, Ghislério di Jacopo, e de Branca Ghislieri.

Data dos tempos de estudante, da adolescência, de Bolonha e de Pavia, o conhecimento que teve de Benvenuto Scatioli, futuro bispo de Ancona, ao qual se ligou por estreita amizade.

Resolvido a dedicar-se a Deus, deixou a tudo, e foi viver numa gruta, onde, conta-se, tinha por único companheiro um lobo. Logo, discípulos de toda a região começaram a procurá-lo, pela fama de santidade. Em 1231, tendo erigido um pequeno mosteiro, o número dos seus habitantes cresceu tão rapidamente que, de 1231 a 1267, acabou por fundar outros doze, onde viviam quatrocentos e trinta e três monges.

O papa Inocência IV aprovou a nova congregação que surgira, beneditina, em 1247.

Eremitismo, cenobitismo rústico e pobre, trabalhos manuais, ideal capaz de rivalizar com o objetivo dos religiosos mendicantes, isto era, de início, o que praticaram os futuros silvestrinos,

São Silvestre faleceu em Monte Fano na noite de 26 de novembro de 1267. Desde 1301, fala-se da Ordem de São Silvestre. Data de 1233, o primeiro mosteiro das monjas silvestrinas. Os silvestrinos têm, atualmente, missões no Ceilão, na Austrália e na América do Norte.

Quase imediatamente depois do falecimento do filho de Ghislério e de Branca, o papa Clemente IV autorizou o primeiro processo diocesano. O culto desenvolveu-se nas Marcas a principiar do século XIII. Leão XIII, em 1890, estendia a tôda a Igreja o ofício e a missa de São Silvestre.

---

No mesmo dia em que se comemora São Pedro, bispo de Alexandria e mártir, na mesma cidade e durante a mesma perseguição, a morte dos santos mártires Fausto, sacerdote, Dídio e Amônio; Filéias, Hesíquio, Pacômio e Teodoro, bispos; e seiscentos e sessenta outras, aos quais a espada da perseguição abriu a porta dos céus (século IV). Sôbre a perseguição de Diocleciano no Egito, Eusébio escreveu na sua *História Eclesiástica*: "Entre os que morreram gloriosamente em Alexandria, em todo o Egito e na Tebaida, há que citar Pedro em primeiro lugar, bispo daquela Alexandria, tipo divino dos doutôres da religião cristã, e, entre os sacerdotes que estavam com êle, Fausto, Dídio e Amônio, mártires perfeitos do Cristo, depois Filéias, e Hesíquio, e Pacômio, e Teodoro, bispos das Igrejas do Egito, e, ademais, milhares doutros cristãos ilustres, dos quais se guarda a memória nas Igrejas do país".

Perto do lugar chamado Fratta, no território de Róvigo, São Belino, bispo de Pádua, e mártir: defensor excelente dos direitos da Igreja, foi cruelmente atacado por sicários, coberto de ferimentos e levado à morte, em 1147. Belino Bertaldi, arcepreste da catedral de Pádua, foi exilado, em 1110, pelo partido imperial. Em 1125, ou no ano seguinte, foi eleito bispo da cidade que Santo Antônio de Pádua ilustrou com a virtude e os cometimentos incomparáveis. Em 1288, o bispo de Ádria, Buonaggiunta, escreveu-lhe a vida, muito entretecida de lendas. São Belino era invocado contra a raiva. O papa Eugênio III canonizou-o em 1153.

Na Nicomédia, São Marcelo, sacerdote: nos tempos de Constâncio, foi precipitado pelos arianos do alto dum rochedo, desta maneira consumando o martírio, em 347.

Em Roma, São Sirício, papa e confessor, ilustre pela ciência, piedade e zêlo pela religião: condenou diversos heréticos e reabilitou a disciplina eclesiástica com sábias normas; faleceu em 399. Romano de origem, principiou quando do papa Libério e serviu sob Dâmaso, ao qual sucedeu.

Eu Autun, Santo Amador, bispo.

Na Germânia, São Conrado, bispo, falecido em 975.

Em Andrinopla, Santo Estiliano, anacoreta, estilita, muito célebre pelos milagres. Santo Estiliano, também chamado Alípio, nasceu em Andrinopla, cidade da Bitínia. Contava três anos quando perdeu o pai. A mãe, então, confiou-o ao bispo Teodoro, que lhe ministrou as primeiras letras. Moço, desejando o deserto, estabeleceu-se na solidão, depois alçou-se numa coluna, onde se deixou ficar imóvel

e ereto como uma estátua de pedra, mesmo aos assaltos dos demônios. Conta-se que, em dados momentos, uma luz intensíssima, vinda do céu, caía sobre êle. Alípio predizia o futuro e curava doentes. Depois de cinquenta e três anos de estada na coluna, em posição vertical, ficou paralizado em parte; os pés eram como mortos. Tal era o prestígio do santo estilita que as igrejas sem pastor passaram a ser confiadas aos seus discípulos. Desde que Alípio subiu à coluna, a mãe começou a viver na sua base, a prover os pobres com as esmolas que recebia. Santo Estiliano faleceu em 610 ou pouco depois.

Na diocese de Limoges, São Justo, que se caracterizou pela piedade desde menino. Aos oito anos, chegou a Limoges, a revelia dos pais, para se fazer catecúmeno. De volta ao lar, a caminho, violenta tempestade desabou, tão medonha que os companheiros de Justo, em pânico, atiraram-se ao chão. Viram, então, um anjo que, de asas abertas, protegia o jovem e todos os que o acompanharam em busca do abrigo duma árvore. Pastor dos rebanhos do pai, por uns tempos, tornou a Limoges, onde foi batizado por Santo Hilário de Poitiers. O mesmo Hilário, pouco depois, ordenou-o padre. São Justo foi brilhante em tôdas as virtudes. Curou um cego na basílica de São Marcial. A festa de São Justo apareceu depois do século XI na diocese de Limoges. Hoje é celebrada em Limoges, Poitiers e Perigueux.

Em Coutances, São Ronfário ou Romacário, bispo, falecido em fins do século VI. São Gregório de Tours (*História dos Francos*) conta que Ronfário sepultou seu metropolitano, São Pretextato de Ruão, assassinado por ordem de Fredegunda, a 14 de abril de 586.

Perto de Limoges, São Martinho de Corbie, beneditino. São Martinho, capelão e confessor de Carlos Martel, faleceu em 726 e foi enterrado em São Priesto do Aixe, perto de Limoges. A cabeça foi levada pelos dominicanos desta cidade. Roubada por soldados, em 1273, foi, depois, restituída. Houve tempo em que se fazia peregrinação a São Priesto, e o Santo era invocado, com sucesso, contra a gôta.

Em Sixto, na Alta Savóia, o bem-aventurado Pôncio de Faucigny, antigo abade de Abundância, falecido no ano de 1178. Leão XIII confirmou-lhe o culto em 1896.

Em Mântua, o bem-aventurado Tiago Benfatti, bispo. De nobre família daquela cidade, Tiago procurou os dominicanos e obteve o título de mestre da universidade de Paris. Foi conselheiro íntimo de Nicolau Boccasino, mestre geral da ordem em 1296, cardeal em 1298 e papa, sob o nome de Bento XI, em 1303. Os pobres de Mântua chamavam-no o *Pai*. Assistiu à coroação de Henrique VII como rei da Itália, em Milão, no ano de 1311. Em 1326, convidado pelo cardeal legado, administrava o sacramento de confirmação em Roma. Falecido em 1332, o corpo, em 1483, foi encontrado bem conservado, o mesmo acontecendo em 1604. Pio IX confirmou-lhe o culto em 1859.



## 27.º DIA DE NOVEMBRO

### SÃO TIAGO, O INTERCISO E MAIS QUATRO OUTROS MÁRTIRES NA PÉRSIA

Em 421, na perseguição movida por Bahram ou Varane, rei da Pérsia, cristãos havia que eram terrivelmente atormentados: a uns, cortavam-se-lhes as mãos, a outros, rasgavam-se-lhes as costas, a outros ainda, arrancavam-se-lhes os olhos. A muitos, atavam-nos fortemente, de modo que qualquer movimento fôsse impossível, e atiravam-nos em fossos repletos de grandes ratos esfaimadíssimos, que os roíam pouco a pouco.

Tais crueldades, porém, não amedrontavam os cristãos, que a elas corriam para conquistar a vida eterna.



Destaquemos cinco mártires: Maharsapor, Hormisdas, Suenes, Benjamim e Tiago.

Maharsapor era um príncipe persa. As virtudes e zelo de que era possuidor recomendavam-no mais ainda do que o próprio ilustre nascimento. Foi prêso com Narses e Sabutaca, desde o início da perseguição. Os dois últimos, depois de imensas torturas, conquis-



taram a coroa dos mártires. Quanto ao príncipe Maharsapor, após longo interrogatório minucioso, foi atirado a uma infecta masmorra, onde passou três anos abomináveis e por todos os rigores da fome.

Findo os três anos, foi novamente levado à presença do juiz e submetido a torturas. Inquebrantável na fé que tinha em Jesus Cristo, ordenaram-lhe novo encarceramento.

Dias depois, ao abrirem a porta do calabouço, encontraram-no sem vida; uma grande luminosidade se lhe irradiava do corpo todo: de joelhos, com as mãos postas, o rosto erguido para o alto, era uma como estátua de pedra e luz.



Hormisdas, do mesmo modo, era da primeira nobreza persa, da raça dos Aquemênidas, filho dum governador de província. Bahram, sabedor de que era cristão, ordenou-lhe comparecesse à sua presença, intimando-o a renunciar a Jesus Cristo Nosso Senhor.

Hormisdas respondeu-lhe:

— Aquêlé que violar a lei suprema do eterno e soberano Senhor de tôdas as coisas poderia ficar por muito tempo fiel ao príncipe, que não passa dum mortal? Se êste último crime merece a mais cruel das mortes, que não merecerá o de renunciar ao Deus do universo?

Resposta tão fina e dada tão alevantadamente só poderia tornar posseso o rei. E foi, com efeito, o que sucedeu. Despojou-o de todos os bens e hon-

rarias de que gozava, proibindo-lhe o uso de roupas: apenas uma tanga grosseira passou a cingir-lhe os rins.

Reduzido a tal estado, condenou-o a ser, até a morte, condutor de camelos do exército, coisa que a todos espantava e da qual fugiam, mas que Hormisdas, por Jesus Cristo, abraçou com alegria.

Um dia, caía docemente a tarde, Bahram, observando-o da janela do palácio, viu que o jovem estava tostadíssimo do sol e coberto de poeira. E à lembrança do que Hormisdas fôra e de quem lhe fôra o pai, pareceu tocado. Ordenou, então, que o trouxessem ao palácio.

Quando o moço cristão apareceu, deu-lhe uma túnica de linho e lhe disse:

— Toma e cobre-te. Depois de tudo, espero que mudaste de opinião: renuncias ao Filho do carpinteiro?

Hormisdas, a quem a dura vida mais enrijecera os músculos, já rijos, olhando o rei nos olhos, calmamente estraçalhou a túnica de linho que lhe dera, e atirou-lha no rosto.

— Se crês, disse ao rei, que com êste presente podes induzir-me a renegar a religião, fica com tua impiedade.



Suenes era dono de mil escravos. Como também se recusava a renunciar o verdadeiro Deus, perguntou-lhe Varane qual era o pior escravo que possuía.

— Tens certeza de que êste que dizes ser o pior, o é de fato? perguntou, depois da resposta.

— Tenho, afirmou Suenes.

— Pois será, doravante, teu senhor e de todos os outros. Tua mulher, casá-la-ei com êle, e viverás ao contrário de como vivias.

Grande, porém, era a fé de Suenes, e viveu alegremente do jeito que Deus queria.

— — — —

Benjamim era diácono e foi prêso. Um ano depois, com a chegada dum embaixador romano, que viera para outros assuntos, ao saber do aprisionamento dum servidor de Deus, exigiu fôsse pôsto em liberdade.

Benjamim voltou a pregar e a converter os homens. Tempos depois, Bahram prendeu-o de novo.

— Se não renunciarees ao teu Deus, morrerás! gritou-lhe.

O diácono, imperturbável, replicou:

— Que suplicio merece o homem que abandona a Deus para atender a um soberano mortal?

O rei, furioso, enxotou-o do palácio, ordenando aos seus que o torturassem até renunciar a fé. Juncos lhe foram enfiados nos vãos das unhas dos pés e das mãos, e acesos. Nada, porém, demoveu o valente Benjamim. Afinal, foi condenado à empalação.

— — — —

Tiago, de nascimento nobre, fôra cristão, mas retornara à religião dos persas, em atenção ao rei

Izdegerdo. A espôsa e a mãe, todavia, incansáveis, recambiaram-no ao cristianismo.

Bahram, irritadíssimo, fê-lo picar acs poucos, pedacinho por pedacinho, começando pelas mãos, subindo pelos braços. Terminada a hedionda tortura, iniciaram o suplício pelos pés, pernas, coxas, de modo que o pobre era só cabeça, tronco e sangue.

— Renuncias? berravam-lhe. Renuncias?

Tiago sorria quando lhe deceparam a cabeça, porque Jesus Cristo lhe habitava o coração imenso. E assim morreu o *Interciso*. (1)

\* \* \*

---

(1) Assemani, Acta M. M. orient.

## SANTO EUSÍCIO (\*)

*Monge*

*Século VI*

Conhecemos Santo Eusício por São Gregório de Tours (*In Gloria Confessorum*).

A Santo Eusício, as mães levavam os filhos com dor de garganta. Como as crianças, geralmente, são gulosas, o santo monge, invariavelmente, acariciando os pequenos, dizia, sorrindo, saboreando o dito:

— É justo que essa garganta esteja assim tão inflamada e que não permita que se engulam coisas...

Então, sempre a sorrir, com um terno sinal da cruz em nome da Trindade, punha-as curadas.

Certa vez, Santo Eusício curou um febrente. Quando o homem ia de volta para casa, percebeu, numa árvore, duas colmeias que os clérigos do monge vinham cuidando: assentou, então, que viria buscá-las à noite, quando tudo estivesse sossegado.

Noite fechada, apareceu, trazendo um cúmplice, para mais rapidamente se apossar das colmeias. Ágil, trepou árvore acima. Senão quando, o Santo apareceu, e o outro, que aguardava debaixo, fugiu, sem que o que trepara e lidava com as colmeias desse pela coisa.

Santo Eusício, bem humorado, postou-se no lugar do fujão. E recebeu a primeira colmeia, depois a segunda.

Quando o ladrão desceu, ao invés de deparar com o *ajudante* que trouxera, viu-se frente a frente com o santo monge, que lhe sorria matreiramente e lhe dizia:

— Por que, meu filho, seguir o diabo? Não recebeste de mim, há pouco, a bênção do Senhor?

Levou-o para a cela, falou-lhe:

— Se tu gostas de mel, por que não mo pediste? Eu to daria de muito boa vontade. Era só pedir, e te livrarias da condenação.

Tendo-lhe dado um favo, despediu-o, finalizando:

— Cuidado! Não faças mais o que fizeste, porque o roubo enriquece a Satanás.

Quando o rei Childeberto partiu para a campanha contra os visigodos na Espanha, visitou Eusício. Tomou da bolsa, colheu cinqüenta *sous* de ouro e os estendeu ao monge.

Por que? perguntou o Santo ao rei. Dá-os aos teus homens, para que os distribuam aos pobres, porque isto é supérfluo. A mim me basta poder rogar a Deus por meus pecados.

Depois acrescentou:

— Vai, que conseguirás a vitória, e o que resolves se cumprirá.

Childeberto com as tropas, partiu. E, a caminho, distribuindo o dinheiro aos pobres, prometeu que se Nosso Senhor lhe fôsse favorável, haveria de



alevantar uma basílica em sua honra, basílica em que o santo monge pudesse repousar, depois que deixasse esta terra. De regresso, cumpriu a promessa.

---

No mesmo dia, em Antioquia, os santos mártires Basílio, bispo, Auxílio e Saturnino.

Em Sebaste, na Armênia, os santos mártires Hirenarco, Acácio, sacerdote, e sete mulheres. Elas mostraram tal constância que Hirenarco, emocionado, converteu-se a Nosso Senhor Jesus Cristo, quando do imperador Diocleciano e o prefeito Máximo. Com Acácio, foi torturado com golpes de acha. Hirenarco era carrasco. Edificado com a coragem das mulheres supliciaadas, converteu-se e foi decapitado.

Perto do rio Céia, na Galiza, os santos Fagundo e Primitivo, que sofreram o martírio sob o prefeito Ático.

Na Aquiléia, São Valeriano, bispo, falecido em 388 (?). Aquiléia, no século IV, era uma das principais cidades da Itália setentrional. O imperador ali esteve por treze ou catorze vezes, de 312 a 400. São Valeriano, católico decidido, combateu tenazmente o arianismo que ali vicejava desde os tempos de Auxêncio de Milão. Um dos maiores homens daquela Igreja, São Valeriano assistiu ao sínodo romano celebrado em 372 sob o papa Damaso.

Perto de Riez, na Gália, São Máximo, bispo e confessor; ornado de tôdas as virtudes desde a primeira juventude, foi primeiramente, abade do mosteiro de Lérins, depois bispo da Igreja de Riez, onde brilhou pelos milagres e prodígios. São Máximo, que faleceu depois do ano de 455, tomou parte ativa

no govêrno da Igreja: assistiu ao concílio de Riez, em 439, ao de Orange, em 441, e ao de Vaison, em 442. Construiu duas igrejas em Riez: uma em honra de São Pedro, numa planície, e outra em honra de Santo Albano, numa colina. Morto, depuseram-lhe o corpo na primeira. Segundo Dinâmio ( *Vida de São Máximo* ), o santo bispo ressuscitou três mortos: um menino, que caíra dum muro bastante alto, a filha única duma viúva, e um moço, que falecera pouco depois de ter sido mordido por um cão hidrófobo. A um homem que tivera os intestinos espalhados, em virtude da cornada dum touro bravo, operou-o com grande sucesso e não menor facilidade. Quando o Santo morreu, encostaram-lhe no corpo uma jovem recém-falecida, que ressuscitou imediatamente.

Em Salisburgo, na Nórlica, São Vergílio, abade, bispo e apóstolo da Caríntia. Faleceu em 784. Em 743, Pepino, o Breve, depôs o duque da Baviera, Odilon, que se revoltara contra êle. Para pacificar os súditos, recomendou o abade Vergílio, depois bispo de Salisburgo, evangelizador da Caríntia, ao qual o papa Gregório IX canonizou em 1233.

Na parte das Índias, limítrofe da Pérsia, os santos Barlaão e Josafá, dos quais São João Damasceno descreveu os feitos maravilhosos.

Em Paris, São Severino, monge e solitário, no século VI.

Na Pérsia, os santos Narseu e Sabucata, mártires (420-421?), sob Bahram V, apelidado o *Asno Selvagem* (Note-se que *asno*, na Pérsia, não era pejorativo: era tão honroso como para nós o cognome de *leão*).

Na Irlanda, São Secundino, bispo de Dushaughlin, no condado de Meath.

São Sifredo, bispo de Carpentras. Um cavaleiro, nobre, apareceu no mosteiro de Lérins, governado por Cesário de Arles, com um filho, Sifredo. O menino estudou gramática, retórica e dialética. Aos trinta anos, foi eleito bispo de Venasco, e abençoado por São Cesário, bispo de Arles. Em Venasco, São Sifredo erigiu duas igrejas em honra de Nossa Senhora e de São João Batista, e uma terceira em Carpentras, dedicada a Santo Antônio, abade. Bispo de Carpentras, socorreu, sempre, muito eficazmente, os pobres, que o amavam. Há que notar na legenda acima resumida: 1.º — São Cesário de Arles não foi abade de Lérins; 2.º — São Sifredo foi feito bispo aos trinta anos?

No condado de Scmerset, na Inglaterra, São Congar, ermitão, também sob as grafias: Congaro, Cungaro, Kengaro, Kingar, Kengar, Keyngar, Kehinggar, Cyngar.

Em Noyon, Santo Acário, bispo de Noyon e Tournay.

Em Mogúncia, Santa Bilhilda, abadessa de Altmunster, falecida depois de 700 (?).

No Monte Cassino, na Itália, Santo Apolinário, abade, desaparecido no ano de 828.

Na abadia de Cerno, no condado do Dorset, Santo Edwoldo, ermitão, falecido em 871. Irmão de Santo Edmundo, rei e mártir, viveu numa cela, alimentando-se somente de pão e água. Depois da morte, um mosteiro em honra de São Pedro foi erguido sobre o seu túmulo por um nobre chamado Egelwardo.

São Gustavo, beneditino, falecido em 1040.

Na abadia de São Martinho, perto de Palermo, o bem-aventurado Ângelo Sinísio, abade beneditino, desaparecido no ano de 1386. Natural de Catana, o bem-aventurado era sobrinho de Tiago de Soris, que foi abade de São Nicolau da Arena. Pela dignidade, virtudes e ciência, Ângelo suplantou a todos os irmãos em Nosso Senhor. Aos quarenta anos, foi nomeado prior. Abade aos 26 de julho de 1352, Ângelo Sinísio faleceu mais do que octogenário. Dois séculos depois, o corpo foi colocado sob o altar duma capela, chamada das relíquias, da igreja de São Martinho. Uma inscrição qualificava-o de *Reverendissimi viri*. A Ângelo são atribuídos um tratado sobre a meditação, um comentário dos Salmos, um livro de questões monásticas, uma história da restauração de São Martinho, um catálogo dos contratos e dos bens do mosteiro, uma explicação da Regra e um vocabulário latino.

Em Nagasaki, o bem-aventurado Tomás Costenda Kiuna e dez companheiros, mártires, em 1619. Tomás pertencia à família dos príncipes de Firando. Morreram pela fé, além de Tomás, Antônio Kimura, também de Firando, Matias Nacano Miwota, Romano Matzuwoca Miwota, Matias Cazasa de Omura, João Motoyana, Alexandre Nacamura, Miguel Takechitasa Canghei, Leão Nacanishi, apelidado *Tacaro*, ou seja, *Tesoureiro* (1), Bartolomeu Cheki e João Iwamanga. Os corpos foram atirados ao mar, depois recolhidos por cristãos.

\* \* \*

---

(1) Da Confraria do Santo Rosário.

## 28.º DIA DE NOVEMBRO

### SANTO ESTÊVÃO DE AUXÊNCIO

#### *Mártir*

Nasceu em Constantinopla em 714, e foi consagrado a Deus quando nascituro. Os pais eram ricos porém mais conhecidos pela virtude. Para o filho, escolheram os mais famosos mestres do tempo, inspirando-lhe, desde a mais tenra idade, a doçura e a piedade, e um perfeito conhecimento da fé católica lhe foi ministrado.

Durante a perseguição de Leão, o Isauriano, contra as santas imagens, os pais de Estêvão fugiram, como muita gente fugira naqueles maus tempos.

Antes da fuga, todavia, quiseram deixar em segurança o filho, que então contava quinze anos, e o levaram ao mosteiro de Santo Auxêncio. O abade acolheu-o, deu-lhe o hábito e, no ano seguinte, admitiu-o na profissão.

Estêvão revelou um fervor incrível no cumprimento de todos os deveres. Quando, tempos depois, lhe morreu o pai, foi obrigado a ir até Constantinopla, onde, vendendo os bens todos do finado, distribuiu aos pobres o que apurara. Uma das irmãs, que já era religiosa, despreocupou-o. A mãe e a outra irmã, fê-las



ingressar num convento, em Bitínia, depois do que, tranqüilo quanto aos seus, retornou à solidão que deixara.

Principicu, então, a ocupar-se com a meditação das Santas Escrituras, com os comentários de São Crisóstomo. E a vida que levava era tôda de estudo e de oração.

Com a morte de João, o abade do mosteiro, Estêvão foi unânimemente escolhido para lhe suceder, embora estivesse com trinta anos. O mosteiro, então, nada mais era do que um amontoado de pequeninas celas que coalhavam o mais alto monte da região, aqui e ali, desordenadamente. Estêvão, como fizera o predecessor, passou a habitar na cela que ficava como que dependurada do cume da montanha, cela estreita, humílima, mas clara e arejada, onde êle ficava a copiar livros ou a fazer rêdes. Ganhava, assim, a própria subsistência.

Uma pele de carneiro era-lhe tôda a vestimenta, apertada na cintura por um cinto de metal.

Logo, o número dos discípulos aumentou. Uma viúva, mulher virtuosíssima, foi procurá-lo: queria viver sob seus cuidados espirituais. Estêvão fêz com que tomasse o véu e enviou-a ao convento de religiosas que havia no sopé dos montes.

A solidão, porém, era o que mais desejava. Foi assim que, anos depois, fêz-se substituir por Marino no govêrno da comunidade e se entregou a uma vida mais solitária e penitente, passando a uma cela mais estreita do que a anterior.

Aos quarenta e dois ancs, adoeceu, tantas as austeridades.



O imperador Coprônimo via o império atacado, dum lado, pelos sarracenos, e do outro pelos búlgaros. Nessa situação, o bom senso mais vulgar o aconselhava a não turbar o império nem mesmo com questões religiosas. Coprônimo, porém, fêz tudo ao contrário.

Vencedor ou vencido na guerra incessante contra os búlgaros e os sarracenos, voltava-se sempre furiosamente contra os católicos. Assim, sendo vencido em 760 pelos búlgaros, e de tal modo que regressou a Constantinopla sem armas nem bagagens, publicou, no ano seguinte, contra as imagens dos santos, um segundo edito mais ameaçador que o anterior, o que lançou o alarma por todo o Oriente.

Foi terrível. Os católicos fugiam, as cidades viam-se desertas, como que abandonadas pela invasão da peste, as prisões repletas, não de ladrões, criminosos ou malfeitores, mas de confessores.

Não contente com as crueldades que iam pela cidade e pelas províncias, quis Coprônimo presidir aos suplicios e ver correr o sangue das vítimas. A basílica de São Mamas, às portas de Constantinopla, era um tribunal. Ali, cercado de forte guarda, em meio à pompa imperial, fêz com que os prisioneiros católicos comparecessem à sua presença. À chegada, todos se movimentaram para atormentá-los. E o espetáculo que se seguiu foi horrendo: a êstes, amputavam-lhes as mãos; aquêles viam-se de pés cortados, aqueloutros despojados dos olhos e da língua, arrancados friamente. Era horrível, menos para o imperador e os cortesãos, que se deliciavam.

Coprônimo, tendo ouvido referências a Santo Estêvão, àquela altura conhecido como o Jovem, cu do Monte Santo Auxêncio, encarregou um patricio,

Calisto, de ir vê-lo e empregar todos os meios para atraí-lo.

Os esforços foram inúteis e o encarregado voltou, confuso por nada ter conseguido.

Coprônimo, indignado com as respostas de Estêvão, transmitidas por Calisto, tornou a enviar o patrício, agora com uma tropa de soldados para arrancá-lo da cela no alto da montanha e com ordens de guardá-lo no mosteiro ao pé do monte.

Os soldados tiraram-no da cela e foram obrigados a levá-lo a braços, tal a debilidade em que jazia, dada a abstinência. Ao invés de deixá-lo, e aos outros monges, no mosteiro, levaram-nos ao cemitério de Santo Auxêncio. Santo Estêvão, então, com os demais presos, principiou a cantar uma oração que dizia:

“Nós adoramos,  
Senhor,  
Vossa Santa imagem”.

E, depois, outra cantada só por Estêvão:

Encontrei ladrões,  
Ladrões de pensamentos:  
Oh! Como me despojaram!

Queria dizer que o haviam tirado da solidão do retiro e da contemplação, levando os soldados a dizer:

— Olá! Êsses monges, que se maltratam assim sem motivo, têm suficiente razão para nos chamar de ladrões.

Fechados no cemitério, ficaram Santo Estêvão e os seus por seis dias sem comer.

No sétimo, o imperador ordenou lhes dessem a liberdade para voltar às celas. Era no ano 763, e Coprônimo ia partir apressadamente ao encontro dos búlgaros. Os soldados antes de deixá-los, encomendaram-se às orações do Santo. (1)

Doutra feita, interrogando e torturando Estêvão, Coprônimo exilou-o na ilha de Proconeso, onde o Santo, construindo uma espécie de jaula, nela se meteu para continuar com as austeridades. Estava, então, com quarenta e nove anos.

Logo a fama dos milagres principiou a correr. Um cego foi-lhe ao encontro e pediu que o curasse. Estêvão perguntou-lhe:

— Tens fé? Reverencias a imagem de Nosso Senhor Jesus Cristo, de Maria, Mãe de Deus, e dos santos? Crês em Deus, que cura mesmo pelas imagens, como aconteceu à conversão de Santa Maria Egípcia?

— Creio, respondeu-lhe o cego, e reverencio. Estêvão, então, acrescentou:

— Em nome do Senhor Jesus Cristo, que curou o cego, em quem tu crês, e veneras na imagem, olha o sol sem obstáculo!

O cego, imediatamente, viu. E, caindo de joelhos, pôs-se a dar graças a Deus, com efusão.

Uma mulher de Cízico levou-lhe o filho tomado do demônio, e o Santo expulsou do corpinho da criança o diabo urrante.

Outra mulher, esta de Heracléia, na Trácia, nobre. afligida por constante perda de sangue, viu-se curada com o sinal da cruz que Estêvão fez sobre ela, obrigando-a, desde aquêle dia, a venerar a santa

---

(1). Surius, Vita S. Steph.

imagem de Jesus Cristo. Três dias depois, estava completamente curada.

Quando via o mar agitado por tempestades, reunia o Santo os monges, e todos oravam pelos navegantes. E sempre, viajantes apareciam para lhe agradecer o salvamento, dizendo-lhe, invariavelmente, que o tinham visto, no meio da tormenta, tranqüilo, a conduzir o barco.

No segundo ano de exílio, perdeu o Santo a mãe e a irmã, que àquela seguiu sete dias depois, como ela mesma lhe havia predito. No mesmo ano, 764, um soldado chamado Estêvão, que servia na tropa dos armênios, na Trácia, com metade do corpo paralisado, todo corcovado, procurou, com a ajuda de colegas, chegar a Prconeso, em busca de Santo Estêvão.

— Venerarás para sempre a imagem de Jesus Cristo e a da Virgem? perguntou Estêvão ao soldado.

— Sim, sempre hei de venerá-las.

Dita a confirmação, viu-se curado e direito, como sempre fôra.

Os camaradas de arma, assim que regressou, cheio de saúde, remoçado, rodearam-no, curiosos.

— Como foi que se passou a coisa? perguntou um deles.

— Apenas, respondeu o curado, com a promessa de sempre venerar as imagens de Jesus e Maria, senti-me perfeitamente bem.

Um zunzum percorreu o ar. E um soldado alto, de feições brutas, disse-lhe:

— Adoras imagens, hem?

Um grupo denunciou o Estêvão soldado, como idólatra, ao governador da Trácia, que o remeteu imediatamente ao imperador.

Coprônimo olhou-o, a sorrir, e perguntou-lhe:

— Vais persistir na idolatria?

De joelhos, cheio de medo, gritou Estêvão, o soldado:

— Não, não! Eu fui seduzido! Não me mates!

Coprônimo, satisfeito, fê-lo centurião, ali mesmo.

Ao deixar o palácio, montando um belo cavalo viu-se, de repente, cuspidado da sela com um empinar repentino do animal. Levantou-se, montou novamente e partiu, sem se importar com o pé que, torcido, lhe doía um tanto. Dias depois, com a dor sempre a aumentar, sem cessar, morreu.

O imperador, com a morte do soldado, mandou chamar o Santo de volta a Constantinopla, porque, mesmo no exílio, não cessava de ensinar idolatria ao povo.

Chegado de Proconeso, foi pôsto a ferros, de mãos e pés, e enviado à prisão.

Dias depois, em particular, estando apenas ladoado de dois altos oficiais, Coprônimo preparou-se para interrogá-lo, num terraço. Quando Santo Estêvão apareceu, gritou, apontando-o:

— Eis o homem que me carrega de calúnias.

Estêvão baixou os olhos e nada respondeu.

Coprônimo, olhando-o ferozmente, tornou a gritar:

— Não me respondes nada, miserável?

Santo Estêvão respondeu:

— Senhor, se estiveres resolvido a me condenar, envia-me logo ao suplício.

O imperador pigarreou, e mediu-o menos feramente.



— Dize-me, ordenou, que decretos ou que preceitos dos Papas desprezei, para que seja tratado de herético?

— Despojaste as igrejas das imagens que são veneradas de há muito.

— Ímpio! explodiu Coprônimo. Duas vêzes ímpio! Não as chame imagens! São ídolos! Ídolos! Como podem elas aliar-se às coisas santas? Que há de comum entre a luz e as trevas?

— Senhor, respondeu Estêvão, os cristãos jamais reverenciaram a matéria das imagens: reverenciam, sim, o que representam, levando o pensamento para os originais. É um modo de ir o pensamento aos céus. Não adoramos pedras, ouro ou prata. Há que distinguir o santo do profano. É horroroso chamar ídolo a imagem de Jesus Cristo, como à de Apolo. A de Maria, como à de Diana. E quebrá-las, queimá-las, profaná-las.

Coprônimo sorriu:

— Espírito obtuso! Quebrando ou queimando a imagem de Jesus Cristo estamos quebrando ou queimando o próprio Cristo? A Deus não o atinge!

Estêvão, calmamente, tirou de sob o hábito uma moeda que trouxera expressamente para o caso, inspirado que fôra.

— De quem é, senhor, esta imagem e esta inscrição?

O imperador, surpreso, respondeu:

— É dos imperadores!

O que valia dizer: dêle mesmo e do filho Leão. Estêvão continuou:

— Que aconteceria se a jogasse raivosamente por terra e a pisoteasse?



Os dois oficiais que se sentavam ao lado de Coprônimo disseram, ao mesmo tempo, ofegantes:

— Serás punido! Não vês que representa os imperadores invencíveis?

Santo Estêvão deu um grande suspiro:

— Seria supliciado? perguntou.

— Fora de dúvida! exclamou um dos oficiais.

— Então, tornou o Santo, que suplicio teria aquêlê que quebrasse ou queimasse as imagens de Jesus Cristo e de Maria?

E, denodadamente, atirou por terra a moeda e pisou-a com fôrça.

Os dois oficiais levantaram-se imediatamente e lançaram-se sôbre o Santo como animais ferozes, desejosos de atirá-lo terraço abaixo. Coprônimo, porém, impediu-os.

— Para a prisão com êle! ordenou. A do pretório! Julgá-lo-ei segundo as leis, por ter ousado calcar sob os pés a imagens do imperador!

Na prisão do pretório, Santo Estêvão predisse que ali seria a última morada. E teve a consolação de encontrar, presos pela mesma causa, trezentos e quarenta e dois monges de diversos países. Quase todos deformados: uns, sem mãos, outros sem pés, êstes sem olhos e sem nariz, aquêles sem orelhas. E rendeu graças a Deus, que lhes dera fôrças para suportar tanto sofrimento, sem que a fé fôsse vergada.

A prisão do pretório passou a ser um verdadeiro mosteiro, onde todos os ofícios eram celebrados com regularidade. Os guardas, bem como todos os que já haviam ouvido falar do Santo, admiravam-no e olhavam-no como a um anjo sôbre a terra.

Um dos ajudantes do carcereiro disse, um dia, à espôsa:

— A loucura do imperador vai atingir-nos. Verás. O monge Estêvão de Auxêncio, que agora está na prisão, parece-me um deus.

A mulher, de pergunta em pergunta, amedrontada, ficou sabendo de passos da vida do Santo. E, sem que o marido scubesse, meteu-se, um belo dia, na prisão, atirando-se aos pés de Estêvão. E dizia:

— Não me rejeites, ó pai, apesar de indigna que sou! Permite que traga tudo aquilo que te é necessário! Não tenhas horror aos meus pecados! Espero que Deus me recompensará por êste pequeno serviço!

Santo Estêvão orou por ela, mas recusou-se a receber o que quer que fôsse. Como a mulher insistisse, disse-lhe que jamais tivera comunicação com os heréticos, porque a julgava iconoclasta.

A espôsa do ajudante de carcereiro, que já se pusera de pé, atirou-se de novo por terra, a gritar:

— Deus me livre, pai! Que jamais me permita desonrar a imagem do Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo, de Maria e dos santos! Eu sei qual é a punição dos que assim ousam fazer! Não! Só te peço, pai, que nada digas a meu marido nem a qualquer dos guardas!

Voltando para casa, tomou dum cofrezinho fechado a chave, abriu-o e dêle tirou três imagens: uma da santa Virgem, uma de São Pedro e a terceira de São Paulo. Embrulhou-as e voltou à prisão do pretório. E, dando-as a Santo Estêvão, pediu-lhe:

— Ora sempre diante de Maria, de São Pedro e São Paulo. Assim não te esquecerás duma pobre pecadora.

Todos os sábados e domingos, arranjava a mulher jeito de enviar-lhe três garrafas d'água fresca

e alguns pãezinhos. E essas três garrafas d'água, mais os pãezinhos, foram todo o alimento que, por onze meses que passou no pretório, chegava ao santo do exterior.

Um dia em que Estêvão, num canto, sentado, conversava com os demais monges, ouviu falar das crueldades pelas quais o abade Paulo passara, até o martírio. Era Antônio de Creta quem falava.

— O abade foi prêso, contava, pelo governador Teofânio, cognominado Lardotiro. Êste Teofânio pegou uma imagem de Jesus crucificado, e a pôs dum lado. Depois, do cutro, o instrumento de suplício a que chamam catapulta. Virando-se para o abade, disse-lhe: "Paulo, tens duas coisas para escolher: quebrar a imagem ou marchar para o suplício". Paulo não titubeou um segundo. Respondeu ao governador: Deus me livre, senhor, de levantar um dedo contra a imagem de meu Deus crucificado!" Atirou-se por terra, e pôs-se a beijar o Senhor crucificado. O governador, encolerizado, ordenou que o metessem na catapulta. Torturaram-no até a morte, depois do que o atiraram a um grande fogo, que o consumiu.

Quando Antônio de Creta terminou, todos choravam. Um monge, sem nariz e sem orelhas, disse:

— Ai, que me faz lembrar a maldade do governador da Ásia, o chamado Lacanodracon!

Santo Estêvão pediu-lhe:

— Conta, meu pai, conta, que hás de a todos encorajar-nos.

Teostericto, que assim se chamava o monge mutilado, e que pertencera ao mosteiro de Pelicita, contou:

— Era numa quinta-feira santa; procedia-se ao ofício daquele dia. O governador, por ordem do tirano, chegou com uma multidão de soldados. Fêz

cessar o ofício, escolheu trinta e oito monges, amarrou-os pelo pescoço e deixou-os de lado. Quanto aos outros, despedaçou-os a chicotadas, depois de que, não contente, tocou fogo no mosteiro, reduzindo-o a um montão de cinzas.

— E os trinta e oito monges que haviam ficado de lado? perguntou um dos prisioneiros.

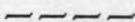
Teostericto suspirou:

— Aquêles coitados foram, todos, enterrados vivos.

Os monges viraram-se para Santo Estêvão:

— Dize-nos, pediram-lhe, algo consolador.

Estêvão falou-lhes de Pedro, o recluso de Blaquernes, que morrera diante do imperador, e ganhara o céu. De João, abade do mosteiro de Monagrie, a quem o imperador ordenou atirassem ao mar dentro dum saco com pedras, por não querer renunciar à veneração das imagens de Jesus Cristo e da Virgem.



Santo Estêvão, sentindo a morte próxima, chamou a mulher que lhe trazia pão e água fresca, e disse-lhe:

— Vou passar quarenta dias em retiro e em abstinência. Não me mandes mais o que me mandavas. Minha vida está por pouco; a morte cedo virá buscar-me.

E, entregando-lhe as imagens que lhe dera, acrescentou:

— Leva-as contigo, carinhosamente, que te hão de proteger pela vida em fora. Deus pagar-te-á, pelo que fizeste, centuplicadamente.

A mulher enrolou-as num pano de linho, de medo dos iconoclastas e saiu chorando.

Àquela altura, muitos eram os que entravam e saíam da prisão: iam beijar os pés do Santo e pedir-lhe a bênção e a proteção de Deus, recomendando-se-lhe às orações.

Um dia, alguém chegou ao imperador e lhe disse:

— Senhor, não sabes que a prisão do pretório é verdadeiro mosteiro, que lá se celebram os ofícios todos que nos mosteiros se costumam celebrar? Pois assim é, e uma grande multidão entra e sai, a pedir a Estêvão, teu inimigo, bênçãos e coisas mais.

Era pela celebração da festa pagã em honra de Baco, chamado pelos antigos romanos Brumus. Realizava-se em novembro, e o imperador estava a presidir-lhe. Deliciando-se com o som que alguém, perto, tirava da lira, enfureceu-se.

— Aquêlê Estêvão! remoeu. É o chefe dos abomináveis!

Chamando um oficial, ordenou-lhe levasse o Santo para fora da cidade, do outro lado do mar, no lugar onde estivera a igreja de São Mauro, o mártir, e que agora era destinada às execuções. Era um lugar de morte, onde, então, também se invocava o demônio.

— Procura pela cidade, acrescentou Coprônimo ao oficial, todos os monges que por aí vivem. Corta-os a chicotadas e envia-os ao exílio.

Assim foi. Constantinopla passou a ser, toda ela, choro e lamentações.

Enquanto não se levava Santo Estêvão ao lugar da execução, o imperador deixou o palácio e foi à



praça pública, onde se erguia o edifício denominado Mille. O povo felicitando-o, aplaudia-o.

— Minha alma, disse êle em altas vozes, está desconsolada por causa dos abomináveis da prisão do pretório.

Um dos cortesãos gritou:

— Que sinal há dêses tais, seja em Constantinopla, seja em países outros? Não estão todos sendo destruídos?

— Hoje mesmo, tornou Coprônimo, encontrei em Estêvão de Auxêncio o inimigo da verdade! Vai ser destruído, destruído pela espada!

Mas, consigo mesmo, pensava: “Que mais doce para Estêvão do que ter a cabeça cortada, por amor ao Deus verdadeiro?”

E bradou, mudando de pensar:

— Será morto, não pela espada, mas, sim, doutro modo, e pior!

No dia seguinte, Santo Estêvão disse adeus aos monges, recomendou-se-lhes às orações, e despojou-se do escapulário e do hábito.

— Não debes assim proceder, disseram-lhe. Por que fazes isso?

Santo Estêvão respondeu:

— Os atletas, quando vão ao combate, às competições, livram-se de tudo. Não é justo que êste santo hábito seja desonrado pelo povo insolente.

Ficou, então, com as vestes de pele, à espera.



Estêvão foi retirado do pretório brutalmente. Atiraram-no por terra, ataram-lhe cordas às correntes que trazia no pescoço e nos pés, e puxaram-no para a rua.

Ao passar pelo oratório de São Teodoro, apoiou-se nas mãos, ergueu a cabeça, os olhos para o céu, e disse o último adeus ao santo mártir.

Um dos perseguidores, chamado Filômato, gritou:

— Vêde o abominável, que vai morrer como mártir!

Correu para êle, com um grosso porrete erguido. E, vibrando em Estêvão, na cabeça, um grande golpe, matou-o num abrir e fechar d'olhos. O assassino, possuído do demônio, aos berros, como louco, trincando os dentes e pulando doidamente, acabou, até a morte, atormentado pelo diabo.

O corpo de Estêvão continuou a ser puxado: as costas rasgaram-se, o ventre, de encontro as pedras, abriu-se, e os intestinos caíram-lhe pelo chão todo encharcado de sangue. Morrera já havia muito, mas as pedradas, as cacetadas e os apupos choviam de todos os lados.

Mais adiante, um taberneiro, julgando o Santo ainda vivo, avançou para êle, de varapau, e desfechou-lhe tremenda pancada na cabeça: os miolos do Santo esparramaram-se pelo calçamento. Um homem, porém, muito virtuoso, chamado Teodoro, abaixou-se e recolheu, como pôde, e quanto, a massa encefálica, e pôs-se a acompanhar a turba, para ver acnde iam levar o corpo.

Quando passaram pelo mosteiro em que a irmã de Estêvão professava, resolveram trazê-la para fora,

para que, pelas próprias mãos, lapidasse o Santo; porém, por mais que buscasse, não a encontraram: estava escondida no escuro dum velho sepulcro profundo.

Pouco depois, o corpo despedaçado de Estêvão, o Jovem, era atirado e deixado no fosso do Pelágio. A turba, de volta, a gritar, foi ter com o imperador, para ouvir o relato que os encarregados da execução iriam fazer.

Coprônimo recebeu-os com imensa alegria. À medida que se ia inteirando dos sucessos, ria desbragadamente. Era o dia 28 de novembro de 767, dia em que a Igreja honra a memória do mártir.

Com Santo Estêvão de Auxêncio, celebra ainda a Igreja os mártires Basílio, Pedro, André e trezentos e sessenta e nove monges, que lhes foram companheiros.

★ ★ ★

## SÃO SÓSTENES (\*)

*Discípulo de São Paulo*

*1.º Século*

No dia de hoje, o martirologio romano anuncia:  
“Perto de Corinto, a morte de São Sóstenes, um dos discípulos do bem-aventurado apóstolo Paulo, que o menciona ao escrever aos coríntios. Sóstenes era chefe da sinagoga daquela cidade, mas, convertido a Jesus Cristo, foi batido com violência em presença do procônsul Galião, consagrando por um glorioso princípio as primícias da sua fé (1.º século)”.

O nome de Sóstenes aparece duas vezes no Novo Testamento: nos Atos dos Apóstolos e na Primeira Epístola aos Coríntios:

I. Paulo, em Corinto, operava numerosas conversões, quando foi denunciado ao procônsul Galião. “Os judeus, de comum acôrdo, levaram-no ao tribunal, dizendo:

“— Este persuade os homens a que adorem a Deus com um culto contra a lei”.

“Começando Paulo a abrir a bôca para responder, disse Galião aos judeus:

“— Se isto fôsse em realidade algum agravo ou delito grave, eu vos ouviria, ó judeus, conforme o

direito. Mas, se são questões de palavra acêrca de nomes, e acêrca da vossa lei, isso é convosco, eu não quero ser juiz de tais coisas”.

“E mandou-os sair do tribunal. Então êles todos, lançando mão de Sóstenes, príncipe da sinagoga, batiam-lhe diante do tribunal; e Galião nada se importava com isso (Act. 18, 12-17).

II. Estando em Éfeso, São Paulo foi informado de abusos gravíssimos que se tinham introduzido na Igreja de Corinto. Os fiéis encontravam-se divididos, com perigo de cair num verdadeiro cisma. Alguns dos convertidos não tinham deixado os vícios carnaes do paganismo, sendo causa de escândalo. Êste e outros abusos, levaram o grande apóstolo a escrever uma longa epístola, na qual censurou com severidade os culpados. São Sóstenes aparece no *Preâmbulo*, que se divide em *Enderêço e Saudação e Ações de Graças a Deus pelos dons Concedidos aos Coríntios*: “Paulo, chamado Apóstolo de Jesus Cristo, por vontade de Deus, e Sóstenes, irmão, à Igreja de Deus, que está em Corinto”, etc. (I Ccr. 1).

São Lucas, contando o successo que vimos na passagem I, sem mais detalhes, deixou campo livre às interpretações. Assim, segundo São João Crisóstomo (*In Act. hom.*, XXX, 2) São Sóstenes teria sido espancado porque se convertera ao cristianismo: mostrava, pois, a solidez da fé. Esta interpretação foi a adotada pelo martirológio romano.

## SANTOS HILÁRIO E QUIETA (\*)

*Esposos*

*Século V*

São Gregório de Tours, no seu *In Gloria Confessorum*, capítulo XIV, conta que o senador Hilário de Dijon sempre teve a máxima preocupação em viver na maior pureza com a espôsa, mulher muito piedosa e caridosa, e velava, constantemente, para que em sua casa nenhum dos filhos ou dos criados deixasse de vigiar aquela virtude.

Quando o senador morreu, enterraram-no num belíssimo sepulcro de mármore de Paros, tendo sido grandemente pranteado por todos, já que era estimadíssimo, grande auxiliador da pobreza.

Um ano mais tarde, a espôsa deixou a terra. Abriram o sarcófago e sepultaram-lhe o corpo ao lado do marido. Ocorreu, então, um fato surpreendente: quando a depositavam perto de Hilário, levantou êle o braço direito e abraçou a cabeça da espôsa. Todos, maravilhados, admiraram-se da virtude e do amor daqueles dois esposos, que assim jaziam abraçados na morte.

São Gregório não nomeia a esposa de Santo Hilário. Todavia, na *Crônica de São Benigno Hilário* é identificado como pai de São João de Reomeu, chamado Hilário e casado com Quieta.

A história que vimos, contada pelo festejado bispo de Tours, pertence ao chamado *Folklore Universal*.

\* \* \*



## SANTOS PAPINIANO, MANSUETO E MUITOS BISPOS DA ÁFRICA (\*)

*Mártires*

*Século V*

Genserico e seus vândalos desembarcaram na África em 429, no mês de junho. Antes de organizar a perseguição contra os cristãos, arrasaram a terra onde aportaram, pilharam, destruíram tudo e a tudo incendiaram. As igrejas foram confiscadas, e passaram a servir ao culto ariano, e os bispos, dos quais se pretendiam arrancar o que possuíam, ouro, prata e bens, foram torturados bárbaramente.

Grande número de prelados foi exilado, em 453, e, mortos, não puderam ser substituídos: Urbano, bispo de Girba, Crescêncio, primaz de Bizâncio, Eustáquio, bispo de Sufé, Crescônio, bispo de Oca, Vicis de Sabrata, Félix de Hadrumeta, etc. Valeriano foi vitimado na perseguição de 460. Hortulano e Florenciano, sob Hunérico, filho de Genserico, os quais, levados a apostatar, disseram calmamente, muito convictamente:

— Nós já o dissemos, dizemos e haveremos de dizer sempre: guardamos a fé apostólica única e verdadeira.

Santo Hortulano era bispo de Benefa e São Florenciano de Midila.

\* \* \*

## SÃO TIAGO DA MARCA (\*)

### *Franciscano*

Um dos grandes nomes da ordem franciscana, discípulo de São Bernardino de Siena, amigo de São João de Capistrano, um apaixonado pelo culto do santo nome de Nosso Senhor Cristo, Tiago nasceu a 1.º de setembro de 1394 em Monteprandone, nas Marcas. Filho de pobre família, chamou-se Domingos, no século. O pai, Rufo, e a mãe, Tona, enviaram-no a estudar em Áscoli e na Ofida, depois em Perusa.

São Tiago da Marca, inicialmente, foi mestre-escola. Em seguida, por uns tempos somente, exerceu as funções de juiz. Pensando fazer-se cartuxo, São Francisco conquistou-o: recebeu, pois, o hábito dos Irmãos Menores, em Santa Maria dos Anjos de Assis, no dia 25 de julho de 1416, quando entrado nos vinte e dois anos.

Mais tarde, referindo-se àqueles tempos e a São Bernardino de Siena, escreveria: "Ó meu bom Pai, eu me recordo, quando era noviço. . . tu me fizeste, com as tuas próprias mãos, o meu primeiro hábito!"

Em 1421, perdeu a mãe. No ano seguinte, rezava a primeira missa e principiava a pregar. A 1.º de abril de 1432, o Irmão Tiago foi nomeado comis-

sário da Bósnia, depois de ter pregado belamente em Ragusa.

O rei Tuertko permitiu-lhe a entrada no país, mas a rainha usou de todos os meios para fazê-lo desaparecer, procurando mesmo matá-lo. Deixou, então, aquêlo reino, e, a 22 de agosto de 1436, era nomeado inquisidor da Hungria e da Áustria.

São Tiago da Marca fundou dois conventos na Bcêmia, três na Hungria e três na Áustria. Em 1437, o papa Eugênio IV autorizou-o a nomear inquisidores na Hungria e na Boêmia, contra os hussitas, enquanto que o imperador Sigismundo, que o estimava, convidou-o para que o acompanhasse na campanha contra os turcos, concedendo-lhe os mais amplos poderes de ação.

São Tiago da Marca lutou acirradamente a favor do celibato eclesiástico. A 14 de abril de 1438, o papa encorajou-o no prosseguimento do apostolado, embora os seus inimigos tudo fizessem para demovê-lo dos intentos. Sômente uma alma ardorosa, tôda voltada para Nosso Senhor, poderia, em meio a tantos dissabores e tantas tribulações, continuar tão animadamente a batalhar pelas coisas de Deus como Tiago tão animadamente batalhou. Sômente o clima da Hungria pô-lo fora de combate: duro demais para êle, viu-se o Santo obrigado a deixar o campo de luta, indo, em 1440, para a Itália.

Em Pádua, cidade ilustradíssima por um outro franciscano, o grande Antônio maravilhoso, São Tiago pregou a quaresma. Dali, partiu para o Oriente. Adoecendo em Chipre, tornou à Itália.

Os trabalhos que desenvolveu a favor da Igreja foram inúmeros e inestimáveis. O prestígio que o cercou, foi deveras invejável, principalmente depois

do ano de 1467, quando, diante do duque da Calábria e suas tropas, livrou um possessor. Quando pregava, tinha auditório que oscilava entre trinta mil e quarenta mil pessoas. Era preciso fugir, finda as prédicas, para que não fôsse esmagado pela massa humana. Não havia quem não quisesse, para ter consigo muito devotamente guardado, o nome de Jesus escrito por êle. Como eram muitos os que o desejavam, vários irmãos escreviam aquêle Santo Nome em pedaços de papel, e Tiago, depois, docemente, tocava-os com as mãos, para distribuí-los.

A grande Santa Rita de Cássia, em 1423, ouviu-o pregar. São Tiago falava direta, simples, popularmente, para que todos lhe assimilassem o pensamento. Mesmo quando citava Dante ou outro clássico de difícil entendimento, fazia-o tão claramente que nenhum espírito, por menos culto que fôsse, ficava sem entender o significado duma passagem sequer.

Tiago dormia pouco. Tão pouco que, quando os irmãos iam deitar-se, levantava-se. De castidade perfeita, por isso mesmo o demônio o tentou de mil e um modos, de balde. Uma tentação carnal, inútilmente, acompanhou-o por mais de trinta anos, ininterruptamente.

Quando, um dia, recebeu ordem do papa para pregar em Gubbio, foi despedir-se de São Bernardino de Siena. Disse-lhe:

— Pai, vou a Gubbio pregar a mandado do papa. Dá-me a tua bênção.

São Bernardino, por humildade, não quis dá-la. Afinal, tanto insistiu São Tiago da Marca, que a recebeu. Perguntou, então:

— E tu, Pai, para onde vais?

São Bernardino respondeu:

— Vou para o reino.

São Tiago partiu, julgando que o Pai fôsse para o reino de Nápoles, mas, certa manhã, quando pregava, abruptamente interrompeu o sermão, pelo tempo dum *Miserere*. Quebrou então o silêncio, e disse para o auditório, admirado, suspenso:

— Neste momento acaba de tombar uma coluna!

Finda a prêdica, foi ao convento, onde chorou longamente, a dizer entre as lágrimas que lhe corriam, copiosas, pelo rosto:

— Oh, meu Pai, tu partiste! Tu me disseste que ias para o reino, mas era para o reino da vida eterna! Fôste, e me deixaste com tôdas as enfermidades, nesta velhice, neste vale obscuro, neste mundo perigoso, nesta terra miserável! Roga por mim a Deus!

Conta-se de São Tiago da Marca, no que diz respeito à obediência, que, um dia, quando almoçava, chegou-lhe uma ordem do papa, para que embarcasse imediatamente para a Hungria. O Santo, no momento, ia levando o copo d'água aos lábios: ouviu o que lhe transmitiam, levantou-se e partiu sem ter bebido.

Durante trinta anos, pregou sempre, todos os dias, por cidades, aldeias e lugarejos. A 28 de novembro de 1476, com oitenta e dois anos, desapareceu, e deixou de carregar as penosas dores de lado, as terríveis inflamações doloridíssimas do fígado, a gôta, as cólicas de estômago, o fluxo de sangue que o enfraquecia assustadoramente, coisas que não lhe permitiam descansar.



Resumo do martirologio romano:

“Em Nápoles, na Campanha, a morte de São Tiago da Marca, padre da Ordem dos Irmãos Menores e confessor: célebre pela austeridade de vida, pelo sucesso das predicções e embaixadas pelos interesses da cristandade, foi inscrito no Catálogo dos Santos pelo Soberano Pontífice Bento XII”.

---

No mesmo dia, em Roma, São Rufo, que o imperador Diocleciano ordenou fôsse martirizado com tôda a família. Rufo, encarregado pelo ímpio imperador de guardar São Crisógono, converteu-se. Com êle, todos os seus foram levados à morte.

Em York, o bem-aventurado Tiago Thompson, padre, mártir, em 1582. Por defender o papismo, pereceu enforcado, sendo beatificado pelo papa Leão XIII.

Em Kham-Duong, o bem-aventurado André Trong, mártir, em 1835. Duma antiga família cristã de Kim-Long, viveu em Thu-Duc. Prêso porque católico, morreu decapitado. Beatificado a 27 de maio de 1900 por Leão XIII.

★ ★ ★

## 29.º DIA DE NOVEMBRO

### SÃO SATURNINO

*Bispo de Tolosa*

*Mártir*

Quanto à primeira introdução do cristianismo nas Gálias, quer a mais antiga tradição que foi pregado por São Lázaro, primeiro bispo de Marselha, pelas duas irmãs, Santa Marta e Santa Maria Madalena, e por São Maximino, um dos setenta e dois discípulos, primeiro bispo de Aix. Quer ainda, que São Pedro, sob o imperador Cláudio, enviou às Gálias, acompanhados doutros missionários, sete bispos: Trófimo de Arles, Paulo de Narbona, Saturnino de Tolosa, Marcial de Limoges, Austremoine de Clermont, Gatien de Tours e Valério de Tréveris, e que o Papa Clemente, terceiro sucessor de São Pedro, enviou Dionísio, o Areopagita, primeiro bispo de Paris.

Doutro lado, Santo Epifânio fala de São Lucas, que pregou na Dalmácia, na Gália, na Itália, mas principalmente na Gália. O mesmo Santo diz ainda que Crescêncio, discípulo de São Paulo, foi pregar na Gália, e que é erro aplicar Galácia o que diz o



Estátua de Minerva.

Apóstolo, a êste respeito, na segunda epístola a Timóteo.

Santo Isidoro de Sevilha, conta ainda o apóstolo São Filipe, entre os que pregaram o Evangelho nas Gálias.

Também, desde o ano 190, Santo Irineu provava a verdade da fé católica pela unanimidade da tradição em tôdas as igrejas do mundo, entre as quais as igrejas celtas e gaulesas.

Alguns anos depois, Tertuliano dizia aos judeus que as diversas nações das Gálias estavam submissas a Cristo com o resto do universo. As diversas nações das Gálias eram as quatro províncias, divididas por Augusto: Narbona, Lião, Bélgica e Aquitânia.

Tal é a antiga tradição, do país e de fora, sôbre a primeira introdução do cristianismo nas Gálias.

Um sábio eclesiástico do século passado demonstrou que tal tradição é a verdadeira, apoiada que está em ótimas provas. Cita, entre outras, um velho manuscrito, outrora na igreja de Arles, na qual eram recolhidas as cartas dos papas aos arcebispos daquela metrópole, depois do papa Zózimo até São Gregório, o Grande. Portanto, imediatamente depois das cartas do Papa Pelágio, a Sapaudo, que morreu em 586, e antes das de São Gregório a Virgílio. Lê-se êste título pintado em vermelho:

“Sete personagens enviados por São Pedro às Gálias para pregar a fé”.

Mais adiante, lê-se:

“Sob o imperador Cláudio, o apóstolo Pedro enviou às Gálias, para pregar a fé da Trindade aos gentios, alguns discípulos, aos quais designou cidades particulares: foram êles Trófimo, Paulo, Marcial, Austemônio, Gatiano, Saturnino e Valério, e muitos

outros que o bem-aventurado Apóstolo lhes dera por companheiros”.

São Rabano Mauro, bispo de Maiença, na *Vida de Maria Madalena*, fala igualmente de Trófimo de Arles, de Paulo de Narbona, de Marcial de Limoges, de Saturnino de Tolosa, de Valério de Tréveris, como enviados no tempo mesmo dos apóstolos.

São Saturnino reuniu o rebanho, que lhe coube, numa igreja. Da igreja à casa em que residia, forçosamente havia que passar pelo edifício em que se sacrificava aos ídolos. Ora, os pagãos observavam que, quando passava o Santo bem defronte a casa dos oráculos, os demônios emudeciam e não se manifestavam.

Um dia, interceptaram São Saturnino. Disse-ram-lhe:

— Acompanhai-nos até o templo.

Estavam ameaçadores, de modo que o Santo achou conveniente atendê-los.

Uma vez no templo, tornaram a falar-lhe:

— Sacrifica aos deuses!

— Não posso! respondeu-lhes o Santo.

— Deves reparar tua impiedade! Sacrifica ou morre!

— Eu, tornou São Saturnino, adoro um só Deus e estou pronto a, por Êle, sacrificar-me. Vossos deuses nada mais são que demônios. Desejam muito mais as vossas almas que o sacrifício de vítimas. Os demônios, diante do meu Deus, tremem e nada fazem.

Aquilo era demais. Atiraram-se sobre o Santo com o furor que só o zêlo estrábico pode inspirar. Subjugado, amarram-no sobre um touro que se destinava ao sacrifício. O animal, que passaram a irritar, a espicaçar, destroçou o Santo em pouco tempo, mas

a alma, luminosamente, deixou-lhe o corpo e subiu para o reino de paz e de glória.

Duas mulheres cristãs lhe recolheram os restos mortais, levaram-nos a um caixão, enterrando-o profundamente, para livrar aquêlo corpo, ou o que dêle ficara, dos insultos pagãos. Assim ficaram as relíquias de São Saturnino até o reinado de Constantino, o Grande.

Hilário, quando bispo de Tolosa, erigiu uma capela sôbre o corpo do santo predecessor. Sílvio, bispo da mesma cidade, lá pelo fim do IV século, deitou os fundamentos duma igreja magnífica em honra do santo mártir. Exupério, o sucessor, terminou-a, consagrou-a e para ali transferiu as relíquias do santo apóstolo de Tolosa.

Tal piedoso tesouro continua ainda guardado com veneração.

\* \* \*



## SÃO SATURNINO (\*)

*Mártir*

*(Princípio do Século IV?)*

Maximiano, para agradar Diocleciano, construiu gigantescas termas. Para tal, empregou todos os cristãos que conseguiu capturar. Saturnino foi um deles, como também Ciríaco, Sisínio, Largo e Esmaragdo, todos mártires.

São Saturnino, já em idade avançada, na prisão, gritou, um dia:

— Que o Senhor arraze todos os deuses das nações!

Batido com nervos, com chicotes, experimentando os escorpiões, depois queimado, Saturnino, por um instante sequer, deixou de proclamar o verdadeiro Deus, criador do céu e da terra. Foi, então, decapitado, com Sisínio, na Via Nomentana.

Um homem, auxiliar dum padre João, chamado Trasão, sepultou-o, e a Sisínio, em terreno de sua propriedade.

---

No mesmo dia, a vigília de Santo André, apóstolo.

Aniversário de morte dos santos Paramão e trezentos e setenta e cinco companheiros, sob o imperador Décio e o prefeito Aquilino, em 250.

Em Ancira, na Galácia, São Filomeno, mártir, durante a perseguição do imperador Aureliano, quando do prefeito Félix: tendo, em primeiro lugar, passado pelo fogo, mãos e pés queimados, teve, depois, a cabeça perfurada com cravos; desta maneira consumou o martírio (271-275?).

Em Vérolí, os santos mártires Brás e Demétrio.

Em Todi, na Úmbria, Santa Iluminada, virgem.

Em Henllan, no condado de Denbigh, São Saturnino (Sadwrn) ermitão, que aparece nas Atas de Santa Winefrida.

Na Irlanda, São Brendano, abade de Birr, no século VII.

Na diocese de Wurtzburgo, na Baviera, o bem-aventurado Walderico, abade de Murrhardt (século IX?). Walderico, ao que se diz, foi o primeiro abade de Murrhardt.

Em Westfália, Santa Hathumode, abadessa de cónegas, falecida em 874.

São Radbod, bispo de Utrecht, desaparecido em 917.

Na Baixa Francônia, a bem-aventurada Jutta de Rustat, abadessa de Heiligenthal (1250?). Jutta ou Julita foi a primeira abadessa do mosteiro das cis-

tercienses estabelecidas em Heiligenthal. Governou de 1233 a 1250. Foi enterrada diante do altar-mor da igreja do mosteiro, objeto de peregrinação.

Na Inglaterra, o bem-aventurado Cuthberto Mayne, padre, mártir, em 1577.

Em Atchin, na ilha de Sumatra, os bem-aventurados Dionísio da Natividade e Redento da Cruz, carmelos descalços, mártires, em 1638.

\* \* \*

## 30.º DIA DE NOVEMBRO

### SANTO ANDRÉ

#### *Apóstolo*

*Eis que envio o meu anjo ante a tua presença, o qual preparará o teu caminho diante de ti. (1) Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas. (2) E apareceu João Batista no deserto, pregando o batismo de penitência, para remissão dos pecados.*

Um dia, João, com dois discípulos, viu Jesus, que com êle vinha ter, e disse:

— *Eis o Cordeiro de Deus, eis o que tira os pecados do mundo. (3)*

Ouvindo aquelas palavras, os dois discípulos seguiram Jesus. O Senhor, voltando-se par trás, e vendo que o seguiam, perguntou-lhes:

— *Que buscais vós?*

Responderam-lhe, perguntando:

— *Mestre, onde habitas?*

Dise-lhes Jesus:

— *Vinde ver. (4)*

---

(1) Mal. 3, 1.

(2) Is. 40, 3.

(3) Jo. 1, 29, 30.

(4) Jo. 1, 37, 39.

Foram e viram onde habitava, e ficaram com Ele aquêlê dia.

Ora, André, irmão de Simão Pedro, era um dos dois que haviam ouvido o que João dissera e seguira Jesus.

André, encontrandc-se com o irmão Simão, disse-lhe:

— *Encontramos o Messias.* (5)

E levou-o ao Senhor Jesus.

Nosso Senhor, fixando em Simão o olhar, disse-lhe:

— *Tu és Simão, filho de Jonas. Serás chamado Cefçs.* (6)

Eis como André levou o irmão a Jesus, aquêlê sôbre a qual seria edificada a Igreja do Mestre. E que belo par de irmãos!

Eram êles então discípulos de Jesus, mas não o seguiam ainda habitualmente. Ora, diz o Evangelho que, passando Jesus ao longo do mar da Galiléia, viu Simão e André que lançavam a rêde, pois eram pescadores.

Aproximando-se dos dois, Jesus disse-lhes:

— *Segui-me, e eu vos farei pescadores de homens.* (7)

No mesmo instante, abandonaram ambos as rêdes e seguiram o Senhor. E, tendo passado um pouco adiante donde então estiveram, viram Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, que estavam também numa barca, consertando as rêdes. Chamou-os, e

(5) Jo. 1, 41.

(6) Jo. 1, 42.

(7) Mc. 1, 16, 17.

êles, deixando na barca o pai, Zebedeu, com os jrnaleiros, seguiram o Senhor.

Depois foram a Cafarnaum e à Sinagoga. Logo que deixaram a Sinagoga, foram à casa de Simão e André com Tiago e João. Ora, a sogra de Simão estava de cama, com febre. A Jesus falaram a respeito dela. Aproximando-se, o Senhor tomou-a pela mão e levantou-a. Imediatamente, deixou-a a febre e pôs-se a servi-los, solícita e lépida. (8)

De tarde, sendo o sol já pôsto — porque era um dia de sábado e os judeus nada faziam antes desta hora — trouxeram a Jesus todos os enfermos e possessos. Tôda a cidade estava reunida diante da porta. O Senhor, impondo as mãos ora neste, ora naquele, já naqueloutro, ia a todos curando e expelindo muitos demônios, de maneira que cumpria o que fôra dito pelo profeta Isaías: *Tomou para si as nossas fraquezas, e está carregado de nossas enfermidades.*

Os demônios, saindo do corpo de muitos, gritavam, dizendo:

— *Vós sois o Cristo, o Filho de Deus.*

Mas o Senhor, ameaçando-os, não lhes permitia dizer que o conheciam, porque, sendo o diabo o pai da mentira, Jesus não lhe queria o testemunho (9), mesmo verdadeiro.

No dia seguinte, levantando-se o Mestre muito antes do amanhecer, saiu, e foi a um lugar solitário. E lá fazia orações.

Simão e os demais foram procurá-lo. E, tendo-o encontrado, disseram-lhe:

— *Todos te procuram.*

---

(8) Mc. 1, 18, 31.

(9) Mc. 1, 32, 34.



Respondeu-lhes Jesus:

— *Vamos para outra parte, para as aldeias vizinhas, a fim de que eu também lá pregue, pois para isso é que vim.* (10)

E andava pregando nas sinagogas e por tôda a Galiléia. (11) E pregando o Evangelho do reino de Deus, curava tôdas as enfermidades entre o povo.

A fama espalhou-se-lhe por tôda a Síria; traziam-lhe todos os que tinham algum mal, possuídos de vários achaques e dores, e os possessos, os lunáticos, os paralíticos: a todos curava-os Jesus.

Grandes multidões de povo, da Galiléia, e da Decápolis, e de Jerusalém, e da Judéia, e do país de além do Jordão, o seguiam. (12)

Ora, comprimindo-se as multidões em volta do Senhor para ouvir a palavra de Deus, como estavam junto ao lago de Genezaré, viu Êle duas barcas que estacionavam à margem. Os pescadores haviam saído e lavavam as rêdes. Entrando numa dessas barcas — que era a de Simão — rogou-lhe se afastasse um pouco da terra. E, estando sentado, ensinava o povo, da barca.

Quando acabou de falar, disse a Simão:

— *Faze-te ao largo, e lançaí as vossas rêdes para pescar.*

Respondendo Simão, disse-lhe:

— *Mestre, tendo trabalhado tôda a noite, não apanhamos nada. Mas, sôbre a tua palavra, lançarei a rêde.*

---

(10) Mc. 1, 35, 39.

(11) Mc. 1, 35, 39.

(12) Mt. 4, 23, 25.

Tendo feito aquilo, apanharam tão grande quantidade de peixes, que a rêde se rompia. Então, fizeram sinal aos companheiros que estavam na outra barca, para que lá fôsem ajudá-los. Assim foi, e encheram tanto ambas as embarcações que quase se afundavam.

Simão Pedro, vendo aquilo, lançou-se aos pés de Jesus, dizendo:

— *Retira-te de mim, Senhor, pois eu sou um homem pecador.*

Porque, tanto êle como todos os que se encontravam com êle ficaram possuídos de espanto, por causa da pesca que haviam feito.

O mesmo acontecera a Tiago e a João, filhos ambos de Zebedeu, que eram companheiros de Simão.

Jesus olhou-os, e disse a Simão:

— *Não tenhas medo: desta hora em diante serás pescador de homens.*

E, trazidas as barcas para terra, deixando tudo, seguiram a Jesus. (13)

Antes, como viviam da pesca, às vêzes à faina do mar retornavam. Talvez pescassem à noite e seguissem o Mestre durante o dia.

Depois daquela pesca miraculosa, porém, deixaram-na definitivamente, e não só ao labor, mas a tudo — o que dá a entender a vocação última e definitiva: ligar-se ao Mestre inseparavelmente.

Mais tarde, tendo convocado os doze discípulos, deu-lhes Jesus poder sôbre os espíritos imundos, para os expelirem, e curarem tôdas as dcnças e todos os achaques. E eram os doze Simão, chamado Pedro,

e André seu irmão; Tiago, filho de Zebedeu, e João seu irmão; Filipe e Bartolomeu; Tomé e Mateus, o publicano; Tiago, filho de Alfeu, e Tadeu; Simão Cananeu, e Judas Iscariotes, que foi quem entregou o Mestre.

Jesus, instruindo-os, disse-lhes:

— *Não vades agora para entre os gentios, nem entreis nas cidades dos samaritanos. Ide antes às ovelhas perdidas da casa de Israel. E, pondo-vos a caminho, pregai, dizendo: "Está próximo o reino dos céus"*.

Continuando, disse-lhes:

— *Curai os enfermos, ressuscitai os mortos, limpai os leprosos, expeli os demônios. Dai de graça o que de graça recebestes.*

E dizia mais:

— *Não queirais trazer nas vossas cinturas nem curo, nem rata, nem dinheiro, nem alforje para o caminho, nem duas túnicas, nem sandálias, nem bastão — porque o operário é digno do seu alimento.*

E acrescentou:

— *Em qualquer cidade ou aldeia, logo ao entrardes, informai-vos de quem há nela digno de vos receber, e ficai aí até que vos retireis. Ao entrardes na casa, saudai-a, dizendo: "A paz seja nesta casa". Se aquela casa fôr digna, descerá sobre ela a vossa paz. Se não fôr digna, a vossa paz tornará para vós. Se não vos receberem nem ouvirem as vossas palavras, ao sair para fora daquela casa ou daquela cidade, sacudi o pó dos vossos pés. Em verdade vos digo: será menos punida no dia do juízo a terra de Sodoma e de Gomorra, do que aquela cidade. Eis que eu vos mando como ovelhas no meio de lobos.*

*Sêde, pois, prudentes como serpentes, e simples como pombas. (14)*

Antes de enviar os apóstolos por tôda a terra, Jesus envicou-os à Judéia, para que ali fizessem uma espécie de noviciado, como num seminário.

De volta daquela missão, reunidos a Êle, contaram-lhe o que haviam feito e ensinado. E Jesus lhes disse:

— *Vinde à parte, a um lugar solitário, e descansai um pouco.*

Porque eram muitos os que iam e vinham, e nem tinham tempo para comer. Entrando, pois, numa barca, retiraram-se à parte, a um lugar solitário.

Muitos, porém, os viram partir e souberam para onde iam. E para lá foram, ao solitário lugar, a pé. Antes de Jesus e dos apóstolos mesmos chegarem, já uma grande multidão os aguardava. E era gente de tôdas as cidades.

Jesus teve compaixão dêles, porque eram como ovelhas sem pastor, e começou a ensinar-lhes muitas coisas.

Fazendo-se tarde, chegaram a Êle os discípulos e disseram-lhe:

— *Êste lugar é solitário e a hora é já adiantada; despede-os, a fim de que possam ir às quintas e povoados próximos e comprem alguma coisa para comer. (15)*

Perguntou Jesus a Filipe:

— *Onde compraremos nós pão, para dar de comer a esta gente?*

---

(14) Mt. 10, 1, 16.

(15) Mc. 6, 30, 36.

O Mestre, porém, assim dizia para o discípulo experimentar, porque sabia o que havia de fazer.

Respondeu-lhe Filipe:

— *Senhor, duzentos dinheiros de pão não bastam para que cada um receba um pequeno bocado.*

Um dos discípulos, André, irmão de Simão Pedro, disse:

— *Está aqui um jovem, que tem cinco pães de cevada e dois peixes, mas que é isto para tanta gente?*

Jesus, porém, disse:

— *Mandai sentar essa gente.*

Havia muita erva naquele lugar. Sentaram-se, pois, os homens, em número de cinco mil. E Jesus, tomando os pães do jovem que os trazia, dando graças, distribuiu-os entre os que estavam recostados, e igualmente os peixes, quanto êles queriam.

Estando assim todos saciados, disse o Senhor aos discípulos:

— *Recolhei os pedaços que sobejaram, para que nada se perca.*

Êles os recolheram, e encheram doze cestos de pedaços dos cinco pães de cevada, que sobejaram aos que haviam comido. E aquêles homens, vendo o milagre que Jesus fizera, diziam:

— *Êste é verdadeiramente o profeta que devia vir ao mundo.* (16)

Durante as últimas festas da Páscoa estava Jesus em Jerusalém. Ora, havia alguns gregos, daqueles que tinham ido adorar a Deus no dia da festa: aproximaram-se de Filipe, que era de Betsaida da Galiléia, e fizeram-lhe êste pedido, dizendo:

— *Senhor, desejamos ver a Jesus.*

Foi Filipe e disse-o a André. André e Filipe disseram-no a Jesus. E Jesus, respondeu-lhes:

— *Chegou a hora em que o Filho do homem será glorificado. Em verdade, em verdade vos digo que se o grão de trigo, que cai na terra, não morrer, fica infecundo. Mas, se morrer, produz muito fruto. O que ama a sua vida, perde-la-á, e quem aborrece a sua vida neste mundo, conservá-la-á para a vida eterna. Se alguém me serve, siga-me. E onde eu estou, estará ali também o que me serve. Se alguém me servir, meu Pai o honrará. Agora minha alma está turbada. E que direi eu? Pai, livra-me desta hora. Mas é para isso que eu cheguei a esta hora. Pai, glorifica o teu nome.*

Então veio do céu esta voz: “*Eu o glorifiquei e glorificarei novamente*”.

Ora, o povo que ali estava e ouvira, dizia:

— Foi um trovão!

E outros:

— *Um anjo lhe falou.*

Jesus respondeu:

— *Esta voz não veio por amor de mim, mas veio por amor de vós. Agora é o juízo deste mundo. Agora será lançado fora o príncipe deste mundo. E eu, quando fôr levantado da terra, atrairei todos a mim.*

Dizia isto para designar de que morte havia de morrer. (17)

Nos genticos que o queriam ver, Jesus fixou imediatamente o pensamento: devia ser o fruto de sua morte. Os grandes profetas e as grandes profecias estão-lhe presentes. No pequeno viu o grande. O



que os magos haviam começado na sua infância, no presépio, que era a conversão dos gentios em suas pessoas mesmas, continuava ainda pelo tempo de sua morte. E o Salvador, notando nos gentios o desejo de o ver, com o dos judeus em o perder, via, ao mesmo tempo, naquilo, o principiar do grande mistério da vocação de uns, pela cegueira e reprovação de outros. Por isso disse: *Chegou a hora em que o Filho do homem será glorificado. Vêm os gentios, e seu reino estender-se-á por tôda a terra.*

E via mais, e mais longe. Via, segundo os profetas antigos, que seria pela morte que devia conquistar novo povo e a numerosa posteridade que lhe fôra prometida. Foi depois de ter dito: *Perfuraram meus pés e minhas mãos, que Davi acrescentou: Tôdas as nações converter-se-ão ao Senhor.* E Isaías: *Se o grão de trigo, que cai na terra, não morrer, fica infecundo. Mas, se morrer, produz muito fruto.*

É assim que vemos nas palavras de Jesus o verdadeiro comentário e a verdadeira explicação das profecias.

*Agora minha alma está turbada:* eis o comêço da agonia, daquela agonia que devia sofrer no Jardim das Oliveiras; do combate interior que devia combater contra o suplício, contra o Pai por assim dizer, contra si mesmo. *E que direi eu? Pai, livra-me desta hora.* Mas não, era para isso que chegara aquela hora. *Pai, glorifica o teu nome.* É pelo devotamento ao Pai que lançará fora o príncipe dêste mundo, e que, do alto da cruz, atrairá tôdas as coisas.

Jesus, saindo do templo onde havia pregado, dizendo-lhe alguns, a respeito do templo, que estava ornado de belas pedras e de ricas ofertas, disse:

— *De tudo isto que vêdes, virão dias em que não ficará pedra sobre pedra, que não seja demolida.*

Quando estavam sobre o Monte das Oliveiras, descortinando-se o templo, abordaram-no os discípulos em particular, e Pedro, Tiago, João e André perguntaram-lhe:

— *Mestre, quando acontecerão estas coisas, e que sinal haverá, quando estiverem para acontecer?*

Os apóstolos, na pergunta, confundiam a ruína de Jerusalém, a de todo o universo e o fim dos séculos, o que levou Jesus a lhes falar:

— *Quando ouvirdes falar de guerras e de tumultos, não vos assusteis. Estas coisas devem suceder primeiro, mas não será logo o fim. (18)*

De resto, havia para tal uma razão profunda, uma vez que Jerusalém e o templo eram a imagem do universo. A ruína de um era naturalmente a figura da ruína de outro.

Depois da ressurreição, estando Jesus com os apóstolos à mesa, ordenou-lhes se não afastassem de Jerusalém. Que esperassem a promessa do Pai:

— *A que ouvistes, disse Êle, da minha boca. Porque João na verdade batizou em água, mas vós sereis batizados no Espírito Santo, dentro de poucos dias.*

Então, os que se tinham congregado interrogavam-no, dizendo:

— *Senhor, porventura chegou o tempo em que ides restabelecer o reino de Israel?*

Êle lhes disse:

— *Não vos pertence a vós saber os tempos nem os momentos que o Pai reservou ao seu poder. Mas*

recebereis a virtude do Espírito Santo, que descera sobre vós, e me sereis testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia, na Samaria e até as extremidades da terra. (19)

Levou-os para fora, e até perto de Betânia. E, levantando as mãos, abençoou-os. Ora, aconteceu que, enquanto os abençoava, separou-se deles, e elevava-se ao céu. (20) E uma nuvem ocultou-o do olhar de todos. Como estivessem olhando para o céu, quando Ele ia subindo, eis que se apresentaram junto deles dois personagens vestidos de branco, os quais lhes disseram:

— *Homens da Galiléia, porque estais aí parados olhando para o céu? Esse Jesus que, separando-se de vós, foi arrebatado ao céu, virá do mesmo modo que o vistes ir para o céu.*

Então voltaram para Jerusalém, do monte chamado das Oliveiras que está perto de Jerusalém, à distância da jornada de um sábado (21), cheios de júbilo. (22)

Logo que chegaram, subiram ao cenáculo, onde permaneciam habitualmente Pedro, João, Tiago, André, Filipe, Tomé, Bartolomeu, Mateus, Tiago, filho de Alfeu, Simão, o Zelador, e Judas, irmão de Tiago. Todos estes perseveravam unânimemente em oração, com as mulheres, e com Maria, Mãe de Deus, e com os irmãos dele. (23)

Quando se completaram os dias do Pentecostes, estavam todos juntos no mesmo lugar. E, de repente,

(19) Act. 1, 3, 8.

(20) Lc. 24, 50, 51.

(21) Act. 1, 9, 11.

(22) Lc. 24, 52.

(23) Act. 1, 12, 14.



Santo André e o duque de Borgonha (miniatura de um vitral do século XV).

veio do céu um estrondo, como de vento que soprava impetuoso, e encheu tôda a casa onde estavam sentados. E apareceram-lhes repartidas uma como línguas de fogo, e pousou uma sôbre cada um dêles. Foram todos cheios do Espírito Santo, e começaram a falar várias línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem. (24)

Viera-lhes o prometido. Agora era ir e ensinar a tôdas as nações, batizando em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Deus estaria com êles todos os dias, até a consumação dos séculos.

Segundo os esclarecimentos dos Doutôres da Igreja, o apóstolo Santo André pregou o Evangelho na Cítia, na Sogdiana, na Cólquida, na Grécia, particularmente no Épiro, e terminou a vida pelo martírio em Patras, na Acaia. A Igreja conta-nos as circunstâncias.

Assim como o irmão, o chefe dos apóstolos, teve a glória de ser crucificado, como o mestre fôra. Como pregava em Patras o mistério da cruz e convertia multidões, o procônsul Egéias, encolerizado, disse-lhe:

— Cessa de louvar Cristo, porque discursos semelhantes não o impediram de ser morto na cruz pelos judeus.

André replicou, calmamente:

— Cristo ofereceu-se livremente para ser crucificado, senhor. Morreu para salvar o gênero humano, a todos nós resgatando.

O procônsul, sorriu:

— Trata mas é de salvar a vida, sacrificando aos ídolos.



— Só sacrifico, e todos os dias, respondeu o apóstolo ao Deus Todo-poderoso, que é um só e verdadeiro. Sacrifico sobre o altar, não a carne dos touros, nem o sangue dos bodes, mas o Cordeiro sem mancha, o Cordeiro que, depois de ter sido imolado e comido por todo o povo, pelos fiéis, continua sempre inteiro e vivo.

Egérias, encolerizadíssimo, chamou alguns homens da guarda e gritou:

— Agarraí êste homem que me não dá scssêgo! Masmorra com êle!

O povo, fâcilmente, tê-lo-ia livrado, tão exaltado estava, mas André suplicou-lhe, todo doçura. Não, que não o privassem do martírio, da glória do martírio!

O procônsul, diante do qual André novamente exaltara o mistério da cruz, condenou-o à crucifixão, para imitar o Cristo.

Levado ao lugar do suplício, André gritou, todo êxtase, assim que viu o madeiro:

— Ó cruz bellissima, que fôste glorificada pelo contacto que tiveste do corpo de Cristo, cruz longa, docemente desejada, ardentemente querida, sempre procurada e enfim preparada para o meu coração apressado, de ti desejoso! Recolhe-me, abraça-me, retira-me dentre os homens, leva-me, depressa, diligentemente ao Mestre querido! Por ti, Êle me receberá, Êle que, por ti, a mim resgatou!

Foi, pois, levado à cruz o Apóstolo. E nela ficou por dois dias. Foram dois dias maravilhosos para André. André, do alto do lenho, não cessava de pregar a fé em Cristo, aquêle Cristo a quem desejara imitar na morte.



E, levantando os olhos para o alto, para o céu, naquele céu em que o Mestre o aguardava, dizia:

— Senhor, rei eterno da glória, recebei-me, assim pendido como estou ao madeiro, à cruz tão doce! Vós sois meu Deus! Oh, vós, a quem vi! Não permitais me desliguem da cruz! Fazei isto por mim, por mim, senhor, que conheci a virtude de vossa santa cruz!

Foi nesta maravilhosa disposição que o Apóstolo entregou a alma ao Senhor.

As relíquias de Santo André foram transferidas, primeiramente, para Constantinopla e mais tarde para Amalfi. O chefe, o irmão, descansa na basílica que lhe tem o nome — São Pedro de Roma.

\* \* \*

## SÃO TROIANO (\*)

### *Bispo*

O martirológio romano diz:

“Em Saintes, na Gália, São Troiano, bispo, personagem de grande santidade: sepultado, manifestou por numerosos milagres sua presença no céu”.

São Gregório de Tours, no *In Gloria Confessorum*, conta que o santo bispo, muito honrado em Saintes, uma noite, inspecionava as igrejas da cidade, com um subdiácono, quando, insòlitamente, uma vasta bola de fogo, descendo do céu, aproximou-se dèles. O subdiácono, maravilhado e estupefato, ouviu o bispo dizer, achegando-se do luminosíssimo globo:

— Abençaa-me, eu te suplico, bem-aventurado pontífice.

Do interior do globo, uma voz respondeu:

— Abençaa-me tu, sacerdote de Deus, Troiano.

São Troiano e a Voz conversaram longamente, enquanto o subdiácono não fazia outra coisa senão tremer, pálido e como que fora de si, mas com a estranha certeza de que quem falava ao santo prelado outro não era que São Martinho de Tours.

Proibido de revelar o que quer que seja do sucedido, sòmente depois da morte de São Troiano, ocorrida mais ou menos em 550, o subdiácono, para

que ninguém desconhecesse tal maravilha e para honrar o mestre, revelou-a ao clero reunido.

Perguntaram-lhe, narrado que fôra o sucesso:

— Como podes provar o que acabas de dizer?

O subdiácono, com tôda a circunspecção, respondeu:

— Com a morte.

E, assim dizendo, cerrou os olhos e morreu, diante de todo o clero aparvalhado.

---

No mesmo dia em que se festeja Santo André, apóstolo, em Roma comemora-se a morte dos santos Cástulo e Euprebes, mártires.

Em Constantinopla, Santa Maura, virgem e mártir.

Santa Justina, virgem e mártir.

Em Roma, São Constâncio, confessor, que resistiu corajosamente aos pelagianos (418?).

Na Palestina, o bem-aventurado Zózimo, confessor, que, sob o imperador Justino, foi notável pela santidade e milagres, tendo falecido antes de 550 (?).

Na Bretanha, São Tutwal ou Tual, bispo.

Em Estrasburgo, Santa Huna, viúva (século VII?).

Em Sithiu, na atual diocese de Arras, o bem-aventurado Jóscio, beneditino, que faleceu, provavelmente, em 1163. Diz a legenda, que o bem-aventurado Jóscio, pontualmente, recitava, todos os dias, o *Magnificat* em honra de Nossa Senhora, e mais quatro salmos começando por A, R, I e A: *Ad Dominum cum tribulaver, Retribue*, do Salmo CXVIII,

17, *In Convertendo, Ad te levavi*. Diz-se que, quando faleceu, saíram-lhe belíssimas rosas da bôca, dos olhos e dos ouvidos.

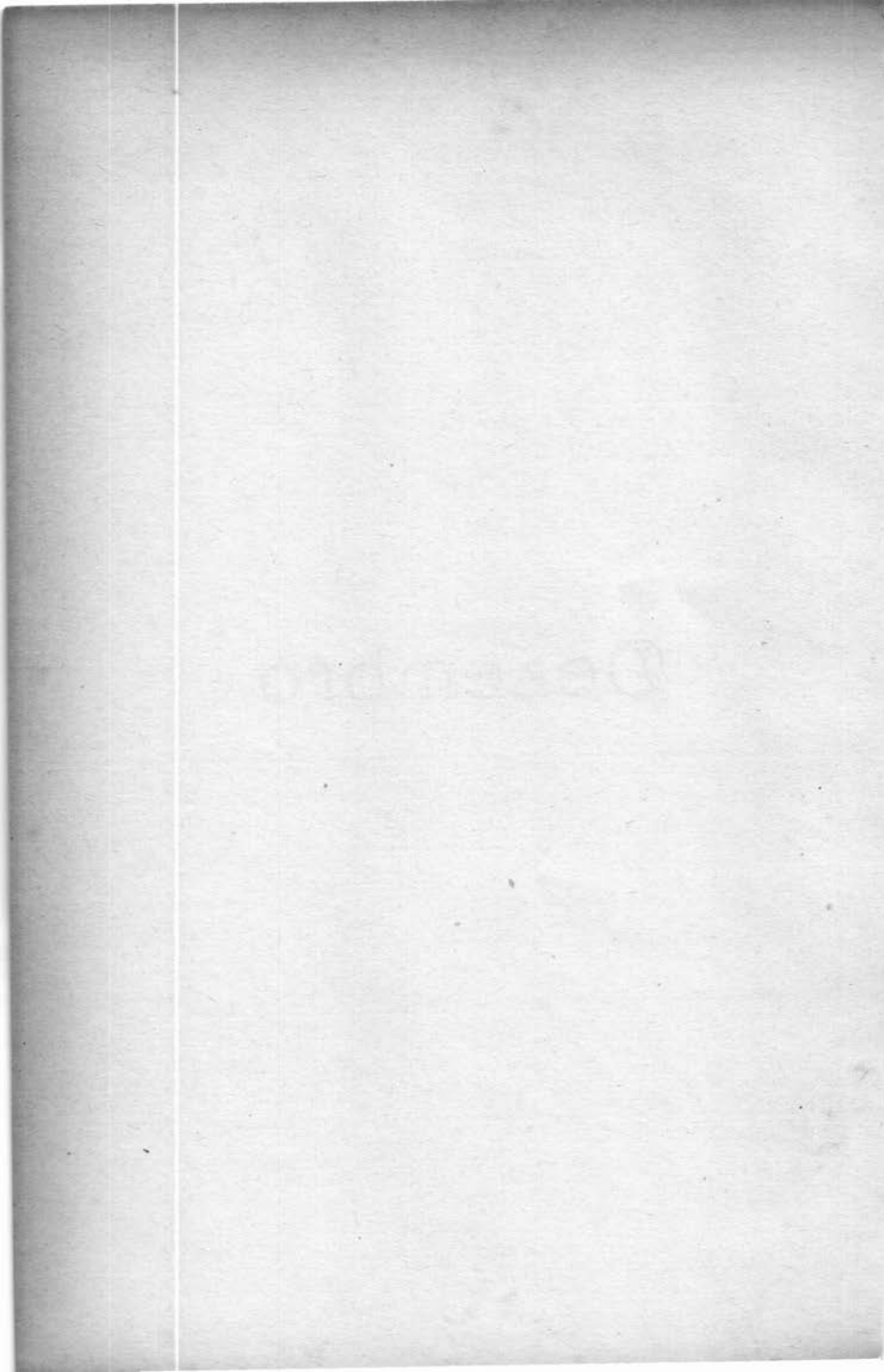
Em Ratisbona, o bem-aventurado Frederico, converso dos Ermitães de Santo Agostinho. Nascido de pais pobres, em Ratisbona, como irmão leigo exerceu o ofício de carpinteiro. Faleceu em 1329.

Bem-aventurado André de Antioquia, cônego regular do Santo Sepulcro. Nascido em Antioquia em 1268, descendente do príncipe de Tarento, foi estabelecido por Godofredo de Bouillon governador da cidade natal. Cônego regular do Santo Sepulcro de Jerusalém, recebeu do patriarca a chave do túmulo de Nosso Senhor Jesus Cristo. A capela de Santo André foi famosa pelos milagres nela ocorridos.

Em Santa Maria de Maniaci, na Sicília, o bem-aventurado Guilherme de Paulo, beneditino (1423?).

Em Thu-Duc, perto de Hue, o bem-aventurado José Marchand, padre, mártir, nascido em 1803, martirizado em 1835. O papa Gregório XVI declarou-o missionário venerável em 1840. Leão XIII beatificou-o em 1900.

Dezembro







## 1.º DIA DE DEZEMBRO

### SANTO ELÓI

*Bispo de Noyon*

Elói, em latim Eligius, nasceu em 588 em Caudillac, a duas léguas de Limoges. O pai chamava-se Eucher, e a mãe Terrigie. Mostrou-se, desde menino, inclinado aos trabalhos manuais. Foi o que levou o pai a enviá-lo a Abbon, prefeito da Casa da Moeda de Limoges e habilíssimo ourives, arte que, naqueles tempos, elevava os que a praticavam.

Elói, em pouco tempo, assenhoreou-se dos segredos da profissão, e tão bem, que acabou por se agregar a Bobbon, tesoureiro do rei Clotário II. Logo se viu estimado por este príncipe.

Clotário, que amava a magnificência, o grandioso até o espalhafato, desejava um trono ornado de pedras preciosas, mas não encontrava artífice assaz hábil para executá-lo tal qual concebera. O tesoureiro, então, falou-lhe de Elói, que prometeu dedicar-se com todo o carinho e atenção à feitura do trono tal qual desejava o príncipe.

O rei, satisfeito, confiou-lhe uma quantidade enorme de ouro. E o Santo pôs-se a trabalhar, dili-



Santo Elói, patrono dos ourives e dos ferradores (escultura do século XV, na igreja de Nossa Senhora de Armançon, em Semur).

gentemente. Tão bem usou do material que, ao invés dum trono, trabalhou dois, sem que a ninguém, dêste segundo, dissesse nada. Queria fazer uma surpresa a Clotário. Com efeito, fê-la.

Prontos os tronos, avisou o príncipe, que, ansioso, aguardava a ocasião de admirar o trabalho do novo funcionário do tesouro.

O rei ficou impressionado com a obra e, eufórico, ordenou se recompensasse o Santo dignamente. Mas, quando Elói, dizendo que lhe preparara uma surpresa, fêz com que viessem com o segundo trono, Clotário ficou pasmado — não com a obra, então, mas com a honestidade, a probidade do artífice. Desde aquêlê dia, passou a estimar o Santo.

Elói foi o mais célebre ourives do tempo. Pouco tempo depois, em Paris, exercia o cargo de monetário. Vêem-se-lhe, nas moedas de Dagoberto e de Clóvis II, a abreviatura do nome: *Eligi*.

Elói, contudo, foi mais conhecido e estimado pelas qualidades pessoais que pela perfeição da arte. Era alto, bem feito de corpo, de rosto saudável, cheio de côr, cabelos belos e ondulados. Reluziam-lhe nas faces a bondade e a modéstia dum anjo, e, em tôdas as ações, uma virtude amável o elevava consideravelmente.

Tinha grande respeito por tôdas as coisas santas. Um dia, Clotário quis obrigá-lo a jurar sôbre as relíquias dos santos. Elói recusou-se com muita modéstia. O rei insistiu e insistiu. Então, o Santo, tremendo, pôs-se a chorar, temeroso de desagradar ao príncipe. Mais, porém, temia profanar, com as mãos, as santas relíquias.

Clotário, vendo-lhe o temor e admirando-lhe a religião, disse-lhe, dccementê que, daquela data em

diante, creria mais na palavra que lhe desse do que nos mais solenes juramentos.

Por mais regular que fôsse a sua vida na côrte, assentou que a desejava cada vez mais perfeita. E começou por fazer, a um padre, uma confissão geral, onde desfiou todos os pecados da vida passada, desde a infância. Impôs-se severas penitências, applicando-se a mortificar a carne por constantes vigílias, pelos jejuns e várias outras austeridades que tinha o cuidado de fazer em segredo. E um rude cilício passou a acompanhá-lo, disfarçado sob as vestes finas e ricas, vestes bordadas a ouro e ornadas de pedras preciosas, que, paulatinamente, foi desprezando, em favor dos pobres. Passou, então, a envergar roupas grosseiras, não se importando de com elas surgir em público.

Elói estava penetrado do mais vivo temor de Deus. Meditava continuamente sobre a morte e sobre as penas do inferno. E passava as noites prosternado em oração, batendo no peito e exclamando, de quando em quando:

— Senhor, tem piedade de mim, segundo tua grande misericórdia!

Inquieto quanto à sorte que se lhe reservava na eternidade, rogou, um dia, a Deus, lhe fizesse ver, por um sinal, se os pecados lhe haviam sido perdoados. Tendo, depois da oração, adormecido, ouviu uma voz que lhe dizia:

— Elói, estás perdoado, e êste é o sinal que pediste.

Acordou, então, e sentiu que um perfume suavíssimo lhe embalsamava o quarto todo. Tal favor, tão singular, o encheu da mais viva consolação.

Ao chanceler Dadon, ou Ouen, grande amigo, fêz o Santo, confidencialmente, o relato do que lhe sucedera, suplicando-lhe que guardasse segredo, enquanto êle, Elói, vivesse.

Esta bondade de Deus para com o servidor impressionou Dadon, calou-lhe fundo no coração, tanto que resolveu, sem perda de tempo, como diz na vida que escreveu de Santo Elói, seguir o exemplo do amigo, induzindo o irmão Adon ao mesmo. E os três amigos não eram mais do que um coração e uma alma.

Santo Elói distinguiu-se, principalmente, pela grande caridade para com os pobres, que "a êle acorriam, como abelhas ao favo de mel". É, a comparação, do amigo e biógrafo, de Ouen.

Quando estrangeiros apareciam na cidade e perguntavam onde residia o Santo, o informante dizia simplesmente:

— Toma tal rua, e onde encontrares um bandão de pobres, lá certamente estará aquêle que buscas.

Aos pobres, servia-os êle mesmo. E, à mesa, sentava-se no lugar mais esbatido e humilde, sendo o último a comer, e a comer dos pedaços que sobejavam.

Vivia atento no que concernia a escravos e cativos. Apenas ciente de que os havia à venda, corria ao local em que estavam expostos e comprava-os todos — às vêzes trinta, quarenta, mesmo cinqüenta homens duma vez — dando-lhes a liberdade. Se não tivessem dinheiro para voltar à pátria, o santo vendia o que tinha: móveis, roupas, os próprios calçados. E, reunindo-os no palácio, fazia-os inclinar-se diante do rei, ao qual, então, solicitava, humildemente, para cada um dêles, cartas de liberdade,



segundo o costume dos francos, quando livravam homens da servidão. Muitos destes, tocados pela imensa bondade desinteressada do santo homem, acabaram abraçando a vida monacal, o que dava a Elói uma satisfação conhecida de muito poucos mortais.

A casa mesma em que habitava era um como mosteiro, e o quarto um oratório. Via-se, neste último, grande número de santas relíquias, diante das quais Elói recitava, todos os dias, o ofício divino com os domésticos, todos penetrados de grande piedade.

Elói lia muito. À leitura, applicava-se regularmente. De tempos em tempos, interrompendo-a, levantava os olhos para o céu, chorava, banhando o livro. Era comum, mesmo a trabalhar na profissão, ter à frente dos olhos um livro aberto. "Era, como dizia, para ocupar o espírito útilmente".

As horas de repouso que se reservava eram poucas: deitava-se sobre o cilício, e nada seria capaz de fazer com que omitisse as práticas de piedade.

Às vezes, o rei mandava buscá-lo, de manhã, e embora enviasse mensagem sobre mensagem, Elói não saía do quarto, enquanto não terminasse a oração e o tempo de leitura que se prescrevera. O rei não o censurava por aquela preferência ao serviço de Deus, deixando o seu para depois.

Muitos cortesãos jamais perdoaram a Elói a afeição que o rei lhe dedicava, porque o viam não somente como concorrente, senão também como censor incômodo para os vícios. O Santo, porém, não queria a amizade daqueles que não eram amigos de Deus.

Um dia, abordando o rei Dagoberto, que também o estimava deveras, disse-lhe:



— Meu príncipe, vim pedir-te uma graça.

— Que desejas? perguntou o rei.

— Dá-me a terra de Solignac, a fim de que nela faça uma escada que nos leve, a mim e a ti, ao céu.

O rei deu-lha de bom grado, e Elói fêz, imediatamente, que se erigisse um belo mosteiro, onde depois estabeleceu a regra de São Colombano e de São Bento, sob a direção de São Remacle, então o primeiro abade.

O ato da fundação é de 22 de novembro de 631.

Acabado o estabelecimento, Elói concebeu o projeto de fundar, em Paris, um hospital, na casa que o rei lhe dera perto do palácio. Mas acabou mudando de idéia, porque, ao invés do hospital, fundou um mosteiro para senhoras, onde se reuniram perto de trezentas religiosas, das quais Santa Aura foi a primeira abadessa.

Para terminar o mosteiro, viu que era preciso avançar um pouco em terras que pertenciam ao fisco. Pesaroso, foi ter com o rei e falou-lhe da necessidade de uma parte mais do terreno. O rei concedeu-lha e Elói demarcou-a. Ao voltar, porém, vira que se enganara, que não era necessário avançar em terra nenhuma. Aflito, na mesma hora, tornou a Dago-berto, atirando-se-lhe aos pés e pedindo perdão por lhe ter dito uma mentira sem o querer.

O rei, surpreso, compadeceu-se daquela aflição do Santo. E, voltando-se para os cortesãos que o rodeavam no momento, disse-lhes:

— Vêdes como a fé em Jesus Cristo é bela e digna de nosso respeito? Meus duques e meus oficiais solicitam-me grandes domínios todos os dias,

e êste servidor de Deus apoquentá-se com um pedacinho de terra, e não o quer!

Para não se contagiar com o impuro ar da côrte, ia o Santo, de quando em quando, respirar o ar puro da piedade em Luxeuil e édificar-se na regularidade dos monges. Em Luxeuil, porque ali a disciplina vigrava plenamente. Ouen conta-nos que nos demais mosteiros, naquela época, havia muito relaxamento, e a disciplina não era observada como devia.

Quando Santo Elói estabelecia uma viagem — a um mosteiro, a uma igreja ou simplesmente a casa dalgum homem piedoso — ia a pé, às vêzes perfazendo mais de uma légua. Naquele dia, jejuava, e enviava, na frente, os domésticos para reunir os pobres e os doentes na casa onde ia alojar-se. Assim que chegava, ordenava um bom almôço, ou um bom jantar, sentava-os todos à mesa, e passava a servi-los. Quanto a êle, almoçava, ou jantava, conforme chegasse pelo meio-dia ou pela tarde, água e pão temperados com um pouco de vinagre, porque passava cito ou dez dias sem beber vinho e sem comer carne.

Depois de ter servido os pobres e de lhes ter lavado os pés, arrumava-lhes as camas. E, quando todos estavam retirados e acomodados, saía para ir visitar tôdas as igrejas do lugar, ou, se não as havia, deixava-se ficar prosternado por terra a orar, até que o dia começasse a raiar, quando, então, se permitia repousar um pouco.

Nada escapava à caridade do Santo. Via, nas viagens que costumava fazer, que o corpo dos condenados à morte ficava exposto, insepulto, pendendo, baloiçante, das árvores ou largado sôbre a roda, onde fôra supliciado.

Ia, então, imediatamente, ao rei e pedia permissão para enterrar aquêles pobres, o que fazia com o concurso de dois criados. Êsses dois criados, depois, passaram a ter um serviço único: percorrer as províncias, com ordem do rei, para recolher e sepultar os condenados todos que se largavam ao deus-dará.

Um dia, estando êle mesmo a recolher corpos para dar-lhes sepultura, topou com um homem, perto de Estrasburgo, pendendo duma árvore. Desceu-o, pô-lo às costas para ir enterrá-lo, e já estava a ponto de o fazer, quando percebeu que o homem vivia.

A tôda a pressa, reanimou-o, esccondeu-o em casa e foi pedir, para o condenado, a graça do rei. Obtida a graça, conservou-o consigo por algum tempo, para livrá-lo da vingança do povo.

Com vida assim tão santa, não é de estranhar que, ainda laico, tenha curado um paralítico, um cego, e feito muitos outros milagres que Ouen conta na obra que escreveu, testemunha ocular que de tudo fôra. (1)

No reino de Nêustria, Santo Elói e Santo Ouen, ainda leigos, tinham o zêlo e a autcridade de bispos. Um herético, expulso, d'além mar, apareceu na Gália, e, chegando a Autun, começou, artificialmente, a semear os erros que abraçara.

Chegando a nova à côrte, Santo Elói, sempre vigilante em questões dessa natureza, foi procurar Ouen, o velho amigo, e outras católicas personalidades mais, para, explicando o que se falseava, livrá-los da peste que se aproximava. E falou e dissertou, sem cessar, exortando os bispos e os nobres, até que, por

---

(1) Vita S. Elig., ap. Acheri, t. II, in fine.

ordem do rei, se reuniu um concílio em Orléans, onde o herético foi levado.

Muitos doutos interrogaram o intruso. E êle tão bem respondia a tudo, tão desembaraçadamente, que quando se pensava que iam pegá-lo neste ou naquele ponto, escapava, e tão belamente, como serpente que se esgueira, viscosa e rápida, e lá vinha com nova audácia.

Afinal, um sábio bispo do concílio, o bispo Sálvio, acabou por confundir o maquiavélico homem, que, apesar de todos os artifícios, foi obrigado a confessar os erros que repisava em presença de tôda a assembléia, sendo então condenado por todos os prelados. Expulso também na Gália, voltaram os ânimos à paz.

Santo Elói fêz, igualmente, que se expulsasse de Paris um apóstata que andava a seduzir o povo, e banir do reino outro que, depois de longa prisão, deixou de fingir-se bispo, que se fingia, o astuto.

Com grande autoridade, contra outros impostores semelhantes procedeu de idêntica maneira.

O horror que lhe ia na alma pelos heréticos e cismáticos era enorme, e a todos os que surgiam, o Santo punha-se em campo imediatamente, porque o povo, sempre singelo, fâcilmente se contagiava com as novidades, como sempre sucede.

O zêlo, estendia-o Santo Elói para mais longe e mais alto. A simonia espalhava-se e infectava uma parte dos pastôres, desolando a igreja das Gálias, sobretudo depois do reinado de Brunehaut. Santo Elói e Santo Ouen, de indústria com cutros católicos, para suprimir o corpo místico de Nosso Senhor Jesus Cristo essa nódoa vergonhosa, reuniu, mais tarde, outro concílio. Apciado pelo rei, renovaram-se as

defesas, tantas vêzes reiteradas, contra a compra ou venda do episcopado. O concílio foi movimentado. E para dar um modelo à diccese, elegeram Santo Elói bispo de Noyon, bispado vago pela morte de Santo Achair, e Ouen ou Dadon, o velho amigo, bispo de Rouen, vago este bispado pela morte de São Romano.

As dicceses de Noyon e de Tournai foram unidas depois de São Medardo, ou seja, depois de mais de cem anos. A Flandres, com Antuérpia, Gand e Courtray, era-lhe dependente. Ora, uma parte do povo daqueles lugares era ainda pagã e tão feroz que não queria saber de pregações evangélicas; daí a razão da escolha de Santo Elói, homem tão zeloso quão santo.

Quando viu que, de modo algum, podia escapar do cargo para o qual o elegeram, exigiu que o deixassem, pelo menos, levar vida clerical por determinado tempo, o mesmo acontecendo com Santo Ouen. Este, viajou para além Loira, e foi ordenado sacerdote por Deodato, bispo de Macon. E os dois amigos resolveram que receberiam a bênção episcopal no mesmo dia.

De fato, juntos foram ordenados em Rouen, num domingo antes das Rogações, no terceiro ano do reinado de Clóvis II, isto é, a 21 de maio de 640.

Uma vez bispo, Santo Elói não deixou nada das práticas de virtude. Era a mesma caridade que o caracterizava; amava sempre a companhia dos pobres, e, às vêzes, com os clérigos e os domésticos, fazia retiros.

Tal era a ternura para com os pobres doentes, que os ricos e os bens dotados lhe tinham inveja. É a reflexão do amigo e biógrafo Santo Ouen. Modesto diante dos príncipes, apressava-se a obedecer-



lhes quando ordenavam alguma coisa de bom, mas não titubeava em desprezar as ordens injustas reprimendo-os livremente, o que, mesmo antes de ser bispo já fazia.

Santo Elói trabalhava principalmente, e com afincio, na conversão dos infiéis. Com grande cuidado e igual vaga, visitava as cidades da vasta diocese. E a gente toda, os flamengos, os frisões, os suevos, que viviam perto de Courtray, e os outros, até o mar, que, dir-se-ia, habitavam os confins da terra, cuviam-lhe a palavra. A princípio, receberam-no como animais ferozes, como se o quisessem fazer aos pedaços. E, como o Santo nenhum medo demonstrasse, porque nada mais doce para ele do que o martírio, passaram da ferocidade à desconfiança, e desta para a docilidade, tanta a suavidade, a doçura e a bondade do novo bispo. Daí, para admirá-lo e querer imitá-lo, não demorou muito. E muitos templos pagãos foram, então, destruídos.

A paz e o amor às coisas do céu principiaram a caracterizar aquêles outrora bárbaros. Todos os anos, pela Páscoa, o Santo ali batizava grande número de gente, e uma multidão de pecadores, homens e mulheres, corriam a confessar-lhe os pecados, trêmulos, contritos, cheios de temor de Deus.

Santo Elói exortava-os, aos velhos e aos novos, a freqüentar a igreja, a fazer esmolas, a libertar os escravos, a fazer, enfim, toda a sorte de boas obras. Muita gente, de ambos os sexos, abraçou a vida monacal, e o Santo via-se recompensado de toda a trabalhadeira sem-fim.

Elói, naturalmente inspirado, como dantes Santo Ambrósio, descobriu os corpos dos mártires Quentino e Platão, e depositou-os em esquifes magníficos,



bem como os dos santos Luciano e Beauvais, Crispin, Crispiniano de Soissons, descobertos ao mesmo tempo.

Para formar outros santos, erigiu em Tournay um mosteiro em honra de São Martinho, e dois outros em Noyon.

Como Santo Elói seguidamente pregava às gentes, sempre e sempre ia colhendo bons frutos. Insistia, principalmente, no batismo e na prática de dar esmolas. E dizia aos que pregava:

— Se assim fizerdes, quando comparecerdes diante do Juiz Supremo, podereis dizer: “Senhor, dai-nos do que é vosso, porque, na terra, nós demos aos pobres, aos necessitados, aos que a nós, aflitos, recorriam. Nós cumprimos o que vós ordenastes. Dai-nos, pois, aquilo que nos prometestes dar.

O paganismo foi combatido e combatido. Proibiu a consulta a adivinhos e a feiticeiros, a observação dos augúrios, dos espirros, se eram dêste ou daquele tom, os dias da semana ou as fases da lua, para procurar fazer viagens ou começar determinados trabalhos, e coisas outras ridículas. Aboliu as danças no dia da festa de São João e doutros santos, a invocação que se fazia a Netuno, Minerva e Diana, ou aos gênios. Fêz ver a todos que ao sol não se devia chamar *senhor* nem à lua *senhora*.

Se alguém doente confiasse na misericórdia de Deus, e recebesse com fé o corpo e o sangue de Jesus Cristo, ao invés de consultar os que se davam com o diabo, que pedisse o óleo santo, que crasse, o Senhor haveria de a todos atender.

A bondade paternal de Santo Elói não o impedia de ter, na ocasião, o poder e a coragem dum apóstolo. Um dia, quando numa aldeola perto de Noyon se

celebrava a festa de São Pedro, pôs-se a pregar ardentemente contra as superstições pagãs que ainda ali se praticavam. Os principais do lugar, irritados com o bispo, que lhes vinha assim perturbar o andamento dos festejos, resolveram matá-lo, se continuasse a pregar naquele diapasão.

Sabedor de que se havia maquinado, Elói subiu a uma eminência e pôs-se a pregar com voz mais alta e redobrado ardor contra as diabólicas superstições. A multidão, furiosa, deu de injuriá-lo e ameaçá-lo, dizendo-lhe que jamais seria empecilho para os divertimentos que vinham de ter. E os jogos começaram mais animadamente ainda.

Santo Elói, então, elevou a voz, dizendo diante de toda a gente:

— Senhor, eu vos conjuro: a êstes audaciosos que ousam resistir aos vossos santos avisos, às vossas advertências santas, deixai-os ao demônio, do qual preferem as seduções aos vossos preceitos! Que aprendam pelos tormentos a respeitar vosso infinito poder, a fim de que os fiéis, por sua vez, glorifiquem vosso santo nome!

Imediatamente, mais de cinqüenta insolentes foram tomados pelo demônio, e agitaram-se como energúmenos.

A multidão, apavorada, receosa de que a mesma sorte a envolvesse, caiu de joelhos aos pés do santo, prometendo, atabalhoadamente, fazer tudo o que o santo bispo ordenasse.

Elói animou a turba, mas nada para os cinqüenta e poucos endemoninhados rogou, o que fez, para que aprendessem a lição, somente um ano depois, quando da mesma festa de São Pedro. Fê-los vir a si, e em

meio à multidão, dirigiu-se a Deus, pedindo por êles, ao mesmo tempo que os ia espargindo de água benta.

Santo Ouen conta-nos muitos casos semelhantes. Uma das últimas ações de Elói foi dar o véu de religiosa a Santa Godeberta. Godeberta era uma jovem nobre, do território de Amiens. Os pais não queriam casá-la, sem antes ter obtido o consentimento de Clotário III. Como estivessem reunidos para tratar do caso, Santo Elói, que estava presente, presentindo os desejos da jovem virgem, pôs-lhe um anel no dedo, como para torná-la espôsa de Jesus Cristo.

Inflamada, Godeberta gritou na assembléia que só desejava a Jesus Cristo. O rei, então, consentindo, deu-lhe o palácio que tinha em Ncyon, com o oratório de São Jorge, para que ali estabelecesse uma comunidade de doze religiosas. Godeberta santificou-se por tôdas as virtudes próprias do estado, e Deus manifestou-lhe tal santidade por milagres sem conta.

A Santa não teve por muito tempo a consolação de professar instruções de Santo Elói, que a consagrara ao Senhor: o santo bispo morreu pouco tempo depois, em fins de 659, no vigésimo ano de episcopado, e no septuagésimo de idade.

O Senhor, que lhe havia revelado a morte de tantas pessoas, não o deixou ignorante quanto à própria morte. Passeando, um dia, pela cidade de Ncyon, notou que uma parede da igreja de São Medardo ameaçava ruína. Na mesma hora, chamando o arquiteto, disse-lhe:

— Se não reparares logo aquela parede, não a verei restaurada em vida.

Dias depois, era tomado duma febre lenta. Reuniu os discípulos e os domésticos e disse-lhes:

— Meus bons filhos queridos, recebi os últimos conselhos, as últimas advertências de vosso pai. Se me amais como vos amo eu, esforçai-vos por guardar os mandamentos de Deus, e o Senhor Jesus seja perenemente o objeto de vossos desejos. Não suspireis senão por Êle, que só Êle é digno dos vossos suspiros. Temei, sobretudo, os terríveis julgamentos do fim dos tempos.

Todos choravam, e Santo Elói finalizou:

— Vou deixar-vos, meus filhos, vou deixar-vos. O Senhor me chama!

Como ninguém pudesse responder a palavras tão ternas, ditas de modo tão carinhoso, senão com lágrimas, Elói fez com que os domésticos se lhe achegassem e lhes determinou diversos mosteiros onde poderiam ficar, depois que já não mais o tivessem. E acrescentou:

— Trabalhai para a salvação da alma, trabalhai com afinho.

À tardinha daquele mesmo dia, embora fraco, muito fraco, pôs-se de joelhos e afetuosamente orou ao Senhor, pedindo-lhe desse um bom pastor ao rebanho imenso que ia deixar.

Na agonia, recolhendo as forças tôdas que lhe restavam, disse um último adeus aos amigos e aos discípulos, abraçando-os fraca, mas carinhosamente, um após outro. Então, deixou-se ficar rezando em voz baixa, débil, muito débil. E, de repente, quase gritando, disse:

— Ó Senhor! É agora que deixarás ir em paz este teu servidor! Tu me formaste como um vaso de argila! Tem piedade de mim e não me julgues! Ó Cristo, redentor do mundo, lembra-te de mim, tu que

és o único sem pecado! Entrego minha alma em tuas mãos infinitamente bondosas! Recebe-a segundo a tua infinita misericórdia!

A essas palavras, expirou. Era pela noitinha do dia 1.º de dezembro, dia em que se lhe celebra a festa.

O corpo de Santo Elói ficou, num caixão aberto, exposto na igreja, onde o clero passou o resto da noite a cantar hinos e o povo a gemer e chorar.

No dia seguinte, a concorrência para o último adeus foi enorme. A rainha Batilda apareceu, contristada, com os príncipes e grande número de cortesãos. E, ao pensamento de não o alcançar com vida, mais abatida ficava, uma vez que, mal soubera da doença do bispo, pusera-se a caminho de Noyon. Para consolar-se, ordenou que transportassem o corpo do Santo para seu mosteiro de Chelles. Outros, porém, eram de opinião que se devia enriquecer com aquêlê tesouro, que era o santo bispo, a capital do reino.

O clero e o povo de Noyon, todavia, cpuseram-se corajosamente àquelas pretensões, e o céu declarou-se por êles: não houve fôrça que conseguisse remover o caixão de Santo Elói do lugar em que estava exposto.

A rainha Batilde, então, diante do milagre, ordenou três dias de jejum, depois dos quais nova tentativa de remoção fizeram, inútilmente.

Batilda, para aliviar a dor que lhe ia na alma, descobriu o rosto do santo bispo e beijou-o ternamente, piedosamente. E Elói foi enterrado em Noyon, no mosteiro de São Lôbo, que, logo depois, lhe tomava o nome. A rainha, embora o caminho fôsse horrível, seguiu o entêrro a pé, surda aos rogos dos cortesãos, para que o fizesse a cavalo.



A vida de Elói, bispo de Noyon, foi escrita mais ou menos treze anos depois que o Santo desapareceu, por Santo Ouen, o velho amigo, o mais íntimo dos amigos, o qual testemunhou a maioria dos fatos que conta.

A obra foi dedicada a um bispo, Crodoberto ou Rodoberto, ao qual o autor pediu que a corrigisse. O bispo respondeu que nada achava que pudesse introduzir ou excluir, que tudo estava perfeitamente bem.

A oração que Santo Elói fez na hora da morte, pedindo a Deus um bom pastor para que lhe apascentasse o imenso rebanho, foi atendida: São Momolino, primeiro abade de Sithiu, foi o sucessor do Santo e governou a vasta diocese por vinte e seis anos.

★ ★ ★



## SÃO NAUM (\*)

*Profeta*

*Antigo Testamento*

Naum era natural de Elcos, na Galícia, tendo profetizado a segunda ruína de Nínive. O *Oráculo sobre Nínive*, o *Livro da Visão de Naum, de Elcos*, é curtíssimo, e, se seu interêsse doutrinal e espiritual não é tão grande, seu valor literário é inegável. Conta a queda da decantada cidade com um poder evocativo impressionante.

O Senhor, irado contra os inimigos, mas bom com os amigos, haveria de destruir Nínive e salvar Judá. Vemos, então, a invasão do inimigo, a impotência dos defensores, e a cidade é tomada. Segue-se a pilhagem, a devastação, o desespero, a ruína.

-----

## PROFECIA DE NAUM

### *Nínive perecerá e Israel será salvo*

“Oráculo sôbre Nínive. Livro da Visão de Naum.

“O Senhor é um Deus zeloso e vingador: O Senhor é vingador e ardente na sua cólera. O Senhor toma vingança dos seus adversários, ira-se contra os seus inimigos. O Senhor é paciente e grande em fortaleza, não deixa impune (o pecador). O Senhor anda entre a tempestade e o torvelinho, e as nuvens são poeira dos seus pés. Êle ameaça o mar e o torna sêco, e extingue (*quando quer*) todos os rios. Basan e o Carmelo feneceram, e a flor do Libano murchou. Os montes são por Êle abalados, e as colinas dissolvidas; a terra, o mundo inteiro, e todos os que habitam nêle tremem diante da sua face. Diante da sua indignação. quem poderá subsistir? Quem resistirá ao ardor da sua ira? A sua indignação derrama-se como um fogo e destrói as (*mesmas*) pedras. O Senhor é bom, é um refúgio (*para seus filhos*) no dia da tribulação; conhece (*e protege*) os que esperam nêle. Com uma inundação impetuosa (*de inimigos*) aniquilará êste lugar (*de Nínive*) e lançará os seus inimigos para as trevas.

“Que projetos formais contra o Senhor? É êle mesmo que aniquilará (*Nínive*); esta inimiga não surgirá duas vêzes. Como espinhos entrelaçados uns

nos outros, ébrios do seu vinho generoso, serão consumidos como palha completamente sêca. De ti saiu (ó Ninive) quem pensa mal (cu impiamente) contra o Senhor, que trama desígnios perversos.

"Isto diz o Senhor: Por mais fortes e numerosos que (os assírios) sejam, ainda assim serão ceifados e desaparecerão. Eu te afligi (ó meu povo), mas não te afligirei mais (por meio dêles). Agora vou quebrar o seu jugo, que pesa sôbre ti, e desfazer as tuas cadeias. Eis o que o Senhor ordenou sôbre ti (ó Ninive): Não haverá mais posteridade com o teu nome; destruirei as estátuas esculpidas e fundidas da casa do teu deus; prepararei o teu sepulcro, porque és desprezível. Eis já sôbre os montes os pés do que traz a boa nova, do que anuncia a paz. Celebra, ó Judá, as tuas festividades, cumpre os teus votos, porque o ímpio não passará mais por ti: está completamente destruído".

Ninive será cercada e destruída.

"Já vem (ó Ninive) contra ti um destruidor: guarda a fortaleza, vigia o caminho, reforça os teus rins (1), acrescenta as tuas fôrças. Porque o Senhor restabelece o brilho de Jacó, bem como o brilho de Israel, depois que os (teus exércitos) destruidores devastaram e destruíram os seus sarmentos. O escudo do seus combatentes está pintado de vermelho, os guerreiros estão vestidos de púrpura; os carros de guerra avançam cintilantes no dia da preparação (para o combate); há brandir de lanças. Os carros precipitam-se furiosamente pelos caminhos, chocam uns com os outros nas ruas; o seu aspecto é como

(1) Os rins, para os hebreus, era o centro e o símbolo da força.

de fachos ardentes, como relâmpagos que discorrem duma parte para outra.

“(Ó *ninivita*) lembra-se dos seus valentes (e *manda-os ao combate*); êles tropeçam pelos caminhos. Râpidamente se precipitam sôbre os muros e preparam abrigos. Enfim, são abertas as portas dos rios, e o palácio, abalado, vacila. A rainha é levada prisioneira, as suas escravas são levadas cativas, gemendo como pombas, ferindo os peitos. Nínive é semelhante a um tanque, mas de águas que fogem. (*E por mais que se gritasse*): Parai! Parai! — nenhum voltou (*para trás*).

“Saqueai a prata, saqueai o ouro; as suas riquezas são inúmeras, ela está cheia de objetos preciosos. (*Nínive*) ficou destruída, rasgada e dilacerada; nela encontram-se corações desmaiados, tremem os joelhos, estão sem fôrça os rins; todos os rostos empalidecem. Onde está agora (*Nínive*) essa habitação dos leões, êsse pasto de leõezinhos, onde se iam recolher o leão e os seus cachorros, sem haver ninguém que os afugentasse? O leão (*assírio*) despedaçava o precioso para os seus cachorros, levava a caça para as suas leoas; enchia as suas covas de prêsas, a sua caverna de rapinas.

“Eis que venho contra ti, diz o Senhor dos exércitos; reduzirei os teus carros a fumo; a espada devorará os teus leõezinhos; porei fim às tuas rapinas na terra, e não se ouvirá mais a voz (*imperiosa*) dos teus embaixadores.

“Ai da cidade sanguinária, tôda cheia de fraudes, violência, de contínuas rapinas! Ruído de chicotes! Frigoroso mover de rodas! Galopar de cavalos, carros que saltam, cavalaria que avança, espadas que reluzem, lanças que fuzilam! Multidão

de feridos! Mortos em massa! Inumeráveis cadáveres, contra os quais se tropeça! (*Tudo isto*) por causa das numerosas fornicções da meretriz formosa e encantadora, mestra em feitiçarias, que enganava os povos pelas suas fornicções e as nações pelos seus malefícios. (2) Eis-me contra ti, diz o Senhor dos exércitos! Vou lançar sôbre o teu rosto o teu vestido e mostrar a tua nudez às nações, aos reinos a tua vergonha. Cobrir-te-ei de imundicias e de infâmia e dar-te-ei em espetáculo. Todos os que te virem, retrocederão para longe de ti (*horrorizados*) e dirão: Nínive está destruída. Quem te lamentará? Onde te irei buscar consoladores?

“Porventura és tu melhor que No-Amon, sentada entre os rios (*cu braços do Nilo*), rodeada de águas, que tinha por defesa o mar (3), e as águas por muralhas? A Etiópia era a sua fôrça, como também o Egito de população ilimitada; os lídios e os líbios eram seus auxiliares. Não obstante isto, ela foi levada cativa para uma terra estranha; os seus pequeninos foram esmagados nas esquinas de tôdas as ruas; sôbre os seus nobres lançavam sortes (4), e todos os seus grandes senhores foram carregados de ferros. Também tu, pois, (*ó Nínive*), serás embriagada, e cairás no deprêzo; também tu, (*em vão*) pedirás socorro contra o inimigo.

“Tôdas as tuas fortificações serão como a figueira com figos temporões: se se sacudirem, cairão na bôca do que os quiser comer. Eis que o teu povo

---

(2) Nínive.

(3) O mar aqui é o Nilo. Mar porque grande e impressionante.

(4) Para tomá-los como escravos.

é (*fraco*) como mulheres no meio de ti; as portas da tua terra se abrirão de par em par aos teus inimigos; o fogo devorará as tuas trancas. Abastece-te de água para o cêrco, repara as tuas fortificações; pisa o barro, amassa a argila, pega na fôrma dos tijolos. Ali te consumirá o fogo; perecerás à espada, ela te devorará como o *yeleq* (5) (*devora a erva*), ainda que reunas gente em tão grande número como o *yeleq*, poderoso como o gafanhoto. Os teus negociantes eram em maior número do que as estrêlas do céu; (*mas fizeram como*) o gafanhoto (*que*) estende as suas asas e voa (*para outra parte*). Os teus guardas são como os gafanhotos, os teus empregados são como uma nuvem de gafanhotos que pousam sôbre as sebes em tempo de frio; logo que o sol nasce, voam, e não se reconhece mais o lugar onde tinham estado. Os teus pastôres (*cu capitães*), ó rei de Assur, adormeceram; os teus chefes sumiram-se; o teu povo foi esconder-se nos montes, e não há quem o ajunte. A tua ruína é irreparável, a tua chaga não tem cura; todos os que souberem o que te aconteceu, baterão as palmas (*de contentes*) sôbre ti. Com efeito, sôbre quem não passou sempre a tua maldade?"

— — — —

Naum, que significa o *Consolado*, não aparece nos martirologics latinos antigos. Os gregos comemoram-no a 1.º de dezembro, bem como os copta-árabes.

★ ★ ★

---

(5) Espécie de gafanhoto.



## SÃO PRÓCULO (\*)

### *Bispo e Mártir*

São Próculo, bispo e mártir, depois dum grande número de notáveis obras, acabou decapitado, num ano que se desconhece, por ordem do rei gôdo Totila.

Vindo da Síria, formado sob Anastácio, Próculo retirou-se a Narni, perto da ermida de Volusiano. Ordenado padre, levou vida tão santa, recolhida e pura, que teve, um dia, a ventura de ouvir uma missa maravilhosa — celebrada no céu.

Quando o papa Eugênio soube da nova, enviou, imediatamente, alguns homens de confiança para averiguar o que de fato havia na história que conhecera. Lá chegados, os enviados do Pontífice convidaram o santo padre para que, em Roma, inteirasse o papa do sucedido.

A meio caminho, os homens do papa sentiram tal sede, tão abrasadora e insuportável, que, dir-se-ia, morreriam se nada tomassem imediatamente. Felizmente, São Próculo encontrou uma cabra, e os sedentos puderam dessedentar-se. Entrementes, o papa Eugênio, durante o scno, sonhou que um anjo

o flagelava, e, quando acordou, impressionado, apressou-se em mandar um mensageiro ao encontro dos viajantes, dizendo que o padre Prócuro podia voltar para perto da ermida de Volusiano.

Feito bispo, São Prócuro foi morto na sede da diocese que governava — Narni — quando do rei Tctila, gôdo.

★ ★ ★

## SANTO ANSANO (\*)

### *Mártir*

Santo Ansano, por ter confessado Nosso Senhor Jesus Cristo, quando do imperador Diocleciano, foi aprisionado em Roma. Fugindo para Sena, na Toscana, ali, depois de muitos trabalhos, foi decapitado.

Filho dum nobre romano, chamado Tranquilino, Ansano foi batizado em 291. Quando, seis anos depois, recomeçou a perseguição, com a madrinha, piedosa cristã, Máxima, o futuro mártir foi apresentar-se a Diocleciano e Maximiano.

Máxima, espancada rudemente não suportou o suplicio e morreu. Ansano, trancafiado numa cela, conseguiu fugir. Alcançando Bagnorca, onde passou dois meses, acabou por se estabelecer em Sena. Tendo convertido inúmeros pagãos, foi prêsso e levado ao procônsul Lísias. Como não conseguissem levá-lo a apostatar, arrojaram-no a uma grande fogueira, mas o fogo, no mesmo instante em que nêlo o atiraram, apagou-se. Tomaram-no, pois, e o decapitaram, perto de Arbia, no lugar em que se ergueu uma igreja.

A igreja ou mosteiro de Santo Ansano aparece em documentos desde o século VII. As reliquias do santo mártir repousam na catedral de Siena.

## SÃO FLORENTINO (\*)

### *Confessor*

Há uma *Vida* de São Florentino que foi escrita no século XI ou XII, tôda ela fantasias. Segundo esta biografia, que chegou até os nossos dias, São Florentino era da Irlanda, nascido de Teodoro e de Benigna. Menino piedoso, de altas virtudes, moço feito, principiou a pregar o Evangelho contra os heréticos. Retirado à solidão, por amor de Deus, estêve, afinal, em Roma, onde foi em busca do martírio, nos tempos do imperador Cláudio, o Gótico, (269-270). Diante dêle, negou-se a sacrificar aos ídolos. Foi, então, prêso, e, no cárcere, entrou a pregar, convertendo muita gente. Diz-se que curou uma jovem paralítica e surda-muda, filha do guarda da prisão, Astério, que, depois, com tôda a família, foi batizado pelo santo cativo.

Libertado, deixou Roma, atravessou os Alpes e ganhou Paris, quando de Clotário. Da capital francesa, passou para Tours e se fixou em Amboise, onde faleceu à meia-noite de 1.º de dezembro dum ano ignorado.

O santo confessor foi enterrado na basílica de Nossa Senhora, a qual, em 1096, chamava-se de

Santa Maria e São Florentino. Erguida em 1014 por um Sulpício, tesoureiro de São Martinho de Tours, foi restaurada em 1030 por Fulco Nerra, conde de Anjou, que ali criou um capítulo. Não se confunda êste templo com a igreja de São Florentino de hoje, que foi erigida em 1473 e terminada em 1484, por ordem do rei Luís XI.

\* \* \*

## SANTO ADRIANO E SANTA NATÁLIA (\*)

*Esposos, e Vinte e Três Santos*

*Mártires*

Quando o imperador Maximiano estêve, pela segunda vez, na Nicomédia, ordenou, assim que chegou, que todos os habitantes da cidade sacrificassem aos deuses. Ao mesmo tempo, nomeou agentes para que o trouxessem informado a respeito daqueles que se recusavam a acatar tal ordem.

Bem cedo, a lista de nomes dos que se negavam era bastante longa. Cristãos fervorosos, foram presos e apresentados ao imperador, que mandou chicoteá-los, até que apostatassem. Adriano, um dos chefes do exército, vendo a constância dos que sofriam calada, resignadamente, convertendo-se, juntou-se aos prisioneiros. A espôsa, Natália, posta ao par do sucesso, correu unir-se a êle.

Adriano, o que mais sofreu, supliciado rudemente, teve os intestinos arrancados. Afinal, depois de bárbaros tormentos, todos renderam, alegremente, o espírito, conquistando a coroa dos mártires.

Santo Adriano e companheiros eram honrados em Constantinopla no dia 26 de agosto, dia em que



padeceram o martírio. A data de hoje, crê-se, foi a da morte de Santa Natália, que foi supliciada mais tarde.

Em 1110, as reliquias de Santo Adriano e da santa espôsa foram levadas para o mosteiro de Ghe-raerdsberghe.

---

No mesmo dia em que se comemora o profeta Naum, que repousa em Begabar, em Roma, os santos mártires Deodoro, sacerdote, e Mariano, diácono, com muitos outros: sob o imperador Numeriano, quando celebravam o aniversário dos mártires numa caverna, os perseguidores, com um rochedo que rolaram, obstruíram-lhes a entrada; assim, conseguiram todos a palma do martírio.

Com os santos mártires vistos acima, a Igreja também comemora os chamados *Mártires do Cemitério de Trasão*, na Via Salária, nos primeiros séculos, em Roma.

Em Roma, ainda, os santos mártires Lúcio, Rogato, Cassiano e Cândida.

Na cidade de Casale, Santo Evásio, bispo e mártir.

Em Amélia, na Úmbria, Santo Olimpiades, personagem consular: convertido à fé pela bem-aventurada Firmina, foi torturado sobre o cavalete, consumando o martírio sob Diocleciano.

Em Arbele, na Pérsia, Santo Ananias, mártir. Piedoso cristão daquela cidade, foi prêso por ordem de Ardisag, ministro de Papa II. Batido bárbaramente, submetido às unhas-de-ferro, foi atirado à rua, dado como morto. À noite, os cristãos de Arbele

recolheram-no e levaram para casa. Ali, recebeu a visita do bispo e de inúmeros fiéis. Conta-se que, recuperando os sentidos, viu vários anjos, que o levaram para o céu.

Em Milão, São Castriciano, bispo: num crítico momento da Igreja, mostrou grandes virtudes, distinguindo-se pela conduta, caridade e piedade (século III).

Em Bréscia, Santo Ursicino, bispo, desaparecido depois de 344.

Em Verdun, na Gália, Santo Airi, bispo, também chamado Agerico, contemporâneo de São Gregório de Tours.

No Piemonte, São Bessa, mártir. Querem alguns que tenha pertencido à legião tebana, outros um piedoso pastor, que Deus protegia, tornando-lhe o rebanho vistoso e sadic; os companheiros, invejosos, agarraram-no e atiraram do alto dum rochedo, a pretexto de não ter aceito o convite que lhe fizeram qual seja o de não querer comer da carne duma ovelha roubada, com que todos se banquetevam.

Na diocese de Poitiers, Santa Florença, virgem, falecida depois de 360. Dois textos falam dela como reclusa de Comblé. Filha dum Florêncio, foi convertida, bem como o pai, por Santo Hilário.

São Leôncio, bispo de Frejus, cidade da qual é padroeiro. Faleceu em fins de 432 ou princípios de 433.

No Maine, São Constanciano, monge (século VI?).

São Candro, bispo regional, titular de duas igrejas de Ruão.

Em Montepellier, o bem-aventurado João de Verceli, dominicano. Sexto mestre geral da ordem

dos Irmãos Pregadores, nasceu em Mosso Santa Maria, na Itália, em princípios do século XIII. Em 1251, foi encarregado pelo papa Inocência IV de percorrer a Lombardia para pregar, converter e pacificar os imperiais. Em 1254, era prior de São Nicolau da Bclonha. Em 1257, provincial da Lombardia, onde estêve por sete anos, e à frente de trinta conventos. Em 1262 pregou a cruzada e recolheu fundos para organizá-la. São Luís, em reconhecimento dos trabalhos que prestou, presenteceu-o com espinhos da santa coroa de Nosso Senhor. Mestre geral em 1264, faleceu em 1283.

Em Cotignola, o bem-aventurado Antônio Bonfadini, franciscano, falecido em 1482. Nascido em Ferrara, principiou a professar entre os franciscanos em 1439, no convento do Espírito Santo. Pregou na Itália e na Terra Santa. Morto, quando de volta à pátria, em Cotignola, enterraram-no com os religiosos do lugar. Um ano mais tarde, quando lhe abriram a tumba, para o enterramento dum eclesiástico, encontraram-lhe o corpo intato. Logo depois que começaram a venerá-lo, inúmeros prodígios foram constatados. O papa Leão XIII confirmou o culto que rendiam a Antônio Bonfadini em 1901, aos 13 de maio.

Em Colchester, na Inglaterra, o bem-aventurado João Beche ou Tomás Marshall, abade de Colchester e mártir, em 1539.

Em Tyburn, perto de Londres, os bem-aventurados Edmundo Campion, Raul Sherwin e Alexandre Briant, jesuítas mártires, em 1581. O primeiro foi um dos principais mártires da perseguição da rainha Isabel. Homem de grande cultura e nobre caráter,

era filho dum livreiro de Londres. Nascido em 1540, fêz-se jesuíta. Traído por um apóstata, Jorge Eliot, foi prêso e levado para a Torre de Londres, donde saiu para o suplício.

Em York, também na Inglaterra, o bem-aventurado Ricardo Langley, mártir, em 1586, morto por ter hospedado alguns padres.

★ ★ ★

## 2.º DIA DE DEZEMBRO

SANTOS EUSÉBIO, MARCELO, ÁDRIA,  
HIPÓLITO, PAULINA, NEÃO, MARIA,  
MARTA E AURÉLIA

### *Mártires de Roma*

O imperador Valeriano favoreceu os cristãos por cinco anos, e por cinco anos foram eles felizes. Em 257, porém, pôs-se a perseguí-los. Três anos e meio depois, foi prêso pelos persas e reduzido ao mais ignominioso cativo.

Foi Macriano que persuadiu Valeriano a perseguir os cristãos. Macriano era o favorito do imperador, homem que de simples soldado chegou, rapidamente, a general. Aspirava ao império, daí consultar mágicos, dar-se aos encantamentos e sacrificios ímpios. Decapitava crianças, abria-as e observava-lhes as entranhas, curiosamente. Macriano governava o imperador, e, como era repreendido pelos cristãos, induziu Valeriano a mover-lhes a perseguição.

A perseguição parece ter começado em Roma. Um cristão, Hipólito, levava vida solitária numa gruta pouco mais ou menos afastada da cidade. Como era instruído na ciência dos apóstolos, uma

multidão de gentios ia procurá-lo para que os levasse ao Cristo. Hipólito, então, enviava-os imediatamente ao bispo Estêvão, que os batizava a todos.

Como todos os dias acontecia sempre a mesma coisa, aquela fila enorme de homens, mulheres e crianças a demandar a gruta, o prefeito de Roma, instigado por delatores, informou Valeriano de que se passava.

Santo Estêvão, sabedor do fato, reuniu os cristãos e exortou-os, com palavras das santas Escrituras, a perseverar. Dizia, entre outras coisas:

— Filhos, ouvi-me, apesar de pecador que sou: enquanto há tempo, façamos o bem e procuremos salvar a alma. Que cada um de nós tome a própria cruz e siga a Nosso Senhor Jesus Cristo. Quem ainda tiver um parente, um amigo, ou quem quer que seja, pagão, que mo traga para receber o batismo. Não tratemos só de nós mesmos, mas de nossos irmãos, filhos de Deus que somos.

Hipólito, então, ajoelhou-se aos pés do Santo e disse:

— Meu pai, aconselha-me, eu te peço. Tenho um sobrinho mais a irmã, ambos ainda pagãos. Ele tem dez anos e ela treze. A mãe, que se chama Paulina, é idólatra, bem como o pai, Ádria, que me procuram, de quando em quando.

Estêvão aconselhou-o a exortá-los ao cristianismo, assim que o fôsem visitar.

Dois dias depois, o menino e a menina foram vê-lo, levando-lhe coisas de comer. Hipólito reteve-os e mandou avisar Santo Estêvão.

Quando o Santo chegou, abraçou-os a ambos ternamente, carinhosamente lhes falou. Eis senão quando,



o pai e a mãe apareceram. E foram doutrinados, acoçoados por Hipólito.

— Tenho medo, respondeu Ádria, de ser despojado dos bens e decapitado.

Estêvão, então, dissertou sobre os bens da terra, tão perecíveis, e sobre a vida eterna.

Pouco depois, quando todos já se haviam ido, mas sem que fôsem inteiramente convertidos, Santo Estêvão enviou-lhes o padre Eusébio, homem doutíssimo, e o diácono Marcelo, que fizeram ver aos pagãos parentes de Hipólito que, sem o batismo, não poderiam entrar no reino dos céus.

Ádria e Paulina pensavam e pensavam, inclinados para o batismo, mas o medo ainda lhes trabalhava a alma. Afinal, a mulher disse:

— Amanhã, na gruta de Hipólito, daremos a resposta.

— Sim, sim, corroborou o marido, amanhã lá nos veremos.

À noite, fiéis levaram à gruta de Hipólito, para que o batizassem, um jovem paralítico. Eusébio batizou-o e o jovem viu-se curado no mesmo instante. E todos os que na gruta se achavam, de joelhos, deram graças a Deus.

No dia seguinte, conforme haviam prometido, Ádria e Paulina apareceram na gruta. Quando souberam da cura que se operara na noite anterior, tocados no mais fundo do coração, caíram por terra, de joelhos, e pediram que os batizassem.

Hipólito, rendendo graças a Deus, disse a Estêvão:

— Santo mestre, batiza-os sem tardança.

O Santo respondeu:

— Há que ver se crêem verdadeiramente, se no coração não lhes mora ainda qualquer dúvida.

Santo Estêvão interrogou-os, ordenou-lhes jejuns, catequizou-os, bem como aos filhos. Mais tarde, recebiam o batismo em nome da Trindade. Ao menino, chamou-o Neão, e à menina, Maria.

Santo Estêvão foi-se da gruta, mas os outros ali ficaram, com Hipólito, Eusébio e Marcelo. Quanto aos bens que possuíam na cidade, Ádria e Paulina distribuíram-nos aos pobres.

Tornado público o fato, Valeriano ficou a par de tudo. E fez com que os procurassem imediatamente, oferecendo grande recompensa para quem os descobrisse.

Um homem chamado Máximo, escrivão de profissão, usou dum artifício: fingiu-se cristão e mendigo. Vendo, um dia, a Ádria, e aos seus a distribuir esmolos, e querendo saber se era a êle mesmo quem buscava, começou a dizer:

— Pelo amor de Jesus Cristo, em quem creio, tende piedade de mim e da minha miséria!

Ádria, apiedado, deu-lhe algo. Mas um prodígio, então, ocorreu: na mesma hora, o fingido foi tomado do demônio e pôs-se a gritar:

— Homem de Deus, eu sou teu delator! Um fogo tremendo me devora! Por Deus, pede por mim, pede, que me abraso! Ai, que êste fogo me mata!

Todos, caindo de joelhos, pediram pelo desgraçado, que sapateava e se contorcia, como se fôra prêso por invisíveis chamas. E, a poder de orações, livraram-no.

Quando a Máximo, que nada sabia do que se passara, contaram o sucedido, pôs-se a chorar e dizer:

— Desgraçados dos adoradores de deuses, que perigam! Pelo amor de Deus, quero ser batizado! Levai-me, por Jesus Cristo, levai-me para que me batizem!

Tomaram-no e levaram-no a Santo Estêvão, que o instruiu e batizou. Feito cristão, quis à viva força, ficar ainda alguns dias na gruta.

Tempos depois, Valeriano começou a sentir a falta de Máximo. Que fim levava o escrivão? Interrogando, daqui e dali, descobriu quem lhe desse notícias do homem que se propusera descobrir Ádria e Paulina.

— Fêz-se cristão? perguntou Valeriano, ecoando as palavras do informante.

E tornou a perguntar:

— Onde se encontra?

— Numa gruta não muito longe, com outros.

Valeriano ordenou trouxessem o escrivão à sua presença. E quando Máximo chegou, disse-lhe:

— Faltaste com a promessa que me fizeste, hem? Que te levou a te unires aos demais? Cegou-te o dinheiro dos cristãos?

— Cego estava eu, respondeu Máximo prontamente, até aquêlê dia em que, disfarçado, saí em busca de irmãos meus. Estava cego, sim, mas agora não mais: vejo clara, muito claramente, porque a fé me alumia. Que luz a que vem de Nosso Senhor Jesus Cristo!

Valeriano, encolerizado, fêz com que o matassem no mesmo dia.

Eusébio, encontrando o corpo de Máximo, enterrou-o ternamente no cemitério de Calliste, na via Appienne, a 20 de janeiro.

Dias depois, Valeriano enviou uma tropa em busca dos demais cristãos que habitavam a gruta: Eusébio, Hipólito, Ádria, Paulina e os dois filhos. Conduzidos à presença do imperador, entraram em julgamento.

Marcelo, quando soube o que sucedera aos amigos, correu a Valeriano. E, destemidamente em altas vozes, reprovou-o, dizendo-lhe que viera de prender pessoas amigas da verdade.

Secundiano, assessor do juiz, disse:

— Esse também é cristão! Juntai-o aos outros!

Todos estavam acorrentados, mesmo as duas crianças, Neão e Maria.

O juiz, encontrando-os firmes no primeiro interrogatório, suspendeu o julgamento e ordenou que os metessem juntos na prisão. Lá se foram eles para a de Mamertina.

Três dias após, foram enviados ao tribunal, repleto de toda sorte de instrumentos de suplício.

Ordenaram aos presos:

— Sacrificai a Minerva!

Ninguém se moveu. Passaram, então, às ameaças. Ninguém, porém, ficou intimidado.

Avançaram para Paulina, desvestiram-na e mataram-na a chicotadas.

Eusébio e Marcelo tiveram a data da execução marcada: 20 de outubro, quando, então, foram decapitados e os corpos expostos aos cães famintos, com o de Paulina. Outro Hipólito, entretanto, diácono, recolheu-os e levou-os a uma milha de Roma, na Via Ápia, enterrando-os num lugar onde pudessem passar despercebidos.

Logo chegou a vez de Ádria, de Hipólito e das crianças. Secundiano ordenou os levassem à própria casa. Ali, interrogou Ádria:

— Que é feito de teus bens?

Ádria respondeu:

— Já não tenho nada.

— Responde diretamente!

— O que tinha distribuí aos pobres, disse Ádria, calmamente. O único tesouro que possuo é minha alma. Todos estamos resolvidos a enfrentar o que quer que seja, para não perder o único bem que possuímos.

Secundiano sorriu, olhou para os dois irmãos, Neão e Maria. Gritou para os que, ao lado, aguardavam ordens:

— Torturai as crianças!

Era horrível aquilo, mas os dois suportaram firmemente os maus tratos, mais ainda quando o pai lhes gritava, acoroçoando-os:

— Firmes, filhos, firmes! Pensai em Nosso Senhor Jesus Cristo e tudo vos será doce, como doce é o Mestre!

E os dois pobrezinhos, em meio às penas, diziam, sorrindo ao pai:

— Jesus Cristo, valei-nos, Jesus Cristo, valei-nos!

Ádria e Hipólito foram também torturados. Tiveram as costas e o peito queimados com grandes tochas ardentes.

Depois de longo suplício, Neão e Maria foram presos aos cavaletes e tiveram a cabeça cortada, diante do pai. Foram enterrados a 27 de outubro, ao lado de Eusébio e Marcelo.



Oito dias depois, tendo apresentado completo relatório a Valeriano, Secundiano fêz com que Ádria e Hipólito fôssem novamente levados ao tribunal. E os dois, carregados de correntes, apareceram, macilentos, abatidos, mas de espírito alevantado.

Um arauto, assim que assomaram a porta, apregoou:

— Eis os sacrílegos que põem Roma a perder!

O juiz pediu:

— Queremos o dinheiro com o qual induziste a população ao êrro!

Ádria respondeu:

— Nós não induzimos ninguém a êrro algum. Pregamos a Cristo, que se dignou livrar-nos do êrro. Pregamos, não para matar os homens, mas para dar-lhes vida!

Hipólito acrescentou:

— Estamos prontos para enfrentar o que fôr. Fazei logo o que tendes que fazer!

Secundiano, vendo que nada conseguia, mandou um mensageiro a Valeriano, incumbido de trazer a resposta sôbre que fim teriam os dois renitentes cristãos. E a resposta do imperador, ciente, então, de tudo, veio pelo mesmo mensageiro: era uma ordem para que os matassem imediatamente, às vistas do povo.

Conduzidos, Ádria e Hipólito, à ponte de Antonino, debaixo de vergastadas, lá pereceram ambos. Os corpos, deixaram-nos na ponte mesma. E o mesmo Hipólito diácono, tomando-os, enterrou-os ao lado dos cutros, a 9 de dezembro.

Nove meses depois, uma mulher, Martana, grega de origem, apareceu em Roma com a filha, jovem de nome Valéria. Eram cristãs e parentas de Ádria



e Paulina. Procurando-os por longo tempo, vieram, afinal, descobrir que haviam sido mortos, martirizados. Uma grande alegria se apossou de mãe e filha; passaram treze anos a visitar-lhes os túmulos, jejuando e orando. Quando morreram, foram enterradas no mesmo lugar em que os parentes estavam.

A Igreja honra a memória de todos êsses santos, no dia 2 de dezembro.

\* \* \*

## SANTA BIBIANA (\*)

### *Virgem e Mártir*

Durante o reinado do ímpio Juliano, Flaviano, prefeito, e Dafrosa, sua espôsa, tornaram-se cristãos secretamente. Flaviano e Dafrosa tinham duas filhas: Bibiana e Demétria. Quando Juliano descobriu que o prefeito se tornara cristão, confiscou-lhe os bens e o exilou, enviando-o para as *Águas Taurianas* (*ad aquas Taurianas*), na Via Cláudia, distante seiscentas milhas de Roma.

Quanto a Dafrosa, reduziu-a à fome, porque não consentiu em apostatar. As duas filhas foram levadas diante de Juliano. Demétria morreu de medo, mas Bibiana, mais calma, resistiu à entrevista, sendo, então, confiada a uma ímpia mulher, chamada Rufina. Chicoteada cruelmente, quatro dias mais tarde, a vomitar sangue, entregou a alma a Deus.

O corpo ficou dois dias exposto, depois do que foi sepultado ao lado do da mãe e do da irmã, por um padre João.

A mais antiga menção que se conhece de Santa Bibiana e da igreja que tem o seu nome vem no *Liber pontificalis*: "No interior da cidade de Roma, perto do palácio de Liciniano, a basílica da bem-aventurada mártir Bibiana, onde seu corpo repousa".

---

No mesmo dia, perto do *Forum Cornelli*, na Emília, a morte de São Pedro, bispo de Ravena, confessor e doutor da Igreja cognominado Crisólogo, célebre pelo saber e santidade. A festa celebra-se no dia 4 dêste mês.

Em Sancião, ilha da China, a morte de São Francisco Xavier, padre da Companhia de Jesus e confessor, apóstolo das Índias, célebre pelas conversões, dons celestes e milagres. Dormiu no Senhor, rico de trabalhos e cheio de méritos. O Soberano Pontífice Pio X elegeu-o e constituiu celeste protetor da sociedade e da obra da Propagação da Fé; o papa Pio XI estabeleceu-o e confirmou-o como padroeiro especial de tôdas as missões. Por disposição do papa Alexandre VII, a festa celebra-se no dia seguinte, 3 de dezembro.

Em Roma, São Ponciano, mártir, com outros quatro.

Na África, a morte dos santos Severo, Seguro, Januário e Vitorino, mártires.

Na Aquilêia, São Cromácio, bispo e confessor, que participou do concílio daquela cidade, em 381. Faleceu em 407 (?).

Em Verona, São Lopo, bispo e confessor, que Barônio introduziu no martirologio romano.

Em Edessa, na Síria, São Nuno, bispo, pelas súplicas do qual Pelágia, a Penitente, se converteu ao Cristo.

Em Trôade, na Frígia, São Silvano, bispo, célebre pelos milagres (século V).

Em Brêscia, Santo Evásio, bispo.

Em Roma, no cemitério de Ponciano, São Pimênio, mártir, que ensinara gramática, dialética, retórica, geometria, aritmética, filosofia e toda a lei cristã ao

ímpio Juliano. Está ligado às vidas das santas Bibiana, Demétria e Dafrosa.

Em Ruão, Santo Aviciano, bispo, falecido depois do ano de 314. Também sob os nomes de Aniciano, Eviciano e Avidiano, assistiu ao concílio de Arles, em 314. Nada se sabe sobre sua vida. Foi enterado ao lado do predecessor, São Mellon, na cripta que mais tarde foi colocada sob a invocação de São Gervásio. As relíquias, quando da invasão normanda, desapareceram.

No Priorado de Groenendael, na diocese de Cambrai, atualmente de Malines, o bem-aventurado João Ruybroeck, cônego regular, falecido em 1381. Vida simples, quieta, piedosa e tôda para Deus, deixou uma vasta obra, destinada a expor a verdadeira doutrina espiritual: *O Reino dos Amantes de Deus*, onde fala dos três estados da vida sobrenatural: a vida ativa, a vida interior e a vida contemplativa. *O Livro da Altíssima Verdade*, *O Espelho da Salvação Eterna*, *O Livro dos Sete Claustros*, *Os Sete Degraus do Amor Espiritual*, *A Pedra Brilhante*, *O Tabernáculo*, *O Livro das Doze Beatas*, *Os Doze Pontos da Verdadeira Fé*, *As Quatro Tentações*, etc.

### 3.º DIA DE DEZEMBRO

## SÃO FRANCISCO XAVIER

### *Apóstolo das Índias*

Durante o século XVI, enquanto um mau monge, Lutero, pervertia a metade da Alemanha, um santo religioso convertia grande parte da Índia e do Japão — São Francisco Xavier, um dos primeiros discípulos de Santo Inácio.

Como principiou sua obra o Santo? Pelas crianças.

Chegado à Índia, encontrou cristãos vindos da Europa, dados a tôda espécie de desordens, escandalizando os infiéis pelos maus exemplos. Para converter os pais e as mães, agarrou-se o Santo aos filhos. Reunia-os fazendo soar uma sineta pelas ruas. Aos pequenos, ensinava a conhecer a Deus, a amá-lo, a rezar-lhe, a ser piedosos, modestos e dóceis.

Logo, a boa conduta das crianças tocou os pais, que, por sua vez, se converteram. Todo o país, então, começou a mudar.

Tempos depois, saiu o Santo em busca dum povo que já havia recebido o batismo mas não vivia mais cristãmente. Eram os japoneses, e passou a agir de igual modo: pelos filhos, convertia os pais.

Começaram, então, as perseguições. E perto de cinqüenta anos depois que São Francisco Xavier iniciou a pregação do Evangelho naquele país, vinte e seis cristãos japoneses foram martirizados, e com eles nove missionários, dos quais seis religiosos de São Francisco de Assis e três de Santo Inácio.

Depois dos primeiros mártires, sucederam-se uma multidão doutros. Eram queimados, crucificados, mortos a chicotadas, decapitados.

Sem dúvida, Deus não nos chama para fazer tão grandes coisas, quais foram as que São Francisco Xavier fêz naquelas longínquas plagas. Todavia, chama-nos para trabalhar como o Santo, cada um segundo as possibilidades próprias, na salvação das almas. Imitemos-lhe as disposições, principalmente a grande humildade e a obediência.

Em meio aos milagres que Deus, por intermédio de São Francisco Xavier, operou, em meio dos povos que se convertiam às suas palavras, a humildade era sempre a mesma, senão maior, e São Francisco Xavier, ao superior não escrevia, relatando o que fazia, se não fôra de joelhos. Sejamos assim humildes e obedientes, e Deus estará conosco.

Nascido a 7 de abril de 1506, de grande nobreza, no castelo de Xavier, na Navarra, a oito léguas de Pamplona, Francisco estudava em Paris, no colégio de Santa Bárbara, quando o compatriota, Santo Inácio de Loyola, lhe solicitou se desse todo a Deus, dizendo:

— De que serve ao homem ganhar o mundo, se perde a alma?

Logo se tornou discípulo e companheiro inseparável de Santo Inácio.



Sob a direção de tão hábil mestre, fêz, em pouco tempo, muitos progressos na vida espiritual, tanto que, por mais duma vez, enquanto estava abismado nas coisas divinas, tinha o corpo elevado no ar. Isso aconteceu mesmo diante do povo, algumas vezes, quando da celebração da santa missa. Graças tão extraordinárias eram a recompensa das extraordinárias mortificações que fazia.

São Francisco Xavier não comia carne, não bebia vinho, raramente fazia uso de pão que levasse fermento, alimentando-se das coisas mais triviais. Às vezes, passava dois ou três dias sem alimento algum, absolutamente. Flagelava-se até o sangue com disciplinas de ferro, e não dormia senão poucas horas, sobre a terra.

Foi devido às austeridades e à vida tão santa que se preparou para as futuras funções de apóstolo, quando, a pedido do rei de Portugal, o Papa Paulo III o enviou às Índias, com a autoridade de núncio apostólico.

Por mais duma vez, enquanto falava numa só língua, cada nação o ouvia na sua própria. Percorria inumeráveis províncias, sempre a pé e descalço. Levou a fé ao Japão e a outros seis países mais, convertendo muitas centenas de milhares de homens nas Índias. Batizou reis e príncipes incontáveis. E Deus lhe autorizava as pregações por grandes milagres. Ressuscitou vários mortos; o dom da profecia lhe foi outorgado.

Dispunha-se a levar a fé à China, quando morreu na ilha de Sancião, a 2 de dezembro de 1552.

Eis a história dos últimos momentos de São Francisco Xavier. Uma febre esquisita o tomou a 20 de novembro, ao mesmo tempo em que um claro

conhecimento do dia e da hora da morte lhe passava pela cabeça, como mais tarde revelou a um amigo, que depois, sob juramento solene, o atestou. Um desgosto profundo pelas coisas da terra o levava constantemente a pensar em coisas celestes, nada mais aspirando que a Jesus Cristo que o chamava.

Tomado cada vez mais pela febre, retirou-se para o barco que era o hospital comum de todos os doentes, a fim de morrer na pobreza. Como, porém, o balanço do barco lhe causava dores tremendas de cabeça, impedindo-o de aplicar-se a Deus, que desejava com sofreguidão pediu que, no dia seguinte, o levassem para terra. Deixado às margens do rio, exposto ao vento frio que soprava do norte, sofria mais e mais.

Jorge Alvarez, um bom amigo, o levou à sua cabana. Era uma choça humilde, rústica, mas fechada, que abrigava do vento e da chuva, do sol e do sereno

Uma dor aguda nas costas e uma opressão no peito martirizavam Francisco. E a doença fazia progressos sem cessar. Duas sangrias, uma num dia, outra noutro, foram feitas, mas, na última, como o cirurgião fôsse pouco experimentado na arte, cortou um tendão, e o Santo, além da fraqueza extrema, entrou a ter convulsões.

Nas horas de calma, levantando os olhos para o céu, as mãos apertando o crucifixo, dizia repetidas vezes:

— *Jesu, fili David, miserere mei.*

Depois de longo silêncio, as palavras que lhe eram familiares na bôca:

— *O sanctissima Trinitas.*

E não cessava de invocar a Rainha do céu:

— *Monstra te esse matrem.*

Afinal, a 2 de dezembro de 1552, uma sexta-feira, com os olhos rasos d'água, ternamente postos no crucifixo, disse:

— Senhor, ponho em vós tôda a minha esperança, e não serei jamais confundido.

Com o rosto a resplandecer, docemente morreu, com quarenta e seis anos, dos quais dez e meio passara nas Índias.

Os trabalhos contínuos e as canseiras nevaram-lhe totalmente os cabelos.

O enterramento realizou-se no domingo seguinte. O corpo foi depositado num caixão muito grande, à maneira chinesa, e cheio todo êle de cal viva, a fim de que, consumida a carne, pudessem os ossos ser remetidos para Goa.

Deus manifestou no reino de Navarra a santidade do servidcr por um successo miraculoso, ou antes, por uma cessação de milagres. Numa pequenina capela do castelo de Xavier, havia um velho crucifixo de gesso, da altura dum homem de estatura um pouco além da normal. No último ano de vida do Santo, viu-se o crucifixo suar sangue com abundância, o que acontecia tôdas as sextas-feiras. Morto São Francisco Xavier, o sangue cessou de fluir, e o crucifixo ainda hoje lá se encontra, na pequenina capela, com sangue escorrido ao longo dos braços e das pernas, das mãos e dos pés.

Dois meses e meio depois da morte do santo homem, estando o navio, que atracara no pôrto de Sanctião, em vias de fazer velas para as Índias, abriu-se o caixão que continha o corpo de São Francisco para ver se a carne já se consumira. Era a 17 de fevereiro de 1553, e o espanto foi geral: remo-

veu-se a cal cuidadosamente e o corpo do Santo appareceu todo inteiro, sem qualquer corrupção. No caixão, dir-se-ia que Francisco Xavier dormia docemente, de rosto corado, saudável. Nem mesmo as vestes sacerdotais que envergava sofreram qualquer modificação. E um suave perfume, mais delicioso e agradável do que qualquer outro, embalsamava o ar.

Rumaram para Malaca, onde aportaram a 22 de março. Os habitantes da cidade receberam o venerável morto com o maior respeito. A peste, que ali se manifestava havia já duas ou três semanas, deixara de colhêr, como vinha colhendo, vidas e vidas. Fôra-se como por encanto.

O corpo do Santo foi enterrado no cemitério comum.

Em agosto do mesmo ano, encontraram-no do mesmo modo, todo inteiro, como se dormisse tranqüilamente. Dali, levaram-no para Goa e depositaram-no na igreja do colégio de São Paulo, a 15 de março de 1554. Então, muitas e maravilhosas curas se processaram naquele lugar.

Endereçou-se, por ordem de Dom João III, rei de Portugal, processo verbal da vida e dos milagres do servidor de Deus, não somente dos prodígios sucedidos em Goa, mas de tôdas as partes das Índias. As pessoas que para tal se prestaram eram idôneas, esclarecidas e de probidade reconhecida.

São Francisco Xavier foi beatificado por Paulo V, que então se sentava na Cátedra de Pedro, em 1619, e canonizado por Gregório IX, em 1621.

Em 1714, o arcebispo de Goa, acompanhado do Marquês de Castelo-Novo, vice-rei das Índias, fêz, por ordem de Dom João V, rei de Portugal, a visita às reliquias do grande santo. Encontraram o corpo

perfeitamente conservado, não exalando qualquer odor. Todo êle parecia, pelo contrário, envolto num esplendor extraordinário, como em vida um homem de saúde perfeita. O rosto, as mãos, o peito, os pés, não ofereciam o menor sinal de corrupção.

Em 1747, o mesmo príncipe obteve de Bento XIV um breve que declarava que o imenso servidor de Deus seria honrado como padroeiro e protetor das Índias Orientais.

O mais admirável, porém, é que os inimigos mesmos de Jesus Cristo reverenciavam o grande Santo depois da morte, como o haviam feito durante a vida, chamando-o o homem dos prodígios, o amigo do céu, o mestre da natureza, o deus da terra. Alguns dêles, empreendendo longas viagens, iam a Goa expressamente para ver-lhe o corpo isento absolutamente de corrupção e que, com exceção dos movimentos, tinha tôda a aparência de vida. Gente contrária à fé falava dêle como de alguém muito grande, e certos povos da seita de Maomé lhe dedicaram uma mesquita na costa ocidental do Camorin.

O rei de Travancor, maometano, erigiu um templo soberbo em honra de São Francisco Xavier, e os infiéis nutriam tal reverência por aquêle lugar, onde o *Grande Pai* era honrado, que não ousavam cuspir no chão, a crer no testemunho dos naturais do país.

Os pagãos tinham o costume, para confirmar a verdade, de segurar nas mãos um ferro em brasa. Outras superstições semelhantes corriam por todo o país. Depois que o Pai Francisco passou a ser venerado, a verdade era sustentada jurando-se pelo santo nome do apóstolo: nada havia maior.



As pagãos e maometanos, juntavam-se os heréticos para render testemunho da santidade e dos milagres do servidor de Deus.

O protestante Baldeus fala d'êles nestes termos:

"Se a religião de Xavier concordasse com a nossa, devíamos estimá-lo e honrá-lo como a outro São Paulo. Todavia, não obstante a diferença de religião, o zêlo, a vigilância, a santidade que lhe eram peculiares devem excitar todos os homens de bem a não negligenciar as coisas de Deus, porque os dons que Xavier recebera para exercer o cargo de ministro e embaixador de Jesus Cristo eram eminentes, e tanto que meu espírito não é capaz de exprimir. Se considerar a paciência e a doçura com as quais presenteou a grandes e pequenos as águas santas e vivas do Evangelho; se olhar a coragem com a qual sofreu injúrias e afrontas, vejo-me constrangido a escrever como o Apóstolo: *Quem é capaz, como êle, de coisas tão maravilhosas?*" (1)

Ruchard Haklvit, também protestante, ministro na Inglaterra, louvou a Xavier sem qualquer restrição:

"Sancião, diz êle, é uma ilha perdida nos confins da China, próxima do pôrto de Cantão, famosa pela morte de Francisco Xavier, o digno operário evangélico e o divino mestre das Índias no que concerne à religião. Quem, depois de tão grandes trabalhos, depois de muitas injúrias e de cruces infinitas sofreu com mais paciência e alegria, morrendo numa choça perdida numa montanha deserta, a 2 de dezembro do ano de 1552, desprovido de tudo, de tôdas as comodidades dêste mundo, mais cumulado de tôda a sorte de bênçãos espirituais, tendo antes dado a

(1) Baldeus, *Hist. das Índias*.



conhecer a muitos milhares de orientais a Jesus Cristo? As histórias que correm nas Índias estão cheias, tôdas elas, das excelentes virtudes e das obras miraculosas dêste santo homem". (2)

O viajante Tavernier, protestante, fala como um católico:

"São Francisco Xavier acabou neste lugar a missão e a vida, depois de estabelecer a fé cristã com progressos admiráveis em todos os lugares por onde passava, não somente pelo zêlo, mas também pelo exemplo e pela santidade dos costumes. Jamais estêve na China. Todavia, é de crer que o cristianismo que implantou na ilha de Nipon, se espalhou nos países vizinhos e multiplicou pelos cuidados do muito santo homem, que pode chamar-se, e justamente, outro São Paulo, verdadeiro apóstolo das Índias". (3)

De resto, concluiremos nós, Xavier era dotado de tôdas as virtudes apostólicas. Sua vida é o testemunho autêntico da verdade do Evangelho.

Francisco Xavier, cujo coração era tão grande quanto o mundo, no céu continua a interceder por êste atormentado mundo. É sob sua invocação que se formou, em tôda a terra, uma associação de orações, de boas obras e de esmolas para propagar a fé, não somente aqui ou ali, mas em tôdas as nações heréticas ou infiéis — apostolado que cada um de nós poderá abraçar pelas orações, pelos jejuns, pelas esmolas, e por obras outras de piedade.

\* \* \*

---

(2) As Principais Navegações, etc., da Nação Inglêsa, t. II, part. II.

(3) Apanhado de Várias Relações, etc.

## SÃO SOFONIAS (\*)

*Profeta*

*Antigo Testamento*

Sofonias descendia de ilustre família. Começou a profetizar quando do reinado de Josias, exortando os judeus à penitência. Prediz a ruína de Nínive e ameaça Jerusalém, concluindo com a promessa da libertaçãc, da conversão do gentio e discorrendo sôbre os progressos da Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Filho de Cusi, filho de Godolias, disse sôbre o castigo do Senhor:

“Destruirei tudo sôbre a face da terra, diz o Senhor; destruirei os homens e os animais, destruirei as aves do céu e os peixes do mar; farei desaparecer os escândalos com os ímpios; exterminarei da terra os homens, diz o Senhor. Estenderei a minha mão contra Judá e contra todos os habitantes de Jerusalém; exterminarei dêste lugar os restos (*da idolatria*) de Baal, até os nomes (*ou a memória*) dos seus ministros e sacerdotes; (*exterminarei*) os que adoram a milícia (*ou os astros*) do céu sôbre os telhados, os que adoram o Senhor e juram pelo seu nome, mas ao mesmo tempo juram (*realmente*) pelo nome de

Melcom; e os que deixam de seguir o Senhor, os que não buscam o Senhor, nem procuram encontrá-lo.

“Silêncio diante da face do Senhor Deus, porque o dia (*terrível*) do Senhor está perto, porque o Senhor preparou um sacrifício, santificou os convidados. No dia do sacrifício do Senhor castigarei (*diz Deus*) os chefes e os príncipes reais (*de Jerusalém*) e todos os que se vestem de trajos estrangeiros; castigarei nesse dia todos os que entram com arrogância pelo limiar (*do templo*) e que encham de violência e de fraude a casa do seu senhor.

“Naquele dia haverá, diz o Senhor, muitos clamores à Porta dos Peixes, gemidos das bandas da cidade nova, grande tumulto do lado das colinas. Habitantes de Maktesh lamentai-vos, porque todo o povo dos mercadores foi aniquilado, todos os que traziam cargas de prata pereceram. Naquele tempo acontecerá isto: esquadriharei Jerusalém com lanternas e castigarei os homens que estão sentados sobre as suas fezes (1), que dizem nos seus corações: O Senhor não faz bem nem mal (*a ninguém*). As suas riquezas serão saqueadas, as suas casas devastadas; edificarão casas, mas não as habitarão; plantarão vinha, mas não lhes beberão o vinho.

“O dia grande do Senhor está próximo; está próximo, vai chegando com velocidade! Tremendo é o ruído do dia do Senhor; o forte se verá nele em grande apêto. Esse dia será um dia de ira, um dia de tribulação e angústia, um dia de calamidade e miséria, um dia de trevas e escuridão, um dia de nuvens e espesso nevoeiro, um dia de trombeta e de

---

(1) Locução proverbial que significa profundo entorpecimento moral e religioso.

gritos guerreiros contra as cidades fortificadas e contra as tôrres elevadas. Atribularei os homens, e êles andarão como cegos, porque pecaram contra o Senhor; o seu sangue será espalhado como poeira e os seus corpos serão (*tratados*) como estêrco. Nem a sua prata, nem o seu ouro os poderão livrar do dia da ira do Senhor: no fogo do seu zêlo será devorada tôda a terra, porque êle se apressará a exterminar completamente todos os habitantes da mesma terra.

“Vinde todos, juntai-vos (*ó israelitas*), nação despudorada, antes que o decreto (*do Senhor*) produza êsse dia que passará como (*um turbilhão de*) pó, antes que venha sôbre vós a ira do furor do Senhor, antes que venha sôbre vós o dia da indignação do Senhor. Buscai o Senhor todos vós, os humildes nesta terra, vós os que guardais os seus preceitos; buscai a justiça, buscai a mansidão, para ver se podeis achar um abrigo no dia do furor do Senhor.

“Com efeito, Gaza será abandonada e Ascalon virá a ser um deserto. Azot será assolada em pleno meio-dia, e Acaron arrancada pela raiz. Ai de vós, os que habitais a costa do mar, ai do povo dos cretenses! Canaã, terra dos filisteus, uma palavra do Senhor está para cair sôbre vós: Exterminar-te-ei, sem que fique um só dos teus habitantes. A costa do mar será então lugar de repouso para os pastôres e aprisco para as ovelhas. Esta região será daqueles que tiverem ficado da casa de Judá; êles encontrarão pastagens e descansarão durante a noite nas casas de Ascalon, porque o Senhor seu Deus os visitará e os restaurará.

“Ouvi as afrontas de Moab e os insultos dos filhos de Amon, que ultrajaram o meu povo e se ensoberbeceram com o seu território. Por isso, juro

por vida minha, diz o Senhor dos exércitos, o Deus de Israel, que Moab virá a ser como Sodoma, e os filhos de Amon como Gomorra: lugar de urtigas, região de sol, um deserto eterno. Os restos do meu povo os saquearão, os que restarem da minha gente serão os seus donos. Isto lhes há de acontecer por castigo da sua soberba, porque insultaram e trataram com arrogância o povo do Senhor dos exércitos. O Senhor se mostrará terrível contra eles, e aniquilará todos os deuses da terra. E adorá-lo-ão, cada um no seu país, todos os habitantes das ilhas das nações. (2)

“Também vós, ó etíopes, sereis mortos pela minha espada.

“Estenderá a sua mão contra o aquilão, destruirá Assur, reduzirá Nínive a uma solidão, árida como um deserto. Rebanhos descansarão no meio dela, e bandos de animais de toda a espécie; o pelicano e o curiço terão por morada os seus capitéis; ouvir-se-á o canto das aves por cima das janelas, o corvo por cima das portas, porque aniquilarei a cidade. Esta é aquela cidade alegre, que nada temia, que dizia no seu coração: Eu, e nada mais senão eu! Como se mudou ela num deserto, num covil de feras? Todo o que passar por ela, insultá-la-á com asscbios e agitará a mão (*em sinal de desprezo*).

“Ai da (*cidade*) rebelde e imunda, da opressora! Ela não ouviu a voz (*que a admoestava*), nem recebeu o aviso; não confiou no Senhor, não se aproximou do seu Deus. Os seus chefes são no meio dela como leões rugindo: os seus juizes como lobos noturnos, que não deixam nada (*da presa*) para a manhã seguinte. Os seus profetas são impostores e pérfidos,

(2) Habitantes da costa do Mediterrâneo.



os seus sacerdotes profanam as coisas santas, procedem contra a lei.

“O Senhor, que é justo e que está no meio dela, não faz iniquidade; de manhã estabelece à luz o seu juízo, sem falta; o ímpio, porém, não sabe que coisa é ter vergonha. Exterminarei as nações (*tuas inimigas, diz Deus*); as suas tôres foram deitadas abaixo; tornei os seus caminhos desertos, sem haver mais quem por êles passe; as suas cidades foram saqueadas, não havendo já um homem nelas, (*não havendo*) habitante algum. Eu disse: Ao menos depois disto (*ó Israel*) temer-me-ás, aproveitar-te-ás dos meus avisos; a tua casa não será arruinada por causa de todos os crimes, pelos quais eu já a castiguei. Todavia, (*os teus filhos*) apressaram-se a tornar ainda mais detestáveis as suas obras.

“Portanto, esperai-me, diz o Senhor, para o dia em que me hei de levantar como testemunha, porque resolvi congregar as nações e reunir os reinos; (*então*) derramarei sôbre êles a minha indignação, tôda a ira do meu furor, porque tôda a terra será devorada pelo fogo do meu zêlo”.

Seguem-se as promessas de salvação: a conversão dos pagãos, a purificação e glorificação de Israel:

“Então darei aos povos lábios puros, para que todos invoquem o nome do Senhor e o sirvam de comum acôrdo. Da outra banda dos rios da Etiópia virão os meus adoradores, os meus filhos dispersos, trazer-me os seus presentes.

“Naquele dia, (*ó Jerusalém*), não serás contra mim, porque então exterminarei do meio de ti fundida por causa de todos os teus pecados cometidos aquêles que, com as suas palavras faustosas, excita-



vam a tua soberba, e tu, para o futuro, não te orgulharás mais por possuíres o meu santo monte (*de Sião*). Deixarei subsistir no meio de ti um povo pobre e humilde, que esperará no nome do Senhor. Os que restarem de Israel não cometerão iniquidades, não proferirão a mentira; não se achará na sua bôca língua enganosa, porquanto serão apascentados e repousarão, sem haver quem lhes cause medo.

“Solta gritos de júbilo, filho de Sião! Solta gritos de alegria, ó Israel! Alegra-te e exulta de todo o coração, filho de Jerusalém! O Senhor apagou a sentença de tua condenação, afastou de ti os teus inimigos; o Senhor, que é o rei de Israel, está no meio de ti, não temerás mais a desgraça. Naquele dia dir-se-á a Jerusalém: Não temas; não se enfraqueçam as tuas mãos, ó Sião. O Senhor teu Deus, herói salvador, está no meio de ti! Por causa de ti anda em transportes de alegria, cala-se no seu amor, exulta jubiloso a teu respeito. Eu congregarei êsses homens vãos, que se tinham afastado da lei, visto que êles te pertenciam, a fim de que tenhas mais vergonha por causa dêles. Eis que, naquele tempo, matarei todos os que te afligiam, salvarei os coxos, recolherei os dispersos e fá-los-ei gloriosos e afamados em todos os países onde sofreram ignomínia. Naquele tempo em que vos fizer tornar, no tempo em que vos juntar todos, tornar-vos-ei célebres e gloriosos entre todos os povos da terra, quando tiver realizado, diante dos vossos olhos, a vossa restauração, diz o Senhor”. (3)

Os gregos comemoram São Sofonias a 3 de dezembro. O martirológio siríaco de Rabban Sliba coloca-o a 3 deste mês. Os armênios festejam-no a 2 de dezembro. No calendário copta, vêmo-lo aos 4 de julho. Os martirológios latinos antigos não o mencionam.

\* \* \*

## SÃO CASSIANO (\*)

*Mártir*

*Séculos III-IV*

A história de São Cassiano é simples e curta: Escrivão do vice-prefeito do pretório, Aureliano Agricolano, como tal funcionava quando do interrogatório de São Marcelo, o Centurião (30 de outubro). Admirando a firmeza, a calma, a lucidez e a constância do interrogado, coisas que contrastavam gritantemente com a infantilidade, a cólera e as desordenadas vociferações do juiz, a condenação de Marcelo levou-o a tal indignação que atirou por terra o seu buril e suas tabuinhas, a todos boquiabrindo.

Inquirido sobre o que significava aquêlê gesto insólito, respondeu ao juiz:

— Tua sentença é injusta!

São Marcelo sorriu. Agricolano, furioso, ordenou que prendessem o escrivão. São Cassiano foi metido numa enxovia, e, aos 3 de dezembro, compareceu no mesmo lugar em que Marcelo fôra julgado. Interrogado, respondeu mais ou menos nos mesmos termos que o valente Centurião respondera e assim mereceu a coroa do martírio.

Diz o resumo do martirologio romano:

"Em Tânger, na Mauritânia, a *paixão* de São Cassiano, mártir, que fôra, por longos anos, escrivão do pretório. Por inspiração divina, diante das respostas corajosas do bem-aventurado Marcelo, centurião, e de sua constância inquebrantável, viu quão execrável era o ofício que exercia: contribuir para a morte dos cristãos. Renunciando ao cargo, confessou a fé cristã. Sendo decapitado, recebeu a palma do martírio (séculos III-IV).

---

No mesmo dia em que se festeja o grande São Francisco Xavier, padre da Companhia de Jesus e confessor, apóstolo das Índias, patrono celeste da sociedade e da obra da Propagação da Fé, bem como de tôdas as missões, falecido em 1552, em Roma, os santos mártires Cláudio, tribuno, Hilária, sua espôsa, Jasão e Mauro, os filhos, com setenta soldados. A Cláudio, amarraram-lhe grande pedra e o precipitaram num rio, por ordem do imperador Numeriano. Os soldados e os dois filhos de Cláudio foram condenados à pena capital. A bem-aventurada Hilária, depois de ter dado sepultura aos dois filhos, foi prêsa pelos pagãos, quando orava à beira do túmulo; atirada ao cárcere, ali morreu, indo para o Senhor. Êste resumo provém da fabulosa *paixão* dos santos Crisanto e Daria? Hilária aparece de novo aos 31 de dezembro, ao lado de sete virgens, não como mãe de família. Mauro reaparece aos 10 dêste mês. Jasão a 11 de julho e a 12 de agôsto.

Na África, os santos mártires Cláudio, Crispim, Maginas, João e Estêvão,

Na Panônia, Santo Agrícola, mártir.

Na Nicomédia, os santos Âmbico, Vítor e Júlio, mártires.

Em Milão, São Mirocleto, bispo e confessor, do qual Santo Ambrósio faz menção.

Em Dorchester, na Inglaterra, São Birino, primeiro bispo daquela cidade, falecido em 650.

Na Germânia, São Lúcio, rei dos bretões, o primeiro daquela nação a abraçar a fé de Nosso Senhor Jesus Cristo, em tempos do papa Eleutério.

Em Sena, na Toscana, São Galgano, ermitão, desaparecido em 1181.

Em Jonzac, Santo Antêmio, bispo de Poitiers.

Em Verdun, São Firmino, bispo (fins do século V).

Na abadia de Waulsort, Santo Elóquio, abade de Lagny (século VII?).

Em Estrasburgo, Santa Atala, virgem, primeira abadessa de Santo Estêvão de Estrasburgo, falecida em 741 (?).

Em Tyburn, perto de Londres e do atual Hyde Park, o bem-aventurado Eduardo Coleman, mártir, em 1678. O papa Pio XI beatificou-o em dezembro de 1929.

## ÍNDICE

### 14.º dia de novembro

São Lourenço, arcebispo de Dublin .....	9
São Josafá, arcebispo e mártir .....	17

### 15.º dia de novembro

Santa Gertrudes, abadessa na Saxônia .....	21
São Leopoldo .....	25
São Baruc, Antigo Testamento .....	27
Santo Alberto, o Grande .....	31

### 16.º dia de novembro

Santo Edmundo, arcebispo de Cantuária .....	36
Santo Euquério, bispo .....	49
Santa Inês de Assis, abadessa .....	51

### 17.º dia de novembro

São Gregório, o Taumaturgo .....	55
São Gregório, bispo de Tours .....	73
Santa Hilda, abadessa .....	97
São Dionísio, bispo .....	98
Santo Aniano, bispo .....	100
Santo Hugo de Avalon, bispo .....	102

### 18.º dia de novembro

Santo Odo, abade de Cluny .....	106
A Dedicção da Basílica de São Pedro de Roma .....	119



A Dedicção da Basilica de São Paulo fora dos Muros de Roma	121
São Pátroclo, ermitão .....	123

## 19.º dia de novembro

Santa Isabel da Turíngia ou da Hungria .....	127
Santo Abdias, profeta .....	154
Profecia de Abdias .....	155
Santa Matilde de Hackeborn .....	158

## 20.º dia de novembro

São Félix de Valois .....	163
São Dásio, mártir .....	166
Bem-aventurado Ambrósio Traversari, abade .....	168

## 21.º dia de novembro

Apresentação da Santa Virgem ao Templo .....	174
São Gelásio I, papa .....	180
São Colombano, abade .....	181

## 22.º dia de novembro

Santa Cecília .....	186
São Filémon e Santa Afia, I século .....	201

## 23.º dia de novembro

São Clemente, papa e mártir .....	204
São Clemente, bispo .....	210
Bem-aventurada Margarida da Savóia .....	212

## 24.º dia de novembro

São João da Cruz, cooperador de Santa Teresa na reforma do Carmelo .....	216
São Porciano, abade .....	226

Bem-aventurado Pedro Dumoulin Borie .....	230
São Carião, monge .....	234
Santa Enfreda, rainha .....	235

## 25.º dia de novembro

Santa Catarina, virgem e mártir .....	239
São Tello, bispo .....	245

## 26.º dia de novembro

São Pedro, bispo de Alexandria, primeiro do nome, e mártir	250
O bem-aventurado Leonardo de Porto Maurício .....	257
Santa Magnância e Santa Máxima, virgens .....	262
São Basolo, ermitão .....	265
São Nicão, monge .....	266
São Silvestre, abade, fundador de Ordem .....	269

## 27.º dia de novembro

São Tiago, o Interciso, e mais quatro outros mártires na Pérsia	274
Santo Eusúcio, monge .....	279

## 28.º dia de novembro

Santo Estêvão de Auxêncio, mártir .....	285
São Sóstenes, discípulo de São Paulo .....	301
Santos Hilário e Quieta, esposos .....	303
Santos Papiniano, Mansueto e muitos Bispos da África .....	305
São Tiago da Marca, franciscano .....	307

## 29.º dia de novembro

São Saturnino, bispo de Tolosa, mártir .....	312
São Saturnino, mártir .....	317

## 30.º dia de novembro

Santo André, apóstolo .....	320
São Troiano, bispo .....	336

## DEZEMBRO

## 1.º dia de dezembro

Santo Elói, bispo de Noyon .....	341
São Naum, profeta .....	359
São Próculo, bispo e mártir .....	365
Santo Ansano, mártir .....	367
São Florentino, confessor .....	368
Santo Adriano e Santa Natália, esposos .....	370

## 2.º dia de dezembro

Santos Eusébio, Marcelo, Adria, Hipólito, Paulina, Neão, Maria, Marta e Aurélia, mártires de Roma .....	375
Santa Bibiana, virgem e mártir .....	384

## 3.º dia de dezembro

São Francisco Xavier, apóstolo das Índias .....	387
São Sofonias, profeta .....	396
São Cassiano, mártir .....	403

---

Composto e Impresso nas  
oficinas gráficas da  
EDITORA DAS AMÉRICAS  
São Paulo — 1961

---